

Dr. Laurence B. Brown

# GUIADOS?

## O Argumento do Islam como a Conclusão da Revelação

Todas as citações bíblicas, salvo indicação em contrário, são retiradas da nova versão do King James. Copyright © 1982 por Thomas Nelson, Inc. Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

Citações bíblicas marcadas “NRSV” aqui são da Bíblia Nova Versão Padrão Revisada, Copyright © 1989 pela Divisão de Educação Cristã do Conselho Nacional das Igrejas de Cristo nos EUA. Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

**Copyright © 2007 Dr. Laurence B. Brown**

**Todos os direitos reservados.**

**ISBN: 1-4196-8460-4**

**ISBN-13: 978-1419684609**

Tradução: Letícia Gouvêa

Revisão: Cláudia Sofia Simões

As linhas conduzem do primitivo Cristianismo judaico ao século VII, de fato, ao Islam... As analogias entre a imagem de Jesus do Alcorão e uma Cristologia com um selo judaico-cristão são estarrecedoras. Esses paralelos são irrefutáveis e apelam a uma reflexão histórica e sistemática mais intensa.

-Hans Küng; *Islam, Passado, Presente e Futuro*  
(2007, One World Publications, pp. 37, 44)

## *Sumário*

- Notas sobre Fontes Bíblicas e Traduções .....	6
- Introdução .....	9
PARTE I: O Alcorão Sagrado .....	16
1: Uma Breve História do Alcorão Sagrado .....	17
2: Evidência - Uma Visão Geral .....	40
3: Evidência nº 1- Um Apelo Inato .....	44
4: Evidência nº 2- A Linguagem do Alcorão .....	55
5: Evidência nº 3 – Relação da Revelação a Eventos Precedentes .....	86
6: Evidência nº 4- Relação da Revelação a Eventos Contemporâneos .....	112
7: Evidência nº 5- Relação da Revelação a Eventos Subsequentes .....	119
8: Evidência nº 6 – A Revelação do Desconhecido .....	143
9: Resumo da Evidência .....	197
PARTE II: Os Mensageiros .....	204
1: De Adão a Moisés .....	209
2: Moisés .....	214

3: Jesus Cristo .....	232
4: Muhammad .....	242
PARTE III: As Provas da Profecia .....	259
1: Sinais Milagrosos .....	261
2: Milagres Realizados .....	270
3: Caráter .....	278
4: Persistência e Firmeza .....	305
5: Ausência de Desqualificações .....	322
6: Manutenção da Mensagem .....	339
PARTE IV: O Oculto .....	350
1: Anjos .....	351
2: Dia do Juízo .....	356
3: Decreto Divino .....	360
PARTE V: Conclusões .....	369
1: A Religião “Desviante” .....	370
2: A Submissão .....	374
3: As Consequências da Lógica .....	381
Apêndice 1 – A idolatria .....	386

Brown / Guiados?

Apêndice 2 – Literatura Recomendada .....	418
Bibliografia .....	423
Glossário de Termos .....	437
Notas Finais: .....	439

## ***- Notas sobre Fontes Bíblicas e Traduções***

As citações bíblicas no trabalho seguinte, salvo indicação em contrário, são retiradas da Nova Versão King James. A razão para a seleção desta versão da Bíblia não diz respeito ao grau de fidelidade da Escritura, o que é discutível, mas sim à popularidade do texto. Em países de língua Inglesa, a edição de 1611 da Versão King James é a tradução mais lida da Bíblia. A *New King James Version* (Nova Versão King James - NKJV) cresceu de um esforço para tornar a tradução de 1611 mais acessível aos leitores modernos, eliminando os *vós* e *sois*. Infelizmente, pouco esforço tem sido feito para reconciliar as diferenças entre a versão de 1611 King James e os códices *Sinaiticus* e *Vaticanus*, que foram descobertos dois séculos depois, contendo os manuscritos mais antigos e de maior autoridade do Novo Testamento encontrados até o momento. Agora que eles estão disponíveis, pode-se, razoavelmente, esperar para ver sua influência sobre as traduções mais modernas, mas este não é o caso na Nova Versão King James, que mantém versos e passagens em

conflito com os manuscritos mais antigos e respeitados do Novo Testamento. Conseqüentemente, embora este livro predominantemente cite a Nova Versão King James, no interesse de satisfazer a maioria protestante do Cristianismo ocidental, uma versão complementar é utilizada quando necessária maior precisão escolástica.

A Nova Versão Padrão Revisada (NRSV) preenche esta lacuna. Como seu antecessor, o *Revised Standard Version* (RSV), a NRSV é uma colaboração ecumênica, que se reflete nas três edições separadas: protestantes, católicas romanas e ortodoxas orientais. Mais importante, a NRSV reflete erudição bíblica moderna até então indisponível. Na verdade, a poeira mal tinha sido espanada dos Manuscritos do Mar Morto quando a tradução RSV do Antigo Testamento foi publicada em 1946. Por estas razões, a NRSV tem efetivamente substituído a *Revised Standard Version* (Versão Padrão Revisada) e goza da mais ampla aceitação de todas as traduções da Bíblia.

Cotações da *World Bibliography of Translations of the Meanings of the Holy Qur'an* (Bibliografia Mundial de Traduções dos Significados do Alcorão Sagrado – daqui em diante TMQ), salvo indicação em contrário, são tomadas de *The Holy Qur'an: Translation and Commentary* de Abdullah Yusuf Ali. Quando é necessária uma tradução mais exigente, as de Sahih Internacional ou

de Muhammad Al-Hilali e Muhammad Khan (ou seja, *O Nobre Alcorão*) serão empregadas.

Aqueles que questionam o uso de múltiplas traduções precisam entender que nenhuma língua, e mais especialmente uma tão complexa quanto o árabe, pode ser traduzida com precisão absoluta. Como o professor A. Guillaume afirmou: “O Alcorão é um dos clássicos mundiais que não pode ser traduzido sem uma perda grave”.<sup>1</sup>

Daí a necessidade de múltiplas traduções, pois nenhuma única tradução poderá transmitir adequadamente o significado do original.

## **- Introdução**

*A vida é um pouco como uma lata de sardinhas – estamos, todos nós, procurando pela chave.*

- Alan Bennett, *Beyond the Fringe*  
(Além da Margem)<sup>2</sup>

Este é o segundo de dois livros dedicados a uma análise das três religiões abraâmicas: Judaísmo, Cristianismo e Islam. Como se afirma no primeiro livro, *Desviados?* (*Desviados*), os objetivos desta análise são de definir as relações válidas na cadeia de revelação, traçar essa cadeia para a conclusão, e, no processo, expor os fiéis e os infiéis (ou seja, os “*Guiados*” e os “*Desviados*”) dentre aqueles que pretendem a orientação divina. Eu pressuponho que os leitores já terminaram o primeiro livro da série, mas para aqueles que não terminaram, *Desviados* definiu as diferenças entre o entendimento

judaico, cristão e islâmico sobre Deus, analisou as diferenças doutrinárias que separam o Cristianismo do Islam, e expôs as fraquezas da escritura e dogma judaico-cristãos. Em relação a este último, muitas destas deficiências se agravaram, como quando falsos dogmas da fé cristã foram derivados de erros de escribas ou falsificações das escrituras. Em outros casos, princípios ilegítimos da fé cristã foram derivados de fontes não-bíblicas, o que, naturalmente, significa que a escritura tinha pouco ou nada a ver com eles. Onde os elementos do cânone cristão *foram* derivados de fontes bíblicas, é chocante encontrar os ensinamentos de Paulo sendo priorizados sobre os de Jesus Cristo, especialmente quando os dois ensinamentos conflitam abertamente.

Esta falta de confiabilidade das fontes judaico-cristãs força investigadores sinceros a procurar em outro lugar por orientação. Daí, este segundo volume da série. Muitos dos que questionam o dogma institucionalizado judeu ou cristão encontram suas objeções lógicas opostas pela ferosa emoção que acompanha uma doutrinação cega.

Não é assim com o Islam.

Nas palavras de Margaret Nydell, “Eles [ou seja, os muçulmanos árabes] são seguros em sua crença sobre a integralidade do Islam, uma vez que é aceita como a terceira religião e o

refinamento final das duas reveladas anteriormente, o Judaísmo e o Cristianismo.”<sup>3</sup>

Muitos consideram refrescante a abordagem islâmica quanto à religião, pois o Islam condena a doutrinação cega e exige que a derivação das verdades religiosas seja a partir de evidências fundamentais. O Islam ensina crenças estabelecidas, certamente, mas também exige não ultrapassar os limites da razão. É esperado que um estudo objetivo revele a cadeia de revelação e exponha os elementos inaceitáveis e ímpios de todas as escrituras e filosofias substituídas pela revelação do Alcorão Sagrado. Aqueles que concordam com esta opinião reconhecem a “submissão à vontade de Deus” como o único código de vida aceitável para o Criador, e descobrem os ensinamentos do Islam não só no Alcorão Sagrado, mas também nas Escrituras que o precederam.

A afirmação islâmica é que os buscadores sinceros não devem se sentir intimidados, pois o Islam nada mais é do que um renascimento e confirmação dos ensinamentos de todos os profetas. Como se afirma no Alcorão: “E não é admissível que este Alcorão seja forjado por fora de Allah, mas é a confirmação do que havia antes dele e aclaração do Livro, indubitável, do Senhor dos mundos.” (Alcorão 10:37). Por outro lado, as instituições judaicas e cristãs podem se sentir muito ameaçadas, pois o Islam expõe as falsas bases sobre as quais estas instituições foram construídas – fundações que,

na maioria das vezes, foram fabricadas a partir dos ensinamentos de seguidores em detrimento aos dos próprios profetas.

Como isso aconteceu? De acordo com o Islam, na época da tradição oral, Allah (Deus) enviou um profeta para cada uma das nações. Mas, quando Allah presenteou a humanidade com a linguagem escrita, os livros da Escritura suplantaram a necessidade de tal plethora de profetas. A revelação atingiu gerações subsequentes através da combinação da tradição oral, escritura, e homens e mulheres religiosos que serviram como exemplos piedosos para suas comunidades.

Deus abençoou a humanidade com uma série de escrituras, tendo revelado as *suhuf* (“páginas”) a Abraão, o *Zabur* (Salmos) a David, o *Tawraat* (Torá) a Moisés, o *Injil* (Evangelho) a Jesus, e o *Qur'an* (Alcorão) a Muhammad. Cada livro substituiu o anterior, uma vez que a mensagem pura da revelação de Deus se tornou suficientemente adulterada para justificar uma correção.

Este cenário pode soar familiar, pois a história apresenta numerosos indivíduos que alteraram ou interpretaram seletivamente a revelação segundo suas próprias paixões desviadas. No que diz respeito a esses indivíduos, Allah ensina: “E, por certo, há, dentre eles, um grupo que deturpa, com as próprias línguas, o Livro, a fim de que vós o suponhais do Livro, enquanto não é do Livro. E dizem

que isso vem de Allah, enquanto não vem de Allah. E dizem mentiras acerca de Allah, enquanto sabem!” (Alcorão 3:78); e “Então, ai dos que escrevem o Livro, com as próprias mãos; em seguida, dizem: ‘Isso é de Allah’, para o venderem por ínfimo preço! Então, ai deles pelo que escrevem com as próprias mãos! E ai deles pelo que logram!” (OSA 2:79).

O resultado histórico disso é que há um tema comum que percorre os tópicos das escrituras das religiões abraâmicas. Como discutido em *Desviados*, ambos, Antigo e Novo Testamentos, apresentam inegáveis evidências de corrupção. Ainda assim, uma crença comum permanece presente através da cadeia de revelação do Antigo Testamento, do Novo Testamento, e do Sagrado Alcorão. Todos os três livros ensinam a Unicidade Divina e comandam a aderência aos mandamentos de Deus. Os desvios apareceram quando o trabalho de registrar, traduzir, ou canonizar caiu nas mãos daqueles que buscavam modificar a religião, aproximando-a dos desejos dos seus corações.

Considere, por exemplo, os Salmos de David. Se alguém acredita que o que permanece deste livro nas mãos dos homens é um completo e autêntico livro de orientação, capaz de se justificar por seu próprio mérito, aconselho outra leitura. Em seguida, considere o Antigo Testamento, que está suficientemente cheio de erros para tornar todo o trabalho suspeito. Depois, considere o Novo

Testamento, que excluiu um número estimado entre 250 e 2.000 atos, epístolas e evangelhos não canônicos (que foram descartados e queimados com apenas um punhado de “apócrifos” sobreviventes).<sup>4(NE)</sup> Uma pessoa se perguntaria sobre o caráter dos homens que fizeram essa escolha na edição, a intenção e orientação religiosa deles, e sua disposição a comprometer a verdade bíblica para apoiar a ideologia de grupo.

E então, temos o renomado especialista da crítica textual, o Professor Bart D. Ehrman, nos dizendo que os estudiosos estimam o número de manuscritos variantes do Novo Testamento na ordem das centenas de milhares, alguns estimam em até 400,000.<sup>5</sup> Nas palavras agora famosas de Ehrman, “Há mais variações entre nossos manuscritos do que há palavras no Novo Testamento”.<sup>6</sup>

Então, aonde é que isto leva o buscador da verdade religiosa, se não à busca do livro final, não adulterado da revelação de Deus? O Alcorão poderia ser essa revelação final? Deixo que todos os leitores respondam a essa pergunta, com base nas provas que se seguem.

Por último, o problema com obras que apresentam muitas referências, como esta, é que o leitor nem sempre sabe se vale a pena folhear várias páginas para ler as notas finais. Para resolver este problema, as notas finais que contêm textos explicativos são denotadas pelo número da nota final seguido de (NE), como este,

Brown / Guiados?

<sup>36(NE)</sup>, que significa “Nota de rodapé número 36: Nota Explicativa”. Os números de notas finais sem o (NE) indicam que contêm puramente informação bibliográfica.

## ***PARTE I: O Alcorão Sagrado***

*Quando Satanás faz versos impuros,  
Allah envia uma entonação divina para  
purificá-los.*

- George Bernard Shaw, *The Adventures of a  
Black Girl in her search for God*

[As Aventuras de uma Garota Negra em sua Busca  
por Deus]

## ***1: Uma Breve História do Alcorão Sagrado***

*Um dos motivos que a história se repete é que muitas pessoas não estavam ouvindo pela primeira vez.*

- Margaret Hussey

O Alcorão Sagrado foi revelado no início do século VII, cerca de 600 anos após o ministério de Jesus Cristo. Os muçulmanos afirmam que, palavra por palavra, a revelação foi colocada na mente e na boca do profeta Muhammad, durante os últimos vinte e três anos de sua vida. Por outro lado, os incrédulos acusam Muhammad de ter apresentado um manual de uma falsa profecia. Alegações de plágio nas escrituras, engano, mentira e pensamentos delirantes têm sido propostos, assim como a opinião paternalista de Muhammad ter sido um homem de extraordinária inteligência e perspicácia, mas nada mais do que isso. Alguns têm mesmo ido tão longe a ponto de sugerir

que Muhammad era epiléptico e que o Alcorão Sagrado é uma compilação de seus murmúrios durante seus ataques.

Talvez isso se deva às descrições registradas da aparência alterada de Muhammad ao receber a revelação. Sua amada esposa, A'ishah, notou que ele começava a suar ao receber revelação, mesmo em um dia frio. Aqueles que procuram executar sumariamente o caráter de Muhammad gostam de chegar a estas conclusões fantásticas baseando-se em tais evidências sucateadas. No entanto, aqueles mais circunspectos podem considerar uma alteração da aparência não apenas uma desculpa, mas algo esperado. O que, afinal, devemos esperar identificar na expressão do rosto de qualquer mortal confrontado com o assalto espiritual da revelação direta?

Aqueles que experimentaram o pulso batendo, a comichão na pele, os pelos arrepiados, os calafrios na espinha, e o aguçamento dos sentidos que acompanham uma anomalia espiritual, podem facilmente imaginar que o Anjo da Revelação deva provocar um choque ainda maior. Certamente a tremenda concentração, o suor na testa, o olhar vazio de modo algum excedem as expectativas desta situação. Muito irracional seria assumir que qualquer mortal pudesse conversar com o Anjo da Revelação em termos casuais e confortáveis, digamos, tomando um cappuccino com biscoitos em uma casa de chá. Muitas pessoas transpiram simplesmente ao enfrentar seu chefe. É difícil prever quanto mais retesados seus

nervos estariam se estivessem enfrentando o Criador de *todos* os chefes. Além disso, qualquer pessoa que tenha testemunhado convulsões epiléticas sabe que a fala deles durante tais ataques não é inteligível, e o epilético não pode se comunicar durante uma convulsão ou mesmo durante a posterior recuperação de seus sentidos. Como comenta W. Montgomery Watt:

Os opositores do Islam têm, frequentemente, afirmado que Muhammad tinha epilepsia, e que, portanto, as suas experiências religiosas não tinham validade. De fato, os sintomas descritos não são idênticos aos da epilepsia, uma vez que a doença leva à degeneração física e mental, enquanto Muhammad esteve na plenitude da posse de suas faculdades até o fim. Mas, mesmo se a alegação fosse verdade, o argumento seria completamente infundado e baseado em mera ignorância e preconceito; tais concomitantes físicos nem validam ou invalidam a experiência religiosa.<sup>7</sup>

Hartwig Hirschfeld, um homem a quem nunca faltaram calúnias contra o Alcorão, um homem que expôs seu preconceito no prefácio

de seu *New Researches into Composition and Exegesis of the Qoran* (Novos Estudos sobre a Composição e Exegese do Alcorão) com as palavras, “O *Qoran*, o livro do Islam, é, na realidade, nada mais que uma falsificação da Bíblia”<sup>8</sup>, ainda, concluiu:

O que resta agora da influência epiléptica ou histórica sobre a origem do Islam? Absolutamente nada. Nunca um homem pronunciou uma frase com mais prudência e consciência do que Muhammad fez no *iqra'* [a *Surah*, ou capítulo, 96 do Alcorão]. Ele o proclamou com nada além do entusiasmo profético, ele deveria ter sido o maior gênio que já houvera existido.<sup>9</sup>

Claro, os muçulmanos afirmam que Muhammad pronunciou todo o Alcorão, incluindo a *Surah* (ou seja, capítulo) Al-'Alaq (comumente conhecida como *Surah 'Iqrah*), completamente desprovido de circunspeção, pois ele só repetiu o que lhe foi revelado. Hirschfeld, embora em nítido desacordo com o ponto de vista muçulmano, no entanto, rejeitou a acusação da epilepsia como uma calúnia flagrante.

Os delírios também devem ser julgados improcedentes, pois Muhammad não pareceu compreender plenamente a sua primeira experiência com a revelação. Tão traumático foi o seu primeiro encontro com o anjo Gabriel que Muhammad precisou convencer-se. De acordo com a *New Catholic Encyclopedia*: “O próprio Mohammed estava aterrorizado, incrédulo, e incerto sobre o significado da experiência. Foi necessária a persuasão de sua esposa e amigos, para que se convencesse e crese que tinha realmente recebido uma revelação de Deus.”<sup>10</sup>

Pessoas delirantes prontamente acreditam em seus delírios. Isso é o que a palavra implica: uma predisposição para aceitar o implausível devido a alguma deformação no processo de pensamento. Além disso, um período significativo de tempo passou (alguns dizem, cerca de 40 dias; outros, por volta de dois anos) entre a primeira e a segunda revelação de Muhammad. Pois bem, a mente de uma pessoa que é acometida por ilusões tem ideias bizarras de forma contínua. Essa é a natureza daqueles que estão psicologicamente perturbados – seu raciocínio distorcido não se endireita espontaneamente por um par de dias, muito menos por uma semana, pior ainda por 40 dias ou mais. Tal é, também, o caso dos charlatães e mentirosos patológicos, que parecem incapazes de deixar de exteriorizar seus enganos, que acabam por se evidenciar em quaisquer casos.

A própria história absolveu Muhammad das acusações de ilusão, mentira ou engano, nenhum verdadeiro erudito contempla tais calúnias. Por exemplo, Thomas Carlyle comentou:

Como ele (Muhammad) foi escolhido por Kadijah, uma viúva rica, para ser seu administrador de sua caravana, e viajou em nome dos negócios dela, mais uma vez, para as feiras da Síria; como ele conseguiu encarregar-se de tudo, como é bem entendido, com fidelidade, destreza; como a sua gratidão, seu respeito por ele cresceu: a história de seu casamento é um conjunto graciosamente inteligível, como nos foi mencionado pelos autores árabes. Ele tinha vinte e cinco; ela quarenta anos, embora ainda bela. Ele parece ter vivido da forma mais carinhosa, pacífica e saudável com esta sua esposa e benfeitora; amando-a verdadeira e exclusivamente. Isso refuta a teoria do impostor, o fato de que ele viveu dessa maneira totalmente irrepreensível, completamente tranquila e comum, até os seus anos de juventude se extinguirem. Já

tinha quarenta antes de falar de qualquer missão celestial. Todas as suas irregularidades, reais e supostas, datam posteriores ao seu quinquagésimo ano, quando a bondosa Kadajah faleceu. Toda sua “ambição”, aparentemente, tinha sido, até então, viver uma vida honesta; sua “fama”, ou a mera boa opinião dos vizinhos que o conheciam, tinha sido suficiente até agora. Não seria quando já começava a envelhecer, quando a chama de sua juventude se apagava, e sendo a paz o principal que este mundo poderia lhe dar, não começaria a “carreira pela ambição”, desmentindo todo o seu caráter e vida pregressa, lançando-se como um charlatão vazio e miserável para adquirir o que ele poderia já não desfrutar! De minha parte, isso não faz nenhum sentido. Ah não: este filho do deserto, de grandioso coração, com seus radiantes olhos negros, e alma aberta à consciência social, possuía outros pensamentos em lugar da ambição. Uma grande alma silenciosa; ele era um daqueles que não poderia ser, senão

sério; a quem a própria natureza o nomeou a ser sincero... Vamos deixar por completo esta hipótese de ele ser impostor, pois não é credível; nem mesmo, devemos tolerá-la, pois é digna de nosso rechaço.<sup>11</sup>

Em relação a outras tentativas de desqualificar a revelação que Muhammad alegou, devemos nos voltar para uma análise do próprio Alcorão.

Para começar, a palavra *Qur'an* não se refere a um livro, mas sim a uma revelação. A tradição islâmica afirma que esta revelação foi transmitida verbalmente ao profeta Muhammad pelo anjo da Revelação, Gabriel. E assim tem sido mantida – como uma tradição oral preservada até hoje nos corações e mentes de devotos *huffath* (plural de *hafith* – memorizadores ou “protetores” do Alcorão), cujo número, nos dias de hoje, é conservadoramente estimado em não menos de trinta milhões.

O Alcorão também foi registrado por escribas, que fielmente transcreviam cada elemento da revelação no momento em que esta era revelada. Ao contrário do Novo Testamento, cujos primeiros livros foram escritos décadas após o ministério de Jesus, o Alcorão Sagrado é o único livro de escrituras registrado no momento da

revelação e preservado inalterado até os dias atuais. O material de escrita era escasso, por isso, o Alcorão foi originalmente registrado em folhas de palmeira, folhas de couro, ossos (omoplatas) de animais de grande porte, e tudo aquilo que estava imediatamente disponível. Abu Bakr (o primeiro califa)<sup>12</sup>(NE – nota explicativa, ao contrário de uma referência bibliográfica) ordenou que este registro volumoso e de manejo inconveniente fosse copiado e compilado em um *mushaf* (livro) oficial, cerca de dois anos após a morte de Muhammad.

Este projeto foi supervisionado por Zaid ibn Thabit, um dos fiéis escribas de Muhammad. Entre quatro e oito exemplares foram concluídos durante o califado de Uthman, e uma cópia foi enviada a cada um dos territórios do mundo islâmico. Dois desses livros ainda existem – um em Tashkent, Uzbequistão; e outro em Istambul, Turquia – e continuam a servir como modelos. Qualquer Alcorão, em qualquer lugar do mundo, pode ser autenticado comparando com estes “originais” para demonstrar a integridade e a preservação do livro sagrado do Islam. É esta preservação que muitos consideram uma prova milagrosa da santidade do Alcorão Sagrado. A Dr<sup>a</sup>. Laura Vaglieri adiciona este elemento de autenticidade à sua lista de evidências: “Temos ainda mais uma prova da origem divina do Alcorão no fato de que seu texto permaneceu puro e inalterado ao longo dos séculos, desde o dia da sua revelação até hoje...”<sup>13</sup>

O Professor Arthur J. Arberry, professor de árabe na Universidade de Cambridge 1947-1969, contribui: “Aparte de algumas modificações ortográficas do método original, um tanto primitivo, de escrita, destinando-se a tornar inequívoca e fácil a tarefa da recitação, o Alcorão impresso no século XX é idêntico ao Alcorão autorizado por Uthman há mais de 1300 anos atrás.”<sup>14</sup> Esta opinião não é nova. Sir William Muir, o orientalista do século XIX e biógrafo de Muhammad, escreveu o seguinte: “A recensão de Uthman nos foi transmitida de forma inalterada... Provavelmente não há no mundo nenhum outro trabalho que tenha permanecido doze séculos com um texto tão puro.”<sup>15</sup>

Enquanto que uma opinião mais contemporânea pode ser resumida nas palavras de Adrian Brockett:

A transmissão do Alcorão após a morte de Muhammad foi essencialmente estática, ao invés de orgânica. Existia um único texto, e nada significativo, nem sequer o material que se considerava revogado poderia ser retirado, nem qualquer coisa poderia ser adicionada. Isso era aplicado até mesmo aos primeiros califas... A transmissão do Alcorão sempre foi oral, tal como sempre tem sido escrita.<sup>16</sup>

Dezenas de milhares de *Sahaba* (muçulmanos que viveram e interagiram com o profeta Muhammad) aprovaram por unanimidade o registro escrito do Alcorão Sagrado. Todos estes *sahaba* tinham memorizado porções do Alcorão e muitos eram *huffath*, ou seja, tinham memorizado o Alcorão em sua totalidade. Quando o Alcorão foi compilado pela primeira vez em um só livro, muitos *sahaba* possuíam cópias pessoais de seus próprios registros. Muitas dessas cópias estavam incompletas e outras (como as de Abdullah ibn Masud, Ubay Ibn Kab e Ibn Abbas), apesar de serem corretas quanto à leitura, não deixaram espaço para as múltiplas leituras que constituem um dos milagres do Alcorão.<sup>17(NE)</sup> Por conseguinte, esses registros parciais não foram reconhecidos, *até mesmo por seus donos*, como tendo sido completos ou oficiais.

O único registro escrito do Alcorão que foi aceito por aprovação unânime foi o *mushaf* adotado oficialmente, compilado por Zaid Ibn Thabit e encomendado por Abu Bakr. Para evitar confusão e a possibilidade de divisão em gerações futuras, todas as outras cópias pessoais foram voluntariamente entregues e, junto com os restos de ossos, peles de animais, e papiros com registros da escritura, destruídas. Se isto não tivesse sido feito, as gerações futuras poderiam ter sido vítimas de ignorância ou orgulho, preferindo uma das obras incompletas transmitida por uma família ou tribo à

verdadeira e completa revelação. Solidariedade tribal e sectarismo religioso quase certamente teriam sido o resultado. Os *sahaba* piedosos parecem ter reconhecido e eliminado o risco, preservando apenas a revelação completa, descartando os fragmentos que, posteriormente, poderiam se tornar fontes de discórdia.

Os muçulmanos gostam de apontar que nem um único dos contemporâneos de Muhammad estiveram em desacordo quanto ao texto do *mushaf* oficial. Nem um único *sahaba* reivindicou uma passagem que tivesse sido deixada de fora ou uma passagem não-corânica inserida. Mais importante ainda, os textos que foram recolhidos e destruídos eram registros *incompletos* e não registros *diferentes*. Os donos voluntariamente abandonaram suas cópias, porque o *mushaf* compilado por Zaid ibn Thabit foi abrangente: simplesmente não havia um só registro preciso que não estivesse representado nele. Além disso, como dito acima, o Alcorão não foi preservado primordialmente na forma escrita, mas sim, na memória dos fiéis. Os memorizadores cruzaram referências e confirmaram o *mushaf* oficial, e validaram a sua precisão e abrangência. Nem um único *hafith* discordou. E eles eram aos milhares.

Mesmo a existência de alguns memorizadores do Alcorão depois de 1.400 anos já é extraordinária, mas a existência de dezenas de milhões? Isso... bem, isso parece milagroso.

De acordo com as estatísticas do censo contemporâneo, há um bilhão de cristãos e muitos milhões de judeus no mundo, mas nenhum deles detém a escritura original da sua religião na memória. Talvez um rabino raro possa ter memorizado a Torá – mas não como foi revelada, e sim como foi reconstruída cerca de dois séculos após a destruição da original, durante o saque ao Templo de Salomão pelo império babilônico em 586 aC. A única versão conhecida do Antigo Testamento, seja por memória ou por cópia, contém os erros ímpios discutidos em profundidade em meu livro anterior, *Desviados?*.

Igualmente, *extremamente* raro haver um cristão que tenha memorizado todo o Novo Testamento, na tradução de apenas uma das milhares de versões conhecidas. Mais raro ainda, se não completamente inexistente, é um cristão que tenha memorizado um dos 5.700 manuscritos gregos existentes. Mas em nenhum lugar do mundo e em nenhum momento na história alguém já foi conhecido por ter memorizado o Evangelho original de Jesus – simplesmente porque, tanto quanto sabemos, não existe mais. Se *realmente* existisse, o mundo cristão deixaria de lutar para corrigir as centenas de milhares de variações em seus manuscritos gregos existentes, e enfrentaria o mundo com o original não corrompido.

O Alcorão, então, é único. É o único livro de Escrituras registrado no momento da revelação e mantido na pureza do original até os dias atuais. Podem haver diferentes traduções para outros

idiomas que não o árabe, mas há apenas um original. Assim, não há confusão tal como existe com as muitas versões da Bíblia. Não há frustração, tal como resulta da falta de uma escritura original definitiva. Não há nenhuma incerteza, como a suposição de quais verdades foram escondidas dos olhos do público na biblioteca privada do Vaticano ou nos pergaminhos de *Qumran* (Mar Morto) zelosamente guardados. Ninguém precisa se questionar o quanto o grego *Koiné* difere predominantemente do aramaico falado pelo profeta Jesus. Se os erros de tradução do aramaico e hebraico antigo para grego *Koiné* tivessem sido tão numerosos e graves como os erros que ocorreram traduzindo grego *Koiné* para inglês, toda a esperança da precisão bíblica deveria ter sido abandonada há muito tempo.

Uma enorme diferença entre a Bíblia e o Alcorão é que o Alcorão esteve sempre nas mãos do povo, ao passo que a Bíblia definitivamente não esteve. Qualquer um que quisesse um Alcorão poderia tê-lo. O conteúdo bíblico moderno, no entanto, não havia sido definido até o século IV, por Atanásio, bispo de Alexandria, amplamente considerado como o “Pai da Ortodoxia”. Em sua epístola festiva de 367 EC, Atanásio produziu a primeira listagem completa que existe dos vinte e sete livros da Bíblia católica. Mesmo assim, ela foi estritamente mantida na Vulgata Latina por mais de um milênio. E quando a tradução inglesa de John Wycliffe do Novo

Testamento, em 1382, foi seguida pela de William Tyndale (completada por Miles Coverdale e editada por John Rogers) e pela tradução da Bíblia para o alemão por Martinho Lutero (ambas foram traduzidas tão somente no século XVI), qual foi a recompensa dada a Tyndale? Morte – queimado vivo na fogueira em 1536. E a de Rogers? Mesmo destino, em fogueira diferente, em 1555. Seu antecessor, Wycliffe, escapou da execução, mas não do fogo, pois o Conselho ecumênico de Constança condenou-o *postumamente* em 1415, e os seus ossos foram exumados e queimados publicamente. Se não fosse pela intercessão da Dinamarca, Miles Coverdale teria sido igualmente condenado. E como os seus autores, as traduções de Tyndale e Wycliffe foram queimadas publicamente.

Assim, por mais de 1500 anos as escrituras cristãs estavam disponíveis apenas em grego ou latim: línguas que somente a classe instruída e o clero mais educado poderiam ler, pois muitos clérigos católicos eram analfabetos em relação à sua própria Escritura. É bastante sério perceber que se Jesus Cristo regressasse ele não seria capaz de ler nem o grego de nossos manuscritos do Novo Testamento ou o latim da Vulgata Católica, pois sua língua nativa era o aramaico.<sup>18</sup> Na verdade, a classe mais educada representava uma minúscula porcentagem da população, comparando aos dias de hoje; só eles podiam ler a Bíblia, e só possuísem um exemplar. A combinação da grande despesa e pouca disponibilidade de Bíblias

(todas copiadas à mão), juntamente com leis severas que proibiam a posse da Bíblia por leigos, reduziu drasticamente a sua aquisição. Muitas dessas leis prescreviam a pena de morte, especialmente pela posse de traduções em idioma vernáculo ou de traduções não autorizadas que eram consideradas alinhadas a heresias, das quais as Bíblias protestantes eram tidas como os exemplos mais ofensivos.

Não antes da invenção de Gutenberg da tipografia móvel, na década de 1450, é que a produção em massa de Bíblias foi possível, e não antes da Reforma Protestante do século XVI é que a Bíblia foi não só traduzida para as línguas dos leigos alfabetizados (ou seja, alemão e inglês), mas traduzida em massa e produzida e permitida ao público.

Pela primeira vez na história, o século XVI testemunhou a produção de Bíblias traduzidas para o vernáculo, juntamente com o crescimento de novas igrejas não católicas apoiadas por uma monarquia simpatizante. Respondendo às pressões da Reforma Protestante, a Igreja Católica produziu a Bíblia Douay-Rheims, que apresentava a tradução da Vulgata Latina em inglês pela primeira vez. A parte do Novo Testamento foi concluída em Rheims, França, em 1582, e a do Antigo Testamento foi concluída em Douay em 1609-1610. De qualquer forma, mesmo sendo possível a produção em massa, a disponibilidade estava severamente restringida, pois “...calculou-se que devia haver cerca de 25.000 Bíblias impressas em

circulação na Europa Ocidental por volta de 1515, um terço delas em alemão, para cerca de cinquenta milhões de habitantes; isto é, uma Bíblia para cada 2.000 almas.”<sup>19</sup>

O que isto significa é que por mais de 1500 anos o cidadão comum não pôde verificar os ensinamentos das escrituras cristãs, tanto por falta de alfabetização quanto por falta de Bíblias. Por um período ainda maior, leigos não poderiam questionar as doutrinas canonizadas que lhes foram impostas por medo de uma “morte sem derramamento de sangue” – o agradável eufemismo pelo qual a queima na fogueira veio a ser conhecida.

Católicos argumentam que a restrição da interpretação bíblica e educação religiosa para somente os ofícios da igreja era (e continua sendo até hoje) necessária para manter a compreensão ortodoxa. Outros argumentam que a igreja estava menos preocupada com a proteção das Escrituras contra a má interpretação do que com a manutenção de sua base de poder e posição privilegiada na sociedade. Bem sabemos que a Igreja acreditava que os meandros dos mistérios cristãos não eram susceptíveis de ser compreendidos através do raciocínio dedutivo e as conclusões do laicismo. O que é menos conhecido é que a igreja nem sequer confiava em seus próprios estudiosos quanto à interpretação bíblica. Como o Papa Inocêncio III declarou em 1199,

Os mistérios da fé não devem ser explicados precipitadamente a ninguém. Normalmente, na realidade, eles não podem ser compreendidos por todos, mas apenas por aqueles que estão qualificados para compreendê-los com inteligência esclarecida... A profundidade das divinas Escrituras é tal que não só os analfabetos e não iniciados têm dificuldade em compreendê-las, mas também os educados e os dotados.<sup>20</sup>

No entanto, o estandarte protestante era que todos os seres humanos foram criados com cérebros e capacidade de interpretar as Escrituras por si mesmos. Os protestantes argumentam hoje em dia, como o fizeram no passado, que uma vez que as pessoas pudessem ler e estudar a Bíblia livremente em sua própria língua, seriam capazes de discernir a verdade bíblica da ficção canonizada. Uma vez que os erros do Catolicismo foram descobertos e a fundação da teologia católica exposta como predominantemente (e em muitos casos, inteiramente) não bíblica, a gravitação para o Protestantismo era inevitável.

Os muçulmanos levam este argumento um passo adiante e afirmam que a fundação instável das escrituras cristãs não deve conduzir as pessoas de uma seita cristã para outra, ainda baseando as crenças em um cânone bíblico salpicado de erros e inconsistências demonstráveis. Em vez disso, eles creem que aqueles que buscam a verdade de Deus devem reconhecer a necessidade de o Criador ter renovado Sua revelação.

Alegando que esta revelação final é o Sagrado Alcorão, os muçulmanos apontam que o Alcorão sempre esteve nas mãos e nas mentes das pessoas. O Alcorão tem sido recitado em voz alta nas orações diárias dos muçulmanos desde sua revelação. Todos os anos, no mês de Ramadan, o Alcorão é recitado em sua totalidade, em voz alta, em praticamente todas as mesquitas do mundo. Qualquer muçulmano que estiver escutando pode manifestar sua correção, mas, por mais de 1.400 anos, nunca houve sequer uma única letra em disputa entre muçulmanos ortodoxos (sunitas). Hoje em dia, isso representa mais de um bilhão de votos unânimes. Curiosamente, ao longo do tempo tem havido muitas facções entre os muçulmanos sunitas, algumas delas em guerra umas com as outras. Uthman, o terceiro califa, foi assassinado durante a leitura do Alcorão, e seu sangue seco ainda está para ser visto nas páginas. No entanto, entre todos esses grupos muçulmanos diferentes, e por todos estes séculos, a autenticidade do Alcorão nunca foi questionada. Certamente, o

mesmo não pode ser dito sobre a Bíblia. Como F.F. Arbutnot comentou um século atrás,

De um ponto de vista literário, o Alcorão é considerado como um exemplar do mais puro árabe, escrito metade em poesia e metade em prosa. Tem sido dito que em alguns casos, os gramáticos adaptaram suas regras de concordância com certas frases e expressões utilizadas nele, e que, apesar de que foram feitas várias tentativas para produzir um trabalho igual a ele, no que diz respeito à escrita ou elegância, ninguém ainda con-seguiu.

Assim, será visto, do que precede, que o texto final e completo do Alcorão foi preparado dentro de vinte anos após a morte (632 AD) de Muhammad, e que este se manteve o mesmo, sem qualquer mudança ou alteração por entusiastas, tradutores ou inter-poladores, até o presente momento. É de lamentar que o mesmo não possa ser dito de todos os livros do Antigo e do Novo Testamentos.<sup>21</sup>

O Alcorão, além disso, existe em uma língua viva, compreendida por centenas de milhões de seguidores devotos até os dias de hoje. A Bíblia existe principalmente na língua morta do grego *Koiné*, com trechos do igualmente necrótico hebraico antigo (não o hebraico moderno falado hoje) e aramaico. Em todo o mundo existem apenas alguns estudiosos com entendimento parcial destas línguas mortas, e mesmo eles não concordam sobre a tradução. A evidência da dificuldade é encontrada no Prefácio da *Revised Standard Version of The Bible* (Versão Padrão Revisada da Bíblia), que foi autorizada pelo voto do *National Council of the Churches of Christ* (Conselho Nacional das Igrejas de Cristo) nos EUA em 1951. A RSV parece ter, posteriormente, tido a mais ampla aceitação popular em todo o mundo cristão, mas apesar de sua erudição ecumênica e aceitação global, a RSV admite,

Muitas dificuldades e obscuridades, é claro, permanecem. Quando a escolha entre dois significados é particularmente difícil ou duvidosa, temos dado uma versão alternativa nas notas de rodapé. Se, no julgamento da Comissão, o significado de uma passagem é bastante incerto ou obscuro, seja por causa da corrupção no texto ou por causa da

inadequação do nosso conhecimento atual da língua, esse fato é indicado por uma nota. Não deve ser assumido, no entanto, que a Comissão estava inteiramente certa ou unânime quanto a todas as versões não indicadas nas notas.<sup>22</sup>

O entendimento dos manuscritos bíblicos aumenta com cada nova descoberta, como evidenciado pela motivação das autoridades eclesiásticas a rever a *King James Version* de 1611 para a *American Standard Version* de 1901, e, posteriormente, para a *Revised Standard Version* (Versão Revisada Padrão) cinquenta anos mais tarde. A motivação para tais revisões leigas, como afirmado no prefácio da RSV, é que a KJV sofre de “defeitos graves”. Mais especificamente, alega, “a versão de King James do Novo Testamento foi baseada em um texto grego que estava cheio de erros, contendo os erros acumulados de quatorze séculos de cópias do manuscrito.”<sup>23</sup>

Enquanto isso, a compreensão do Novo Testamento grego continua a ser refinada, está longe de ser compreensível no tempo presente e, provavelmente, nunca será. Em tal clima de incerteza, as traduções errôneas – intencionais, acidentais ou bem-intencionadas – são facilmente aceitas como precisas por aqueles que não têm o embasamento linguístico para saber melhor. O mesmo não acontece

se a linguagem é compreendida pelos crentes, que é precisamente o caso com a língua árabe e o Alcorão.

Podemos nos perguntar, então, como os muçulmanos apoiam a afirmação de que o Alcorão é único e inalterado? Alegações sem justificação não são aceitáveis. A maioria da humanidade tem sido solicitada – correção, *forçada* – à crença cega por muito tempo. Os leigos sofisticados estão cansados das linhas atraentes, mas sem fundamento, polvilhadas com a saliva dos proselitistas e espiritualmente frias até os ossos. Os buscadores sinceros precisam de um cobertor de provas para aquecer suas convicções. Não apenas uma cobertura que pareça agradável e acolhedora a uma certa distância, mas algo que sirva realmente.

O que segue, então, são as inúmeras facetas do Alcorão que costuram a colcha de evidências com a qual os muçulmanos confortam suas convicções.

## ***2: Evidência - Uma Visão Geral***

*Quando a especulação tem feito o seu pior,  
dois e dois ainda são quatro.*

- Samuel Johnson

A falta de referências na discussão subsequente sobre a história islâmica e constituição do Alcorão pode parecer surpreendente para aqueles não familiarizados com a história islâmica, mas na verdade são consideradas como conhecimento comum entre os muçulmanos educados. Consequentemente, assim como tais declarações bem conhecidas como, “A Bíblia é o livro fundamental do Cristianismo e contém os evangelhos atribuídos a Mateus, Marcos, Lucas e João” não necessitam de nenhuma referência, também não necessita a maior parte daquilo que se segue.

No entanto, os detalhes podem ser confirmados através de uma série de fontes respeitadas, entre elas *Manahil Al 'Irfan Fi 'Ulum Al Qur'an*, do Shaikh Muhammad 'Abd al Adhim az-Zarqani, *Al Madkhal Li Dirassat Al Qur'an Al Karim* por Muhammad Abu Shahbah, e dois livros, ambos sob o título *Mabaahith fi 'Ulum al-Qur'an*, um por Dr. Subhi al-Saalih, o outro pelo Dr. Mannaa' al-Qattaaan. Estes livros ainda não foram traduzidos do árabe, mas há dois excelentes livros em inglês. *'Ulum Al Qur'an: An Introduction to the Sciences of The Qur'an* ('Ulum Al-Qur'an: Uma Introdução às Ciências do Alcorão), por Ahmad Von Denffer, é uma introdução básica, apesar de superficial, quanto ao assunto. Um trabalho mais erudito e compreensível é *An Introduction to the Sciences of the Qur'aan* (Uma Introdução às Ciências do Alcorão), por Abu Ammaar Yasir Qadhi.<sup>24</sup>

Por outro lado, as conclusões de muitos, se não da maioria, dos autores não muçulmanos são muitas vezes contaminadas pelo preconceito religioso. A maioria destas obras críticas são tão carentes quanto à objetividade acadêmica que são desconsideradas não apenas por muçulmanos, mas pelo clero educado, orientalistas e estudiosos religiosos igualmente, levando um autor a lamentar,

As afirmações totalmente errôneas feitas sobre o Islam no Ocidente são, por vezes, o resultado da ignorância, e às vezes da

difamação sistemática. As mais graves de todas as falsidades ditas sobre este são, no entanto, aquelas relacionadas a fatos; pois, enquanto opiniões equivocadas são desculpáveis, a apresentação dos fatos que vão de encontro à realidade, não. É perturbador ler mentiras gritantes em obras eminentemente respeitáveis escritas por autores que, *a priori*, são altamente qualificados.<sup>25</sup>

Além disso, muitos dos chamados “trabalhos acadêmicos” são desacreditados pelos próprios correligionários educados do autor. Na maioria, no entanto, os seguintes detalhes são simplesmente omitidos de tais livros, presumivelmente porque a discussão do assunto é desconfortável para aqueles que negam os sinais que parecem validar a revelação islâmica.

Por outro lado, não há virtualmente desacordo algum no mundo muçulmano sobre os seguintes temas, pelos quais a verificação é relativamente fácil, considerando a precisão do registro histórico, típico das ciências e tradições islâmicas.

É certo que alguns livros modernos de autoria muçulmana também possuem imprecisões, muitas vezes causadas por excesso de zelo em tentativas de modernizar ou glorificar a religião. No entanto, os mesmos elementos comumente aceitos na história do Alcorão são encontrados no curso dessas obras com notável coerência. Então, apenas esses elementos comumente aceitos serão discutidos no presente trabalho. Os elementos do tipo pessoal, sectário, herético (como ahmadiita, xiita e Nação do Islam), ou opiniões minoritárias são aqui evitadas, deixando aqueles que desejam explorar as seitas menos tradicionais do Islam a fazê-lo por conta própria.

### ***3: Evidência nº 1- Um Apelo Inato***

*Toda a verdade é, a longo prazo, somente  
senso comum esclarecido.*

-Thomas Henry Huxley, *On the Study of Biology*  
(No Estudo da Biologia)

No nível mais superficial, os muçulmanos consideram que a verdade do Alcorão é auto evidente pelo simples fato de que faz sentido, precisamente em conformidade com a nossa compreensão inata de Deus e Sua metodologia. Mas, qual religião não tem essa mesma afirmação? Nenhuma prova satisfaz toda a humanidade, como é evidenciado pelo fato de que o mundo não é muçulmano. No entanto, a nível individual, a prova está na exposição. Muitos que leem os livros fundamentais de várias religiões encontram-se inexplicavelmente atraídos a um livro específico e às ideologias nele

expressas. O Alcorão não é diferente. As pessoas simplesmente têm de sentar e ler.

Aqueles que o fazem, encontrarão um livro de caráter muito diferente do das outras religiões abraâmicas. Enquanto que o Antigo Testamento é, em grande parte, um livro de leis, longas genealogias e história seca, o Novo Testamento exala espiritualidade enquanto nega orientação concreta ao leitor sobre as questões importantes da vida. O Alcorão Sagrado, por outro lado, fornece a base não só para a religião islâmica, mas também para a lei islâmica, governo, conduta social, estrutura familiar e todas as facetas da existência mundana e espiritual. H. G. Wells comentou sobre os ensinamentos do Islam como segue:

Elas (leis) estabeleceram no mundo uma grande tradição de negociação justa e digna, elas respiram um espírito de generosidade, e são humanas e viáveis. Elas criaram uma sociedade mais livre da generalizada crueldade e opressão social, mais que qualquer outra sociedade anterior no mundo... Este [ou seja, o Islam] estava cheio do espírito de bondade, generosidade e fraternidade; era uma religião simples e compreensível; era instintivo ao sentimento

cavalheiresco do deserto; e seu apelo alcançou diretamente os instintos mais comuns na composição dos homens comuns. Em oposição estavam o roto Judaísmo, que tinha estabelecido uma horda racial de Deus; o Cristianismo, falando e pregando sem parar sobre trindades, doutrinas e heresias que nenhum homem comum poderia compreender; e o Masdeísmo, o culto dos magos zoroastristas, que havia inspirado a crucificação de Mani. A maior parte das pessoas a quem o desafio do Islam atingiu não se perturbava muito se Muhammad era lascivo ou não, ou se ele tinha feito algumas coisas esquivas ou questionáveis; o que os atraiu foi que esse Deus, Allah, sobre O qual ele pregava, era, segundo um exame de consciência em seus corações, um Deus de virtudes, e que a aceitação honesta de Sua doutrina e método abria uma ampla porta, em um mundo de incerteza, traição e divisões into-leráveis para uma grande e crescente irmandade de homens de confiança na terra, e para um

paraíso não de exercícios perpétuos de louvor e adoração, no qual santos, sacerdotes e reis ungidos ainda possuíam os lugares superiores, mas de igual companheirismo e delícias simples e compreensíveis, pelo qual suas almas ansiavam. Sem qualquer simbolismo ambíguo, sem quaisquer altares obscuros ou cânticos de sacerdotes, Muhammad devolveu ao seu lugar de origem, aos corações dos humanos, tais doutrinas atraentes.<sup>26</sup>

A pedra fundamental da fé islâmica, como enfatizado repetidamente no Alcorão Sagrado, é a simples mensagem do monoteísmo. Os muçulmanos propõem que esta mensagem possui o maior apelo inato de *todo* o conhecimento, uma vez que o Criador inculcou o conhecimento sobre Sua unicidade e Seus atributos exclusivos na mente, coração e alma de cada ser humano. Assim, nenhuma pessoa (a não ser condicionada na vida a fazê-lo) é susceptível a se opor quanto ao ensino da unicidade do Criador, Seus muitos e exclusivos nomes, e Seus perfeitos atributos.

No que diz respeito à unicidade de Allah, a ideologia islâmica é explícita quanto a este ponto. Deus é Um, Eterno e Absoluto, não gerou e não foi gerado, sem parceiros ou coparticipantes em Sua divindade:

Dize: Ele é Allah, Único.

Allah é O Solicitado.

Não gerou e não foi gerado.

E não há ninguém igual a Ele.

(OSA 112: 1-4)

Este é o esclarecimento da Unicidade incondicional de Allah sobre o qual contrapõem os cristãos trinitários, pois a ideologia trinitária ensina que Deus é, de fato, Um, mas também três em Um. Os argumentos trinitários foram discutidos em profundidade em meu livro anterior, *Desviados?*, então aqui podemos propor um teste de compreensão inata. Se assumirmos que as convicções são confortáveis ao abraçar entendimentos inerentes, o oposto certamente deve ser verdade. Abraçar ensinamentos que conflitam com o conhecimento inato deve trazer estresse e desconforto. Daí o teste. Aqueles que vivem uma religião que está de acordo com o entendimento inato e dado por Deus (tal como o conceito da unicidade do Criador) estarão tranquilos ao explicar suas convicções, pois sua explicação corresponderá à compreensão inerente do seu

público também. Por outro lado, aqueles que tentam explicar noções que entrem em conflito com o conhecimento inato, manifestarão frustração, seja na fraqueza de seus argumentos ou na sua incapacidade de impor suas noções sobre um público que possui mais conhecimento. Recorrer a apelos emocionais e jogar com a autojustificação e histrionismo são a marca registrada de quem falha no debate racional.

Secundário ao credo, o Alcorão Sagrado apresenta muitos ensinamentos aplicáveis à vida cotidiana. Comportamentos são corrigidos, com ênfase na modéstia. O uso do dinheiro, tempo e energia é abordado com foco em uma aplicação equilibrada entre a pessoa, família, religião e sociedade. A avareza é condenada, como é a extravagância injustificada. Até mesmo a guerra é regulamentada com leis estabelecidas para fomentar conflitos honrosos, começando com a guerra sendo permitida apenas em circunstâncias em que todas as outras opções já tiverem sido esgotadas. Mesmo assim, os muçulmanos são instruídos a não abusar das vantagens de uma vitória, e a serem misericordiosos, tanto quanto a situação lhes permita.

Justiça e igualdade, misericórdia e amor são temas subjacentes do Alcorão que, por vezes, dão lugar a um sistema de justiça que é justo, porém duro contra aqueles cujas transgressões ameaçam a paz da sociedade islâmica. Não há leis na história da humanidade que foram

mais bem-sucedidas em restringir os males do assassinato, estupro, roubo, adultério, fornicação, homossexualidade, álcool e drogas. A traição, a mentira, o suborno, a usura, o preconceito e todas as formas de injustiça são condenadas, abrindo caminho para uma reforma social que, se implementada, provavelmente uniria toda a humanidade sob o Deus Único.

A poligamia, embora praticada apenas por uma minoria de muçulmanos, permite um meio legal para aquele cujas paixões poderiam levá-lo ao adultério. As mulheres, por outro lado, são protegidas. Há mil e quatrocentos anos atrás, o Islam deu às mulheres os direitos à propriedade, herança, religião e educação – direitos que foram negados na sociedade ocidental e nas religiões do Antigo e Novo Testamento até o século XX.

Assim como o Alcorão enfatiza os méritos da libertação de escravos, também liberta a mente – corrigindo crenças erradas e incentivando a liberdade de pensamento. A verdade objetiva é priorizada sobre a opinião pessoal, costumes sociais, tradições de família, ensinamentos canonizados institucionalizados e todas as influências externas prejudiciais. A compulsão na religião é proibida em quaisquer circunstâncias. Além disso, o Alcorão desafia e estimula o intelecto enquanto acalma o espírito. Em suma, o Alcorão pode ser visto como o “último testamento”, que provê a humanidade com uma orientação equilibrada em todas as facetas da vida.

Os muçulmanos concebem a revelação como inegável. Os não muçulmanos discordam; estes consideram a revelação muito contestável, e reivindicam ser falsa a afirmação dos muçulmanos sobre o apelo inato. Afinal de contas, isso não os atrai.

Como os muçulmanos resolvem essa dificuldade? Os muçulmanos acreditam que mentes *livres de preconceito* serão receptivas aos ensinamentos do Alcorão Sagrado. Como um campo fértil, a mente aberta cultivará melhor aquilo que foi criada para receber. No entanto, a maioria das mentes está cheia de preconceitos. A maioria dos ocidentais que chega a aprender sobre o Islam em algum momento já foi submetida a uma vida inteira de propaganda anti-islâmica nos círculos sociais, religiosos e na mídia. Como resultado, seus corações e mentes estão fechados.

Por analogia, a teoria de fótons de luz e efeitos prismáticos no espectro visível significará pouco ou nada para uma pessoa cega. Da mesma forma, aqueles cujos corações e mentes estão fechados para o Islam, não se espera que apreciem as evidências islâmicas. Mas, como luz para um cego, a incapacidade de perceber não nega a realidade; só não convencerá aqueles que fracassam na sua análise. Aqueles que estudam a mensagem, e percebem que esta é uma fonte de força, entenderão o ponto de vista islâmico; aqueles que não o fizerem, não a entenderão.

Allah nos diz que Ele poderia ter ordenado a toda humanidade um mesmo sentimento: “E, se teu Senhor quisesse, haveria feito dos homens uma só comunidade. Mas eles não cessam de ser discrepantes” (OSA 11:118), mas por razões que só Ele conhece, Ele não o fez. A implicação óbvia é que Deus orienta alguns e deixa outros desviarem, e isso é exatamente o que o Alcorão ensina: “Por certo, Allah descaminha a quem quer e guia para Ele quem se volta para Ele, contrito” (OSA 13:27). O fato de que Deus guia alguns e outros não está longe de ser arbitrário. Na verdade, é o resultado das ações e receptividade de cada indivíduo, pois “E não enviamos os Mensageiros senão por alvissareiros e admoestadores. Então, quem crê e se emenda, por eles nada haverá que temer, e eles não se entristecerão. E aos que desmentem Nossos sinais, tocá-los-á o castigo pela perversidade que cometiam” (OSA 6:48-49), e “O que quer de bom que te alcance é de Allah, e o que quer de mau que te alcance é de ti mesmo.” (OSA 4:79).

Em outras palavras, Deus orienta aqueles que O reconhecem, buscam Sua orientação, e provam ser dignos. Todos os outros batem suas próprias portas na frente da Sua orientação. Que Deus orienta apenas aqueles que O reconhecem e buscam Sua orientação não é menos compreensível do que o fato de que os professores só instruem aqueles que assistem às aulas, e os frentistas do posto de gasolina só dão instruções àqueles que pedem. Como a Bíblia relata

Jesus como tendo afirmado: “Pedi, e vos será concedido; buscai, e encontrareis; batei, e a porta será aberta para vós. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e a quem bate, se lhe abrirá” (Mateus 7:7-8). Se não perguntar, não procurar, bem, o que as pessoas esperam, a não ser serem deixadas no estado de ignorância que elas próprias escolheram?

Tudo isso não é mais do que um elo na cadeia de continuidade do Antigo e do Novo Testamentos ao Alcorão Sagrado. O Antigo Testamento ensina: “Eles nada sabem nem entendem, porque os seus olhos são incapazes de ver e os seus corações não conseguem compreender” (Isaías 44:18). O Novo Testamento repete efetivamente esta lição em Marcos 4:11-12 e Mateus 13:11-15.

O peso da escolha, então, recai sobre o indivíduo. Aqueles que buscam orientação atenderão ao chamado da justiça. Aqueles que negam Allah ganharão a Sua ira, mas não terão ninguém para culpar além de si mesmos. O fato de que Allah orienta aqueles que se voltam a Ele com sinceridade é uma manifestação da Sua misericórdia; e de que Ele deixa desviar os que O negam é uma manifestação da Sua justiça.

Este ponto de vista pode parecer elitista, mas, assim são todas as religiões. O mundo é uma mistura heterogênea de fações religiosas do tipo nossa-seita-será-salva-pela-graça-de-Deus-e-todas-as-outras-

queimarão-no-inferno. Muitas religiões se consideram eleitas por Deus e argumentam porque elas, e só elas, alcançarão a salvação. Tais argumentos geralmente ficam aquém, não só quanto ao raciocínio sobre o porquê de grupo em particular ser “salvo”, a explicação sempre soa bem àqueles que pertencem ao grupo, mas também quanto à incapacidade de explicar por que o resto da humanidade será condenada. A diferença, em relação a isso, entre a religião islâmica e as outras é que o Islam fornece uma explicação concreta que satisfaz ambas as extremidades da equação. Outras religiões falham, em grande parte, na abordagem deste assunto, e deixam aquele que não é membro questionando-se por que Deus guia alguns e outros não. O conceito de um Deus arbitrário simplesmente não é aceitável na mente da maioria.

Os muçulmanos afirmam que, para aqueles expostos a todas as provas ofertadas pelo Islam, um ou mais irão se sentir atraídos. Em consonância com o propósito da revelação, Allah provê algo dentre todas as provas para convencer todos e cada indivíduo da origem divina de Sua revelação. O reconhecimento é fácil; a recusa exige obstinação.

Assim, recompensa versus punição.

#### ***4: Evidência nº 2- A Linguagem do Alcorão***

*A linguagem, bem como a faculdade da fala,  
foi o presente imediato de Deus.*

-Noah Webster

O Alcorão Sagrado existe em somente uma forma escrita, mas em dez diferentes (embora complementares) leituras ou recitações, e em sete dialetos diferentes. Uma pessoa pode se perguntar como isso é possível. A resposta está nos meandros do idioma árabe que, ao contrário de línguas não semíticas, mantém uma extraordinária flexibilidade devido ao fato de que o alfabeto não contém vogais curtas. Vogais curtas, as vogais mais comuns em árabe, são designadas por sinais diacríticos (sinais distintivos, como uma barra ou um traço espiralado) colocados acima ou abaixo de consoantes. Por exemplo, a letra árabe equivalente a B em português seria pronunciada *ba* se uma barra estiver acima da letra, mas *bi* se a barra

estiver abaixo da letra. Outras formulações podem tornar a letra *bu*, *ban*, *bin*, *bun*, *baa*, *bii*, *buu*, *bai*, *bau*, etc.

Quando as palavras são escritas com seus sinais diacríticos, compreendemos prontamente sua pronúncia correta e seu significado. No entanto, quando o árabe é escrito sem sinais diacríticos, temos de confiar no contexto para determinar o significado correto de cada palavra, pois palavras grafadas de forma idêntica podem ter significados diferentes dependendo de como são suas vogais. Por exemplo, na frase: “Um grão de poeira entrou no meu olho”, a palavra árabe para “olho” pode ter vogais que significarão um espião, uma pessoa importante ou um funcionário de alto escalão, ou mesmo ninguém. Na verdade, esta palavra pode ter mais de trinta significados, incluindo diversas possibilidades, como um manancial de água (olho d’água) e um bem de capital. Mas apenas um significado faz sentido tipicamente em um determinado contexto. Raramente, múltiplos significados podem ser aplicados, mas só  *muito* raramente todos os significados possíveis serão aplicáveis no contexto em que a palavra é escrita. Imagine uma frase que contém uma ou mais palavras que têm vários significados possíveis, com todos esses significados fazendo sentido. Ora, *esta* é uma linguagem rica. Além disso, este é um dos milagres que os muçulmanos mencionam sobre o Alcorão Sagrado, pois é assim que o Alcorão está escrito, do começo ao fim.

Para começar realmente a compreender a complexidade desta questão, podemos folhear qualquer dicionário árabe-inglês respeitado, como o de Hans Wehr, *A Dictionary of Modern Written Arabic* (Um Dicionário de Escrita Árabe Moderna). O que encontraremos é que a esmagadora maioria das palavras árabes possuem múltiplas traduções. Se olharmos as mesmas palavras no livro de referência mais respeitado, de Lane *Arabic-English Lexicon* (Léxico Árabe-Inglês), encontraremos a explicação em inglês de uma única palavra árabe sendo explanada, com frequência, não apenas em parágrafos, mas em *páginas*.

À luz desta complexidade, não é de se admirar que o Alcorão possa existir sob dez recitações oficialmente reconhecidas e em sete dialetos diferentes. Para acomodar esta diversidade, o *mushaf* (livro) original do Alcorão não traz os sinais diacríticos, permitindo diferenças de pronúncia e significado de acordo com as regras de como os pontos das vogais podem ser atribuídos ao texto sem vogal. O que é surpreendente, porém, é que, apesar das muitas possibilidades linguísticas, todas as recitações não só fazem sentido, mas também se complementam entre si. Em nenhum lugar uma única frase, muito menos uma palavra, de uma recitação contradiz outra. Por exemplo, as palavras em árabe para *proprietário* e *rei* diferem por apenas um ponto de vogal, e, ainda assim, ambas são descrições apropriadas de Allah. O resultado é que a recitação do Alcorão, para

uma pessoa dotada de um conhecimento abrangente do árabe, não transmite uma lição específica, mas sim, evoca um caleidoscópio de imagens e compreensão.

Judeus e Cristãos que encontram dificuldade com o conceito de uma escritura sem vogais devem reconhecer o terreno comum entre a Bíblia e o Alcorão a este respeito, pois os manuscritos fundamentais do Antigo Testamento estão igualmente sem vogais. De acordo com a *Encyclopaedia Britannica* (Enciclopédia Britânica):

Sendo que os textos tradicionalmente omitiam as vogais na escrita, o massoretas<sup>27(NE)</sup> introduziram os sinais de vogal para garantir a correta pronúncia. Entre os vários sistemas de vocalização que foram inventados, aquele formado na cidade de Tiberias, Galiléia, acabou ganhando proemi-nência. Além disso, os sinais de acentuação e de pausa foram adicionados ao texto para facilitar a leitura pública das Escrituras nas sinagogas.<sup>28</sup>

Da mesma forma, as edições modernas do Alcorão são predominantemente registradas na recitação *Hafs 'an 'Aasim*, que se

tornou a mais popular das muitas recitações aceitas entre os muçulmanos. Uma diferença importante entre estes dois exemplos é que o texto massorético do Velho Testamento “ganhou proeminência dentre os diversos sistemas de vocalização que foram inventados” (e vamos fazer uma pausa sobre essa palavra, *inventados*), enquanto a recitação *Hafs ‘an ‘Aasim* do Alcorão Sagrado é uma das recitações reconhecidas do original.

Como discutido no volume anterior, *Desviados?*, nenhuma das revelações originais reveladas a Moisés ou Jesus são conhecidas como existentes, mas como o árabe do Alcorão, ambas foram escritas em línguas semíticas (hebraico antigo para a Torá de Moisés; e aramaico – linguagem nativa de Jesus – para o Evangelho de Jesus). Assim, se o original do Evangelho de Jesus estivesse disponível, seria certo esperar que o texto não apresentasse vogais. Mas, porque a Torá original e Evangelho de Jesus *não* estão disponíveis, os tradutores do Antigo e Novo Testamentos têm tentado compensar essa deficiência. O prefácio da *Revised Standard Version* da Bíblia observa o seguinte, no que diz respeito ao Antigo Testamento: “Os sinais de vogal, que foram adicionados pelos massoretas, são aceitos também no geral, mas onde uma leitura mais provável ou convincente pode ser obtida, assumindo diferentes vogais, esta tem sido feita.”<sup>29</sup>

Ah. Bem, *isso* não nos dá uma sensação quente e confortável, considerando que nossa salvação está pendurada na balança?

O espaço para manipulação dos textos é óbvio, e o pensamento provoca a imaginação: antes da padronização pelos massoretas, a Bíblia judaica não tinha sinais de pontuação, vogais, letras maiúsculas, e nem sequer espaços entre as palavras. Apenas por diversão, peguem as palavras de qualquer frase, em qualquer idioma, e coloquem-nas juntas, reduzam as letras maiúsculas para minúsculas, removam a pontuação, letras e sinais diacríticos vocálicos, e depois vejam como este modelo da mensagem original pode ser corrompido facilmente.

Por exemplo, o ensinamento, “God is One” (Deus é Um) seria escrito *gdsn*, o que poderia ser reescrito como “God is One”. No entanto, *gdsn* poderia facilmente ser mal interpretado como “Good son – bom filho”, “Good sin – bom pecado”, “Go do sin – Vá pecar”, “God’s son – filho de Deus” (seguindo as regras de línguas semíticas, uma única consoante, como o S neste caso, pode ser dobrada), ou mesmo “Sun-God – Deus-Sol” (em línguas semíticas, um modificador segue o seu nome. Assim, *gdsn* poderia ser expandido para “God-Sun – Deus-Sol”, o equivalente semítico de “Sun-God” em inglês).

Desta forma, poderíamos facilmente interpretar mal ou manipular o *gdsn* condensado transportando-o da ortodoxia à heresia, e aqueles que então lessem a tradução não teriam pistas da nossa corrupção. Com que facilidade poderíamos (ou, sendo mais direto, os tradutores da Bíblia poderiam) interpretar mal páginas inteiras de manuscritos do Antigo e Novo Testamento, aproximando-os mais de nossos desejos do que do real significado? E, no entanto, o mesmo não pode ser feito com o Alcorão, pois, em nenhum momento da história, a escritura do Islam esteve perdida; o original sempre esteve disponível como fonte primária pela qual era possível a identificação de erros.

A pontuação é fundamental também, como foi apontado por F. F. Arbuthnot, que relata a divertida história de um membro do parlamento britânico forçado a emitir uma retratação depois de chamar outro membro de mentiroso. O parlamentar apresentou sua retratação assim, “Eu disse que o senhor mentiu, é verdade; e eu sinto muito por isso”. No entanto, na manhã seguinte, a retração apareceu no jornal local assim, “Eu disse que o senhor mentiu. É verdade; e eu sinto muito por isso”.<sup>30</sup> A inversão de sentido pode resultar de um erro em uma única pontuação, em tais circunstâncias.

Podemos razoavelmente perguntar, então, quem determinou o que constituía uma “leitura mais provável ou convincente” das escrituras judaicas relativamente sem marcas, sem vogais, sem pontuação e com iniciais minúsculas? Essa decisão baseou-se em

preconceito doutrinário ou pesquisa objetiva? E se o sistema vocálico dos massoretas era confiável o suficiente para ser aceito como autoridade bíblica para toda uma religião, por quê a necessidade de assumir “diferentes vogais” em certos lugares, a fim de obter “uma leitura mais provável ou convincente”? Por fim, por quê restringir a conscientização pública dessas controvérsias ao, raramente lido, prefácio ao invés de mencioná-las quando ocorrem no texto?

A resposta a esta última pergunta é fácil – as controvérsias são demasiado numerosas. Livros inteiros foram escritos sobre essas disputas, e para incluir estas discussões no texto, a Bíblia judaica seria mais do que o dobro de seu tamanho. Isso também desencorajaria os leitores. Até mesmo a fé cega tem problemas em ignorar tantas controvérsias.

As condições provocam, com razão, um alto grau de suspeita por parte daqueles que reconhecem o potencial para ajustar a tradução para que corresponda à preferência doutrinária. O Prefácio da RSV continua da seguinte forma: “Às vezes, torna-se evidente que o texto sofreu na transmissão, mas nenhuma das versões fornece uma restauração satisfatória. Neste caso, só podemos seguir o melhor julgamento dos estudiosos competentes para alcançar a reconstrução mais provável do texto original.”<sup>31</sup>

O fato de que a Bíblia universalmente mais aceita na história admite que o texto tenha “sofrido na transmissão” não implica necessariamente qualquer falha nos estudos modernos, mas implica uma fundação incerta.

Assim, enquanto ambos, a Bíblia e o Alcorão, foram registrados em textos consonantais, os dois variam muito no que diz respeito à confiabilidade. O Alcorão foi revelado e mantido como uma tradição oral até os dias atuais, portanto sua pronúncia e significado nunca estiveram em questão. As várias leituras do Alcorão são todas complementares, ao contrário da Bíblia, onde “a leitura mais provável ou convincente” está ainda à procura de uma definição, uma vez que as várias possibilidades verbais diferem consideravelmente em significado. O Alcorão foi mantido sem alteração até os dias atuais, enquanto que (citando novamente o prefácio da RSV) “para o Novo Testamento, temos um grande número de manuscritos gregos, preservando muitas formas variantes do texto.”<sup>32</sup> Nenhuma delas sendo autoritativa.

O contexto em que o milagre literário do Alcorão foi revelado é importante a este respeito, pois cada profeta parece ter sido dotado com um sinal especialmente impressionante para aqueles a quem foi enviado. A habilidade mais reverenciada pelos antigos egípcios era a magia, e a mais respeitada pelos judeus era a medicina. Nenhuma surpresa, então, que Moisés houvesse recebido milagres que

atordoavam os feiticeiros da corte do Faraó, a ponto de se submeterem. Igualmente, não foi nenhuma surpresa que Jesus tivesse recebido o milagre da cura.

Então, qual era a maior habilidade e a arte mais respeitada pelos árabes? Poesia e eloquência da palavra falada. A complexidade da língua árabe decorre de uma profusão de dialetos que, “poder-se-ia diversificar os oitenta nomes para mel, os duzentos para serpente, os quinhentos para leão, os mil para uma espada, numa altura em que este copioso dicionário foi confiado à memória de um povo analfabeto”.<sup>33</sup>

Os árabes eram tão devotos ao impacto da palavra falada que realizavam festivais anuais, descritos da seguinte forma:

Trinta dias foram empregados na troca, não só de milho e vinho, mas de eloquência e poesia. O prêmio era disputado pela emulação generosa dos bardos; o desempenho vitorioso era depositado nos arquivos de príncipes e emires, e podemos ler, em nossa própria língua, os sete poemas originais que foram inscritos em letras de ouro, e suspensos no templo de Meca.<sup>34</sup>

R. Bosworth Smith comenta,

O que os Jogos Olímpicos fizeram para a Grécia manter seu espírito nacional, bem como a distinção da inde-pendência tribal, dando uma breve cessação de hostilidades, e agindo como um centro literário, foram igualmente as feiras anuais em Okaz e Mujanna na Arábia. Ali, as tribos solucionavam as suas dissensões, trocavam prisioneiros de guerra, e, mais importante de tudo, competiam entre si em concursos poéticos de improviso. Até mesmo nos “tempos de ignorância,” cada tribo apresentava seu poeta laureado; e o melhor e mais preparado tinha seu poema transcrito em letras de ouro ou suspenso na parede da entrada da Kaaba, onde seria visto por cada peregrino que visitasse o local mais sagrado do país.<sup>35</sup>

Em resumo, os árabes gostavam da sua poesia.

A consistência é comprovada, pois, assim como os milagres concedidos a Moisés oprimiram a magia dos magos de Faraó, e

Jesus, com suas ministrações, humilhou os médicos de seu tempo, Muhammad transmitiu uma revelação composta no idioma árabe mais belo já conhecido pelo homem. Uma passagem do Alcorão pode levar a lágrimas os habitantes mais endurecidos do deserto, enquanto outra pode elevar os espíritos dos fiéis para níveis de êxtase. O romancista James A. Michener, em seu ensaio, “*Islam: The Misunderstood Religion* (Islam: A Religião Mal Compreendida)”, escreveu:

O Alcorão é provavelmente o livro mais lido frequentemente no mundo, certamente o mais frequentemente memorizado e, possivelmente, o mais influente na vida diária das pessoas que acreditam nele. Não tão longo como o Novo Testamento, ele foi escrito em um estilo arrebatador, não é nem poesia, nem prosa vulgar, no entanto, ainda possui a capacidade de despertar os seus ouvintes a êxtases de fé.<sup>36</sup>

A beleza milagrosa do Alcorão é tão impactante que gerou uma infinidade de testemunhos. O mais convincente é o registro histórico dos *inimigos* de Muhammad, muitos dos quais foram tão atraídos pela beleza do Alcorão que se deslocavam sorrateiramente à noite

pelo negrume da escuridão do deserto para espionar as recitações noturnas.

Em uma dessas ocasiões, alguns desses homens trombaram uns com os outros, a caminho de suas casas após ouvirem a recitação. Identificando-se uns aos outros como os *líderes* dos inimigos de Muhammad (Abu Sufyan e Abu Jahl sendo dois dos três), juraram que nunca mais voltariam. Na noite seguinte, encontraram-se novamente nas mesmas circunstâncias. Desta vez, eles juraram *seriamente* não voltar, jurando por um de seus ídolos como testemunho à sua sinceridade. Na noite seguinte, eles colidiram na escuridão mais uma vez.<sup>37</sup> Os muçulmanos consideram esta história como evidência da beleza irresistível do Alcorão Sagrado – uma beleza tal que afeta os ouvidos e imaginação do mais endurecido dos detratores, e o mais ferrenho dos inimigos.

A conversão de Umar, um dos maiores guerreiros de seu tempo e, até o momento de sua conversão, um adversário do Islam muito temido, é frequentemente citada. Saindo decidido a assassinar Muhammad, foi desviado para a casa de sua irmã, onde, ao ouvir a recitação de apenas uma *surah*, se converteu imediatamente.

Outros casos exemplares encontram-se nos exemplos de Unays al-Ghifaari e Al-Kindii, dois dos maiores poetas muçulmanos da época de Muhammad. Unays al-Ghifaari disse, depois de seu

primeiro encontro com Muhammad: “Eu conheci um homem de sua religião em Makkah que afirma ser enviado por Allah. As pessoas afirmam que ele é um poeta, um feiticeiro ou um mago. No entanto, tenho ouvido as palavras de feiticeiros, e estas palavras em nada se assemelham àquelas proferidas por um feiticeiro. E eu também comparei suas palavras aos versos de um poeta, mas tais palavras não podem ser proferidas por um poeta. Por Allah, ele é o verdadeiro, e eles são os mentirosos!”<sup>38</sup> Al-Kindii, quando lhe pediram para compor uma passagem como as encontradas no Alcorão, afirmou que simplesmente não era possível. Al-Kindii indicou que seria necessário escrever livros inteiros, a fim de transmitir o significado de apenas algumas linhas do Alcorão. Sua incapacidade de combinar a beleza e o conteúdo do Alcorão é sustentada pelos muçulmanos como testemunho da natureza divina do desafio de Allah para a humanidade: “E, se estais em dúvida acerca do que Nós fizemos descer sobre Nosso servo, fazei vir uma sura igual à dele, e convocai vossas testemunhas, em vez de Allah, se sois verídicos.” (OSA 2:23). O leitor é lembrado que o “Nós” e “Nosso” na citação acima são traduções portuguesas do “plural majestático” (como discutido em *Desviados?*) e não o plural de número. Dito isto, a citação beneficia de um exame mais detalhado.

Está registrado que Allah desafiou a humanidade a tentar emular o Alcorão nada menos que cinco vezes. O primeiro desafio (em

ordem de revelação, não na ordem apresentada nos capítulos) foi escrever um livro inteiro igual ao Alcorão (*surah* 17:88 e 52:33-34). Quando os maiores poetas de língua árabe não puderam produzir nem mesmo um único competidor, Allah emitiu um segundo desafio: escrever dez capítulos similares aos do Alcorão (*surah* 11:13). Quando a nação árabe se pendurou pela cabeça na abjeta humilhação literária, Allah reduziu o desafio à produção de uma única *surah* como as encontradas no Alcorão (*surah* 10:38, seguida pela *surah* 2:23). Por 1.400 anos, judeus, cristãos, pagãos e ateus nativos do idioma árabe têm lutado para refutar o Alcorão por motivos religiosos, políticos e pessoais. E o árabe é seu idioma materno.

Algo parece quase surreal neste cenário, pois o capítulo mais curto do Alcorão é Al-Kauthar, número 108, comprimido com um peso substancial, ou seja, composto por três linhas. *Três*. Três linhas com umas escassas dez palavras. Então, por que a humanidade tem sido incapaz de escrever três linhas iguais ou melhores nos últimos 1.400 anos? Por que a humanidade tem sido incapaz de “produzir uma *surah* com algo semelhante”?

Os muçulmanos assinalam que padrões humanos são facilmente quebrados. Barreiras aparentemente impossíveis são rotineiramente transgredidas, recordes imbatíveis são atingidos e sucessos inimagináveis, alcançados. A milha em quatro minutos foi quebrada, a velocidade do som quebrada, a superfície da lua já foi pisada, o

átomo foi dividido e os elétrons foram congelados. Mas por que toda a humanidade foi incapaz de escrever algo como o Alcorão? Após 1.400 anos? Não é por falta de tempo para pensar, isso é certo.

Al-Walid ibn al-Mughira, um antagonista do Islam ao longo da vida e um poeta por direito próprio, admitiu: “Por Allah, eu ouvi agora um discurso (o Alcorão) de Muhammad; não é de homens ou jinn (espíritos) – é como doçura. É como o fruto mais alto em uma árvore que cresce em um solo rico, e nada pode ser melhor que este.”<sup>39</sup> Quando os melhores poetas e os inimigos mais confessos admitem a supremacia da revelação, tais opiniões devem ser respeitadas.

Ainda que alguns afirmem que Muhammad era apenas um grande poeta, os muçulmanos apontam que um traço de caráter de grandes artistas é que quando terminam de cortar suas orelhas fora, preocupam-se apenas com o seu descontentamento com o trabalho. Será que alguém esperaria que Beethoven, que teve grandes dificuldades em suas obras-primas, com pontuações fortemente marcadas em suas partituras, desafiasse o mundo a escrever música melhor? Ou será que Miguel Ângelo, que reduziu suas estátuas aos cacos porque sentia que elas não eram boas o suficiente, desafiaria o mundo a esculpir uma estátua melhor? Tal ousado desafio só pode ser feito, com confiança, por Aquele que ordena a criação e sabe que nunca permitirá que o desafio seja enfrentado. E assim, 1.400 anos

mais tarde, como observado por vários autores, o desafio continua de pé. O professor A. J. Arberry afirma: “O Alcorão abunda inegavelmente em sua fina escrita; ele tem suas próprias qualidades extremamente individuais; a linguagem é altamente idiomática, mas a maior parte é ilusoriamente simples; os ritmos e rimas são características inseparáveis de sua eloquência impressionante, e isso tudo é, de fato, inimitável.”<sup>40</sup>

A Dr.<sup>a</sup> Laura Vaglieri contribui,

O Milagre do Islam *par excellence* é o Alcorão, por meio do qual uma tradição constante e ininterrupta nos transmite notícias de uma absoluta certeza. Este é um livro que não pode ser imitado. Cada uma das suas expressões é compreensiva, e ainda de tamanho adequado, nem muito longa nem muito curta. Seu estilo é original. Não existe um modelo para este estilo na literatura árabe que o preceda. O efeito que ele produz na alma humana é obtido sem qualquer auxílio acidental por meio de suas próprias excelências inerentes. Os versículos são igualmente eloquentes ao longo de todo o texto, mesmo quando lidam com temas,

tais como mandamentos e proibições, que deveriam necessariamente afetar o seu tom. As histórias dos Profetas, descrições do início e do fim do mundo, enumerações e exposições dos atributos divinos são repetidos, mas repetidos de uma forma tão impressionante que não enfraquecem o efeito. O texto flui de um assunto para outro sem perder seu poder. Profundidade e doçura, qualidades que geralmente não caminham juntas, são encontradas juntas aqui, onde cada figura retórica encontra uma aplicação perfeita... Encontramos ali grande quantidade de conhecimento que está além da capacidade do mais inteligente dos homens, o maior dos filósofos e o mais capaz dos políticos.<sup>41</sup>

E A. Guillaume resume da seguinte forma:

O Alcorão é um dos clássicos do mundo que não pode ser traduzido sem perda grave. Ele (o Alcorão Sagrado) tem um ritmo de beleza peculiar e uma cadência que encanta o

ouvido. Muitos árabes cristãos falam de seu estilo com fervorosa admiração e a maioria dos arabistas reconhece sua excelência... Na verdade, pode-se afirmar que, dentro da literatura dos árabes, ampla e fecunda como ela é, tanto em poesia, quanto em prosa elevada, não há nada que se compare.<sup>42</sup>

Um ponto notável sobre a linguagem do Alcorão é que Muhammad recebeu pela primeira vez a revelação quando tinha quarenta anos. As pessoas conheciam seu caráter, seu caminhar, sua forma de falar, sua ética, sua moral. Eles *conheciam* o seu discurso. A observação é feita, frequentemente, sobre os hábitos e traços de personalidade não alterarem significativamente após os trinta anos de idade. Um antigo provérbio chinês afirma corretamente, “Para os homens, tal como para seda, é muito difícil mudar as cores uma vez que o corante se tenha fixado”.

Com a idade de quarenta anos, a maioria das pessoas se instalam em uma estrutura sólida de traços de caráter. Muhammad não só havia provado não ser autor (um ponto referido no versículo: “E, antes dele, tu não recitavas livro algum nem o escrevias com tua destra; nesse caso, os defensores da falsidade haveriam duvidado” [TMQ 29:48]), mas a linguagem de Muhammad foi identificada em

um plano muito inferior ao do Alcorão. Além disso, Muhammad foi muito específico sobre quais palavras eram registradas como revelação. Inicialmente, ele proibiu seus companheiros de registrar de qualquer forma suas próprias palavras, e ordenou: “Não escrevam nada de mim, exceto o Alcorão. Quem escrever qualquer coisa além do Alcorão, deverá queimá-la.”<sup>43</sup>

Até mesmo mais tarde, quando Muhammad permitiu o registro de *ahadith*, as suas palavras e as da revelação nunca foram misturadas, e não há confusão sobre o fato de que as palavras de Muhammad nunca se aproximaram da eloquência divina do Alcorão. Ainda nos dias de hoje, podemos verificar essa diferença de linguagem comparando qualquer livro de *ahadith* com o Alcorão Sagrado. As tradições de Muhammad foram gravadas em dezenas de volumes de *ahadith*, preservando seu discurso em uma infinidade de fontes que dão ao leitor uma visão extraordinária de seu caráter e habilidades literárias. No entanto, a rima e o ritmo, a essência emocionalmente evocativa da mensagem e a beleza única do Alcorão não são encontradas em nenhum lugar no discurso de Muhammad. Como a Dr.<sup>a</sup> Laura Vaglieri questionou: “Como pode este livro maravilhoso ser o trabalho de Muhammad, um árabe iletrado que em toda sua vida compôs apenas dois ou três versos, nenhum dos quais revelava um mínimo de qualidade poética; por exemplo. ‘Eu sou o Profeta e não minto. Eu sou o filho de Abd el-Mutalib’?”<sup>44</sup>

O professor A. J. Arberry elabora como segue:

Sabemos muito bem como Mohammed falava em seu humor normal, cotidiano; porque suas *obiter dicta* (opiniões incidentais) foram preservadas em grande abundância. É simplesmente falso, portanto, dizer, como disse Margoliouth, que “seria difícil encontrar outro caso em que exista uma identidade tão completa entre a obra literária e a mente do homem que a produziu”. Aceitando, como temos boa razão para aceitar, as declarações de Mohammed registradas nos livros de Tradições substancialmente autênticos, e supondo, como Margoliouth supôs,

que o Alcorão era a produção consciente de Mohammed, seria mais razoável dizer que é mais *difícil* encontrar outro caso em que a expressão literária de um homem difere tão fundamentalmente do seu discurso comum.<sup>45</sup>

O ponto é que a diferença entre a linguagem de Muhammad e a do Alcorão é tão prontamente identificável, que os difamadores do Islam têm impulsionado suas imaginações a grandes distâncias para negar o Alcorão como revelação. Muitos não muçulmanos, como o orientalista de Oxford acima mencionado, David Margoliouth, têm ido tão longe que permitem o preconceito religioso para desautorizar os critérios dos estudiosos. Estes orientalistas negam dissimuladamente o que, para os estudiosos menos tendenciosos, é uma realidade clara. Estudiosos árabes não muçulmanos (como o já referido A. J. Arberry<sup>46(NE)</sup>) prontamente apreciam a diferença entre o discurso de Muhammad e o milagre literário do Alcorão. Consequentemente, essa diferença exige explicação. Se não provém da mente de Muhammad, qual a fonte do Alcorão Sagrado?

Na tentativa de dar uma explicação sem dar créditos à revelação, alguns estudiosos têm ido tão longe quanto sugerir que Muhammad devia ter um professor que lhe ensinava a composição do Alcorão. Isto, eles propõem, poderia explicar a diferença. E, de fato poderia. No entanto, os contemporâneos de Muhammad reconheceram que a estrutura do Alcorão era completamente estranha a todas as formas lexicais da poesia árabe.<sup>47</sup> Ele permanece assim até hoje. Além disso, se alguma vez houve tal brilhante tutor, quem era ele (ou ela) e o que aconteceu com seus outros trabalhos? Onde estão suas outras composições igualmente gloriosas e distintas? O senso comum nos

diz que um povo que valorizava tanto sua literatura quanto o árabe teria preservado tais tesouros deste suposto tutor. E, no entanto, ninguém é conhecido.

Para expandir o argumento, o Alcorão quebrou muitas, se não a maioria, das regras literárias pré-existentes. Por um lado, a poesia mais frequentemente dizia respeito a questões de interesse comum – vinho, mulheres e música, por exemplo – com excursões ao esotérico através das canetas dos mestres. Na época de Muhammad, a poesia árabe, igualmente à sua paralela ocidental, deleitava-se com delícias românticas e hedonistas. No entanto, os problemas de superioridade tribal, as virtudes de pessoas e animais de raça nobre ou qualidades notáveis, as competições de força e sagacidade, os heróis locais e a história foram também objeto de glorificação poética. Como se pode imaginar, muita da poesia árabe exaltava as virtudes da própria pessoa, tribo, amigos e parentes, enquanto denegria todas as outras.<sup>48(NE)</sup>

O Alcorão quebrou este molde. O exagero foi evitado, as descrições foram confinadas aos limites da realidade e os temas escolhidos transitavam pelas áreas de direito e legislação, costumes e moral, responsabilidades sociais e civis, e crenças e práticas religiosas. A combinação de tais temas aparentemente áridos, com incontáveis relatos desprovidos de beleza, não constitui o que a maioria das pessoas consideraria ingredientes para uma obra-prima

literária. E, no entanto, mil e quatrocentos anos de poetas árabes identificaram o Alcorão como a expressão mais eloquente e provocadora que o mundo já viu em seu idioma.

Difícil de acreditar.

Mas não é isso, acaso, que constitui um milagre? Uma realidade extraordinária que desafia expectativas razoáveis?

Embora repetitivo, o Alcorão não é monótono; embora transmitido através de um condutor humano (ou seja, Muhammad), este não revela flutuações de humor e tom que são inevitáveis entre os poetas; ainda que revelado ao longo de um período de vinte e três anos, não há evolução de estilo, nem desenvolvimento de uma técnica, típicos de trabalho escrito durante um longo período de tempo. Em desafio à variabilidade humana normal, o Alcorão permaneceu consistente em sua expressão e superlativo em sua eloquência, de um assunto para outro, do começo ao fim.

Um dos aspectos mais intrigantes da suprema beleza do Alcorão é que este não foi revelado em ordem cronológica. À medida que os versículos eram revelados, Muhammad era ordenado a colocar cada novo versículo em um ponto específico do que já havia sido revelado até aquele momento. Frequentemente novos versículos eram intercalados entre dois outros versículos anteriormente revelados, inseridos em uma posição divinamente ordenada na escritura. No

prefácio à sua tradução do Alcorão Sagrado, o Professor A. J. Arberry comentou sobre este processo da seguinte forma:

Segui o arranjo tradicional de toda as perplexidades admitidas. As Suras são por si mesmas, em muitos casos – e isto tem sido reconhecido por estudantes muçulmanos desde os primeiros tempos – de caráter composto, mantendo embutidos nelas fragmentos recebidos por Muhammad em datas muito diferentes...<sup>49</sup>

Mais uma vez, os muçulmanos apontam para a incompatibilidade entre este processo e a metodologia humana. As pessoas contam histórias e narram relatos históricos, e tentam correlacioná-los. Se examinarmos um livro de história ou a Bíblia, o padrão é o mesmo – histórias são amarradas do princípio ao fim, em um esforço para manter a continuidade. A construção fragmentada do Alcorão, como foi feita, viola tanto a metodologia quanto a capacidade humana. Além disso, se Muhammad houvesse falsificado a revelação, simplesmente não seria necessário o contorcionismo literário, pois, ao longo da história, falsos messias têm enganado as massas com muito, muito menos, e por uma boa razão – os messias falsos são

preguiçosos. Não podemos imaginar jamais um falso messias que tivesse trabalhado tão duro!

Por conseguinte, para sermos justos, os que acreditam que podem trazer três versos que rivalizem com os do Alcorão; agora terão que fazê-lo de trás para frente! Agora terão que escrever a última linha em primeiro lugar (sem terem previamente concebido as duas primeiras), a primeira linha depois e a segunda linha por fim. Ou algo assim. Agora devem fazê-lo de tal maneira que cada estágio da composição represente, por si só, uma mensagem inteligente, e atinja uma eloquência literária inigualável. Além disso, os ensinamentos têm de prever um evento futuro, responder a uma preocupação atual ou ensinar um fato científico que só será conhecido nos próximos 1.400 anos. Dez leituras diferentes em sete dialetos distintos são necessárias em cada etapa da construção – cada um complementar em significado, cada um contendo as qualidades acima. Se parece impossível, a alegação dos muçulmanos é que, do ponto de vista humano, é!

No entanto, o Alcorão foi registrado apenas dessa forma ao longo de vinte e três anos, com a revelação transmitida através dos lábios de um homem iletrado, Muhammad. Se a construção de apenas três linhas parece impossível, como poderia Muhammad ter composto um livro completo desta maneira, quando ele não sabia ler nem escrever, em primeiro lugar? E sem o luxo de um trabalho escrito em

andamento a que ele pudesse se referir, como poderia ter preenchido as peças faltosas durante um período de duas décadas? Cada etapa do trabalho traz uma mensagem compreensível, de tal praticidade e beleza que nenhum ser humano foi capaz de reproduzir em poucas três linhas. Não há erros demonstráveis, incoerências ou interrupções no fluxo. Podemos imaginar todos os itens acima, em *cada uma* das centenas (se não milhares) de estágios da revelação, tendo sido realizados por um ser humano? A maioria das pessoas não pode montar um projeto faça-você-mesmo sem colocar o longo parafuso no buraco curto, deslocando erroneamente prateleiras e divisórias ou erros similares – tudo isso apesar de ter um manual na mão. No final, os esforços humanos aproximam da perfeição através de uma série de erros corrigidos.

Assim, poderia um livro de tal complexidade ter sido escrito por um homem, ou mesmo uma equipe de homens? Os muçulmanos afirmam que a revelação e o conteúdo do Alcorão Sagrado desafiam tanto a capacidade *quanto* a metodologia humanas. Depois de apenas alguns anos, se não um par de meses, os eventos teriam conspirado para negar os versículos planejados, o plano para colocar tal e tal versículo aqui ou ali teria sido esquecido, e a coisa toda teria degenerado em uma bagunça incoerente.

Sem mais, nenhum ser humano poderia prever que viveria o suficiente para completar a tarefa; uma morte precoce teria deixado o trabalho com lacunas onde haviam sido planejadas passagens futuras.

Quatorze séculos atrás, um homem de quarenta anos que vivia no deserto poderia ter esperado, razoavelmente, estar próximo do final de sua vida, e teria que correr naquilo. Haver esperado viver mais vinte e três anos naquele tempo e sob condições de perseguição e guerra contra todas as adversidades, teria parecido grosseiramente fora da realidade, na melhor das hipóteses. Uma brecha ainda maior na realidade teria sido imaginar que alguém pudesse prever acontecimentos em torno dos quais futuras passagens do Alcorão seriam reveladas.

Uma das primeiras lições que um vigarista aprende é que os bons mentirosos devem ter a melhor memória. Mas, a visão islâmica é que nenhum ser humano jamais possuiu memória necessária para compor uma obra tão complexa. E, sem dúvidas, é assim como o Alcorão foi revelado. Versículo por versículo, durante um período de vinte e três anos, o Alcorão foi reunido e preenchido de tal maneira que foi, em todos os estágios de desenvolvimento, uma incomparável e eloquente revelação, de tal sublime força e beleza que mudou os corações dos homens e o rumo da humanidade.

A questão sobre Quem foi o autor, na mente do muçulmano, não encaixa nenhum candidato humano.

Há aqueles que concordam que nenhum ser humano poderia escrever tal livro, mas que afirmam que este deve ser um trabalho de Satanás. Tais afirmações são decepcionantes, na melhor das hipóteses, pois o Novo Testamento relata que muitos judeus incrédulos fizeram a mesma afirmação sobre Jesus – que suas obras não eram de Deus, mas sim de Satanás, o príncipe dos demônios (Mateus 12:24, Marcos 3:22, Lucas 11:15).

Por um lado, os corações cristãos derretem com as histórias dos milagres de Jesus, imaginando como os judeus incrédulos poderiam ter negado esses milagres como prova da missão profética de Jesus. Os cristãos que leem estas histórias bíblicas pensam que, se tivessem estado lá, não haveriam sido tão cegos – haveriam crido. Mas será que creriam mesmo? Afinal, estes são frequentemente os mesmos cristãos que difamam o milagre do Alcorão como a obra do diabo. Tais cristãos começam a parecer muito com os judeus incrédulos da época de Jesus, pois, apesar do peso das evidências (milagres incluídos), não só adotam desculpas elaboradas para descartar a escritura islâmica, mas também comumente fazem mão da mesma alegação reflexiva – que é o trabalho do “príncipe dos demônios”.

Ainda que o desafio tenha uma resposta, os muçulmanos apontam que os ensinamentos do Alcorão Sagrado opõem essa possibilidade. *Surah* 16, *ayah* 98 (ou seja, capítulo e versículo) orienta o muçulmano: “E, quando leres o Alcorão, suplica a proteção de Allah contra o maldito Satã” (tradução Helmi Nasr). O senso comum nos diz que Satanás não escreveria um livro que orienta uma pessoa a refugiar-se dele mesmo em Deus Todo-Poderoso. Alguns podem esticar sua imaginação longamente para afirmar que Satanás é algo assim, astuto, mas somente o cristão hipócrita poderá fazer tal afirmação, pois a Bíblia diz:

“Entretanto, Jesus compreendia os pensamentos deles, e lhes afirmou: ‘Todo reino dividido contra si mesmo será arruinado, e toda cidade ou casa dividida contra si mesma não resistirá. Se Satanás expulsa Satanás, está dividido contra ele próprio. Como poderá então subsistir o seu reino?’” (Mateus 12: 25-26)

Este ensinamento é ecoado em Marcos 3:23-27 e Lucas 11:17. Para negar o argumento deve-se negar não somente a Jesus, mas também três dos evangelhos do Novo Testamento. E para aqueles que consideram a Bíblia a palavra de Deus, então, é a negação do

Brown / Guiados?

próprio Deus. Qual o ponto? Essa *Surah* 16, *ayah* 98 não é apenas um argumento muçulmano. É, de fato, um argumento bíblico!

O mundo islâmico apresenta assim este desafio: Se o homem e Satanás são excluídos como autores, Quem exa-tamente sobra?

## ***5: Evidência nº 3 – Relação da Revelação a Eventos Precedentes***

*O passado é um país estrangeiro; ali se faz  
as coisas de forma diferente.*

- L. P. Hartley, *The Go-Between*  
(O Intermediador), Prólogo

Muitas histórias bíblicas são recontadas no Alcorão, mas com diferenças significativas. Um desafio frequente é a afirmação de que o Alcorão foi copiado do Antigo e Novo Testamentos. Há muitas dificuldades com esta proposta, a primeira é que Muhammad era iletrado e não poderia ter lido as escrituras judaicas e cristãs ainda que tivesse tentado. Além disso, os judeus árabes e cristãos não poderiam ler suas Bíblias, mesmo que tivessem tentado. Porquê?

Porque elas não existiam. A evidência sugere que não havia tal coisa como uma Bíblia em árabe durante a vida de Muhammad, nem por séculos a seguir.

Esta falta de uma Bíblia em árabe é perturbador para aqueles que propõem que Muhammad copiou histórias bíblicas para o Alcorão. Embora a descoberta de uma Bíblia em árabe anterior ao século VII trouxesse alegria considerável para estes requerentes, esta pesquisa revelou-se decepcionante. A *Enciclopédia de Religião e Ética*, uma série de tomos volumosos cheios de veneno e calúnias contra o Islam, apesar de tudo, admite: “Não existe evidência de quaisquer partes da Bíblia terem sido traduzidas para o árabe antes do Islam.”<sup>50</sup> O *Dicionário da Bíblia* de Hasting, atribui a primeira tradução ao árabe da Bíblia ao século X<sup>51</sup>, enquanto que a *Enciclopédia Judaica* atribui a primeira tradução ao árabe do Antigo Testamento tanto para Hunayn ibn Ishaq (800-873 EC) como para Saadiah (Joseph Gaon, 882-942 EC).<sup>52</sup>

Assim, temos que nos perguntar quais eram as fontes judaicas e cristãs na época de Muhammad. Se não havia a Bíblia em árabe, o que havia? Copiar algo que não existia seria, digamos, difícil – ainda mais difícil para os iletrados.

A presença de judeus e cristãos na Península Arábica durante o tempo de Muhammad é bem conhecida. Khadijah (a primeira esposa

de Muhammad) tinha um primo idoso, Waraqah ibn Nawfal, que era cristão. Além disso, Muhammad entrou em contato com Bahira-Sergius, um monge nestoriano da Síria, em uma idade jovem. O contato com os judeus de sua comunidade e a oportunidade de educação na sua religião, não era menos provável. Assim, um caso pode ser estabelecido por Muhammad ter aprendido o básico das religiões judaica e cristã através das tradições orais deles. À medida que os judeus e cristãos passavam os ensinamentos de suas religiões uns aos outros, também poderiam transmiti-los a Muhammad. Este caso pode ser desenhado. E tal caso, pode ser destruído.

O problema com esta proposta não é que as tradições orais judaicas e cristãs não estivessem disponíveis, pois sem dúvida estavam prontamente disponíveis. Não, o problema diz respeito exatamente *a quais* ensinamentos judaicos e cristãos circulavam na Península Arábica na época de Muhammad. Porque, de fato, os árabes não pareciam ter abraçado o ponto de vista tradicional das religiões judaica e cristã durante este período. Em relação ao período da missão profética de Muhammad, a *Nova Enciclopédia Católica* comenta,

Nem os judeus árabes nem os cristãos árabes, infelizmente, deveriam ser

classificados entre os melhores representantes de suas crenças naquela época. Os primeiros haviam vivido em relativo isolamento, possivelmente, desde meados do primeiro milênio aC, apesar de haverem tido um pequeno êxito em seu proselitismo; e os últimos eram principalmente monofisistas heréticos, distantes, em todos os sentidos, dos centros de ensino cristão.<sup>53</sup>

Paul D. Wegner, autor de *A Viagem dos Textos às Traduções*, contribuiu com isto:

As Escrituras não parecem ter existido em uma versão árabe antes do tempo de Muhammad (570-632), quem conheceu a história do evangelho apenas na forma oral e, principalmente, a partir de fontes siríacas. Estas fontes siríacas foram marcadas pelo Docetismo (a crença que Jesus tinha apenas uma natureza divina e só aparentou ser encarnado – eles pensavam que o mundo material e, portanto, o corpo eram

inerentemente maus)...<sup>54</sup>

Daí o problema. A proposta é que Muhammad copiou de fontes judaicas e cristãs, mesmo: sendo iletrado, não existindo cópias da Bíblia e as únicas fontes de tradições orais judaicas e cristãs vindo dos mais pobres “representantes de suas crenças”. Em outras palavras, estas eram as tradições dos heréticos monofisistas, docetistas e nestorianos. Por que, então, o Alcorão não copiou o dogma peculiar a estas seitas heréticas? Por que o Alcorão condena associar Jesus Cristo com a divindade, ao invés de endossar a crença monofisista em uma união de divindade e humanidade numa só natureza, a de Jesus Cristo? Por que o Alcorão valida Jesus Cristo como um homem, e não defende o conceito docetista de Jesus ter sido um fantasma? E por que o Alcorão rejeita a alegação nestoriana da união de Deus (o filho) com Jesus (o homem)? Se o Alcorão foi copiado de tradições orais, e os árabes judeus e cristãos eram representantes fracos de sua fé, por que suas heresias não são argumentadas no Alcorão Sagrado? Por que o Alcorão aborda as crenças válidas da ortodoxia judaica, os relatos históricos comumente aceitos de ambos Antigo e Novo Testamentos, e as questões principais do Cristianismo Trinitário de Constantinopla? Por que não apresenta os conceitos heterodoxos dos judeus e cristãos árabes do tempo de Muhammad?

Da mesma forma, temos que nos perguntar o porquê de o Alcorão registrar a história de forma diferente de como os árabes a entendiam. O Alcorão afirma, repetidamente, que revela detalhes históricos até então desconhecidos aos árabes – incluindo judeus e cristãos. Acerca da história de Noé, o Alcorão ensina: “Esses são alguns informes do Invisível, que te revelamos, Muhammad. Não os conhecias, antes disso, nem tu nem teu povo” (OSA 11:49).

E, ainda, ninguém, seja um pagão bem viajado, um judeu ou cristão acadêmico ou mesmo um muçulmano, jamais correu para a frente da congregação gritando: “Espere um minuto, eu sabia disso!” Mais uma vez, copiar tradições judaicas ou cristãs que não existiam, quer em papel, quer na tradição oral, seria, pois, problemático. O que poderia possivelmente ter sido a fonte de tais informações se as *autoridades* das outras religiões não tinham pistas?

O ponto mais importante, no entanto, é que o Alcorão corrige, em vez de repetir, erros bíblicos. O que devemos pensar de um livro que corrigiu os ainda desconhecidos erros, considerados “verdade do evangelho” durante a vida de Muhammad? Um livro feito pelo homem, projetado para atrair as massas seria esperado vir com uma confirmação, em vez de negação, da opinião popular. Da verdadeira revelação, no entanto, seria esperado que se corrigisse as falsidades, não importando o quão desagradável a verdade pudesse parecer. E tal

é o caso com o Alcorão Sagrado – as crenças corretas foram reforçadas e os erros desconhecidos foram corrigidos.

As correções mais importantes dizem respeito aos elementos da crença, como discutido no primeiro volume desta série, *Desviados?*. O Alcorão Sagrado desafia os cristãos, dizendo-lhes para olhar em seu próprio livro, pois eles descobrirão que Jesus nunca se chamou de “Filho de Deus” (ver *Desviados?*). Agora, como poderia Muhammad ter sabido disso? Como discutido acima, ele não pôde ler o livro deles. Além disso, *eles* não poderiam ler seu próprio livro; foram dois séculos antes que uma tradução estivesse disponível. Então, quais foram as fontes de Muhammad? Mais uma vez, o máximo que ele poderia ter ouvido eram trechos de tradições orais cristãs. Mas como ele saberia que as tinha ouvido todas? Ou corretamente? Sem uma Bíblia como referência, como ele poderia saber que em todo o Novo Testamento Jesus nunca houvera se identificado como o “Filho de Deus”? A aposta mais segura, dado o que lhe deve ter sido dito, teria sido afirmar exatamente o oposto. Hoje em dia, é raro o cristão que sabe que Jesus jamais se intitulou de “Filho de Deus” na Bíblia. Então, como Muhammad poderia saber disso?

Exemplos de correções mais objetivas e verificáveis incluem evidências científicas. Mas, também podemos considerar um elemento simples, como a idade de Jesus no início de seu ministério.

Segundo a Bíblia, “Jesus tinha cerca de trinta anos de idade quando iniciou seu ministério...” (Lucas 3:23)

É o que diz a Bíblia.

E também, a maioria dos cristãos.

No entanto, a história sugere que Jesus era bem mais velho – talvez tão velho quanto quarenta e seis, mas não inferior a trinta e oito.<sup>55</sup> Onde obtivemos esses números? Jesus nasceu durante o reinado do rei Herodes, o Grande da Judéia (que morreu pouco depois de um eclipse lunar datado pelos astrônomos a 12-13 de março, 4 aC) e começou seu ministério após a prisão de João Batista. Por que João Batista foi preso? Por repreender Antipas – filho do rei Herodes o Grande, também conhecido como Herodes de Tetrarca (isto é, governador) da Galiléia e Perea – por se casar com sua própria sobrinha e cunhada. Ora, bem podemos supor que Antipas não poderia ter se casado com sua cunhada, a menos que seu irmão estivesse, de uma forma ou outra, fora de cena. Algum pequeno grau de rivalidade entre irmãos poderia ter se apresentado. Com certeza, em suas *Antiguidades Judaicas*, o historiador do século I, Joséfo, documentou que o querido irmão de Herodes, Filipe, morreu “no vigésimo ano do reinado de Tibério”, o que corresponde a 33-34 EC.<sup>56</sup> Uma novela aqui, uma batalha lá, uma viagem para buscar a viúva de luto questionável, um casamento, uma repreensão pública, e

João Batista encontrou-se na prisão aguardando a dança da enteada manipuladora. O momento aponta para Jesus começando seu ministério em, ou depois de, 34 EC, de acordo com os evangelhos de Marcos e Lucas: “E depois que João foi levado à prisão, Jesus partiu para a Galiléia, pregando a todos as boas novas de Deus” (Marcos 1:14).

Considerando o intervalo de tempo entre 4 aC e 34 EC como sendo de trinta e oito anos, Jesus não poderia ter começado seu ministério antes da idade de trinta e oito.

Partindo do princípio de que Jesus não nasceu no dia da morte do Rei Herodes o Grande, e deixando um período de tempo mais razoável para que seu filho, Herodes Antipas, tenha adquirido a sua cunhada, é mais provável que Jesus estivesse na casa dos quarenta. Tal suposição não é pouco razoável. Para entender o porquê, vamos considerar a sequência de eventos:

1. Jesus Cristo nasceu durante o reinado do rei Herodes, o Grande. (Mateus 2:1)

2. Após o nascimento de Jesus, os magos (homens sábios), tendo visto a estrela sinalizando o seu nascimento milagroso, vieram a Jerusalém do Leste. (Mateus 2:1)

Brown / Guiados?

-- Essa é uma viagem enorme. Em um período da história onde o transporte de primeira classe significava um camelo que não cuspia, tais coisas exigiam tempo.

3. Herodes enviou os magos em uma viagem de reconhecimento a Belém. (Mateus 2:8)

-- Esta é uma segunda viagem.

4. Os magos voltaram para seus países, sem o conhecimento de Herodes. (Mateus 2:12)

-- Esta é uma terceira viagem.

5. Um anjo de Deus instruiu José que “levantasse”, e fugisse. (Mateus 2:13)

6. José se levantou... (Mateus 2:14)

-- Isso tomou um minuto, ou algo assim.

7. E levou a família para o Egito por tempo indeterminado. (Mateus 2:14)

-- Isso provavelmente levou um pouco mais. Uma quarta viagem.

8. Herodes descobriu sobre o engano. (Mateus 2:16)

-- Isso provavelmente levou algum tempo também. Uma quinta viagem (feita pelo mensageiro).

9. Herodes, sendo um homem bem paranoico, tendo executado sua amada esposa Mariamna e, em ocasiões separadas, três filhos que ameaçavam seu trono, enviou seus lacaios por tirania para matar todos os meninos de dois anos de idade ou menos, em Belém e nas vizinhanças. (Mateus 2:16)

--Por que dois anos de idade ou mais jovens? “...de acordo com as informações que havia obtido dos sábios” (Mateus 2:16). Em outras palavras, Jesus Cristo estava na infância.

10. Após um período indeterminado de tempo, Herodes morreu. (Mateus 2:19)

Dado o cenário acima, podemos razoavelmente esperar que Jesus tenha nascido pelo menos dois anos antes do falecimento do rei Herodes, o Grande. Em outras palavras, ele nasceu em ou antes de 6 aC. Da mesma forma, podemos razoavelmente esperar que os eventos que rodearam o sombrio casamento de Herodes Antipas se desenrolaram um pouco mais lentamente do que um estalar de dedos.

De repente, a pergunta feita a Jesus em João 8:57: “Tu ainda não tens cinquenta anos, e viste a Abraão?”, faz sentido. Podemos esperar logicamente que, se Jesus estivesse em seus trinta anos, este desafio

teria sido redigido: “Ainda não tens 40 anos de idade...”. Mas, não foi assim. E agora entendemos o porquê.

Ilustrar ainda uma outra dificuldade bíblica não é o ponto. A mensagem que levamos para casa é que, até hoje, os cristãos leem Lucas 3:23 (“Jesus tinha cerca de trinta anos de idade quando iniciou seu ministério...”), e afirmam que Jesus começou o seu ministério em torno dos trinta anos de idade. Se Muhammad questionasse, isto é certamente o que lhe seria dito. Agora, o que o Alcorão diz? Que Jesus falou ao povo na infância e quando ele era *kahlan* (*Surah* 5:110). *Kahlan* descreve um homem com idade entre trinta e cinquenta.<sup>57</sup> Se a Bíblia tivesse sido copiada, seria esperado encontrar a reivindicação “de Lucas” que Jesus tinha “cerca de trinta anos”. No entanto, da mesma forma que a evidência histórica desafia o registro bíblico, a descrição do Alcorão corrige, ao invés de repetir, este erro bíblico.

Que tal um outro exemplo? O título *faraó* foi aplicado a governantes egípcios apenas durante os anos 1539-1292 aC e cerca de 945-730 aC.<sup>58</sup> Citando: “O termo egípcio tornou-se um título de respeito para o rei durante a 18ª dinastia... Qualquer uso de 'Faraó' para reis anteriores a Tutmés III é um anacronismo”<sup>59</sup>. E Tutmés III viveu – que rufem os tambores, por favor – de, aproximadamente, 1490 a 1436 aC.<sup>60</sup> Assim, qualquer uso do termo *faraó* antes da

década de 1490 aC seria um anacronismo: “uma atribuição de um costume, evento, etc., a um período errado”<sup>61</sup>

O que isso tem a ver com a Bíblia e o Alcorão Sagrado?

Durante o tempo do profeta José (cerca de 1700 aC), o Egito foi governado por uma linha diferente da monarquia. E assim havia sido por algum tempo. A dinastia dos hicsos, que eram árabes étnicos, usurpou o trono egípcio por volta de 2000 aC, e governou o Egito até o fim do décimo quinto século aC. Eles nunca chamaram seus reis de “Faraó”. E aqui José estava, nos últimos mil e setecentos, exatamente no meio da dinastia dos hicsos. No entanto, a Bíblia rotula os reis de ambos, José (Gênesis, capítulos 39-50) e Moisés (Êxodo 2-18), como “Faraó.” O que sabemos da história, no entanto, entra em conflito com o uso desse termo durante a época de José. Mas, bem, um de dois não é ruim, se esse é o padrão de precisão que buscamos em um livro de revelação.

Ora, o que diz o Alcorão?

O Alcorão reconhece corretamente o rei do tempo de Moisés como “Faraó”, mas identifica o rei do Egito na época de José como tal – o “Rei” (Ver *Surah Yusuf* – isto é, *Surah* 12). Aqui, novamente, o Alcorão corrige, em vez de repetir, um erro bíblico, apesar do fato de o Alcorão mencionar o título “Faraó” mais de setenta vezes. No entanto, cada um destas menções refere-se a um período histórico em

que o monarca do Egito foi realmente identificado como “Faraó”. Considerando este contexto, o subterfúgio conspícuo da utilização desse termo em referência ao governante durante a época de José parece significativo.

Falando do Egito, o Alcorão registra o Faraó ordenando um homem chamado Haman a cozer tijolos para construção (OSA 28:38). A palavra *haman* nos é apresentada por hieróglifos e crê-se significar “o chefe dos trabalhadores das pedreiras”.<sup>62</sup> Em outras palavras, em um tempo e lugar onde a construção era, em grande parte, o mesmo que empilhar blocos, o “Haman” era encarregado de produzir os suprimentos.

Agora, os hieróglifos desapareceram séculos antes da época de Muhammad, e só voltaram a ser compreendidos com a descoberta da Pedra de Roseta em 1799 EC. Aqui está o que aconteceu: Após a morte de Marcus Antonius (Marco Antônio) e Cleópatra em 30 aC, a governação romana substituiu o sistema dinástico egípcio, e o latim se tornou o idioma do reino. Por conseguinte, o sistema de escrita dos hieróglifos morreu dentro do século seguinte. A descoberta da Pedra de Roseta ressuscitou os hieróglifos, mas a compreensão não foi nada fácil. Mesmo com a Pedra de Roseta em mãos, isso demandou tempo (mais de vinte anos), inspiração e algumas das mentes mais brilhantes da Europa. Tudo nos leva a questionar a forma como o autor do Alcorão soube que o título do homem encarregado do

material de construção era “Haman”. Com os hieróglifos mortos e enterrados há mais de 500 anos, e tais títulos presumivelmente extintos também, qual era a fonte de tal conhecimento na época de Muhammad?

Ora, consideremos um exemplo menos obscuro.

Jesus nunca identificou seus seguidores como “cristãos”. Na verdade, seus seguidores não adotaram esse rótulo até anos depois de seu ministério. No entanto, uma vez adotado, o rótulo permaneceu. Então, se Muhammad tivesse perguntado aos cristãos de seu tempo como se denominavam, eles teriam dito, “cristãos” (ou *masihiyyun*, em árabe). *Masihiyyun* descreve os seguidores (*-iyyun*) de Cristo (*Messiah* em hebraico, *Masih*, em árabe).

Faz sentido? Certamente. Hoje em dia, os cristãos ocidentais se identificam apenas como isso mesmo – cristãos. Da mesma forma, os seus homólogos árabes se identificam como *masihiyyun* (seguidores de Cristo). Por qual nome, então, Muhammad conheceria os seguidores de Jesus? Como *masihiyyun*. Por que, então, esta palavra não é mencionada nenhuma vez no Alcorão? Nenhuma, única, solitária vez?

O Alcorão menciona os cristãos repetidamente, não como “cristãos” ou *masihiyyun*, mas como *nasara* (nazarenos). Ora, espere um minuto. Quantos cristãos, em qualquer lugar do mundo, se

denominavam de “nazarenos”? Muito poucos, eu suspeito. Por que, então, o Alcorão emprega fielmente o termo bíblico de “nazareno”, em vez do rótulo popular árabe: *masihiyyun*? Quem disse a Muhammad que, embora praticamente todos os cristãos se identifiquem como “cristãos”, Jesus nunca o fez? Nós encontramos em Atos 11:26 que “Em Antioquia, os discípulos foram, pela primeira vez, chamados cristãos”. Em outras palavras, os incrédulos aplicaram, pela primeira vez, este termo para os seguidores de Cristo por volta de 43 EC, cerca de dez anos após o seu ministério. Além disso, não parece ter sido uma denominação educada.

Ao contrário da crença popular, o termo *cristão* parece ter sido concebido como uma denominação de desprezo. É como os descrentes chamavam os seguidores de Cristo – um nome de mau gosto aos crentes que se consideravam judeus, seguidores do mais recente na linha dos profetas judeus. E, no entanto, esta denominação é agora usada com orgulho, apesar do fato de que, “parece ter sido amplamente mais usada por pagãos, e de acordo com Tácito era de uso comum na época da perseguição de Nero (Anais, 15.44)”<sup>63</sup>.

Em outras palavras, “cristão” era um rótulo pejorativo imposto sobre os crentes por seus inimigos. E, no entanto, o termo pegou e, com a humildade cristã típica, foi adotado, finalmente.

Tudo bem. Agora nós sabemos. Mas quantos leitores sabiam desse fato antes de lê-lo aqui? Mais diretamente, quem disse a Muhammad? Quem contou a Muhammad que o termo “cristão” (*Masihyyun*, em árabe) começou sua vida como um termo depreciativo, que nunca foi proferido por Jesus Cristo? Quem disse a Muhammad que um termo bíblico mais respeitoso seria *Nasara*? E por que Muhammad se deu ao trabalho de nadar contra a corrente da opinião pública tão esmagadora e forte? Exceto, é claro, se ele só transmitisse palavras dadas a ele – palavras que corrigiam a sua própria opinião, bem como a maioria do resto da humanidade?

As questões acima referidas, embora abordem detalhes relativamente pequenos de precisão histórica, são altamente significativas. São estes detalhes minuciosos que funcionam como detonadores sobre os quais a falsa missão profética é senão um dedinho do pé. Ninguém tropeça em um edifício; são sempre os pequenos obstáculos, aparentemente insignificantes, em que as pessoas tropeçam. No entanto, ao invés de lustrar os velhos erros, são justamente esses pontos minuciosos de pormenores que o Alcorão corrige com requintada precisão.

A Bíblia ensina, “Quem é fiel no pouco, também é fiel no muito, e quem é desonesto no pouco, também é desonesto no muito” (Lucas 16:10). Se esse ensinamento é aplicado à Bíblia, a significância de sequer o menor erro (ou seja, infidelidade ao detalhe) se torna

aparente. Mesmo tão pouco como a cópia de um erro deveria fazer soar o alarme para o fato de que “quem é desonesto no pouco, também é desonesto no muito”. Os detalhes são importantes, pois é com base no detalhe que diferenciamos a falibilidade humana e a inerrância divina.

E, então, há o caso de Iram.

O Alcorão Sagrado faz menção passageira a uma cidade chamada Iram (OSA 89:7). Como se constata, Iram esteve perdida para a história por mais de 3.500 anos, e só recentemente foi descoberta. Quem, então, conseguiria mencionar Iram no Alcorão Sagrado? Por dois mil anos anteriores à revelação, não havia provas de que ela tivesse existido.

A rota arqueológica de Iram passa através da antiga cidade de Ebla, como discutido na edição de dezembro de 1978 da *National Geographic*. O artigo, “Ebla, o Esplendor de um Império Desconhecido” descreve um dos maiores achados arqueológicos da época atual, a descoberta da cidade de Ebla no Noroeste da Síria.<sup>64</sup> A magnitude da descoberta de Ebla foi relatada como segue:

Em 1975, Matthiae [Paolo Matthiae, um dos dois arqueólogos responsáveis pela escavação] obteve um prêmio arqueológico. Nas ruínas de um palácio aparentemente

destruído no século 23 aC, ele se deparou com o maior arquivo do terceiro milênio jamais desen-terrado. Mais de 15.000 tabuletas e fragmentos cuneiformes – os registros comerciais, tratados, crônicas – sussurraram, através das névoas da antiga e ambígua sintaxe, de um império semítico desconhecido, com Ebla como sua sede, uma vez que dominou grande parte do Oriente Médio... Este achado atingiu o mundo acadêmico como um raio.<sup>65</sup>

Quão grande é esta descoberta? Para citar o Dr. Ignace J. Gelb, “Ebla era um poderoso reino, que tratava em pé de igualdade com os estados mais poderosos da época.”<sup>66</sup> Quão importante são as tabuletas cuneiformes? Citando o Dr. Giovanni Pettinato, “*Todos os outros textos deste período recuperados até a data não perfazem um quarto dos de Ebla*”.<sup>67</sup>

Esta enorme coleção de placas de escritura cuneiforme (tabuletas de argila inscritas com escrita cuneiforme) levanta o véu de obscuridade da face da história para revelar uma imagem contrária a muitas concepções clássicas. Estes fragmentos revelam uma cultura rica em uma comunidade próspera – tanto que os arqueólogos

especialistas concluem: “Ebla rivalizava com Egito e Mesopotâmia como uma grande potência do mundo antigo”.<sup>68</sup>

Uau.

Então, o que aconteceu com tão grande cultura? Para onde foi?

Sob a terra.

Por volta de 2300 aC, Sargão derrotou Ebla e arrasou a cidade. O incêndio do palácio transformou a biblioteca em um forno, e o fogo cozeu as tabuletas preservando-as como cerâmica. Camadas escavadas das ruínas revelam que Ebla foi reconstruída apenas para ser destruída novamente em torno de três séculos mais tarde, provavelmente pelos amorreus. Reconstruída sobre as ruínas, mais uma vez, “Ebla floresceu brevemente mais uma vez, mas por volta de 1800 aC a cidade começou a declinar, e dentro de dois séculos, finalmente desapareceu da história”.<sup>69</sup>

O que isto tem a ver com Iram? Ebla, como todas as grandes potências mundiais, mantinha registros de todas as cidades com as quais tinha transações comerciais ou tributárias. Estes registros foram armazenados na biblioteca do palácio. E o que encontramos lá? A menção de Beirute, Damasco, Gaza, Sodoma, Gomorra, entre outros. O que mais? “Também está incluída Iram, uma cidade obscura referida na *Surah* 89 do Alcorão”.<sup>70</sup> Então, em 1975, Iram, como

mencionada no Alcorão Sagrado 1.400 anos atrás, tornou-se historicamente verificada.

O que mais foi verificado? Os registros da biblioteca de Ebla mencionam também as cidades de Ad e Shamutu (acredita-se ser a cidade dos primeiros povos árabes conhecida como Thamud): duas outras civilizações perdidas mencionadas no Alcorão.<sup>71</sup> Na verdade, cinco versículos curtos no Alcorão (89:6-10) mencionam quatro civilizações perdidas, as quais foram agora historicamente identificadas: Iram, Ad, Shamutu e o povo do Faraó.

Muhammad poderia ter sabido de Iram? De Ad? Sem dúvida, ele sabia do povo do Faraó, e quase certamente ele sabia de Shamutu, em termos de estrutura, sim; mas, não no nome, pois as ruínas de Shamutu existem até hoje na cidade árabe de *Mada'in Salih*. Mas Iram e Ad? Poderia Muhammad ter sabido de culturas que desapareceram milhares de anos antes do sol se levantar em seu primeiro dia nos braços de sua mãe? Poderia ele conhecer os nomes das cidades perdidas, em um tempo e lugar onde a coisa mais próxima de uma autoestrada de informação era uma trilha de terra e um camelo rápido?

Não é provável.

O norte americano comum não poderia nomear as três primeiras colônias nos Estados Unidos, e poderia ainda marcar a resposta

incorreta mesmo se lhe fosse oferecida uma pergunta de múltipla escolha. E essas colônias não só são bem conhecidas, mas também possuem apenas alguns séculos de idade. Então, por quais meios chegaram a Muhammad os nomes Iram, Ad e Thamud? Fazer referência a nomes perdidos é arriscado – a menos, é claro, que você seja Deus.

E isso, os muçulmanos afirmam, é o ponto.

Quando evocamos a imagem de um falso profeta, tendemos a imaginar alguém que se esforça para ganhar a confiança de seus seguidores. Um falso profeta seria muito tolo se lidasse com quaisquer fatos, profecias, ou crenças diversas do que os comumente aceitos, sejam válidos ou não. Então, por que Muhammad arriscaria tanto, nomeando civilizações perdidas, quando ele poderia ter limitado seus comentários a cidades famosas, como Nazaré? Os cristãos ao redor Muhammad deviam ter enchido seus ouvidos com contos de Nazaré, por isso, temos de perguntar porque Nazaré não é mencionada no Alcorão. Estabelecer uma conexão com Nazaré teria fomentado uma boa vontade considerável entre seus compatriotas cristãos, e nós nos embarçaríamos ao tentar imaginar o dano. Exceto, é claro, que Nazaré não existisse. E, é um fato, pode não ter existido.

Nazaré é mencionada vinte e nove vezes no Novo Testamento, mas nenhuma cidade com esse nome parece ter existido na época de Jesus. Agora, quer Nazaré tenha de fato existido ou não, não é absolutamente relevante. Mas, é interessante notar que os romanos tinham abrangentes registros fiscais e mercantis de todas as cidades da Palestina. Eles eram metódicos nestes registros, pois não lhes agradava ter que vasculhar o campo em busca dos bolsos dos camponeses para sacar os impostos. Nazaré, no entanto, não é mencionada. Além disso, Nazaré “não está entre os locais mencionados em Josué 19:10f., nem é referida por Josefo, quem deu os nomes de quarenta e cinco cidades da Galiléia, nem pelo Talmud, que nomeou sessenta e três”.<sup>72</sup>

Na verdade, a *Enciclopédia Judaica* nos informa que, fora da Bíblia, Nazaré não é mencionada no registro histórico até o terceiro século EC.<sup>73</sup> Temos que saber se isso reflete uma deficiência no registro histórico ou um erro na Bíblia. Houve ou não uma Nazaré nos tempos de Jesus?

Alguns estudiosos especulam que Nazaré e a moderna *en Nasira* são a mesma localidade. Mas ninguém sabe ao certo.

Por que, então, Jesus Cristo foi chamado de o Nazareno? Difícil dizer. No entanto, *nazareno* é a tradução portuguesa do grego *nazoraios*, que parece derivar do hebraico *nozrim*, que se deriva de

*nozrei ha-brit* – o antigo nome hebraico pelo qual a comunidade de Qumran se identificava como os “Guardiões da Aliança”.<sup>74</sup> Se esta extração parece forçada, podemos considerar que o termo moderno *tsar* (ou *czar*) deriva de *kaiser*, que, por sua vez, é derivado de *César*, e que não tem relação alguma com hambúrgueres ou saladas gourmet. Como todos os etimologistas sabem, palavras separadas por dois mil anos enrugam com a idade.

Mas para voltar ao *nazareno*,

Ao contrário dos pressupostos da tradição posterior, não tem nada a ver com a suposta educação de Jesus em Nazaré, que, de acordo com a evidência (ou falta dela), sugere que nem sequer existia na época. Na verdade, parece que a própria perplexidade dos primeiros comentadores, encontrando o termo desconhecido “Nazareno”, os levou a concluir que a família de Jesus veio de Nazaré, a qual, até então, não tinha aparecido no mapa.<sup>75</sup>

Pesquisando na Palestina agora, encontramos Nazaré na Galiléia inferior (isto é, no Norte da Palestina). O problema é que a cidade

com este nome não parece ter existido nos tempos bíblicos. Então, será que a nomeação de uma cidade palestina por “Nazaré” representa um esforço cristão para aterrar uma deficiência bíblica? Pode ser. Mas o mais provável, como é o caso com a cidade norte americana de Belém, Pensilvânia, é que os pais fundadores da cidade palestina de Nazaré adotaram o nome bíblico simplesmente porque gostaram.

Uma coisa que podemos dizer com certeza é que Jesus Cristo não nasceu em Belém, Pensilvânia. Da mesma forma, não há nenhuma boa razão para presumir que ele teve qualquer associação com a cidade palestina que agora reivindica o título de Nazaré.

Seja como for que este malabarismo de nomes bíblicos tenha ocorrido, a questão é que se trata de mais um ponto de precisão do Alcorão. A Bíblia menciona um lugar que parece não ter existido na vida de Jesus, enquanto o Alcorão não o faz. Evitar a repetição deste erro bíblico pouco conhecido nos diz algo importante sobre o Alcorão e seu autor. “Nazaré” é exatamente o tipo de moeda escritural popular que foi um apelo aos cristãos do tempo de Muhammad, no entanto, não há qualquer menção dela no Alcorão Sagrado.

Estranho.

Isto é, se supormos que o Alcorão foi de autoria humana.

Mas voltando a Iram. A proposição da existência de uma cidade para a qual não havia nenhum registro durante a vida de Muhammad (para não mencionar nos quatorze séculos seguintes) é muito ousada para um homem. Ainda mais ousada seria a menção de não apenas uma, mas *três* dessas cidades, *em sucessão*. Isso é... isso é... bem, isso é além de improvável. Muhammad tinha que ter sido tanto tolo, quanto historicamente afortunado. E qual, poderíamos perguntar, foi a motivação? Pois não havia nada a se ganhar e muita coisa a se perder com tal menção.

Por outro lado, os muçulmanos propõem que o nosso Deus Onisciente sabia que 1.400 anos mais tarde haveria evidência de Iram e Ad e o povo Thamud seria identificado, fornecendo sinais para a época presente.

Mmmm.

Os muçulmanos sustentam que um dos milagres do Alcorão é apenas isto – atemporal. Embora a revelação tenha sido concluída cerca de 1400 anos atrás, os milagres continuam a aparecer, mesmo nos dias de hoje.

## ***6: Evidência nº 4- Relação da Revelação a Eventos Contemporâneos***

*A verdade se tornaria mais popular, se  
não afirmasse sempre fatos  
desagradáveis.*

-Henry H. Haskins

O fato de que passagens específicas do Alcorão foram reveladas ao mesmo tempo que os eventos descritos, não é particularmente surpreendente. O que é surpreendente, no entanto, não é o que contém a revelação, mas o que está conspicuamente ausente.

Por exemplo, Muhammad sobreviveu a seu primeiro amor e primeira esposa, a mulher com quem passou vinte e cinco anos de sua juventude, Khadijah. Ela morreu depois de dois longos e dolorosos anos, nos quais os pagãos de Makkah baniram, perseguiram e submeteram Muhammad e seus seguidores à fome. Vinte e

cinco anos de amor, apoio, carinho e bondade – foram-se. Sua primeira esposa, tão amada que ele permaneceu fiel a ela durante todo seu casamento e ao longo de sua juventude – foi-se. A primeira pessoa a acreditar em sua missão profética, a mulher que deu à luz todos, exceto um de seus oito filhos – foi-se. Tão dedicada a ele que ela esgotou a sua riqueza e sacrificou suas relações tribais para apoiá-lo. Depois disso, ela se foi.

Os músicos cantarolam sobre seus amores perdidos; artistas imortalizam suas paixões em mármore e sobre tela, fotógrafos preenchem álbuns com memoriais brilhantes e poetas derramam seus corações em papel com a tinta do lamento. No entanto, apesar do que as pessoas poderiam esperar, em nenhum lugar do Alcorão se menciona o nome de Khadijah. Nenhuma vez. As esposas de Faraó, Noé e Ló são aludidas, mas Khadija não é mencionada uma única vez. Porquê? Pois não era amada? Quando Muhammad, mais tarde, teve várias esposas, sua, então, favorita esposa, A'ishah, comentou que nunca sentiu tantos ciúmes de nenhuma outra mulher como sentia de Khadijah, pois Muhammad lembrava-se dela frequentemente, com amor e respeito. A'ishah, certa vez, relatou que Muhammad comentou,

Ela acreditou em mim quando ninguém mais o fez. Ela abraçou o Islam quando as pessoas não acreditavam em mim. E ela me ajudou e confortou com sua pessoa e riqueza, quando não havia mais ninguém para me estender uma mão. Eu tive filhos apenas com ela.<sup>76</sup>

E, no entanto, a mulher que preencheu a vida e a mente de Muhammad nunca foi mencionada no Alcorão. De fato, nem seu pai (que morreu antes de seu nascimento), sua mãe (que morreu quando ele era criança), nem sua esposa Khadija, nem nenhum dos seus filhos ou filhas são mencionados. Eles não são sequer insinuados.

Muitos orientalistas afirmam que o Alcorão não é uma verdadeira revelação e que este veio da mente de Muhammad. Para agravar a peculiaridade desta afirmação, o fato surpreendente é que a *única* mulher mencionada pelo nome no Alcorão é Maria, uma israelita e a mãe de Jesus. E ela é mencionada em termos elogiosos. Aliás, toda uma *surah* leva seu nome. O muçulmano questiona se isto poderia ser o produto da mente de um homem. Declarar Muhammad um falso profeta, quando ele excluiu da revelação que reivindicou as mulheres que encheram sua vida e memória, em favor de uma mulher israelita e mãe de um profeta israelita, vai, de forma imprudente, contra o fluxo razoável de expectativa.

Durante a vida de Muhammad, ele viu cada um de seus quatro filhos morrer. Todas, exceto uma de suas quatro filhas, morreram antes dele. Seu tio favorito, Hamzah, foi morto em batalha e mutilado de uma maneira horrível. Muhammad e seus seguidores foram regularmente insultados, humilhados, espancados e, em algumas ocasiões, assassinados. Certa ocasião, os miúdos de um camelo

abatido foram despejados nas costas de Muhammad enquanto ele estava prostrado em oração. O peso enorme destas miudezas supostamente o imobilizou no chão, até que sua filha o limpou. Ora, os camelos cheiram mal já quando vivos. Imagine o cheiro de suas entranhas em decomposição sob o sol tropical. Então, tente imaginar que está sendo enterrado no emaranhado daquela viscosidade ofensiva, riachos de fluidos de camelo apodrecendo escorrendo pelos seus braços expostos, rosto e, ó sim, atrás das orelhas. Uma refrescante ducha na cabeça está a léguas de distância disso, e o sabonete ainda sem patente registrada. Tais eventos devem ter torturado a memória de Muhammad. No entanto, não foram descritos em nenhum lugar do Alcorão.

Em uma nota mais positiva, Muhammad era obcecado com a higiene oral. Ele escovava os dentes antes de cada oração, o que equivale a nada menos que cinco vezes por dia. Além disso, ele ensinou seus companheiros a escovarem a língua, mais de 1.300 anos antes da língua ser reconhecida como a principal fonte de halitose. A limpeza era uma paixão do Profeta e uma prática associada à oração muçulmana. Mencionado no Alcorão? Nenhuma vez.

Muhammad ensinou que cada doença tem sua cura. Se verdadeiro ou não, as tradições confiáveis contam que ele acreditava firmemente nisto. Por que, então, não encontramos o Alcorão preenchido com remédios caseiros? A única menção de qualquer produto de valor

medicinal é uma referência ao mel, em que “há cura para os homens” (OSA 16:69). Certamente, as empresas farmacêuticas que produzem pastilhas para garganta e resfriado não contestam este ponto.

Assim, o Alcorão é notável, pois seu conteúdo não reflete o que o mensageiro pensava. Na verdade, em alguns casos, o Alcorão faz exatamente o oposto, e corrige erros de julgamento de Muhammad.

Por exemplo, muitas passagens definem questões com as quais Muhammad e seus companheiros estavam sendo afetados imediatamente, ou enviam lições relativas a eventos contemporâneos. Tais passagens são inúmeras. No entanto, em vez de afirmar o julgamento de Muhammad, o Alcorão não apenas admoesta alguns dos crentes, mas também corrige Muhammad por vezes. A *Surah* 80 adverte Muhammad por ter franzido a testa e virado as costas a um muçulmano cego que, em busca de orientação, interrompeu uma conversa à qual Muhammad atribuiu prioridade erroneamente. O erro de julgamento era compreensível, mas foi um erro, no entanto. E, de acordo com o Alcorão Sagrado, foi um erro digno de correção.

Em outras ocasiões, a revelação admoestou Muhammad por proibir para si mesmo o uso do mel (depois de haver sido enganado, acreditando que causava mau hálito – OSA 66:1), por aconselhar o seu filho adotivo a manter o casamento quando o divórcio era preferível (OSA 33:37), e por rezar pelo perdão dos hipócritas

(muçulmanos-somente-no-nome, aos quais foi negada a misericórdia de Allah devido à sua obstinada rebelião – OSA 9:80). A admoestação por seu erro de julgamento em relação a seu filho adotivo, Zaid, e seu casamento infeliz com Zainab, foi de tal constrangimento que a esposa de Muhammad, A'ishah, comentou mais tarde que, “Se Muhammad houvesse ocultado algo da revelação, teria ocultado este versículo [isto é, OSA 33:37]”.<sup>77</sup>

Em uma ocasião, Muhammad foi corrigido por ser vingativo<sup>78(NE)</sup>, em outra por ser leniente.<sup>79(NE)</sup> Apesar de tais erros de julgamento serem raros, eles realçam a humanidade dele.<sup>80 (NE)</sup> Igualmente importante, eles revelam sua sinceridade, pois os erros de Muhammad requereram uma correção d'Aquele a quem Muhammad representava, para não haver má interpretação com aprovação de Deus. No entanto, ao contrário de um falso profeta, que teria ocultado seus defeitos, Muhammad transmitiu a revelação que imortalizou seus erros, e a admoestação de Deus em relação aos mesmos.

Portanto, aqui está um homem que alegou que cada letra da revelação provinha de Deus, incluindo as passagens que corrigem seus próprios erros e o instruem a se arrepender. Curioso. Quer dizer, se imaginamos o Alcorão tendo sido de autoria de um falso profeta. Os falsos profetas são mentirosos ou iludidos e, ambos os tipos tentam construir uma confiança em seus seguidores, apresentando-se

Brown / Guiados?

como perfeitos. O autor do Alcorão não se encaixa neste perfil.  
Então, se não um homem, Quem foi o autor do Alcorão?

***7: Evidência nº 5- Relação da Revelação  
a Eventos Subsequentes***

*Eu não sei o que o futuro nos reserva, mas  
sei quem detém o futuro.*

- Ralph Abernathy

Como comentou Albert Einstein sabiamente: “Eu nunca penso no futuro. Ele chegará brevemente”. O problema é que, quando o futuro vem *realmente*, este é, frequentemente, contrário às expectativas. Daí a dificuldade com previsões. O Único que pode saber do futuro com certeza é Aquele que o determina. Todos os outros expõem sua falibilidade humana quando jogam com previsões, e os eventos futuros tipicamente provam que estavam errados, pelo menos parte do tempo.

A validade das previsões bíblicas não surpreende aqueles que presumem que muito da Bíblia provém de Deus. Assim, igualmente, com o Alcorão Sagrado. O que é problemático, no entanto, *seria* considerar o Alcorão de autoria humana em face da notável precisão de suas previsões.

Ao contrário de outros livros, incluindo a Bíblia, os muçulmanos afirmam que não há uma única previsão feita no Alcorão que possa ser atacada do ponto histórico ou científico. E, de fato, aqueles que desejam desacreditar o livro sagrado do Islam têm procurado desesperadamente um elo fraco nas profecias do Alcorão por quase 1.400 anos. Até o momento, eles não desacreditaram nada, pois nenhum erro do tipo jamais foi encontrado. Por esta razão, devemos notar que os detratores da religião islâmica geralmente concentram suas críticas sobre questões emocionais, tais como práticas islâmicas consideradas de mau gosto na sociedade ocidental. Em outras palavras, eles nos dizem o que não gostam sobre o Islam, ao invés de refutar a evidência islâmica. Esta é, na melhor das hipóteses, uma abordagem caprichosa.

Devemos ter este fenômeno em mente, pois o fato é que não há nenhum livro na história, além do Alcorão, que tenha tanto êxito nas suas previsões. Escolha qualquer livro de algum filósofo, adivinho ou falso profeta, e talvez encontre algumas previsões que se tornaram realidade, mas também encontrará bastantes que não se

concretizaram. Não é assim com o Alcorão Sagrado, cuja precisão repele qualquer crítica razoável.

Por exemplo, no início da história do Alcorão, quando os muçulmanos ainda eram uma minoria oprimida em Makkah, um versículo foi revelado na *Surah* da “Lua”, que prometia a vitória (na batalha) para os muçulmanos sobre os Quraish pagãos (ou seja, a tribo dominante em Makkah):

Será que vossos renegadores da Fé, ó Quraich, são melhores que aqueles, ou tendes absolvição, nas Escrituras? Ou dizem: “Somos uma multidão vitoriosa”? A multidão será derrotada e fugirão eles, voltando as costas. Aliás, a Hora é seu tempo prometido; e a Hora é mais horrenda e mais amarga.

(OSA 54:43-45)

Bem, no momento dessa revelação, os muçulmanos eram poucos, fracos e regularmente espancados e mortos pela maioria pagã. Cinco anos mais tarde, quando emigraram para Medina, os muçulmanos ainda eram tão fracos que a principal tribo de Makkah, os Quraish, confiscou suas terras, propriedades e riquezas, deteve suas esposas, e

torturou e matou os poucos infelizes que não tinham proteção tribal. Os muçulmanos não só não possuíam força para enfrentar, mas também não tinham número suficiente para esperar qualquer coisa além de uma vida de perseguição. O xarope no *kanafa*<sup>81(NE)</sup> foi que os versículos do Alcorão que comandavam os muçulmanos a lutar contra a opressão e a tirania ainda não haviam sido revelados. Além disso, em um povo cujos laços familiares eram tão estreitos, o conceito de declarar guerra à própria tribo era estranho para todos, exceto ao maior sociopata que se possa imaginar.

Então, aparentemente essa previsão parecia tão fora de lugar, que o futuro segundo califa do Islam, Umar ibn al-Khattab, questionou: “Qual grupo vamos derrotar?”<sup>82</sup> Nem sequer ele havia compreendido imediatamente que a revelação falava dos muçulmanos derrotando os pagãos da sua própria tribo dos Quraish. E, só mais tarde, quando os muçulmanos foram realmente ordenados a combater a tirania e opressão, havia número suficiente para isso. O seguinte versículo da *surah* da “Luz” foi posteriormente revelado em Makkah, antes da emigração muçulmana a Medina:

Allah promete aos que, dentre vós, creem e fazem as boas obras que os fará suceder, na terra, como fez suceder aos que foram antes deles, e que lhes fortalecerá a religião, de que Se agrada, no tocante a eles, e que lhes

trocará segurança, após seu medo. Eles Me adorarão, nada Me associarão. E quem renega a Fé, depois disso, esses são os perversos (OSA 24:55).

Como previsto na *Surah* da “Lua”, a “multidão” de descrentes dos Quraish “pôs-se em fuga” e “deu as costas” na batalha de Badr. O exército dos Quraish excedia os muçulmanos por mais de quatro a um, mas foram os Quraish que sofreram as maiores perdas. Em vez de massacrar os muçulmanos, como sua esmagadora superioridade em homens e armas poderia nos levar a acreditar, os mortos dentre os Quraish superaram os muçulmanos em cinco para um. Ambos os lados disseram ter visto anjos que lutaram nas fileiras muçulmanas, e os Quraish fugiram aterrorizados.<sup>83, 84</sup>

Posteriormente, em cumprimento à *Surah* da “Luz”, os muçulmanos foram decisivamente vitoriosos quando pacificamente retomaram Makkah em 8 dH.<sup>85(NE)</sup> Fiéis à previsão, o seu medo e insegurança foram substituídos por segurança e paz, devido à sua autoridade estabelecida tanto no poder quanto na religião.

A paz e a segurança encontradas em Makkah são, por si só, uma realização da revelação, como apresentada:

“E não os empossamos em um Santuário

seguro (Makkah), para o qual se levam frutos de toda espécie, como sustento de Nossa parte?...”

(OSA 28: 57<sup>86</sup>)

E isto também:

“E não viram eles que Nós lhes fizemos um Santuário seguro (Makkah), enquanto os homens, a seu redor, são arrebatados?”

(OSA 29:67<sup>87</sup>)

Conforme previsto, Makkah não só continuou a ser um “santuário seguro” até os dias de hoje, mas também, apesar da terra seca e dura e do clima desértico, a infinidade de lojas de alimentos e frutas testemunham a promessa de “frutos de toda espécie, como sustento de Nossa parte...”.

Esta menção às frutas e provisão na revelação pode parecer, à primeira vista, peculiar, pois para qual finalidade deveria tal menção ser feita? Especulações à parte, o fato é que essa menção *foi* feita, e apesar do terreno vulcânico estéril, do duro clima desértico, e do isolamento geográfico, a cidade sagrada de Makkah, desde então, desfrutou da mais ampla e improvável fonte de alimento.

No que diz respeito à conquista acima, este versículo foi revelado:

Quando chegar o socorro de Allah e também a vitória, e vires os homens entrar na religião de Allah, em turbas...

(OSA 110:1-2)

Depois da conquista e conversão de Makkah, delegados de toda a Península Arábica trouxeram a promessa de lealdade de tribos e comunidades inteiras. Tal história de conversões *massivas* voluntárias desafia normas religiosas. E, no entanto, foi predita.

O que mais foi predito?

Antes da conquista de Makkah, os muçulmanos enfrentaram enormes dificuldades, pois estavam imprensados entre a oposição dos descrentes e a traição dos hipócritas dentre suas fileiras. Enquanto que, em Medina, a tribo judaica de Bani Nadir não cumpriu seu tratado com os muçulmanos e foi obrigada a deixar a cidade dentro de dez dias. Abdullah ibn Ubayy, chefe dos hipócritas em Medina, prometeu apoio à tribo Bani Nadir na forma de um exército de dois mil homens, e prometeu seguir os judeus se estes fugissem ou fossem expulsos. Os dias seguintes foram um período tenso para os muçulmanos, que se consolaram com a revelação,

Não viste os que são hipócritas? Dizem a seus irmãos que renegam a Fé, dentre os seguidores do Livro: “Em verdade, se vos fizerem sair, sairemos convosco e jamais obedeceremos a alguém contra vós; e, se fordes combatidos, socorrer-vos-emos.” E Allah testemunha que, por certo, eles são mentirosos. Em verdade, se os fizerem sair, não sairão com eles; e, se forem combatidos, não os socorrerão... (OSA 59:11-12)

Quaisquer medos desapareceram com a expulsão de Bani Nadir dentro do ultimato de dez dias. Fiel à predição do Alcorão, os hipócritas não os acompanharam e nem os defenderam. Numa altura em que os muçulmanos ainda eram fracos e vulneráveis, previsões, como a citada acima, seriam consideradas demasiado otimistas, se não francamente tolas, se tivessem vindo de um homem.

A previsão de que deve ter parecido semelhantemente precipitada, dadas as circunstâncias, foi a seguinte:

Dize aos que, dentre os beduínos, ficaram para trás; “Sereis convocados a combater contra um povo dotado de veemente fúria;

combatê-los-eis, ou se islamizarão.”

(OSA 48:16).

Colocando-nos em uma circunstância similar, não podemos evitar pensar no que teríamos sentido, como novos convertidos ao Islam, se nos fosse dito que seríamos chamados para lutar contra “um povo dotado de veemente fúria”. Certamente esta revelação desanimadora teria sido considerada uma forma peculiar de incentivar a um seguidor, se fosse oriunda de um homem. No entanto, a previsão *foi* feita, e anos após a morte de Muhammad, os muçulmanos não só combateram, mas derrotaram os impérios romano e persa, grandes potências mundiais dotadas de “veemente fúria”. Podemos acusar Muhammad de haver manipulado eventos para cumprir com a revelação que transmitiu? De ter atacado os impérios romano e persa para o propósito de *tornar* a revelação realidade?

Ah, *não!* Ele faleceu antes que a profecia se cumprisse. E, em qualquer caso, quem poderia prever que *qualquer* grupo poderia conquistar os impérios romano ou persa, muito menos ambos?

Uma das previsões mais interessantes do Alcorão foi a *Surah* 111 quanto à condenação ao inferno de Abu Lahab (um dos tios de Muhammad) e sua esposa. Bem, obviamente, ninguém pode testemunhar a disposição final deste casal. No entanto, o Islam ensina

que todos os muçulmanos acabarão por alcançar a salvação. Por quê? Porque o Islam ensina que Allah pode punir os crentes não arrependidos de seus pecados, mas que Allah acabará por resgatar todos os muçulmanos das torturas do inferno e os colocará no paraíso em recompensa por sua fé. Isso é o que os muçulmanos acreditam e é uma pedra angular das suas convicções.

Como é que isso diz respeito à previsão de Abu Lahab e sua esposa sendo condenados ao inferno? Simples. Abu Lahab era um dos mais notórios antagonistas de Muhammad. Sua animosidade o levou a contradizer praticamente tudo o que Muhammad dizia e ele costumava seguir Muhammad pela cidade apenas para esta finalidade. Então, por que, quando foi revelada uma *surah* que implicava que Abu Lahab nunca se arrependeria, ele simplesmente não se levantou e disse, “Arrependo-me”? Afinal, essa era a sua natureza – tudo o que Muhammad dizia, ele o contradizia. Ainda com hipocrisia, tudo o que ele ou sua esposa deveriam fazer era dizer a *shahada* (testemunho de fé), e  *fingir* terem se tornado muçulmanos. Se qualquer um deles houvesse feito isso, poderiam ter criado um conflito suficiente para danificar ou mesmo destruir a religião. Ou qualquer previsão do Alcorão sobre sua condenação teria sido provada ser errada, ou o ensinamento de que todos os muçulmanos acabariam por serem abençoados com o paraíso teria sido contrariado

pela sua conversão. De qualquer forma, para a satisfação dos observadores, a revelação teria sido invalidada.

Então, por que um ou ambos não fizeram isso? Por que um deles não fingiu se converter?

Não foi por falta de tempo para refletir, isso é certo.

A *Surah* 111, que continha a previsão em discussão, foi revelada em 3-4 aH (“antes da Hijra”), e Abu Lahab morreu em 2 dH.<sup>88</sup> Sua esposa morreu cerca de seis anos depois.<sup>89</sup> Então, Abu Lahab e sua esposa tiveram mais de cinco e dez anos, respectivamente, para falar. Sem dúvida, havia muçulmanos que os pressionaram a fazê-lo, e amigos anti-islâmicos que tentaram incitá-los a proclamar sua conversão. Lembre-se, o código de ética deste casal incluía mentira, tortura e assassinato dos crentes. Então, por que se mantiveram à margem da hipocrisia?

Os muçulmanos afirmam que apenas uma coisa os deteve - não lhes foi dada permissão. Aquele que estabelece as regras desta vida, Aquele que emprestou à humanidade mentes e corpos (e irá exigir a sua devolução), Aquele que pode abrir ou fechar as mentes, bocas e corações de Sua criação, Este pode fazer as alegações mais ousadas, a mais certa das previsões. Por quê? Porque Ele não só conhece o futuro; Ele *determina* o futuro. E se Ele decreta que certas palavras

não passarão pelos lábios de pessoas específicas, bem, isso é tudo que acontecerá.

Os muçulmanos afirmam que nenhum ser humano pode fazer promessas como esta. Essa promessa só pode ser feita por Aquele que sabe que não permitirá que Seu livro seja contrariado.

A profecia é duplamente impressionante, não apenas por causa da ousadia da reclamação, mas porque o exemplo é repetido. A *Surah* 74:11-26 condena outro dos adversários de Muhammad – desta vez Al-Walid ibn Al-Mughirah.<sup>90</sup> Al-Walid organizou uma convenção de opositores em uma tentativa de consolidar a sua crítica contra o Alcorão Sagrado. A história do conflito entre a sua realização privada e profissão pública exemplifica maravilhosamente como o pensamento racional pode ser substituído pelo orgulho.

A história é a seguinte: Al-Walid ouviu Muhammad recitar o Alcorão e parecia comovido com isso. Ele afirmou que a recitação não era poesia, magia, ou loucura, mas só poderia ser o discurso de Allah. Quando esta notícia chegou a Abu Jahl (outro antagonista notório), ele acusou Al-Walid de tentar agradar o profeta: um rumor circulando entre os quraish. Al-Walid sucumbiu ao orgulho e respondeu: “Os Quraish sabem que sou o mais rico deles e não preciso de nada de Muhammad”. Abu Jahl disse: “Então você deve esclarecer a sua posição sobre o assunto. Diga-lhes o que você pensa

sobre Muhammad”. Al-Walid respondeu: “O que devo dizer sobre ele? Por Allah, não há nenhum dentre vós mais conhecedor da poesia árabe e suas escalas do que eu, nem da poesia dos Jinn [espíritos]. O que ele [Muhammad] diz não se assemelha a nada disso. Por Allah, é um belo discurso, esmaga o que está abaixo e ultrapassa aquilo que está acima”. Abu Jahl declarou: “As pessoas não vão ficar satisfeitas com isto. Você deve pensar em algo para dizer”. Al-Walid disse: “Deixe-me pensar”. Quando ele voltou para se reunir com os líderes dos quraish sobre o que deveriam dizer a respeito de Muhammad, alguns diziam que Muhammad era um mágico, e outros diziam que ele era louco. Al-Walid afirmou: “Todas essas coisas que vocês estão dizendo, eu sei, são falsas, mas o mais próximo dessas palavras é que ele é um mágico, porque a magia separa um filho de seu pai, uma pessoa de seu irmão, um marido de sua esposa, ou uma pessoa de sua tribo.”<sup>91</sup>

Tal é também o efeito da revelação, aliás, é registrado que Jesus Cristo ensinou: “Pensai que Eu vim para trazer paz à terra? Não, Eu vo-lo asseguro. Ao contrário, vim trazer separação! De agora em diante haverá cinco em uma família, todos divididos uns contra os outros: três contra dois e dois contra três. Estarão em litígio pai contra filho e filho contra pai, mãe contra filha e filha contra mãe, sogra contra nora e nora contra sogra” (Lucas 12:51-53).

Mas, estou divagando. O ponto é que Al-Walid sucumbiu ao orgulho e, pouco depois, foram revelados os versículos:

“Deixa-Me Só, com quem Eu criei,  
E para quem fiz riquezas extensas,  
E filhos sempre presentes,  
E para quem tudo aplainei, plenamente.  
Em seguida, ele aspira a que Eu lho  
acrescente.

Em absoluto, não lho acrescentarei! Por  
certo, quanto a Nossos sinais, ele foi  
obstinado.

Obrigá-lo-ei a penosa escalada.  
Por certo, ele refletiu, e decidiu.  
que ele morra! Como decidiu!  
Mais uma vez, que ele morra, como  
decidiu!

Em seguida, ele olhou.

Depois, carranqueou, e ensombrou-se-lhe o  
semblante.

Depois, voltou as costas, e ensoberbecu-  
se;

Então, disse; “Isso não é senão magia  
herdada dos antepassados.

Isso não é senão o dito dos mortais.

Fá-lo-ei queimar-se no Fogo Infernal.”

(OSA 74:11-26)

Estes versículos foram revelados dez anos antes do sujeito discutido neles, Al-Walid ibn Al-Mughirah, morrer.<sup>92</sup> Então, mais uma vez, a ousadia da previsão do Alcorão exige uma explicação. Como poderia o autor destes versículos ter sabido que Al-Walid nunca voltaria à sua impressão inicial e se converteria – ou apenas fingiria, a fim de colocar a revelação em questão? E um falso profeta teria arriscado a sua pretensão de profecia com uma previsão tão arriscada e desnecessária?

Por outra destas previsões improváveis, teríamos que voltar aos romanos e persas, e perguntar-lhes se um falso profeta teria arriscado sua reputação em chutes de longa distância, como estes:

A *Surah* Ar-Rum (ou seja, os romanos), *Surah* 30, *ayah* 2-4, foi revelada no momento de uma vitória persa sobre Roma, *antes* da notícia da batalha atingir Makkah. Estes versículos reconheceram a vitória da Pérsia e previram uma reversão das fortunas dentro de três a nove anos. Como a história registra, a Pérsia comemorou a vitória sobre Roma em Antióquia em 613 EC, e os bizantinos foram posteriormente derrotados em Damasco, expulsos da Armênia, e

invadidos em sua querida cidade Jerusalém.<sup>93</sup> Os persas tomaram a Calcedônia, em 617 EC e conquistaram o Egito em 619.<sup>94,95</sup> Os persas eram imbatíveis e a situação parecia sombria para o Império Romano, até que Heráclio lançou sua campanha histórica de 622-627 EC. Os romanos decisivamente atacaram as forças persas em solo armênio em 622 EC, três anos depois de perder o Egito, nove anos após a derrota na Antióquia, tendo suas outras derrotas acima mencionadas no prazo de três a nove anos.<sup>96,97</sup> A *Surah* 30:2-4, menciona:

Os Romanos foram vencidos, na terra mais próxima. E eles, após sua derrota, vencerão, dentro de alguns anos. De Allah é a ordem, antes e depois. E, nesse dia, os crentes jubilarão.

(OSA 30:2-4<sup>98</sup>)

A história é notável, pois a esta altura o Império Romano estava em decadência (historiadores datam a queda do Império Romano de 395-476 EC). Os visigodos saquearam Roma em 410 EC, os vândalos e os alanos saquearam em 455 EC, Átila, o Huno, invadiu a área pouco tempo depois, e o último imperador do Império Romano unido foi deposto no final do século V. Assim, uma profecia de que o já desintegrado Império Romano teria uma vitória sobre o exército

persa, aparentemente superior no início do século sétimo, teria parecido imprudente, se fosse feita por um homem. E assim foi julgada por aqueles que negavam a revelação. Homens como Ubai ibn Khalaf.

O evento é narrado em muitos relatos da história árabe. Os árabes consideravam o conflito entre a Pérsia e Roma como uma disputa entre o paganismo e a religião revelada. Os árabes pagãos consideravam os persas adoradores do fogo como irmãos no paganismo, ao passo que os muçulmanos consideravam os romanos, que eram cristãos a esta altura, seguidores dos profetas e da cadeia da revelação, adoradores do mesmo Deus. Muitos árabes acreditavam que a vitória no campo de batalha refletia a superioridade do deus do vencedor. Assim, quando os persas foram vitoriosos sobre Roma, os árabes pagãos celebraram. Em seguida, as *ayat* (versículos) acima foram reveladas fortalecendo os corações dos crentes. Quando o futuro primeiro califa, Abu Bakr As-Siddiq, soube da revelação, ele apostou cem camelos com um dos árabes pagãos, Ubai ibn Khalaf, que a vitória persa seria derrubada em três a nove anos, conforme profetizado. Nove anos mais tarde Abu Bakr ganhou uma manada de camelos e a enciclopédia de provas islâmicas ganhou mais uma entrada.<sup>99</sup>

A cereja no topo do bolo desta previsão é a linha final, “E, nesse dia, os crentes jubilarão”. Na época de Muhammad, as notícias

levavam de semanas a meses para encontrar seu caminho através das areias da Arábia. Como, então, poderia o Alcorão prever que os muçulmanos estariam regozijando no mesmo dia que os persas foram derrotados? No entanto, tal precisão aconteceu, pois os persas foram derrotados no mesmo dia em que os muçulmanos celebraram sua vitória sobre os descrentes na batalha de Badr. Uma coincidência humana improvável – ou plano divino?

Mas, já falámos o suficiente sobre Roma.

Vamos voltar para a *Surah* 15, *ayah* 9, que promete que “Por certo, Nós (Allah) fizemos descer o Alcorão e, por certo, dele somos Custódios” (OSA 15:9). Esta promessa é notável em vários níveis, sendo o primeiro que, até esta data, tem sido cumprida – o Alcorão atual mantém-se inalterado desde a revelação original. A extensão deste milagre é evidente quando comparamos o Alcorão com as escrituras de outras religiões mundiais, pois, como discutido em *Desviados?*, nenhum outro livro de revelação existe na pureza de seu original, incluídos o Antigo e o Novo Testamentos. E, enquanto a revelação transmitida através de Moisés parece estar parcialmente preservada, o evangelho de Jesus se perdeu por completo.

Outro ponto é que a previsão anterior (que Allah irá proteger o Alcorão da corrupção) teria sido um tanto tola e desnecessária se Muhammad fosse um impostor. Ele não ganharia nada com uma

profecia tão avassaladora, e teria perdido tudo se uma única letra da revelação tivesse sido extraviada ou esquecida. E havia mais de 300.000 letras em jogo.

Outra profecia impressionantemente estranha é encontrada na *Surah 5, ayah 82*:

Em verdade, encontrarás, dentre os homens, que os judeus e os idólatras são os mais violentos inimigos dos crentes. E, em verdade, encontrarás que os mais próximos aos crentes, em afeição, são os que dizem: “Somos cristãos.” Isso, porque há dentre eles clérigos e monges, e porque não se ensoberbecem.

Tomada em seu contexto, a singularidade desta profecia não é apenas o fato de que 1.400 anos de história provaram que é verdade, mas também que Muhammad forjou vários tratados de cooperação com diferentes tribos judaicas. Consequentemente, esta *ayah* (versículo) é apenas uma de muitas que estava em risco de ser refutada durante a vida de Muhammad. Mas, não foi o caso. Apesar da expectativa razoável de que os judeus tivessem estado do lado dos, cada vez mais poderosos, muçulmanos, as diferentes tribos judaicas

violaram praticamente todos os tratados que fizeram – uma tendência mantida até a atualidade, na longa trajetória sionista de Israel na ONU e suas violações de acordos de paz com a Palestina.

É de se admirar, então, que Muhammad houvesse liberado seus guarda-costas. Vivendo entre ódio e traição, o Profeta sobreviveu a várias tentativas contra sua vida. Em ocasiões diversas, ele foi severamente espancado, sufocado com seu próprio manto e apedrejaram-no até que o sangue chegou em seus sapatos. Uma tribo tentou esmagá-lo com uma pedra; outra envenenou sua comida. Diferentes inimigos levantaram espadas para matá-lo, e não apenas no campo de batalha. Por duas vezes, beduínos tomaram a espada de Muhammad (uma vez enquanto ele estava dormindo no deserto e outra enquanto estava sentado em um poço), com a intenção de matá-lo em um estado indefeso. Ambos os beduínos deixaram a espada cair, pois encontraram-se fisicamente incapazes de sustentá-la. Na noite de sua emigração para Medina, cada tribo em Makkah enviou um representante para matar Muhammad, conforme um pacto para compartilhar a responsabilidade da ação, a fim de escaparem da culpa. A lista continua. E assim, não sem razão, Muhammad mantinha guarda-costas enquanto dormia. No entanto, quando o seguinte versículo foi revelado, ele os despediu:

Ó Mensageiro! Transmite o que foi descido  
de teu Senhor, para ti. E, se o não fazes, não

haverás transmitido Sua Mensagem. E Allah te protegerá dos homens. Por certo, Allah não guia o povo renegador da Fé. (OSA 5:67)

Muhammad ouviu a promessa de Allah sobre a proteção divina, e imediatamente anunciou a seus guardas, “Ó pessoas, deixem-me, pois Allah, o Altíssimo, me protege.”<sup>100</sup>

E assim aconteceu.

Após demitir seus guardas, os atentados contra a vida do Profeta continuaram, mas, de alguma forma, eram sempre frustrados. No final, a alma de Muhammad partiu dentro das paredes de sua casa, com a cabeça apoiada nos braços de sua esposa, A'ishah, depois de sofrer uma doença breve, mas fatal. Qual o ponto da história? Em uma época e lugar e sob circunstâncias em que uma pessoa poderia sentir que o mundo inteiro estava contra si, Muhammad despediu seus guarda-costas embasado na promessa da revelação, e tal promessa foi cumprida.

A bizarrice do cenário tem um inegável elo de verdade. Os falsos profetas são, legitimamente, paranoicos. À medida que atentados contra suas vidas aumentam em número, eles também reforçam a sua guarda e tornam-se reclusos. Despedir os seus guarda-costas em

tempos de guerra – e com um histórico de contínuas tentativas de assassinato – desafia a razão mundana. Se o Alcorão viesse da mente de um charlatão, seria esperado exatamente o oposto. Esperaríamos que o “profeta” transmitisse uma falsa revelação que exortasse os fiéis a protegê-lo de seus inimigos. Mas não foi assim que aconteceu com Muhammad, mais uma vez desafiando a humanidade a considerar a origem divina do Alcorão. Além disso, quem tem o poder de cumprir tais promessas ousadas de proteção ao longo da vida? Longe de qualquer dúvida, não é um homem.

O parágrafo final deste capítulo envolve uma história familiar do Antigo Testamento. O Faraó era um tirano que oprimia uma nação, assassinava por capricho e matava os filhos dos judeus, temendo a multidão de sua raça. Enquanto os soldados do Faraó distribuíam infanticídio na aldeia, Moisés foi posto numa cesta sobre as águas, na beira do rio que passava pela propriedade do Faraó. Assim, enquanto grandes pedras estavam sendo levantadas pelos escravos oprimidos e empilhadas de acordo com o decreto real, Moisés cresceu para atordoar o mundo com o seu temor a Deus e piedade.

Após um número de conversas acaloradas na corte, alguns sinais divinos ignorados e vários períodos posteriores de praga e pestilência, Moisés levou seu povo em uma caminhada natural divinamente ordenada. O ponto é que não importa como a história é contada, toda gente sabe como terminou: a patética natação

“cachorrinho” do Faraó não resistiu à torrente furiosa de duas paredes de água que fecharam suas mãos implacáveis sobre sua boca autoritária.

Esta história é, de fato, tão bem conhecida que é inimaginável que Muhammad não soubesse disso. No entanto, a impressão comum é que o Faraó foi enterrado debaixo de milhões de toneladas de água do mar, onde ele e seus homens dormiram com os peixes – isto é, até que os peixes despertaram e os devoraram. Não é comumente aceito que o corpo do Faraó tenha sido preservado. E, no entanto, o Alcorão registra apenas isso: a promessa de Allah da preservação do corpo do Faraó depois de sua morte:

Hoje, salvar-te-emos o corpo, para que tu sirvas de sinal aos que virão, depois de ti. E, por certo, muitos dos homens estão desatentos a Nossos sinais.

(OSA 10:92)

Só em 1898 EC o corpo mumificado de Merneptah, sucessor de Ramsés II – e o candidato mais provável para o título de “Faraó do Êxodo”, de acordo com a história bíblica e provas arqueológicas – foi descoberto em Tebas, no Vale dos Reis.<sup>101</sup> O corpo está em exposição, juntamente com várias outras múmias reais, no Museu do

Brown / Guiados?

Cairo. Assim, mais de 1.200 anos após a revelação, a promessa do Alcorão de preservar o corpo do Faraó como um sinal para as gerações futuras parece cumprir-se. Mas como poderia Muhammad ter previsto tal achado, e por que ele teria feito especulações tão arriscadas sobre um detalhe aparentemente tão insignificante?

Exceto, é claro, que as palavras não fossem dele.

## ***8: Evidência nº 6 – A Revelação do Desconhecido***

(O que estava além da experiência do Profeta)

*Ninguém nunca se aproxima da perfeição,  
exceto pela discricção e desconhecimento de  
si mesmo.*

-William Hazlitt,  
*Esboços e Ensaios*, “On Taste”

Talvez um melhor título para este capítulo fosse “Evidência Científica”. No entanto, esse título pode parecer excessivamente estranho ao público, pois a maioria dos ocidentais considera a ciência e a religião mutuamente excludentes. Os exemplos de Giordano Bruno (condenado por heresia e queimado na fogueira no ano 1600 EC) e Galileu (que escapou da punição em 1633 apenas pela declaração de uma retratação) são bem conhecidos. Ambos foram perseguidos por terem apoiado a “herética”, mas correta, teoria copérnica do heliocentrismo (a teoria do sol ser o centro do sistema

solar); ao contrário da oficialmente sancionada, embora incorreta, teoria ptolomaica do geocentrismo (o planeta Terra sendo o centro). Este conflito deu origem à percepção ocidental de que a ciência e a religião são colegas de quarto incompatíveis.

De fato, considerando os muitos ensinamentos da Igreja, que contradizem o que agora é conhecido como verdades evidentes, é difícil imaginar um casal mais estranho do que ciência e religião. Seria esperado que as vozes daqueles que ousaram se opor a tais ensinamentos da igreja, acalmadas pelos incêndios que consumiram os seus corpos mortais, concordassem com ela.

Os horrores perpetuados por uma intolerante, opressiva e, ainda mais, *equivocada* Igreja ganharam condenação suficiente para, eventualmente, forçar uma separação da Igreja, ciência e Estado. O processo foi sangrento, como parece ter sido típico de qualquer circunstância em que a doutrina da Igreja e as crenças se depararam com uma realidade contrária, e um incalculável sofrimento foi o resultado. Isso deixou a atual geração com uma tradição em que a religião e a ciência permanecem tímidas para se envolverem em assuntos uma da outra. Para muitos, nenhum outro sistema pode ser imaginado.

Por outro lado, a separação da igreja e ciência não tem lugar no Islam. A revelação islâmica é abrangente e influencia a maioria das

áreas da vida humana. O Islam define não só os dogmas da fé e artigos de culto, mas também a vontade do Criador em relação à política, conduta pessoal, família e estrutura social, os princípios econômicos, direito civil e penal e muitos outros aspectos práticos da existência humana. A ciência e a natureza são nutridas por uma revelação que incentiva a investigação, enquanto condena a alienação mental. Várias passagens do Alcorão Sagrado orientam as pessoas a pensarem por si mesmas, e condenam aqueles que violam a lógica dada por Deus. Entre as coisas que Deus proibiu estão “o pecado e a agressão desarrazoada...” (OSA 7:33)

O mundo muçulmano testemunhou uma explosão de conhecimento a partir da época de Muhammad, em grande parte porque as necessidades da religião estimulavam determinadas linhas de investigação. Uma religião que ordena a oração em horários fixados do dia e o jejum em um determinado mês, naturalmente estimulou avanços na medição do tempo e cálculo do calendário. Da mesma forma, uma religião que exige o pagamento de percentagens variáveis da riqueza, de acordo com a categoria (por exemplo, produtos agrícolas versus ouro) como uma doação aos pobres, é compreensível que haja liderado avanços em métodos de estimativa e de cálculo (por exemplo, pesos e medidas, e matemática).

As origens dos algarismos arábicos (juntamente com o matematicamente revolucionário zero) foram absorvidas pelos

matemáticos europeus no século XII. O sistema árabe substituiu os problemáticos e sem zero números romanos e o trabalhoso sistema de escrever números pela escrita usual. Isto, bem como o desenvolvimento de algoritmos e álgebra, pode ser ligado aos muçulmanos.

A religião islâmica proibiu arte representativa, de modo que os artistas muçulmanos canalizaram as suas competências baseando-se na geometria, arte dos arabescos de alvenaria, incrustações, tecelagem e carpintaria. Seja causa ou efeito, os campos da geometria e trigonometria ganharam contribuições significativas dos muçulmanos. Tabelas de seno e cosseno foram construídas, equações cúbicas definidas, raízes de equações do segundo grau determinadas, a trigonometria esférica, analítica e plana expandiu e a geometria avançou.

Os muçulmanos foram ordenados a difundir a palavra da revelação e, assim, uma nova geração de viajantes e mercadores nasceu. Além disso, o mandato de dirigir a oração em direção à *Kaabah* (a casa construída por Abraão) em Makkah, deu origem à necessidade da determinação da direção precisa; conseqüentemente, surgiu a necessidade de melhorias na navegação e cartografia. A bússola magnética, tabelas de latitude e longitude, construção de mapas estelares e do astrolábio (um instrumento de navegação medieval) entraram em cena. Observatórios foram construídos e a

astronomia se desenvolveu como uma ciência e os mapas geográficos que foram produzidos que permaneceram imbatíveis durante séculos.

Com ênfase na aprendizagem e ensino, o papel tornou-se um produto essencial. As letras cúficas, a fundação do alfabeto árabe moderno, foram inventadas nas margens do Eufrates. Embora o papel tivesse sido inventado pelos chineses, que utilizavam o casulo do bicho da seda, os muçulmanos adotaram e refinaram ainda mais a manufatura usando algodão, madeira e trapos, além da seda.

Avanços semelhantes foram feitos nas áreas de metalurgia, mecânica, física óptica e teórica, química orgânica e inorgânica, medicina, geografia, agricultura e outras disciplinas. Melhorias tecnológicas incluíram instrumentos como a escala, eixo central, alavanca, polia, moinho de vento, roda d'água, e roda dentada, assim como processos de calcinação (um método de extração de metais a partir de minérios), redução, destilação e cristalização. As teorias da gravidade e da elasticidade do ar avançaram. Hospitais foram construídos, e grandes avanços foram feitos no campo da medicina, incluindo o desenvolvimento de novos medicamentos e técnicas cirúrgicas. A operação cesariana para o parto foi originalmente desenvolvida por um muçulmano.

De acordo com Jared Diamond, “Na Idade Média, o fluxo de tecnologia foi esmagadoramente do Islam para a Europa, em vez de

partir da Europa para o Islam como é hoje. Só depois de em torno de 1500 AD a direção deste fluxo começou a reverter”<sup>102</sup>.

A magnitude e importância de tais avanços são mais conhecidas pelos estudiosos em seus respectivos campos, mas um tratado curto e de fácil leitura, intitulado *O Islam e a Ciência*<sup>103</sup> é um bom ponto de partida para aqueles que desejem pesquisar mais.

Para que o leitor não entenda mal, não é feita qualquer tentativa, neste livro, para validar o Alcorão Sagrado com base em tais frutos da revelação. Pelo contrário, é oferecida uma simples observação de que uma separação entre Igreja e ciência nunca foi um elemento da religião islâmica. Na verdade, durante o período pré-renascentista, os muçulmanos estavam na vanguarda tecnológica da civilização. Como observou Victor Robinson em seu livro *The Story of Medicine* (A História da Medicina),

A Europa estava escurecida ao pôr do sol,  
Córdova [a capital da Espanha Moura]  
brilhava com lâmpadas públicas; A Europa  
estava suja, Córdova havia construído mil  
banhos; A Europa estava coberta de vermes,  
Córdova mudava suas roupas diariamente;  
A Europa estava na lama, as ruas de  
Córdova eram pavimentadas; Palácios da

Europa tinham buracos no teto para a saída da fumaça, os arabescos de Córdoba eram requintados. A nobreza da Europa não podia assinar o seu nome, as crianças de Córdoba iam para a escola; Monges da Europa não conseguiam ler o culto de batismo, os professores de Córdoba criaram uma biblioteca de dimensões da de Alexandria.<sup>104</sup>

Apesar de H. G. Wells ser principalmente lembrado como o autor de *The Time Machine* e outras obras de ficção científica, suas obras sobre história são perenes *Best-sellers*. De sua obra-prima, *The Outline of History* (O Esboço da História), Wells teve isto a dizer sobre a vida intelectual do Islam:

A partir de um novo ângulo e com novo vigor, ela [a mente árabe] assumiu o desenvolvimento sistemático de conhecimento positivo que os gregos tinham começado e abandonado. Se o grego era o pai, então, o árabe foi o pai adotivo do método científico de lidar com a realidade, ou seja, pela absoluta franqueza, máxima

simplicidade de declarações e explicações, registro exato e crítica exaustiva. Foi, pela via do árabe, não pela via do latim, que o mundo moderno recebeu esse presente de luz e poder... E cerca de um século mais avançados do que o ocidente, cresceram no mundo muçulmano um número de centros em Basra, em Kufa, em Bagdá, Cairo e Córdoba, que a princípio eram escolas religiosas dependentes de mesquitas, uma série de grandes universidades. A luz destas universidades brilhava muito além do mundo muçulmano, e atraía estudantes do oriente e do ocidente. Em Córdoba, em particular, havia um grande número de estudantes cristãos, e a influência da filosofia árabe veio, através da Espanha, para as universidades de Paris, Oxford e no Norte da Itália e sobre o pensamento europeu ocidental, em geral, foi muito considerável também.<sup>105</sup>

Vale a pena olhar para o ensaio de 1954 de James A. Michener, “*Islam: The Misunderstood Religion*” (Islam: A Religião Mal Compreendida), para refletir sobre esta citação:

Muitos ocidentais, acostumados a seus livros de história, crendo que os muçulmanos eram infiéis bárbaros, acham difícil compreender como a nossa vida intelectual tem sido profundamente influenciada por estu-diosos muçulmanos no campo da ciência, medicina, matemática, geo-grafia e filosofia. Os cruzados que invadiram a Terra Santa para lutar contra os muçulmanos voltaram para a Europa com novas ideias sobre amor, poesia, cavalheirismo, guerra e governo. Nosso conceito do que deveria ser uma universidade foi profundamente modificado por estu-diosos muçulmanos, que aperfeiçoaram a escrita da história e trouxeram para a Europa muito do conhecimento grego.<sup>106</sup>

E da caneta do estudioso alemão Hartwig Hirschfeld, renomado especialista nas culturas árabe e judaica:

Nós não devemos nos surpreender ao encontrar que se considere o Qoran como a principal fonte das ciências. Cada assunto relacionado com o céu ou a terra, a vida humana, o comércio e vários ofícios estão ocasionalmente tratados ali, e isso deu origem à produção de numerosas monografias que formam comentários sobre partes do livro sagrado. Desta forma, o Qoran foi responsável por grandes discussões, e indiretamente pelo maravilhoso desenvolvimento de todos os ramos da ciência no mundo muçulmano.<sup>107</sup>

A lista dos endossos é longa, mas vale a pena incluir uma última citação por Thatcher e Schill. Ele foi tão valorizado por H. G. Wells que o citou em seu best-seller, *A General History of Europe* (Uma História Geral da Europa):

A origem dos chamados algarismos arábicos é obscura. Sob Teodorico, o Grande, Boécio

fez uso de certos sinais que eram, em parte, muito parecidos com os nove dígitos que agora usamos. Um dos alunos de Gerbert também usou sinais que eram ainda mais parecidos aos nossos, mas o zero era desconhecido até o século doze, quando foi inventado por um matemático árabe chamado Muhammad ibn Musa, que também foi o primeiro a usar a notação decimal, e quem outorgou valor aos dígitos por sua posição. Na geometria os árabes não acrescentaram muito a Euclides, mas a álgebra é praticamente criação deles; também desenvolveram a trigonometria esférica, inventando o seno, a tangente, e a cotangente. Na física inventaram o pêndulo, e produziram obras sobre óptica. Fizeram progressos na ciência da astronomia. Construíram vários observatórios, e muitos instrumentos astronômicos que ainda estão em uso. Calcularam o ângulo da eclíptica e da precessão dos equinócios. O conhecimento deles sobre a astronomia era, sem dúvida, considerável.

Na medicina fizeram grandes avanços sobre o trabalho dos gregos. Eles estudaram a fisiologia e a higiene, e sua *matéria médica* era praticamente a mesma que temos hoje em dia. Muitos de seus métodos de tratamento ainda estão em uso entre nós. Os seus cirurgiões entendiam o uso de anestésicos, e executavam algumas das operações mais difíceis conhecidas. Na época em que na Europa a prática da medicina era proibida pela Igreja, que esperava que as curas se realizassem através de ritos religiosos realizados pelo clero, os árabes tinham uma verdadeira ciência da medicina. Em química fizeram um bom começo. Descobriram muitas novas substâncias, como o álcool, cloreto de potássio, nitrato de prata, sublimado corrosivo, e ácido nítrico e sulfúrico... Em manufaturas eles ultrapassaram o mundo em variedade e beleza de designs e perfeição em trabalhos. Trabalhavam em todos os metais – ouro, prata, cobre, bronze, ferro e aço. Em tecidos, eles nunca foram

superados. Eles faziam vidro e cerâmica da melhor qualidade. Conheciam os segredos da tinturaria, e fabricavam papel. Tinham muitos processos no uso do couro, e seus trabalhos eram famosos em toda a Europa. Faziam tinturas, essências e xaropes. Fizeram açúcar a partir da cana de açúcar, e muitos tipos de vinhos finos.<sup>108 (NE)</sup> Eles praticavam a agricultura de forma científica, e tinham bons sistemas de irrigação. Sabiam o valor dos fertilizantes, e adaptavam suas culturas para a qualidade do solo. Destacaram-se em horticultura, sabendo como enxertar e como produzir novas variedades de frutas e flores. Introduziram muitas árvores e plantas orientais no ocidente, e escreveram tratados científicos sobre agricultura. Um item desta lista deve ser destacado aqui pela sua importância na vida intelectual da humanidade, a fabricação de papel. Parece que os árabes aprenderam isso com os chineses, através da Ásia Central. Os europeus adquiriram-no dos árabes. Até

aquele tempo, os livros eram escritos em pergaminhos ou papiros e, após a conquista árabe do Egito, foi cortado o fornecimento de papiro à Europa. Até que o papel tivesse se tornado abundante, a arte da impressão era de pouca utilidade e os jornais e a educação popular por meio de livros era impossível. Este foi, prova-velmente, um fator muito importante no atraso relativo da Europa durante a idade das trevas e que os historiadores parecem estar dispostos a admitir...<sup>109</sup>

A evidência que os muçulmanos consideram como um apoio ao argumento da origem divina do Alcorão envolve muitas passagens que comentam sobre a natureza do ser humano e do universo em que vivemos. Muitos destes versículos sobreviveram como mistérios infundados por cerca de 1.400 anos, somente sendo comprovados à luz do conhecimento moderno.

Como isso difere das previsões bíblicas?

Bem, para começar, devemos questionar porque a Bíblia descreve Deus como concedendo luz sobre Sua criação três dias antes d'Ele

haver criado as estrelas (compare Gênesis 1:3-5 com Gênesis 1:14-19). As possibilidades dentro do reino do decreto Divino estão além da imaginação humana, mas uma premissa científica com base no que diz respeito à natureza da luz é que antes que a luz possa existir, uma fonte de emissão de fótons deve assumir uma responsabilidade. Da mesma forma, podemos, razoavelmente, perguntar como uma noite e uma manhã ocorrem (Gênesis 1:3-5), dois dias antes da criação da Terra (Gênesis 1:9-13) e três dias antes da criação do sol (Gênesis 1:14-19); pois, sem um horizonte onde o sol possa se levantar e pôr, e sem sol, em primeiro lugar, como poderia, exatamente, *haver* uma noite e uma manhã?

Há mais. A Bíblia descreve aves como tendo sido criadas no quinto dia (Gênesis 1:20-23), um dia antes da criação dos animais da Terra (Gênesis 1:24-25), enquanto o registro fóssil indica a ordem inversa. As genealogias bíblicas são a base do calendário judaico, que propõe que o mundo tem 5.768 anos (no ano de 2007 EC). Com um sistema solar estimado em 4 ½ bilhões de anos de idade e a origem dos hominídeos medida em milhões de anos, essa estimativa está um pouco aquém das evidências científicas.

O dilúvio global, datado na Bíblia em cerca de trezentos anos antes do tempo de Abraão, teria correspondido entre o vigésimo primeiro e vigésimo segundo séculos aC. Como tal, esta inundação falhou em apagar ambas, a Terceira Dinastia de Ur, na Babilônia, e o

Primeiro Período Intermediário antes da décima primeira Dinastia, no Egito – as duas civilizações que a história testemunha como tendo sido ininterruptas. Assim, o período que as narrativas bíblicas atribuem ao dilúvio global deveria ser revisado.

No entanto, colocando tudo isso de lado e assumindo, por uma questão de discussão, que a Bíblia pode ser lida como a síntese de uma biblioteca científica e um almanaque de um fazendeiro, o desafio “E daí?” continua. O Islam reconhece que tanto o Judaísmo, quanto o Cristianismo, originaram da revelação, e salienta que ambas as religiões estão aguardando o profeta final, como previsto por suas escrituras. A questão, então, não é qual das religiões abraâmicas, Judaísmo, Cristianismo ou Islam, tem sua origem na revelação divina, porque todas têm. Em vez disso, a questão é qual a *última* religião que foi revelada divinamente. Pois, se essa não é a religião que nosso Criador quer que sigamos, por que Ele a revelaria? O desafio, então, é para os cristãos e judeus que desqualificam o Alcorão da competição. Como vimos, ainda não foi alcançado sucesso no desafio de escrever apenas uma *Surah* igual a uma do Alcorão. De acordo com os muçulmanos, qualquer tentativa jamais alcançará. E, tendo 1.400 anos de tentativas falhas, é difícil argumentar o ponto.

Uma palavra de advertência é necessária neste momento, pois o zelo religioso leva muita gente a ultrapassar os limites da razão na

defesa da sua posição. Certas passagens do Alcorão Sagrado falam de coisas que nós ainda não entendemos. Como tal, a importância destas passagens é especulativa. A tentativa de atribuir mais significado do que realmente existe, seja para apoiar ou refutar o Alcorão, não é razoável. O melhor que pode ser dito de tais passagens é que elas falam de mistérios, e como tais não podem ser consideradas como evidências científicas, nem exemplos de inconsistência. Talvez, com o tempo e o avanço dos conhecimentos científicos, tais passagens sejam compreendidas. Até então, a especulação é provavelmente inadequada. Um exemplo, a título de ilustração, é este: o quarto versículo da septuagésima *Surah* (OSA 70:4) é traduzido, “Os anjos e o Espírito a Ele ascendem, em um dia, cuja duração é de cinquenta mil anos”.

Alguns muçulmanos têm sugerido que este versículo, da *Surah* “Os Degraus”, pode estar relacionado com a Teoria Especial da Relatividade de Einstein e, na verdade, ele pode. Mas, também, talvez não. Pois, para prosseguir com a hipótese, segundo a teoria de Einstein, a percepção do tempo, tamanho e massa variam entre dois sistemas inerciais de referência diferente em movimento relativo um ao outro. O que isso significa é que dois observadores que se deslocam em diferentes velocidades percebem o tempo, tamanho e massa de forma diferente. Em velocidades tais como aquelas em que os seres humanos viajam na época atual, essas diferenças são

insignificantes. No entanto, caso as futuras gerações mudem seu Ford intergaláctico salta-estrelas modelo do ano 2800, com coletor de pósitrons na velocidade de um milionésimo e movendo-se à velocidade da luz, essas diferenças serão cada vez maiores. O viajante do espaço e o observador estacionário, então, terão duas visões muito diferentes do mesmo mundo.

De acordo com a Teoria Especial da Relatividade, quando a velocidade se aproxima da da luz ( $5,88 \times 10^{12}$  milhas/ano) a percepção do tempo diminui, o tamanho torna-se reduzido, e a massa aumentada. Se Max Planck, o “pai da física quântica”, sequestrasse um monte de suas *quanta* teóricas, puxasse um pouco as rédeas, e gritasse ao passar pelo vinhedo de Marta à velocidade da luz, seu relógio despertador teria corrido imperceptivelmente lento, aparecido infinitamente pequeno, e possuído uma massa infinitamente pesada.

O conceito é um pouco difícil para a maioria dos intelectos, de modo que o mundo tem agradecido a Albert Einstein pelas transformações de Lorentz – equações matemáticas, através das quais a percepção de espaço e tempo de dois observadores pode relacionar-se entre si. No que se refere ao tempo, a equação é a seguinte:

$$t' = (1 - v^2/c^2)^{-1/2} (t - vx/c^2)$$

Onde  $v$  = velocidade viajada

$c$  = velocidade da luz ( $5,88 \times 10^{12}$ )

milhas/ano)

$x = \text{posição no espaço (definida pela equação } x^2 = c^2 t^2)$

$t'$  e  $t$  são as *duas* perspectivas diferentes em tempo

Ligue os números da *ayah* acima nesta equação, com  $t$  igual a 50.000 anos e  $t'$  sendo um único dia ( $2.7397 \times 10^{-3}$  anos) e  $v$  calculado como, em termos científicos brutos, um bilionésimo de um cabelo de uma careca menor do que a velocidade da luz. A diferença é pequena. Com efeito, é tão perto do valor de  $v$  para a velocidade da luz, que o último ponto decimal na cadeia de nove resultante da fração de  $v/c$  não pode ser alcançado com uma calculadora comum.

O que isso tem a ver com o Alcorão Sagrado? Bem, de acordo com o Alcorão e *ahadith*, o homem foi feito do barro, os *jinn* (espíritos) a partir do fogo, e os anjos, da luz. Então aqui está uma passagem do Alcorão Sagrado que não só apresenta as diferentes percepções do tempo, mais tarde definidas como “dilatação do tempo” pela teoria da relatividade, mas também os valores apresentados descrevem os anjos viajando a uma velocidade similar à velocidade daquilo que foi relatado como tendo sido criados: luz.

Agora, esta análise é agradável e limpa, e pode até mesmo ser correta. Mas afirmar que isto é o que a *ayah* acima realmente significa é fazer algumas suposições ousadas. Muito melhor, talvez, seria observar a incrível correlação, mas não discutir sobre a teoria da “dilatação do tempo”. O simples fato de que diferentes percepções do tempo foram mencionadas há 1.400 anos atrás, quando o movimento mais rápido testemunhado pelo olho do homem deve ter sido o ataque de um falcão ou o voo de uma flecha, é suficiente. Analisar além disso parece especulativo a um extremo inaceitável.

Mas isso é precisamente o que os detratores do Islam fazem – perseguem seus preconceitos tão longe no limbo das especulações, que suas conclusões desequilibradas quebram um dos galhos do tronco da lógica. Por exemplo, alguns detratores afirmam que o versículo de “Os Degraus” conflita com a *Surah 32, ayah 5*, que diz: “Ele administra a ordem, do céu para a terra; em seguida, tudo ascende a Ele, em um dia, cuja duração é de mil anos, dos que contaís.” (OSA 32:5).

A alegação de que estes dois versículos entram em conflito entre si é um erro gigantesco, pois os dois versículos falam de entidades e circunstâncias completamente diferentes. O entendimento comum entre os muçulmanos é que o versículo de os “Degraus” fala da ascensão dos anjos e espírito, enquanto o segundo refere-se ao Dia do

Juízo Final, quando todos os assuntos retornarão a Allah para determinação.<sup>110</sup>

Para analisar as evidências científicas, então, obrigamo-nos a manter a objetividade, e para esse fim, os analistas muçulmanos não devem invadir o reino da especulação, e detratores não muçulmanos deveriam abandonar argumentos supérfluos. Além disso, os detratores do Islam devem reconhecer que mostrar uma passagem específica que careça de comprovação científica não invalida tal passagem; muitas passagens do Alcorão Sagrado suportaram 1.300 anos sem qualquer elemento comprobatório, só alcançando a validação através do crescimento do conhecimento científico no século XIX e XX. A falta de qualquer elemento comprobatório equivale à falta de provas, não à falta de verdade. A fim de refutar uma reivindicação, temos de comprovar uma verdade contraditória; tudo o mais é especulação e preconceito. E isso é visivelmente ausente do Alcorão Sagrado: uma ou mais passagens, como os versículos sobre a Criação no Antigo Testamento citados acima, que são comprovadamente, irremediavelmente incompatíveis com o mundo como nós o conhecemos, ou que são automaticamente contraditórias. Qualquer um dos cenários sugeriria um autor menos que divino, mas a falta de tais inconsistências – como é o caso do Alcorão – sugere exatamente o oposto. E, de fato, o Alcorão oferece este desafio: “E não ponderam eles o Alcorão? E, fosse vindo de

outro que Allah, encontrariam nele muitas discrepâncias” (OSA 4:82).

Na verdade, dada a riqueza de informação apresentada no Alcorão, a falta de tal discrepância deve ser considerada significativa.

O Alcorão não imita a Bíblia através da atribuição de datas ou desordenando a sequência da Criação. Considerando o número e a primazia de tais narrativas bíblicas, a afirmação de que o Alcorão foi, em parte, copiado de escrituras anteriores aparenta tristemente suspeita. Se as escrituras bíblicas citadas fossem citadas desde o início da coleção dos livros, a primeira escritura que Muhammad teria ouvido seria os primeiros capítulos do livro de Gênesis. O fato de que estes versículos não foram transportados para o Alcorão indica fortemente contra tal teoria de plágio.

Procurar no Alcorão demonstrações que, como as da Bíblia, entrem em conflito com a evidência arqueológica, histórica ou científica, provou-se frustrante. Muçulmanos sustentam que não existem tais conflitos, pois eles afirmam que o Alcorão está perfeitamente de acordo, não só com as ciências, mas também com todos os campos do conhecimento humano, como seria de esperar de um livro de Deus. Essa alegação começa a parecer bastante convincente quando a evidência científica é examinada. E ainda que

uma discussão completa dessas reivindicações esteja além do escopo deste livro, uma pequena amostra será apresentada. Aqueles com interesses mais profundos podem examinar os livros: *A Bíblia, o Alcorão e Ciência*, pelo Dr. Maurice Bucaille; *O Universo visto Através do Alcorão (Constatações Científicas Confirmadas)*, por Mir Anees-u-din M.Sc., Ph.D.; e uma variedade de pequenos tratados disponíveis em livrarias islâmicas. Uma cartilha especialmente boa sobre este assunto é *Um Breve Guia Ilustrado para Entender o Islam*.<sup>111</sup>

Mas agora, vamos dar uma olhada em um exemplo de evidência científica.

## GEOLOGIA

**Montanhas.** Podemos muito bem imaginar que, para um beduíno do deserto, uma montanha não parece ser mais do que uma inconveniente marca de beleza sobre a face da Terra. Para a tripulação das caravanas, os agricultores e pastores de ovelhas da época de Muhammad, as montanhas provavelmente teriam apresentado mais dificuldades do que benefícios. Ter parado e pensado sobre elas, teria parecido estranho, e ter encontrado algo de bom a dizer a respeito delas, ainda mais estranho.

Mesmo nos dias de hoje, poucas pessoas contemplam as montanhas além dos benefícios recreativos que oferecem. Uma caminhada agradável, uma esquiada emocionante, um pacífico piquenique – tais prazeres não significariam nada para um beduíno acostumado com a inconveniência de ter que desviar em torno de uma montanha com sua caravana, arar um campo agrícola costa acima ou subir uma colina íngreme e rochosa para recuperar uma ovelha desgarrada.

Que possível benefício poderia um beduíno do deserto encontrar em uma montanha?

Só recentemente a geologia moderna reconheceu a maior importância das montanhas para o mundo como nós o conhecemos: as montanhas possuem raízes. Citando Tarbuck e Lutgens, “A existência destas raízes foi confirmada por dados sísmicos e gravitacionais”.<sup>112</sup> Uma montanha de três ou quatro milhas de altura pode projetar uma estrutura de raiz na crosta continental de trinta ou quarenta milhas de profundidade no manto da Terra.<sup>113</sup> Este eixo de raiz da montanha serve para suportar o peso da montanha subjacente, estabelecendo assim um equilíbrio ou, na linguagem do geólogo, uma isostasia.<sup>114</sup> O olho do homem não vê nada além da relativamente pequena elevação de uma montanha, enquanto um eixo de quarenta milhas da crosta terrestre se mantém invisível, embutido na astenosfera plástica mais profunda, como a cabeça de um prego

que se projeta acima da superfície de um bloco de madeira, montada sobre um eixo de aço imperceptível.

Ou como uma estaca.

É interessante, então, observar a descrição das montanhas no Alcorão Sagrado: “Não fizemos da terra leito? E das montanhas estacas?” (OSA 78:6-7). Agora, de onde vem *essa* observação? Da mente de um beduíno? Não é provável.

Nos últimos anos, os geólogos supuseram que as montanhas, já que surgem nos pontos de colisão entre placas continentais, estabilizam a crosta terrestre. Como tal, elas representam uma solda entre as placas continentais em colisão. Na ausência de tal soldagem, as placas litosféricas se sobrepõem umas às outras, resultando em um sismo cada vez que uma mudança ocorre para liberar a tensão acumulada. Como todas as montanhas representam tais soldagens, a completa ausência de montanhas desestabilizaria a superfície da terra.

Tal conhecimento se desenvolveu na sequência do estudo das placas tectônicas no final do século XX, sendo a conclusão relevante que, sem a influência estabilizadora de montanhas, a superfície da Terra estaria em frequente, se não contínuo, terremoto. Esta informação é considerada revolucionária no campo da geologia, mas convida a um bocejo de 1.400 anos de idade, a partir de uma

revelação que registra, “E Ele implantou na terra assentes montanhas, para que ela se não abale convosco...” (OSA 16:15)

## A CRIAÇÃO DO UNIVERSO

**As origens do Universo.** Um dos princípios mais indiscutíveis da cosmologia é que o universo foi formado a partir de uma matéria quente, uma mistura de fumaça, gases e partículas.<sup>115</sup> A formação das estrelas ainda pode ser observada, até hoje, nos corações das nebulosas (que se presume ser restos ou imitações de nuvens de poeira primordiais). A menção relevante no Alcorão é a seguinte:

Em seguida, dirigiu-se ao céu, enquanto fumo, e disse-lhe e à terra: “Vinde ambos, de bom ou de mau grado”. Ambos disseram: “Vimos obedientes”.

(OSA 41: 11)

Que os céus tenham sido “fumo” é uma descrição precisa da nuvem de poeira primordial – “fumo” é uma descrição melhor do que “nuvem”, porque as nuvens evocam a imagem de uma névoa fria e estática, enquanto que o fumo descreve uma massa gasosa quente em redemoinho com partículas em suspensão. Os astrônomos têm

encontrado galáxias em formação no espaço hoje em dia, e isso é precisamente como se parecem.

A segunda linha da citação acima menciona “vinde ambos”, um comentário notável sobre a união necessária das partículas elementares em um núcleo central de matéria condensada. É a ruptura desta massa central superdensa da qual se originou o “Big Bang”, através do qual o universo se expandiu. Mais uma vez, o Alcorão se refere ao processo:

E os que renegam a Fé não viram que os  
céus e a terra eram um todo compacto, e  
Nós desagregamo-los, e fizemos da água  
toda cousa viva?

(OSA 21:30)

Uma compreensão da origem do universo, e, em especial, o conceito de uma origem comum dos céus e da terra, só foram obtidos no século XX. Proposto pela primeira vez em 1920 por Alexander Friedmann e Abbé Georges Lemaître (e, posteriormente, popularizado por George Gamow e colaboradores), o Big Bang suplantou a teoria criacionista. E aqui está o ponto – se a teoria criacionista era tudo o que estava na mente do homem até 1920, seria uma conquista extraordinária um beduíno do deserto ter concebido o Big Bang treze séculos antes.

Brown / Guiados?

Mas, é claro, ele não o fez.

Ele não poderia tê-lo feito.

A complexidade do conhecimento e da tecnologia necessários para desenvolver a teoria do Big Bang (ou do *Hot Big Bang*, como é agora conhecido, uma vez que a temperatura em 0.0001 segundos foi calculada como tendo sido uns aconchegantes  $10^{12}$  graus Kelvin) confunde a mente.

Basicamente, a teoria do Big Bang necessita de duas principais premissas, a primeira é que a teoria geral da relatividade de Einstein definiu com precisão a interação gravitacional da matéria, e a segunda é o princípio cosmológico, que é de tal complexidade que está fora do alcance deste livro. Basta dizer que a teoria foi validada através da medição dos níveis de hidrogênio, hélio e lítio, bem como a radiação remanescente de micro-ondas, que por si só foi descoberta em 1965. *Nada* disso estava disponível antes do final do século XX. No início do século sétimo, tudo o que Muhammad possuía, além da revelação, era uma visão clara do céu noturno.

**Deriva Continental.** Por volta do ano de 1800, Alexander von Humboldt observou que o bojo da América do Sul se ajusta quase perfeitamente ao côncavo da costa oeste da África. Com base nesta observação, ele sugeriu que as massas de terra que fazem fronteira com os lados opostos do Atlântico estavam unidas antes.

Cinquenta anos mais tarde, Antonio Snider-Pellegrini observou a coerência entre a sugestão de Von Humboldt e o registro fóssil, que revelou fósseis idênticos de plantas nos depósitos de carvão da América do Norte e Europa.

Outro meio século mais tarde, em 1912, o meteorologista alemão, Alfred Wegener, propôs o conceito de deriva continental. Ele sugeriu que todas as massas de terra estiveram unidas em algum período em um continente, que ele nomeou Pangeia. Com base na evidência geológica e paleontológica, ele propôs que Pangeia se separou durante o período Triássico (245 a 208 milhões de anos atrás, mais ou menos em um longo fim de semana). A separação e subsequente deriva levou à posição atual das massas de terra do mundo (embora, de acordo com as medidas modernas, essas massas de terra ainda estejam à deriva).

Em 1937, Alexander L. Du Toit refinou a teoria de Wegener para incluir duas massas de terra originais, Laurasia ao norte e Gondwana ao sul.

A congruência das plataformas continentais, a evidência da glaciação compartilhada, a semelhança de rochas e estruturas geológicas, o registro paleontológico,<sup>116(NE)</sup> a teoria da expansão do solo oceânico e o magnetismo residual<sup>117(NE)</sup>, tudo apoia o que hoje é aceito como a teoria da deriva continental. Assim... A deriva

continental parece ter sido descoberta. No século XX. 1.400 anos depois que o Alcorão Sagrado registrou o versículo: “E é Ele Quem estendeu a terra...” (OSA 13:3)

## CORPOS CELESTES

**O Sol e a Lua.** A *Surah* 10, *ayah* 5, descreve o sol e a lua por duas palavras diferentes, ambas com o significado de “luz” no idioma árabe. No entanto, a palavra *Dhi-yaa-an* descreve o sol como fonte de luz, enquanto que a palavra *nu-ran* descreve a lua como recebendo luz que provém de uma fonte diferente de si mesma. O *Arabic-English Lexicon*, de Lane, comenta: “Diz-se que (*dhi-yaa-an*) é essencial, mas (*nu-ran*) é [luz] accidental...”.<sup>118</sup> Embora as descrições do Alcorão e da Bíblia difiram (Gênesis 1:16 – “Deus fez os dois grandes luzeiros: o maior para governar o dia e o menor para regular o andamento da noite. E formou também as estrelas.”), o Alcorão estabelece diferença entre a fonte de luz destes dois corpos celestes.

**Movimento celestial.** O Alcorão descreve as órbitas dos corpos celestes, bem como os ciclos orbitais do dia e da noite: “E Ele é Quem criou a noite e o dia, e o sol e a lua. Cada qual voga, em uma órbita.” (OSA 21:33). Além disso, o versículo do Alcorão de 39:5 descreve a alternância entre dia e noite pelo verbo *kaw-wa-ra*, que

significa enrolar ou enroscar, como envolver um turbante em torno da cabeça (ou, como por exemplo no *Arabic-English Lexicon* de Lane, “Ele espiralou a coisa de uma forma arredondada”). A partir disto, entendemos que o Alcorão não apenas descreve as órbitas arredondadas dos planetas e da lua, mas a forma esférica da própria Terra. Além disso, “E o sol corre para uma morada pertencente a ele...” (OSA 36:38), sugere o fato de que todo o sistema solar se move: como, de fato, move. O sol pode ser o centro do nosso sistema solar, mas, mesmo assim, ele orbita no espaço em torno do eixo da galáxia da Via Láctea.

Numa época em que os exploradores ocidentais tinham medo de procurar o horizonte por medo de cair, as descrições do Alcorão, como as anteriores estavam séculos, se não mais de um milênio, à frente de seu tempo.

**Órbitas solares e lunares.** *Surah 36, ayah 40*, diz: “Não é concebível ao sol atingir a lua, nem à noite antecipar-se ao dia. E cada qual voga, em uma órbita”. Esta descrição de órbitas arredondadas separadas é incomum o suficiente. No entanto, o que realmente abala as expectativas é a afirmação de que o sol e a lua não têm permissão para alcançar um ao outro, o que era a percepção comum entre o homem da antiguidade ao ver um eclipse solar, que o sol e a lua haviam feito exatamente isso – alcançar um ao outro. No entanto, mesmo um eclipse solar tendo ocorrido durante a vida de

Muhammad, este versículo tinha corrigido este erro daquele pensamento primitivo.

## FISIOLOGIA

**Teoria celular.** As células são os blocos de construção de todas as coisas vivas, e o principal componente das células é a água, da ordem de 80-85 por cento. A vida não pode existir sem água, pois uma célula seca é uma célula morta. E enquanto estes fatos não haviam vindo à tona, até a teoria celular do início do século XIX, o Alcorão Sagrado afirmou: “e fizemos da água toda cousa viva” (OSA 21:30).

**Renovação da pele.** Todas as religiões abraâmicas salientam as torturas do fogo do inferno. No entanto, o Alcorão vai um passo além, pois ele afirma, “Cada vez que suas peles se consumirem, trocá-las-emos por outras peles, para que experimentem o castigo. Por certo, Allah é Todo-Poderoso, Sábio.” (OSA 4:56). Ora, apenas com testes eletrofisiológicos, gravação intracelular, e técnicas de microscopia sofisticadas é que a humanidade soube que os receptores de dor e temperatura estão restringidos à camada dérmica da pele. Este é um conhecimento recente, e entretanto, há 1.400 anos, em um tempo e lugar onde a investigação da fisiologia humana não havia sequer avançado além da fase da dissecação do corpo, a revelação

descreveu que a chave para a manutenção da tortura do fogo do inferno é a renovação da pele. Àqueles que questionam Quem teria o poder de ditar tal punição e sabedoria para conhecer esses detalhes, é informado que “Allah é Todo-Poderoso, Sábio”.

**Lóbulos frontais.** A parte do cérebro localizada na parte anterior (ou seja, a que está mais à frente) é chamada de lóbulos frontais por uma razão: estão na frente. Se nós batermos em nossas testas, a parte do cérebro mais próxima de nossos dedos é a região pré-frontal dos lóbulos frontais, a área do cérebro relacionada com personalidade e comportamento. A ciência nos diz, “A motivação e previsão de planejar e iniciar movimentos ocorrem na porção anterior dos lóbulos frontais, a área pré-frontal.”<sup>119</sup> Surpreendentemente, encontramos referência indireta a esse fato no Alcorão Sagrado: “Em absoluto, não o sabe! Em verdade, se ele não se detiver, arrastá-lo-emos pelo topete (*naa-si-yah*), topete mentiroso, errado” (OSA 96:15-16)

A palavra *naa-si-yah* (ou *naa-si-ya-tin*, o caso genitivo de *naa-si-yah*), enquanto muitas vezes traduzida como “topete”, de fato merece uma mais longa e precisa descrição de “parte frontal [frente] da cabeça”.<sup>120</sup>

Ora, há a história de um homem que queria saber qual parte do corpo seria responsável pelo pensamento. Ele decidiu que se exercitasse o seu pensamento, a primeira parte do seu corpo a

apresentar dor pela fadiga seria a parte pensante do seu corpo. Então, ele se sentou e pensou e pensou e pensou. Depois de um tempo, o banquinho de madeira dura onde estava sentado começou a produzir os seus efeitos, levando o homem a concentrar a sua conclusão sobre a área de sua dor. É uma história engraçada, mas não é apenas para crianças.

O ponto é que há 1.400 anos um beduíno dificilmente poderia saber o que a medicina moderna somente tem descoberto no século atual. Um árabe iletrado do passado provavelmente pensaria e falaria em termos de “olhos mentirosos”, “lábios mentirosos” e “corações enganadores”. Qualquer um que crer que um beduíno de quatorze séculos atrás teria considerado a região pré-frontal dos lóbulos frontais do córtex cerebral como estando associada à concepção de pecados e mentiras, deve ser suspeito de abrigar uma agenda pessoal. Não era de conhecimento comum na época, e nem sequer é do conhecimento comum agora, exceto nos círculos científicos.

**Funcionamento interno do corpo.** Seiscentos anos antes de Ibn Nafis descrever a circulação do sangue, e 1.000 anos antes de William Harvey levar o crédito pelo seu livro, *Exercitatio Anatomica de Motu Cordis et Sanguinis in Animalibus* (Os Exercícios Anatômicos em Relação ao Movimento do Coração e o Sangue nos Animais) em 1628, o Alcorão Sagrado fez alusão aos processos de

digestão, absorção, circulação sanguínea, e excreção da seguinte forma:

E, por certo, há nos rebanhos, lição para vós. Damo-vos de beber, do que há em seus ventres - entre fezes e sangue - leite puro, suave para quem o bebe. (OSA 16:66)

As ciências da circulação sanguínea, digestão, absorção e secreção glandular permaneceram misteriosas até os últimos séculos. Encontrar um versículo que conecta todos estes processos é encontrar um complexo anacronismo científico.

## **CORPOS DE ÁGUA**

O Alcorão Sagrado glorifica o Criador, ao mencionar algumas das características únicas e inesperadas de Sua criação. Tome-se, por exemplo, estes dois versículos:

E Ele é Quem desenleou os dois mares: este é doce, sávido, e aquele é salso, amargo. E fez, entre ambos, uma barreira e terminante proibição de sua mescla. (OSA 25:53)

Desenleia os dois mares, para se depararem;  
entre ambos, há uma barreira; nenhum dos  
dois comete transgressão. Então, qual das  
mercês de vosso Senhor vós ambos  
desmentis? (OSA 55:19-21)

Ambas as citações se referem a uma barreira entre a água doce e salgada encontrada em um estuário. Esta zona de água salobra é bem conhecida. Quer dizer, nos dias atuais. É difícil adivinhar se Muhammad sabia disso, mas podemos fazer algumas observações sugestivas. Para começar, os rios são escassos no Oriente Médio. Além disso, grande parte da água dos poços no Oriente Médio é salgada, de modo que a água considerada salobra pelos padrões dos países desenvolvidos modernos pode ter sido considerada potável nos dias de Muhammad.

Em qualquer caso, se contemplarmos um grande rio desaguardo no mar, mesmo nos dias de hoje, nossas mentes tendem a imaginar se um dia uma das duas massas de água não irá prevalecer sobre a outra. Se um homem do século VII investigasse um estuário, provavelmente teria esperado que a força e o volume de um grande rio, como o Nilo ou o Tigre-Eufrates, expandisse a região de água salobra e, eventualmente, diluísse todo o mar. Para apresentar o ponto, teria parecido estranho para um povo habitante do deserto, não

dado às aventuras marítimas, no entanto isso indica a verdade dita por Muhammad. Pois, se ele fosse um charlatão, por que teria trazido um ponto tão estranho, em primeiro lugar? Mesmo se ele tivesse conhecido o fato (que é altamente improvável), que possível benefício poderia ter tido em mencioná-lo?

A segunda das citações acima pode estar relacionada ao fato de que os oceanos e mares variam em salinidade, temperatura e densidade, e se encontram em limites definidos.<sup>121</sup> Por exemplo, o Mar Mediterrâneo se encontra com o Oceano Atlântico em uma fronteira estável e distinta. O Mediterrâneo estende uma língua de água de várias centenas de quilômetros de extensão, de maior temperatura, maior salinidade, e menor densidade pelo estreito de Gibraltar a uma profundidade de 1.000 metros.<sup>122</sup> A fronteira com o Oceano Atlântico mais frio, menos salgado e mais denso é relativamente fixa e nítida, apesar das correntes fortes, ondas constantes e marés regulares que seriam esperadas como misturando estes dois corpos de água, ou, pelo menos, que se misturassem no seu encontro. É este um exemplo da “barreira; nenhum dos dois comete transgressão”, mencionado na citação? Se assim for, é ainda mais notável dado o fato de que este exemplo é repetido nas fronteiras de outros mares e oceanos.

Outro ponto oceanográfico é a menção das ondas internas e profundas. Tal menção pode parecer estranha à primeira vista, e isso

é compreensível, pois esta é uma descoberta recente, e não é do conhecimento comum, mesmo em nossos dias.

A oceanografia moderna ensina que as ondas internas e profundas “são encontradas em uma interface entre as camadas de água de densidades diferentes – por exemplo, a picnoclina”.<sup>123</sup> As ondas internas se comportam como ondas de superfície e podem, até mesmo, quebrar. No entanto, ao contrário de ondas de superfície, elas não podem ser vistas ou estudadas sem equipamentos complexos, e certamente este não era obra de um povo do deserto para quem o simples ato da natação era uma habilidade rara.

Há um diagrama no livro de M. Grant Gross, *Oceanografia, uma vista da Terra*, que mostra dois níveis de ondas: uma na superfície e outra interna, na interface entre a água profunda hiper-densa e a camada superficial menos densa.<sup>124</sup> O que é interessante é que esta ilustração corresponde perfeitamente à passagem do Alcorão,

Ou são como trevas em um mar profundo:  
encobrem-no ondas, por cima das quais, há  
outras ondas; por cima destas, há nuvens;  
trevas, umas por cima das outras. Quando  
alguém faz sair sua mão quase não a vê. E  
aquele, a quem Allah não faz luz jamais terá  
luz (OSA 24:40)<sup>125</sup>.

Não só esta passagem descreve as camadas de ondas tanto superficiais quanto profundas, mas também se refere às “trevas em um mar profundo”, escuridão tão completa que uma pessoa mal consegue ver. Agora, a ausência da luz no oceano a uma profundidade de 1.000 metros é um descobrimento recente, e só pode ser adquirido com o uso de equipamento especial, pois o peito humano tem o hábito irritante de implodir a tal profundidade.<sup>126</sup> A constatação de qualquer escuridão significativa requer um mergulho superior a 50 metros, mas um mergulho superficial de mais de 15 metros, sem equipamentos, está além da capacidade humana, com raras exceções. Claro, considerando aqueles que aprenderam a nadar em primeiro lugar.

## A ATMOSFERA

**Medo de altura.** O mal da montanha, ou dificuldade em respirar devido à altitude, foi clinicamente definido em 1937, e o mais provável é que fosse desconhecido antes do final do século dezanove.<sup>127</sup> Há várias razões para isto, mas a mais importante é que o mal da montanha requer uma subida rápida, tipicamente de 8,000

pés verticais ou mais. Antes do século XX, tais subidas eram possíveis às vezes, mas quase nunca rapidamente.

Na verdade, havia pouca, ou nenhuma, motivação para os habitantes das terras baixas escalarem montanhas e, especialmente, a uma escalada de 8.000 pés ou mais. Escalada recreativa era algo praticamente desconhecido, especialmente no Oriente Médio, onde as pessoas se esforçavam ao máximo apenas para espremer uma existência estreita em uma terra hostil. E antes dos métodos modernos de transporte rápido, os povos da montanha estavam aclimatados à raridade da atmosfera em que viviam. Aqueles que procuravam altitudes mais elevadas no processo de pastoreio dos seus rebanhos experimentavam esse aumento da elevação tão lentamente que seus corpos se ajustavam gradativamente.

Assim, até duzentos anos atrás, o mal da montanha era desconhecido, mesmo em países desenvolvidos. No Oriente Médio, alturas na faixa de 8-10.000 pés são raras e distantes entre si, de modo que a probabilidade de um árabe ter experimentado o mal da montanha antes da invenção do motor a combustível é muito pequena. No entanto, o Alcorão alude à respiração constrita vivida por aqueles que se aventuram em altitudes mais elevadas:

Ele lhe tornará o peito constrito, oprimido,  
como se se esforçasse para ascender ao

céu... (OSA 6:125)

**Meteorologia.** Só recentemente os meteorologistas descreveram a formação das nuvens cumulus geradoras de chuva. Em poucas palavras, as nuvens cumulus migram juntas e sua força ascendente força a massa de vapor a estender verticalmente, como um palheiro.<sup>128,129</sup> Quando uma nuvem cresce suficientemente, as regiões mais altas arrefecem, condensam-se e caem como chuva.

Enquanto os meteorologistas têm necessitado de fotografias por satélite, aviões, balões meteorológicos, computadores e outros equipamentos sofisticados para definir o processo, o Alcorão descreveu primeiro:

Não viste que Allah impulsa as nuvens; em seguida, junta-as; depois, fá-las um aglomerado? Então, tu vês a chuva sair de dentro delas. E do céu, de montanhas, nele formadas de nuvens, Ele faz descer granizo... (OSA 24:43)

“...de montanhas, nele formadas de nuvens, Ele faz descer granizo”? Ora *isso* é interessante. O Alcorão descreve as nuvens geradoras de chuva como aglomerados, mas as nuvens geradoras de

granizo como montanhas. E, de fato, somente quando nuvens cumulonimbus acumulam uma massa, como uma montanha, e se estendem desde suas bases de 3-4.000 pés até os limites de 25-30.000 pés, é que fazem as camadas superiores gerar granizo através da condensação e congelamento.<sup>130</sup>

Mais uma vez, este é um conhecimento recente. Para todos, menos para os muçulmanos.

**O Ciclo da Chuva.** Parece muito óbvio para a maioria das pessoas, mas, mais uma vez, temos que sair do nosso cone de silêncio do século XXI para ouvir o que as pessoas diziam sobre o ciclo da chuva há mil anos. Ou apenas há uns séculos atrás, na verdade.

O filósofo do século XVII, René Descartes, propôs que a água do mar se infiltrava através de canais subterrâneos em reservatórios sob os cumes das montanhas, algo como uma torre de água natural. Athanasius Kircher escreveu em seu *Mundus subterraneus* (Mundo Subterrâneo) de 1664 que a água do mar seria impulsionada pela força das marés em fendas subterrâneas, e, esta, eventualmente, brotaria em mananciais. Em seu *Ensaio para uma História Natural da Terra e Corpos Terrestres* de 1695, o geólogo inglês, John Woodward, endossou a ideia de um enorme mar subterrâneo que

comunicava com os oceanos e fornecia água através de nascentes e rios.

Bernard Palissy foi o primeiro a sugerir que a única fonte de nascentes e rios era das precipitações (*Discours Admirables*, 1580). As primeiras experiências que apoiaram sua hipótese foram realizadas na bacia do rio Sena no final do século XVII.<sup>131</sup>

Surpreendentemente, nem o povo do Monte Waialeale, no Havaí (apesar de ter o nível anual médio de precipitação mais alto do mundo, a 1.168 centímetros por ano), nem os beduínos do deserto (apesar de terem a maior *necessidade* de chuva) pareciam ter descoberto o ciclo de chuvas por conta própria. Uma passagem do Alcorão, no entanto, apresentou a realidade do caso mais de mil anos antes do ciclo de chuva ser concebido ou testado:

Não viste que Allah faz descer do céu água,  
e fá-la introduzir em nascentes, na terra? Em  
seguida, faz sair, com ela, searas de variadas  
cores... (OSA 39:21)

## **ANATOMIA E EMBRIOLOGIA**

A correlação entre as declarações do Alcorão e a embriologia é tão precisa que tem estimulado livros dedicados a este assunto. Um

resumo completo no formato deste capítulo, portanto, está condenado à insuficiência. No entanto, algumas das características mais salientes podem ser mencionadas brevemente, com uma referência a livros mais detalhados, se o leitor deseja analisar o tema com maior profundidade.

**Concepção.** O conceito de herança biparental foi proposto pela primeira vez por Pierre-Louis Moreau de Maupertuis em seu *Système de la Nature*, em 1751. Antes disso, prevalecia a crença baseada na sugestão de Aristóteles, do século IV aC, que os embriões se desenvolviam a partir da coagulação, ou congelamento (coalhar), do sangue menstrual, com “vapores” do sêmen atuando como um catalisador. O ponto de vista de Aristóteles pode ter influenciado o caminho de pelo menos um dos autores da Bíblia, Jó 10:10 registra, “Não me derramaste como leite e não me coalhaste como queijo...” Mesmo quando descoberto através do microscópio por Antonie Van Leeuwenhoek, os espermatozoides foram “comprovados” como parasitas no sêmen, pelos experimentos de Lazzaro Spallanzani.

A teoria da geração espontânea foi substituída pela teoria da pré-formação, que propôs que um feto pré-formado vivia como um ser humano diminuto na cabeça do espermatozoide (Jan Swammerdam, 1637-1680) ou no folículo ovariano (De Graaf, 1641-1693). Isto deu lugar à teoria da herança biparental, no século XVIII, que acabou perdendo a batalha frente aos experimentos de Driesch, no início do

século XX. No entanto, nos doze séculos anteriores, o Alcorão ensinou: “Ó homens! Por certo, Nós vos criamos de um varão e de uma varoa...” (OSA 49:13) e “Por certo, criamos o ser humano de *nutfah* (gota) seminal, mesclada (descarga sexual masculina e feminina)...” (OSA 76:2)

No século XIV, Ibn Al Hajar Al Asqalani registrou o conflito entre as opiniões falaciosas dos anatomistas do seu tempo e a revelação do Alcorão:

Muitos dos anatomistas afirmam que o sêmen do macho não tem nenhum papel na criação do bebê. O seu papel, dizem eles, é limitado a gelar (coalhar) o sangue menstrual a partir do qual o homem nasce. Os ditos do Profeta negam o que eles dizem. O sêmen do homem, na realidade, participa, igualmente ao feminino, na formação do embrião.<sup>132</sup>

Como um exemplo de tal ensinamento, Muhammad foi questionado uma vez: “Ó Muhammad! A partir do quê é criado o homem?” Está registrado que o Profeta respondeu: “Ele é criado a

partir de ambos: a partir do *nutfah* do homem (esperma) e do *nutfah* da mulher (óvulo)”.<sup>133</sup>

Notavelmente, a história não termina aí, porque o Alcorão ensina que apenas um pequeno elemento do sêmen funciona na concepção: “Em seguida, fez-lhe a descendência da quintessência de gota d’água desprezível” (OSA 32:8). Em um *hadith* diferente, é registrado que Muhammad disse: “Não de todo o fluido (ejaculado) o homem é criado, mas apenas de uma pequena parte dele”.<sup>134</sup> Isto, na verdade, não era conhecido pelo mundo científico até que Hertwig descreveu a fertilização de um óvulo por um espermatozoide em 1875.

**Desenvolvimento.** O embrião e o feto se desenvolvem dentro do castelo inflável do saco amniótico, suspenso no interior do útero muscular, encapsulado dentro do globo da parede abdominal. Estas três camadas parecem ser referenciadas na passagem: “Ele vos cria, nos ventres de vossas mães, criação após criação, em trevas tríplexes” (OSA 39:6).

Notavelmente, o conceito de que o embrião humano se desenvolve em estágios não foi registrado na literatura científica anterior ao século XV. De acordo com as teorias de pré-formação e geração espontânea, o ser humano foi criado completo, e só crescia em proporção. Até o século XV o desenvolvimento fetal por etapas não havia sido discutido, e até o século XVII os cientistas não

possuíam capacidade de representar o desenvolvimento do embrião da galinha, quando puderam graças à invenção do microscópio por Van Leeuwenhoek. As etapas dos embriões humanos foram descritas pela primeira vez no século XX, por Streeter, mas naquela época, o conceito corânico de epigenêse (desenvolvimento fetal em estágios) tinha já treze séculos de idade e possuía uma barba que teria envergonhado Rumpelstiltskin. Como é completa a descrição das fases embrionárias no Alcorão? Julgue por si mesmo:

Em seguida, fizemo-lo gota seminal, em lugar estável, seguro. Depois, criamos, da gota seminal, uma aderência; e criamos, da aderência, embrião; e criamos, do embrião, ossos; e revestimos os ossos de carne; em seguida, fizemo-lo surgir em criatura outra.  
- Então, Bendito seja Allah, O Melhor dos criadores! (OSA 23: 13-14)

Do ponto de vista científico, tudo sobre esta citação que descreve os estágios iniciais da embriogenia é do conhecimento do século XX: a aparência de gota – *nuftah* (ou seja, o zigoto, o primeiro estágio, formado pela união entre espermatozoide e óvulo) e a adesão firme do “coágulo de sangue” (isto é, o blastocisto, formado pela divisão do zigoto e que se assemelha a um pequeno coágulo de sangue ao

microscópio) no “local de repouso” (o útero). O blastocisto desenvolve vilosidades coriônicas que invadem a parede uterina, resultando na adesão, bem como a nutrição, e as vilosidades coriônicas rodeiam-se por lacunas microscópicas (“lagos”) de sangue. Nesta fase, o sangue fica estagnado e não há nenhuma troca artério-venosa, pois o blastocisto é suficientemente pequeno para derivar nutrição da infiltração de nutrientes. Assim, o blastocisto aparece sob o microscópio como um pequeno coágulo de sangue. A palavra árabe *alaqah* (traduzida como “coágulo” na passagem acima), na verdade, descreve três qualidades: um coágulo de sangue, com a aparência de sanguessuga e pegajoso.<sup>135</sup> E, na verdade, todas as três qualidades se aplicam. A aparência do embrião nesta fase do desenvolvimento é semelhante à de uma sanguessuga, tanto na forma quanto na fisiologia. Mais uma vez, este é um conhecimento científico do século XX, precedido quatorze séculos pela descrição do Alcorão.

Em relação a essas passagens do Alcorão que lidam com o desenvolvimento humano, o Dr. Keith L. Moore escreveu em seu altamente aclamado livro de embriologia, *O Desenvolvimento Humano*, que estava “surpreso com a precisão das declarações que foram registradas no século VII AD, antes da ciência da embriologia ser estabelecida”.<sup>136</sup> O Dr. Moore aponta que a palavra *mudghah*, descrita na *Surah* 23:14, na verdade, significa “um pedaço

mastigado”. Ele correlaciona esta descrição com os somitos, massas curvas segmentadas da mesoderma no embrião que se assemelham a um molde de marcas dentais.<sup>137(NE)</sup>

Além disso, o acima citado “e criamos, do embrião, ossos; e revestimos os ossos de carne” (OSA 23:14) correlaciona-se precisamente com o desenvolvimento sequencial dos somitos no esqueleto cartilaginoso, seguido pelo desenvolvimento dos músculos.

“Em seguida, fizemo-lo surgir em criatura outra” (OSA 23:14) pode referir-se à transformação na oitava semana a partir de um embrião não distinto em um feto que carrega características humanas diferenciadas. A *surah* 22:5 menciona: “em seguida, de gota seminal; depois, de uma aderência; em seguida, de embrião configurado e não configurado” – que pode referir-se ao fato de que alguns tecidos são diferenciados nesta fase, enquanto outros não são.

A análise de Moore é muito demorada para uma discussão adequada em um livro não dedicado a este assunto.<sup>138(NE)</sup> Mas cientificamente falando, nenhuma das opções acima eram conhecidas antes da invenção do microscópio por Antonie van Leeuwenhoek, no século XVII, portanto nada disto poderia ser visto a olho nu.

## MISCELÂNEA

**Mel.** De acordo com o Alcorão, o mel é uma substância em que “há cura para os homens” (OSA 16:69). Hoje, os benefícios medicinais do mel são bem conhecidos e extremamente numerosos para mencionarmos aqui. Rico em antioxidantes, vitaminas e minerais, o mel tem propriedades antimicrobianas, antifúngicas e antissépticas que podem acelerar a cicatrização de queimaduras, feridas e dores de garganta.

Agora, o ponto de interesse é que Muhammad é recordado como tendo ensinado: “Não há nenhuma doença que Allah tenha enviado, sem que tivesse também enviado sua cura”.<sup>139</sup> Se verdadeiro ou não, isso é o que ele acreditava, por isso, seria razoável esperar que o Alcorão contivesse receitas de remédios caseiros, isto é – se Muhammad fosse o autor. Isso, no entanto, não é o caso. Na verdade, o Alcorão é notavelmente desprovido de tratamentos medicinais.

Ao contrário dos ensinamentos de Muhammad.

Sahih Al-Bukhari, uma das coleções mais respeitadas e rigorosamente autenticadas de *ahadith*, contém cinquenta e oito itens somente no capítulo sobre medicina. Tão volumoso é o registro de remédios homeopáticos e fitoterápicos de Muhammad, que livros foram escritos sobre o assunto. A medicina, ao que parece, estava muito presente na mente de Muhammad. No entanto, como foi o caso com suas esposas e filhas, o Alcorão não refletiu os interesses de

Muhammad. Pelo contrário, a única referência no Alcorão a um agente medicinal é o mel, e sobre este ponto, ninguém discorda.

**Impressões digitais.** A revista científica inglesa *Nature* descreveu a singularidade das impressões digitais em 1880. Posteriormente, Sir Francis Galton sugeriu que um sistema de classificação fosse desenvolvido, publicado e adotado pela *Scotland Yard* no início de 1900. O sistema de classificação de impressões digitais de Galton-Henry já foi adotado em todo o mundo.

Por que isto é interessante? Porque, enquanto a singularidade das impressões digitais foi reconhecida cientificamente no século dezenove, o Alcorão faz alusão a esse fato mais de doze séculos antes. A *Surah 75: 3-4* refere-se ao Dia do Juízo e enfatiza a capacidade perfeita de Allah ressuscitar a humanidade, *até a ponta dos dedos*: “O ser humano supõe que não lhe juntaremos os ossos? Sim! Juntar-lhos-emos, sendo Nós Poderoso para refazer-lhe as extremidades dos dedos”.

E agora, algo completamente esotérico.

Ao longo do Alcorão, Allah refere a si mesmo como “o Senhor do Oriente e do Ocidente”. O leitor casual pode ser atingido pelo fato de que, em nenhum momento, Allah se refere a si mesmo como “Senhor do Norte e do Sul”.

Talvez nós devamos considerar que, uma vez ou outra, as escrituras reveladas enfatizam a infinita perfeição e poderes de nosso Criador. Em nenhum lugar de uma escritura revelada, seja ela o Antigo Testamento, Novo Testamento, ou o Alcorão, há limitações sobre Deus. Assim também com a descrição acima.

Pense nisso. Se nos dissessem para viajar para o norte, e continuássemos viajando para o norte até que não pudéssemos mais, alcançaríamos o Pólo Norte e parariamos, pois continuar significaria ir para o sul. O mesmo ocorreria viajando para o sul – uma vez no Pólo Sul, um passo adiante seria em direção ao norte. O norte tem um limite superior e o sul, um limite inferior.

Agora, que tal leste (orientes) e oeste (ocidentes)? Se nos dissessem para viajar para o orientes (ou ocidentes), e continuar viajando seguindo até que não pudéssemos viajar mais nessa direção, nós daríamos voltas ao redor do globo até a morte. Ou toda a eternidade. E esse é o ponto. Descrever Allah como “Senhor do Norte e do Sul” colocaria uma limitação sobre Ele, ao passo que “Senhor do Orientes e do Ocidentes” traz a conotação de infinidade.

Interessante, então, que o Alcorão identifique Allah como Senhor do Orientes e do Ocidentes, e não do Norte e do Sul. Podemos supor que esta escolha foi uma coincidência? Provavelmente não, e por uma razão muito simples.

Na *Surah* 2:144, Allah redirecionou a oração muçulmana de Jerusalém para a mesquita sagrada em Makkah. Duas *ayat* anteriormente, Allah disse aos crentes como responder às objeções sobre esta mudança: “Dize: A Allah pertence Oriente e do Ocidente...” (OSA 2:142).

Agora, aqui está o problema. Estes versículos foram revelados quando os muçulmanos viviam em Madinah, que hoje é conhecida como Arábia Saudita. Em Madinah, mudar a direção da oração de Jerusalém para Makkah constituía em uma inversão de Norte-Noroeste para Sul. E, ainda mais, como os muçulmanos foram instruídos a responder às objeções? Dizendo “A Allah pertence o Oriente e o Ocidente”. Se alguma vez houve lugar para dizer “A Allah pertence o Norte e o Sul”, foi aqui. O que uma pessoa normal teria dito? “Mude a direção de norte para sul, pois Allah é o Senhor do Norte e do Sul”. O que diz o Alcorão? “A Allah pertence o Oriente e o Ocidente”. Obviamente, há uma mensagem mais profunda aqui, e se não é o domínio ilimitado, poder e essência de Allah, temos que nos perguntar o que mais essa mensagem poderia ser.

Um último ponto. Durante a vida de Muhammad, os polos Norte e Sul e o eixo de rotação da Terra eram desconhecidos. Ademais, que a Terra era redonda não foi cientificamente comprovado por séculos, se não por um milênio. Os árabes viviam em uma área do mundo de

tamanho de um selo, onde as direções cardinais não tinham nenhuma das conotações discutidas acima. Assim, mesmo se os árabes quisessem expressar desta forma a infinidade de Allah, não teriam sido capazes de fazê-lo. Em vez disso, podemos muito bem imaginar que mesmo o beduíno mais inteligente, educado e explorador de quatorze séculos atrás, que quisesse expressar a supremacia de Allah, teria O descrito como Senhor do Norte, Sul, Leste, Oeste e todos os pontos intermediários. O fato de que o Norte e o Sul são claramente não mencionados não significa que haja origem divina na revelação, mas certamente vai contra o que seria esperado de um autor humano.

## ***9: Resumo da Evidência***

*Fatos são coisas teimosas; e o que quer que possa ser nossos desejos, nossas inclinações, ou os ditames de nossas paixões, estes não podem alterar o estado dos fatos e evidências.*

-John Adams

O Alcorão afirma ser a palavra de Allah, e, como tal, é infalível: “A falsidade não lhe chega, nem por diante nem por detrás dele. É a revelação descida de Um Sábio, Louvável” (OSA 41:42).

Os não muçulmanos afirmam que o Alcorão foi escrito por Muhammad. No entanto, como o Dr. Maurice Bucaille ressalta: “É fácil colocar a hipótese de Muhammad como sendo um pensador brilhante, que poderia imaginar por conta própria tudo o que a

ciência moderna veio a descobrir séculos mais tarde. Ao fazer isso, no entanto, as pessoas simplesmente se esquecem de mencionar outro aspecto que esses gênios do raciocínio filosófico produziram, ou seja, os erros colossais que desarrumam o seu trabalho”.<sup>140</sup>

O Alcorão não apenas *não* está repleto de “erros colossais”, mas também parece estar desprovido até de erros menores. Isto é ainda mais notável considerando a riqueza de informações apresentada nele. Certamente, muitas afirmações encontradas no Alcorão teriam parecido peculiares durante a época de Muhammad, se não incompreensíveis, e possivelmente desnecessárias para a revelação. Se Muhammad havia proposto ser um impostor, temos que perguntar por que ele previu eventos futuros e verdades científicas que permaneceram não comprovadas por séculos, se não por mais de um milênio. E como ele conseguiu fazer tudo certo? Sem um único erro?

Nas palavras do Dr. Bucaille, “Como pode um homem que viveu mil e quatrocentos anos atrás fazer correções à descrição existente, de tal forma que eliminou todo o material cientificamente impreciso e, por sua própria iniciativa, fez declarações que a ciência tem sido capaz de verificar apenas nos dias de hoje? Esta hipótese é completamente insustentável”.<sup>141</sup>

Em autodefesa, alguns não muçulmanos apresentam argumentos como “nosso livro contra o seu”, alegando que se o Alcorão

contradiz o Velho ou Novo Testamento, então ele não pode ser revelação. Mas, este argumento só é válido se os livros sob comparação possuem a mesma autoridade, e esta escolha – a escolha de qual livro é mais confiável – é deixada para o leitor.

Os não muçulmanos também argumentam, às vezes, com base em costumes ou tradições; mas estas questões não têm relação com a análise da religião. Outras questões, tais como a poligamia, o véu feminino, papéis familiares e restrições alimentares *são* de caráter religioso, mas estranhas aos estilos de vida ocidentais. Como tais pontos não são pontos de evidência, mas de preferência, estes tornam-se uma base perigosa para avaliação, pois “E, quiçá, odieis algo que vos seja melhor. E, quiçá, ameis algo que vos seja pior. E Allah sabe, e vós não sabeis” (OSA 2:216). A preferência pessoal, em outras palavras, pode ser enganosa.

Apesar de todos os argumentos filosóficos, os desafios permanecem para encontrar uma única mentira ou para compor uma *surah* de dez palavras e três linhas, melhor que qualquer uma do Alcorão. Considerando que estes desafios nunca foram cumpridos e vencidos, o Alcorão merece o nosso respeito.

Um estatístico, ou uma pessoa que trabalha com probabilidades, apreciará o fato de que muitas das previsões do Alcorão parecem ter sido apostas ruins em sua época. Previsões como as que envolvem as

batalhas de Roma contra a Pérsia e a condenação de Abu Lahab, sua esposa e Al-Walid ibn Al-Mughirah certamente se enquadram nesta categoria. As probabilidades de tais previsões terem se tornado verdadeiras eram incalculáveis, mas mesmo se a cada uma fosse dada uma probabilidade de cinquenta por cento, na grande maioria de tais previsões a probabilidade de estarem corretas é astro-nomicamente pequena em cada caso.

Por exemplo, a probabilidade de duas previsões, cada uma tendo uma probabilidade de cinquenta por cento, sendo ambas corretas é um em cada quatro. Basicamente, existem três combinações de erro (a primeira previsão é certa e a segunda errada, ou a primeira é errada e a segunda é certa, ou ambas são erradas), e apenas uma chance de ambas as previsões estarem corretas. Isto é, uma chance em quatro. A chance de três dentre tais previsões estarem todas corretas é uma em oito; e com cada previsão adicional, a probabilidade cai pela metade novamente. A probabilidade de *todas* as previsões estarem corretas é incrivelmente pequena. Há mais de sessenta elementos de prova citados nos capítulos anteriores, e estes representam apenas uma fração do total citado por estudiosos islâmicos. No entanto, se cada um destes mais de sessenta elementos de prova for atribuído a uma probabilidade conservadora de cinquenta por cento, o risco de todos os mais de sessenta itens de prova estarem corretos, com base no mero acaso, seria  $(1/2)^{60}$ , que se traduz em menos de uma

chance em 1.000.000.000.000.000.000. Isto é, um em *um quintilhão*. O fato de que uma religião popular se baseia numa revelação que tem uma probabilidade tão infinitamente pequena de acerto por mera coincidência, não é algo surpreendente. Ao contrário, o fato de muitos permanecerem negando tais probabilidades é verdadeiramente surpreendente.

Apesar das evidências, muitos ocidentais se queixam de que o Alcorão não os inspira da mesma forma que a Bíblia. Temos de nos lembrar, no entanto, que nenhuma tradução faz justiça ao árabe. Por esta razão, devemos respeitar as opiniões daqueles que dominam a língua árabe. Alguns desses autores comentam,

Todos aqueles que estão familiarizados com o Alcorão em árabe concordam em elogiar a beleza deste livro religioso; a grandeza de sua forma é tão sublime que nenhuma tradução em qualquer idioma europeu pode nos permitir apreciá-la.<sup>142</sup>

A verdade é que eu não encontro entendimento de nenhum autor que converta a elegância do Alcorão, que é geralmente estimada como o padrão do idioma árabe e sua eloquência.<sup>143</sup>

O Alcorão, em sua forma original no árabe, tem uma beleza sedutora e um encanto próprio. Redigido em estilo conciso e exaltado, suas curtas frases, muitas vezes em rima, possuem uma força expressiva e energia explosiva que é extremamente difícil de transmitir da palavra literal para a palavra traduzida.<sup>144</sup>

Muitos ocidentais podem, então, desesperar-se sobre sua incapacidade para apreciar o Alcorão na eloquência do árabe revelado. Esta dificuldade pode ser agravada pelo grande número de pobres traduções amplamente disponíveis nas livrarias ocidentais. Dentre as melhores traduções está a de Abdullah Yusuf Ali tradução do significado (o Alcorão Sagrado), a de *Saheeh International* (O Alcorão), do esforço combinado de Muhammad Al-Hilali e Muhammad Khan (O Nobre Alcorão), e de Marmaduke Pickthall (O Glorioso Alcorão). Outras traduções respeitadas existem, mas as de Alexander Ross, George Sale, Rev. J. M. Rodwell, Edward Henry Palmer, e Richard Bell devem, certamente, ser evitadas.

O que resta, então, é que as pessoas leiam o Alcorão entendendo que as qualidades emotivas do árabe são perdidas na tradução. Dito isto, a mensagem e o mensageiro são inseparáveis, e muitos acham

Brown / Guiados?

que apreciam melhor a Escritura quando estudam a vida do homem que a transmitiu.

## ***PARTE II: Os Mensageiros***

*No escuro todos os gatos são pardos.*

-Provérbio vietnamita

Assim ocorre com os mensageiros. Então, vamos lançar alguma luz sobre eles.

Nem todos os profetas são iguais. Alguns receberam a revelação, alguns alegaram inspiração divina e estes dois grupos não são necessariamente mutuamente inclusivos. Por exemplo, Jesus Cristo declarou ter sido da primeira categoria, e Paulo da segunda. A afirmação de Jesus foi concreta; a de Paulo foi mística.

Em quem se deve confiar, se é que devemos?

Na história da religião, um fato que rapidamente se torna evidente é que o Judaísmo, Cristianismo e Islam foram todos fundados sobre a mensagem central notavelmente consistente. Durante o período de suas origens, todas essas três religiões ensinaram a unicidade de Deus, a humanidade de seus profetas, e um conjunto de leis que mostrou apenas uma ligeira modificação de uma revelação à outra.<sup>145(NE)</sup>

Igualmente evidente é o fato de que o misticismo eventualmente invadiu cada uma dessas religiões e corrompeu as crenças daqueles que as sustentaram em suas origens, criando um caleidoscópio de seitas desviadas do original. No centro de cada uma destas seitas desviadas sempre houve um “profeta inspirado”.

Assim, o Judaísmo ortodoxo ofuscou-se, em grande parte, pela Reforma judaica mais permissiva; o estrito monoteísmo e compromisso com a lei do Antigo Testamento que tipificava o Cristianismo primitivo tornou-se corrompido pela fórmula trinitária e pela ilegalidade do conceito da justificação pela fé de Paulo; e o Islam ortodoxo foi corroído por muitos movimentos “reformistas”, “modernos” e “místicos” que tentaram reescrever as leis do Islam. Na cabeça de cada uma destas seitas desviadas há um homem, mulher ou grupo que seduziu seus seguidores oferecendo uma maior permissividade religiosa, geralmente em combinação com a promessa de uma salvação quase sem esforço. Algumas pessoas

optam por seguir as escrituras e os profetas que as transmitiram; outros confiam nos ensinamentos dos líderes misticamente “inspirados”.

O fato de que os ensinamentos destes líderes “inspirados” normalmente contradizem os ensinamentos dos profetas verdadeiros, não passou despercebido. Tampouco, o fato de que os verdadeiros profetas se recusaram que a revelação atendesse os desejos de seus seguidores. Se a piedade fosse uma festa, todo mundo compareceria. Mas, não é. Considerando que os charlatões (e seus seguidores) vivem frequentemente em luxo e comodidades, os verdadeiros profetas (e *seus* seguidores) são mais conhecidos por ter sofrido perseguição e pobreza, mas com evidência de proteção divina. O socorro estava próximo, mas sempre chegou após um período de provação.

Por exemplo, Deus recompensou a fé inabalável de José, apesar de sua escravização e posterior encarceramento, com sua libertação e uma posição de autoridade. Ele recompensou a paciência de Jó em seu sofrimento com o restabelecimento de sua saúde, riqueza e posição; a lealdade de Noé com sua salvação de ambos os incrédulos e o dilúvio; e perseverança de Moisés com uma posição de liderança entre os judeus. A lista continua e o padrão é consistente. Falsos profetas gozam de grande estilo nesta vida mundana e uma negligência temerária quanto ao castigo que os espera na próxima

vida. Os verdadeiros profetas, por outro lado, provam a sua sinceridade através da paciência nas provações, e, no final, são recompensados por sua fé e perseverança.

“E quanto a Jesus Cristo?” Alguns podem perguntar. “E quanto à sua crucificação e sofrimento? E sobre a sua *paixão*?” Sim, bem, se Jesus Cristo não foi crucificado, então Deus o salvou e *não houve paixão*. Se esse tivesse sido o caso (a evidência que é discutida no primeiro livro desta série, *Desviados?*), Deus salvou Jesus elevando-o desta vida mundana, e perto do Dia do Juízo Final irá devolvê-lo à Terra em uma posição de autoridade.

Outra semelhança é que todos os verdadeiros profetas foram enviados para corrigir as transgressões da Escritura anterior. Ao longo da história da revelação alguns abraçaram o ensinamento, outros perverteram a mensagem, e outros ainda a negaram sem rodeios. A diversidade de seitas religiosas é um resultado direto deste mosaico que é a natureza humana. Os principais temas da unicidade divina e as leis de Deus fluem através do fundamento de todas as religiões reveladas, enquanto que valores fundamentais do misticismo e da teologia de autosserviço fluem através das seitas desviantes. Tendências religiosas, ao que parece, não mudam muito.

A maioria das pessoas se considera capaz de diferenciar os verdadeiros e falsos profetas, e a revelação pura da corrupta, mas é

um fato doloroso que, para cada profeta, houve aqueles que o consideravam iludido, e para cada charlatão houve aqueles que o consideravam um profeta. Felizmente, existem indicadores para esclarecer qualquer declaração de qualquer candidato à missão profética, e são esses indicadores que exigem exame.

## ***1: De Adão a Moisés***

*Um homem com coragem é uma maioria.*

-Andrew Jackson

O Judaísmo, o Cristianismo e o Islam, todos eles descrevem a cadeia de profecia desde Adão até Moisés, e reconhecem cada profeta como tendo se situado relativamente sozinho no campo da retidão, em seu tempo. As Bíblias dos judeus e cristãos, bem como o Alcorão, todos mencionam o seguinte (com os nomes árabes, caso sejam diferentes, entre parênteses): Adão (Adam), Noé (Nuh), Ló (Lut), Abraão (Ibrahim), Ismael (Isma'il), Isaque (Is'haq), Jacó (Yaqoub), José (Yusuf), Aarão (Harun), Moisés (Mussa), Davi (Dawud), Salomão (Sulaiman), Jó (Ayyub), Ezequiel (Zulkifl), Jonas (Yunus), Elias (Ilyas), e Eliseu (Al-Yasa').

Enquanto o Antigo Testamento, o Novo Testamento e o Alcorão reconhecem estes profetas, eles diferem nos detalhes de suas vidas. Por exemplo, todas as três escrituras afirmam que o povo de Ló foi extinto como punição por seus caminhos “atrasados”, o profeta Jonas deslizou em ambas as direções no tobogã escorregadio da garganta de uma baleia, e Davi deixou uma impressionante primeira (e última) impressão em Golias.

No entanto, existem diferenças significativas.

O Islam registra que Allah perdoou Adão e Eva por seu pecado de ter comido o fruto proibido, fechando a porta sobre o conceito do pecado original. O Alcorão Sagrado não atribui incesto, embriaguez, contratação de prostitutas nem assassinato a certos profetas, em contraste com as descrições do Antigo Testamento sobre Ló, Noé, Judá, e David, respectivamente. Em vez disso, o Islam ensina que os profetas exemplificaram, em vez de contradizer, a conduta correta que foram enviados para transmitir.

Além disso, o Alcorão menciona Hud, enviado para o povo de ‘Ad (OSA 7:65); Salih, enviado ao povo de Thamud (OSA 7:73); e outros profetas, embora não necessariamente pelos seus nomes.

Ora, enquanto nós podemos estabelecer a continuidade na cadeia dos grandes profetas, o padrão de profecia continua a ser um pouco evasivo nas escrituras judaicas e cristãs. Certamente, a genealogia da

raça humana parece ter sido acordada: Adão tinha uma esposa, tiveram filhos, e deles a raça humana surgiu. Os dois filhos de Adão estabeleceram a tradição da rivalidade entre irmãos não em pequeno grau, enquanto, ao mesmo tempo, representaram os polos opostos da justiça e impiedade. E os homens têm esmurrado uns aos outros desde então.

Uma série de conhecidos profetas seguiram em sequência bem espaçada, com outros, profetas anônimos, como ramificações de uma linhagem principal. Mas por quê? Qual é o esquema geral?

Por certo, alguns profetas seguiram os passos de outros, tais como a sucessão aparentemente interminável de profetas enviados aos judeus rebeldes. No entanto, o que acontece com essas culturas que cresceram, prosperaram, e feneceram sem nunca ter um Moisés ou Cristo para orientar a população à salvação? O que aconteceu com *essas* pessoas? Dentro dos limites de ensinamentos judaico-cristãos, as únicas respostas para essa pergunta apoiam-se na especulação.

O Islam, por outro lado, ensina que nenhum povo jamais foi deixado sem orientação. Como o Alcorão Sagrado diz: “Por certo, Nós te enviamos, com a Verdade, por alvissareiro e admoestador. E nunca houve nação, sem que nela passasse um admoestador.” (OSA 35:24).

Em algum lugar no tempo, Deus concedeu a bênção da linguagem escrita à humanidade, e a revelação posterior foi registrada em papel. O *Suhuf* (Folhas) foi revelado a Abraão, o *Zabur* (Salmos) a David, o *Tawraat* (Torá) a Moisés, o *Injil* (Evangelho) a Jesus e o *Qur'an* (Alcorão) a Muhammad.

Com o advento dos registros escritos, cada revelação gozava de maior duração e circulação, com menor necessidade de memorizações humanas. No entanto, as primeiras escrituras foram manipuladas e corrompidas (como discutido em *Desviados?*) e isto exigiu uma renovação da revelação para se ajustar o registro. Afinal, qual seria a necessidade de um outro profeta se a escritura anterior estivesse acima de qualquer suspeita?

Por causa das escrituras do Antigo Testamento terem sido corrompidas, Jesus Cristo foi necessário para restaurar a pureza da revelação. Esta pureza, no entanto, não durou muito, e o Novo Testamento dá amplo testemunho de sua adulteração. Daí a necessidade de um profeta final – como previsto por ambos, Antigo e Novo Testamento – e uma revelação final divinamente protegida. Quem é este profeta final? E qual é a revelação final? De acordo com o Islam, Muhammad e o Alcorão Sagrado. No entanto, a fim de apreciar essa alegação, primeiro temos de examinar a vida e as mensagens de Moisés e Jesus.

Brown / Guiados?

## ***2: Moisés***

*Quem fala a verdade deve ter um pé no estribo.*

-Provérbio hindu

Quem foi o Moisés do Antigo Testamento? Um Cavalo de Tróia humano na casa de Faraó, um auto-exilado após ter matado acidentalmente um abusivo senhor de escravos, um homem de honra e integridade que voltou à corte do Faraó, sem medo das consequências, para satisfazer o comando de seu Criador e um profeta que lutou contra a adversidade, tanto de fora quanto de dentro do grupo rebelde de refugiados resgatados da escravidão pela vontade de Deus – esse era o homem Moisés. Ele era um profeta rejeitado pela maioria em sua terra natal, repetidamente desafiado por aqueles aos quais foi enviado para salvar, que lutou até o fim de seus dias

para incutir algum senso de piedade em um povo que, uma e outra vez, abertamente se rebelaram contra os mandamentos de Deus.

E, ainda assim, ele perseverou.

Ele caiu de um elevado cargo para a posição mais baixa do anonimato, só para lhe ser concedido o dom da revelação, tendo crédito com uma série de milagres de apoio. E nisso ele parece ter conseguido, pois deixou esta terra tendo cumprido o que lhe foi ordenado. Alguns de seus seguidores permaneceram obedientes aos ditames da Lei do Velho Testamento, e um grande número não. O mais peculiar, porém, é que a revelação transmitida por Moisés admoestou os judeus por suas transgressões e ainda, uma e outra vez, a única mensagem que muitos deles parecem ter conservado é o conceito de haver sido “escolhido”. A importância da fidelidade aos mandatos de Deus tornou-se secundária, em muitas de suas mentes, ao conceito simplista de elitismo racial, e isso apesar de versículos do Antigo Testamento que criticam ou condenam os judeus.

Por exemplo, Moisés atravessou alguns hieróglifos bastante ininteligíveis para o bem de sua mensagem de revelação. No entanto, ele não podia sequer tirar uma licença de quarenta dias de ausência para comungar com o Criador, sem que seus seguidores voltassem ao paganismo. Mesmo que eles tivessem testemunhado o milagre – caminhando entre as paredes de água do mar, sombreados por uma

coluna de nuvens durante o dia e aquecidos por uma coluna de fogo durante a noite, subsistindo com maná e codornizes e bebendo água da rocha das doze fontes, tudo pela graça de Deus – quando Moisés se afastou da cena para comungar com Aquele que salvou e protegeu todos eles, puseram-se a construir um ídolo inútil de um quadrúpede de metal fundido! (Neemias 9:9-18)

Como foi a reação de Deus? Advertiu a Moisés:

‘Levanta-te! Desce sem demora, pois teu povo, o que dirigiste em liberdade para fora do Egito, já se corrompeu! Já se desviaram do Caminho em que Eu os orientara: fizeram para si um ídolo de metal fundido!’ ... ‘Vejo claramente o quanto este povo é, de fato, um povo insubordinável... Vou exterminá-los e apagar o seu nome de debaixo do céu!’ (Deuteronômio 9:12-14)

O Antigo Testamento continua narrando a rebelião dos judeus contra os mandamentos de Deus (Deuteronômio 9:22-24), sua teimosia e maldade (Deuteronômio 9:27), a ruptura de sua aliança e raiva resultante de Deus (Deuteronômio 31:16-21), com Moisés efetivamente resumindo:

“Tomai este Livro da Torá, da Lei, e colocai-o ao lado da Arca da Aliança de Yahweh, vosso Deus, onde deverá permanecer como testemunha contra ti! Porque Eu conheço teu espírito rebelde e tua dura cerviz. Se hoje, enquanto ainda estou vivo e em tua presença, sois teimosos e rebeldes contra o SENHOR, quanto mais após a minha morte! Agora, pois, reuni junto a mim todos os anciãos, líderes de vossas tribos, e os vossos escribas e oficiais, para que eu fale estas palavras aos seus ouvidos, e tome o céu e a terra como testemunhas contra eles. Pois eu sei que após a minha morte ireis vos corromper completamente, desviando-vos do Caminho que vos ordenei; então a desgraça vos sobrevirá no futuro, por terdes vos entregado à prática do que é mau aos olhos do SENHOR, irando-o terrivelmente por meio das obras das vossas próprias mãos!” (Deuteronômio 31: 26-29).

Em Deuteronômio 32:21 é registrado Deus tendo dito,

A zelos me provocaram por meio de deuses inexistentes, com ídolos e imagens me irritaram; Eu também farei que sofram ciúmes de quem não é meu povo, nem mesmo nação é; com uma multidão de pessoas insensatas Eu os provocarei à ira!

Esta última linha a respeito de “nem mesmo nação... pessoas insensatas” pode acertar um alvo de interesse, pois quem na terra dos israelitas estava mais dividido que os ismaelitas, ou em outras palavras, os árabes? Um grupo inculto e ignorante (“insensato”, se preferir), díspar e dividido dos habitantes do deserto no período pré-islâmico da ignorância. Eles tanto eram “nem mesmo nação” que Alexandre, o Grande, o Império Persa, o Império Romano e os egípcios simplesmente passaram por eles. Por quê? Porque não havia nenhuma nação árabe para conquistar. Estavam tão divididos e dispersos, eram tão desorganizados e tribais, que não possuíam uma identidade nacional para abordar as jóias da coroa a se cobiçar.

No entanto, na sequência da revelação do Alcorão Sagrado, essas pessoas uniram-se, pela primeira vez na história, levantaram-se para desenvolver os maiores institutos intelectuais de sua época,

expandiram seus limites territoriais da Espanha até a borda da China para estabelecer, em um curto espaço de vinte e cinco anos, um império que realizou mais domínio sobre reinos e países do que o Império Romano já havia feito em oito séculos. Além disso, subjugou os judeus para, efetivamente, “de pessoas insensatas serem provocados à ira”.

E Deus predisse ainda maiores punições:

Amontoarei desgraças sobre eles;  
as minhas setas esgotarei contra eles.  
Consumidos serão pela fome,  
devorados pela febre e peste violenta;  
e contra eles ainda enviarei dentes de feras e  
veneno de víboras que se arrastam pelo pó  
da terra.  
Pelas ruas a espada os deixará sem filhos;  
em suas casas reinará o terror.  
Morrerão moços e moças, crianças e  
homens já grisalhos... A mim pertence a  
vingança e todo tipo de pagamento!  
No tempo certo os pés dessa gente  
começarão a escorregar, o dia da sua  
desgraça aproxima-se célere, e seu próprio  
destino se apressa sobre eles.

(Deuteronômio 32:23-35)

E ainda, apesar das repetidas punições de Deus, dos castigos, maldições e condenação, quantas vezes nos deparamos com judeus que não contemplam a importância de tais duras declarações de censura, ao contrário vangloriam-se repetindo a frase de “povo escolhido”? O erro é lamentável, pois já desviou muitos a desconsiderar as predições do Velho Testamento sobre os três profetas que deveriam seguir. Os judeus da época de Jesus não compreenderam essa previsão, e por isso os fariseus perguntaram a identidade de João Batista:

E este é o testemunho de João, quando os judeus enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para o interrogarem: “Quem és tu?” Ele confessou e não negou; mas declarou francamente: “Eu não sou o Cristo.” E o questionaram: “Quem és, então? És tu Elias?” Ele disse: “Não o sou.” “És tu o Profeta?” E João afirmou: “Não.” (João 1:19-21)

Depois da resposta evasiva de João Batista, os fariseus persistiram perguntando: “Então, por que batizas, se não és o Cristo, nem Elias, nem o Profeta?” (João 1:25)

Cristo, Elias, e “o Profeta” são claramente mencionados não apenas uma, mas duas vezes. Pela escritura, João Batista não era o Cristo, embora possa ter sido Elias – apesar da suposta negação de João, Jesus Cristo o identificou como Elias em Mateus 17:11-13. Inconsistências de lado, a questão crítica é a identidade do terceiro mensageiro. Quem é “o Profeta”?

Uma vez que os estudiosos judeus do tempo de João Batista previram três mensageiros a seguir, podemos razoavelmente esperar encontrar evidências disso no Antigo Testamento, pois de qual outra fonte poderiam os fariseus esperar três enviados pelo decreto divino?

E, de fato, o Antigo Testamento está repleto de previsões e descrições de mensageiros a seguir. Estas passagens alinhadas com João Batista e Jesus Cristo são bem conhecidas. Previsivelmente, no entanto, várias passagens não se encaixam na descrição destes dois profetas – como seria de esperar, considerando que os judeus aguardavam um terceiro. Dentre essas predições está Isaías 42, em que o profeta em questão é duas vezes referido como um mensageiro para os gentios (Isaías 42:1 e 42:6), ao contrário de Jesus Cristo, que

alegou não ter sido enviado “senão às ovelhas perdidas da casa de Israel” (Mateus 15:24).

Além disso, em consonância com outras predições do Antigo Testamento sobre um profeta ismaelita (Gênesis 17:20, 21:13 e 21:18), Isaías 42:11 descreve o profeta anunciado como um ismaelita na linha de Kedar – isto é, a linha da ascendência de Muhammad.

Relevante a este tema, os nomes de Isaque e Ismael poderiam ter sido modificados na escritura bíblica por preconceito religioso. Esta sugestão não é irracional, posto que outros elementos da história do Antigo Testamento se encaixam como um pino quadrado em um buraco redondo.<sup>146(NE)</sup>

Por que isso é importante? Porque Isaías 42 não é o único capítulo no Antigo Testamento que prevê um profeta diferente de João Batista ou Jesus Cristo. Além disso, como veremos em breve, há razão para suspeitar que esse profeta final não tenha surgido a partir da linha dos judeus, mas a partir da linha dos ismaelitas.

E como conheceremos este último profeta? Jeremias 28:9 declara: “Mas o profeta que pregar a paz será reconhecido como verdadeiramente mandado pelo Senhor quando se cumprir a sua palavra!”. Se aceitarmos este versículo como critério para julgar um profeta, os muçulmanos são rápidos em anunciar que Muhammad profetizou a paz. Além disso, como já discutido anteriormente, todas

as previsões contidas no Alcorão Sagrado ou já foram cumpridas ou, pelo menos, permanecem inexpugnáveis. A “palavra do profeta”, ao que parece, tem “acontecido”.

Um ponto adicional é que a palavra hebraica para “paz” em Jeremias 28:9 é *shalom*, o equivalente árabe é *salam*, ou “Islam”. Por isso, se o versículo acima fosse traduzido para o árabe, leríamos, “mas o profeta que pregar o *salam*...” Ou “mas o profeta que pregar o Islam...”

Mais importante, no entanto, é que Jesus Cristo não parece ter sido o profeta mencionado em Jeremias 28:9. É verdade que os cristãos falam de Jesus Cristo como o “Príncipe da Paz”, mas o que Jesus disse? Algo bem diferente: “Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada” (Mateus 10:34) e “Pensai que Eu vim para trazer paz à terra? Não, Eu vo-lo asseguro. Ao contrário, vim trazer separação!” (Lucas 12:51). Então, quem é o profeta que previu que profetizaria a paz (*salam*, ou Islam), se não é Jesus?

Vamos perguntar a Jacó. Em Gênesis 49:10 é registrado como tendo dito,

“Portanto, o cetro não se apartará de Judá,  
nem o bastão de comando de sua  
posteridade, até que venha Siló, aquele a  
Quem o cetro pertence, e a Ele obedeçam

todos os povos da terra!”

Muito bem. Quem, ou o que, é “Siló”? Uma pessoa, um lugar, uma ideologia? Não importa muito. Poderia “Siló” referir-se a Jesus Cristo? É certo que não, pois ele nasceu na linhagem de Judá, de quem, prediz este versículo, o cetro irá partir. Poderia “Siló” referir-se ao Islam, uma vez que tanto *Siló* e Islam significam paz? Bem, talvez. Mas, talvez não. Mais uma vez, não importa muito. O que importa é que a perda do poder da legislação e profecia na linha de Isaque é predita. É um fato. Se o Antigo Testamento deve ser respeitado, isso aconteceu, ou acontecerá. Afinal de contas, de que se trata todo o livro de Malaquias, se não a transferência da revelação dos israelitas desobedientes à linha dos gentios?

Então o que estamos dizendo? Que o Antigo Testamento previa um profeta final que seguiria Jesus e não apenas um profeta final, mas na linha dos ismaelitas?

Ah, sim, isso é exatamente o que estamos dizendo.

Mas, se este fosse o caso, não esperaríamos que Moisés e Jesus tivessem falado sobre este assunto?

Na verdade, parece que eles falaram. De acordo com Deuteronômio 18:18, Moisés transmite a revelação de Deus com

estas palavras: “Portanto, vou suscitar para eles um profeta como tu, no meio dos seus próprios irmãos. Colocarei as minhas palavras em sua boca”.

Então, quem poderia ser o profeta “como Moisés”? Não parece ter sido Jesus Cristo, pois sua linhagem foi através da linha de Isaque, e o profeta em questão foi anunciado a surgir entre os irmãos dos israelitas, que não podemos nos furtar de entender que quer dizer os ismaelitas. Mas, vamos ser claros sobre este ponto. Será que “irmãos” significa literalmente “irmãos”, como algo intuitivo, ou significa descendentes e parentes, como alguns autores propõem?

Vamos perguntar à Bíblia.

O Gênesis 16:12 ensina que Ismael “viverá em hostilidade contra todos os seus parentes!” Agora, no momento em que este versículo foi revelado, Ismael não tinha filhos (aliás, ele sequer havia nascido). Então, vamos dar-lhe quatorze anos para amadurecer, mais um ano para seu primeiro filho, mais quinze anos para este filho amadurecer e misturar as linhagens com a de alguém de fora e mais outros quinze anos até o amadurecimento – quase cinquenta anos teriam se passado antes da linhagem de Ismael ser diluída a vinte e cinco por cento. Então, quem poderiam ser os irmãos, em cuja presença Ismael viveria, se os únicos outros ismaelitas, nos seguintes cinquenta anos, mais ou menos, teriam sido seus próprios filhos e netos? Se a

passagem se refere à sua prole, esperaríamos que isso ficasse evidente. Afinal, chamar descendência de alguém por “irmãos” é cortar e emendar alguns ramos da árvore genealógica. Os únicos candidatos remanescentes como irmãos de Ismael eram, então, seus irmãos, os israelitas.

Então, se entendermos que o profeta anunciado originou da linha de Ismael, quem poderia ser? Quem era o profeta “como Moisés”?

Vamos listar o que sabemos de Moisés, e ver como isso se compara a Jesus Cristo.

1. Moisés nasceu de pai e mãe, ao passo que Jesus nasceu de uma virgem, quer dizer, sem um pai.

2. Moisés casou e teve filhos, enquanto Jesus se manteve solteiro e celibatário.

3. Moisés, apesar de inicialmente rejeitado pelo seu povo, foi finalmente aceito, enquanto Jesus até os dias de hoje é rejeitado pelo povo a quem foi enviado (isto é, os filhos de Israel).

4. Moisés era um rei para o seu povo, com o poder de impor a pena de morte (Números 15:35-36), enquanto Jesus declarou que “O meu reino não é neste mundo...” (João 18:36). Além disso, Jesus

recusou-se a impor a pena capital, como registrado na história da mulher adúltera (João 8:3-7).

5. Moisés transmitiu uma nova lei, ao passo que Jesus professou a antiga.

6. Moisés conduziu seu povo à liberdade em um êxodo em massa da terra de sua perseguição. Não existe tal paralelo no registro histórico de Jesus.

7. Moisés foi vitorioso sobre seus inimigos, enquanto que o registro bíblico afirma que com Jesus aconteceu o oposto, foi uma vítima de seus inimigos.

8. Moisés foi considerado um profeta por seu povo, mas um homem mortal. E Jesus foi considerado, pelos cristãos, Deus, um filho de Deus, e/ou parceiro de Deus.

9. Moisés morreu de morte natural, e foi sepultado. Os cristãos afirmam que Jesus foi crucificado e seu corpo elevado ao céu.

10. Uma vez morto, Moisés permaneceu morto, ao passo que os cristãos afirmam que Jesus ressuscitou.

Agora, e sobre Muhammad? Ele nasceu “dentre os irmãos” dos israelitas, na linhagem do segundo filho de Ismael, Kedar. E já que

Jesus não corresponde a Moisés nos critérios acima, vamos ver com Muhammad o que acontece:

1. Ambos Moisés e Muhammad tinham pais.
2. Ambos casaram e tiveram filhos.
3. Ambos foram inicialmente rejeitados por seu povo, mas acabaram por ser aceitos e elevados ao poder de reis.
4. Exercendo o poder dos reis, ambos atribuíram a pena capital e dirigiram seus povos à guerra.
5. Ambos transmitiram modificações na lei anterior, mantendo inalterados os elementos essenciais do credo monoteísta.
6. Moisés conduziu seu povo à liberdade em um êxodo em massa da terra de sua perseguição; Muhammad fez o mesmo ao dirigir seu povo de Makkah a Medina na *hijra* (migração).
7. Ambos, Moisés e Muhammad, foram vitoriosos sobre os seus inimigos.
8. Ambos foram considerados profetas por seu povo, mas homens mortais.
9. Ambos morreram de morte natural e foram enterrados.

10. Nenhum sofreu apoteose, e nem foi ressuscitado.

Considerando que existem alguns poucos paralelos significativos entre Jesus e Moisés, seja em suas vidas mundanas ou nas missões proféticas, é um desafio encontrar um único elemento de importância na vida de Muhammad ou de Moisés que não tenha um estreito paralelo nas vidas um do outro.

Muhammad, ao contrário de Jesus, foi muito “como Moisés”.

Além disso, Muhammad satisfaz a descrição completa de Deuteronômio 18:18-22, como segue (com a comparação do autor entre parênteses):

Portanto, vou suscitar para eles um profeta como tu [como Moisés], no meio dos seus próprios irmãos [os ismaelitas, dos quais Muhammad descende]. Colocarei as minhas palavras em sua boca e ele lhes comunicará tudo o que Eu lhes ordenar [Muhammad recitou uma revelação oral que lhe foi transmitida do Anjo da Revelação]. E será *que* qualquer pessoa que não ouvir as minhas palavras, que ele falar em meu Nome, Eu mesmo *lhe* pedirei contas. Todavia, o profeta que ousar dizer em meu

Nome [não há dúvidas em qual nome Muhammad falava, pois, todas as 114 *surahs*, exceto uma, do Alcorão Sagrado começam com a frase “Em nome de Allah, o Misericordioso, o Mise-ricordador”] alguma palavra que não lhe ordenei, ou que falar em nome de outros deuses, terá de ser morto [Muhammad transmitiu a revelação do Alcorão durante um período de vinte e três anos, sem sofrer a morte prometida pelos falsos profetas]. Talvez venhas a questionar em teu coração: ‘Como vamos saber se tal palavra não é uma Palavra do SENHOR?’ Se o profeta fala em o Nome do SENHOR, mas a palavra não se cumpre, não se torna realidade, trata-se então de uma palavra falsa, que o SENHOR jamais pronunciou. Tal profeta falou com arrogância. Não o temas! [Nada na revelação do Alcorão jamais deixou de se tornar realidade, e nada jamais foi provado como falso, contrário ao destino prometido às falsas profecias.]

Então, quem acredita que o profeta anunciado em Deuteronômio 18:18-22 é o mesmo que “O profeta” predito em João 1:21? Bem, os cristãos, para começar. Olhemos João 1:21 em qualquer Bíblia que contenha referências cruzadas (por exemplo, a Bíblia Nova Versão Internacional para Estudo), e encontraremos Deuteronômio 18:18 como referência cruzada. Estudiosos cristãos acreditam que essas duas passagens preveem o mesmo mensageiro final.

Os muçulmanos afirmam que Muhammad preenche todas as predições do Antigo Testamento sobre o profeta anunciado, e se perguntam por que o mandamento, “a Ele ouvireis”, é ignorado por aqueles que afirmam guardar os mandamentos de Deus. Os cristãos, porém, afirmam que a previsão bíblica de um profeta final ainda não foi cumprida. Desta forma, os muçulmanos comparam a negação cristã de Muhammad à negação judaica de Jesus. Em suas mentes, tanto os cristãos como os judeus desafiam evidências conclusivas, e ambas as posturas revelam mais devoção à doutrina do que ao divino.

Para os cristãos, a confirmação ou refutação desta acusação embaraçosa deve ser encontrada no que Jesus tinha a dizer sobre o assunto.

### ***3: Jesus Cristo***

*Ser pressionado a servir é ser pressionado  
para fora da essência.*

-Robert Frost, “*The Self-Seeker*”

Quem foi Jesus Cristo? Essa questão tem assombrado o mundo do Cristianismo por dois milênios. O Jesus histórico está envolto em tanto mistério que foram impressos milhares de livros sobre o assunto, sem que nada se aproxime de um consenso na opinião. Muitos autores têm costurado confortáveis almofadas de conjectura sobre as quais a opinião popular se recosta, enquanto outros rasgam as costuras, abrindo-as para retirar o enchimento em uma tentativa de ordenar as evidências conflitantes. O teólogo alemão Heinz Zahrnt constrói um argumento bem convincente, que conclui:

Uma vez que a história bíblica havia sido

despojada de dogma, o Cristo proclamado pela Igreja aparecia em inevitável conflito com o próprio Jesus. Havia uma contradição manifesta entre o que a investigação histórica descobriu sobre Jesus de Nazaré e o que a Igreja disse dele em sua pregação, entre o que o próprio Jesus originalmente proclamou e fez e o que a Igreja posteriormente fez dele.<sup>147</sup>

Quanto às deficiências do registro histórico, Zahrnt declara o problema sem rodeios:

Esta foi a razão pela qual aqueles que estudaram a vida de Jesus nunca poderiam escapar de seu predicamento. Como devem ser preenchidas as lacunas? No pior dos casos, isso foi feito com clichés; no melhor, com fantasia histórica... A imagem do Jesus histórico que agora temos não foi desenvolvida simplesmente a partir de fontes históricas. Foi em grande parte regida pelas suposições cogitadas pelos próprios escritores.<sup>148</sup>

Outro teólogo alemão, Martin Kähler, tira esta conclusão:

O Jesus de “A Vida de Jesus” não é nada mais que uma variação moderna dos produtos da inventiva arte humana, não é melhor que o desacreditado Cristo dogmático da Cristologia bizantina; ambos são igualmente muito distantes do verdadeiro Cristo.<sup>149</sup>

O choque ao rever esses documentos não está em descobrir quão pouco se sabe da vida *privada* deste grande mensageiro de Deus, mas em aprender quão pouco se sabe da sua vida *pública*, e quão livremente as pessoas especulam sobre o desconhecido. Existe pouco conhecimento do homem que ensinou nas sinagogas, dissertou sobre o monte, e organizou a orientação e alimentação das massas. Para um homem que percorreu o campo, supostamente transformou água em vinho, acalmou tempestades, caminhou sobre a água, exorcizou demônios, curou leprosos, curou cegos, ressuscitou mortos – deve ter atraído muita atenção e causado uma forte impressão. Por que, então, o registro histórico sobre Jesus é tão escasso? E por que o pouco que tem sido transmitido no registro histórico foi enterrado sob dogmas conflitantes, a tal ponto que “a descontinuidade entre o Jesus

histórico e o Cristo da Igreja tornou-se tão grande que é quase impossível reconhecer qualquer unidade entre as duas figuras”<sup>150</sup>

A questão crítica, então, é se Jesus foi o Cristo da Escritura ou o Cristo da teologia paulina (isto é, trinitária). O Cristo da Escritura falou de um profeta final a seguir. O Cristo da teologia paulina não falou tal coisa, cancelando a primazia de buscar o profeta final, prometendo a salvação baseada na fé apenas – o conceito cristão análogo ao judaico de ser “o povo escolhido”. Os judeus se consideram escolhidos; os cristãos paulinos se consideram perdoados. Nenhum destes pontos de vista foi endossado pelos profetas da escritura, e ambos provam ser destrutivos ao convidar uma falsa sensação de segurança espiritual, elitismo religioso e estreiteza mental. Quem buscará o profeta final quando já se considera salvo?

Da mesma forma, o Cristo da Escritura falou de si mesmo como um “filho do homem”, enquanto a teologia paulina o tenha retratado como “filho de Deus”. O Cristo da Escritura falou sobre Um Deus; os reformadores religiosos repartiram o Único Deus em três partes metafísicas. Jesus focou em Deus; os cristãos paulinos focaram em Jesus, ou, ainda mais estranhamente, em sua mãe. Jesus nunca falou sobre mudar a lei; Paulo a descartou. Jesus falou sobre o profeta final e o anjo da revelação; os teólogos paulinos distorceram suas palavras para implicar um “espírito santo” esotérico. Em vez de buscar o

profeta final profetizado por Jesus, os cristãos paulinos centraram suas prioridades em incorporar o “Espírito Santo”, de quem seus pregadores afirmam possuir direitos exclusivos de distribuição.

Uma vez que o conflito gritante entre o Cristo da Escritura e o Cristo da teologia paulina é reconhecido (ver *Desviados?* para uma discussão mais aprofundada sobre este assunto), os cristãos devem, racionalmente, concluir que eles podem ter um, mas não ambos.

Uma pessoa pode, com razão, esperar certas qualidades em um profeta, incluindo humildade, honestidade, benevolência, mansidão, gentileza e boas maneiras. Esperamos que um profeta esteja preocupado com a adoração, em vez de interesses mundanos. E, na maioria das vezes, o esboço bíblico de Jesus Cristo satisfaz essas expectativas. Mas, nem sempre.

Amaldiçoar uma figueira por não dar frutos (Mateus 21:19, Marcos 11:20-21), comparar gentios (e observe, que são a maioria da humanidade, a maioria dos leitores deste livro, e a maioria dos cristãos) a cães (Mateus 15:26, Marcos 7:27) ou a porcos (Mateus 7:6) e rejeitar a própria mãe, como se ela não fosse daqueles que “fazem a vontade de meu Pai que está nos céus” ou que “ouvem a palavra de Deus e as coloca em prática” (Mateus 12:48-50, Marcos 3:31-35, Lucas 8:20-21) – estas são contas como rodas que invadem o acostamento da estrada das expectativas elevadas. A nuvem de

poeira resultante é um pouco desagradável, especialmente quando atiraram a pedra da alegação de que Jesus Cristo havia perdido a fé em seu Criador, questionando o decreto divino com as palavras sacrílegas, “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mateus 27:46). A história ferve com exemplos de homens e mulheres justos que suportaram sofrimento igual ou maior, perseguição e morte no caminho do que eles acreditavam que fosse a obediência a Deus, Todo-Poderoso. Os contos de tais mártires morrendo com fé firme e intacta são abundantes. No entanto, devemos acreditar que Jesus Cristo morreu questionando o decreto de seu Criador? Sócrates morreu sem proferir uma só palavra de impaciência ou desespero.<sup>151</sup> Miguel Servetus e Joana D'Arc foram queimados até a morte com mais honra, dignidade e fé inabalável. Mais uma vez, ou as palavras atribuídas a Jesus estão equivocadas, ou os autores citaram o homem errado.

Então, o que devemos fazer com as citações acima? Se elas são credíveis, um Jesus mais humano (e menos divino) emerge. E talvez esse seja o ponto. Por outro lado, se as citações acima não são credíveis, voltamos à questão de qual parte da Bíblia *pode* ser confiável.

Dito isto, o impulso deste livro é derivar conclusões com base em uma cadeia de evidências aceitas, e não jogar mais uma palha de opinião em um gigantesco palheiro de especulação. Se a agulha da

verdade sobre o Jesus histórico não foi descoberta para análise na atualidade é provável que permaneça enterrada até o momento que ele retorne.

De qualquer forma, a maioria dos cristãos aceita o que a Bíblia diz que Jesus disse. E é a partir dessa perspectiva que aqueles que aguardam o último profeta anunciado analisam a escritura e supõem, como os judeus fizeram com Moisés, o que Jesus Cristo teria a dizer sobre o assunto.

No que diz respeito à afirmação de que o profeta final surgiria a partir da linha de Ismael, Jesus é citado ensinando a parábola da vinha, a lição segundo a qual Deus substituiria aqueles que O desafiam por aqueles “que lhe (a Deus) enviem a sua parte no devido tempo das colheitas” (Mateus 21:41). Seguindo esta parábola, Jesus teria dito:

“Nunca lestes isto nas Escrituras?  
‘A pedra que os construtores rejeitaram,  
tornou-se a pedra angular;  
e isso procede do Senhor,  
sendo, portanto, maravilhoso para nós’.  
Por isso, Eu vos declaro que o Reino de  
Deus será retirado de vós para ser entregue a  
um povo que produza frutos dignos do

Reino. Todo aquele que cair sobre esta pedra se arrebentará em pedaços; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó!”  
(Mateus 21: 42-44)

Qual foi a reação dos sumos sacerdotes e fariseus? Eles “compreenderam que era sobre eles próprios que Jesus estava falando” (Mateus 21:45). Observe que Jesus não *ameaçou* que o reino de Deus (isto é, a profecia e revelação) seria tomado. Uma ameaça, por definição, é condicional, como o padrão, “Se você não fizer isso, então tal coisa acontecerá”. Isso é uma ameaça. Mas, acima não há uma condição de ameaça; há um decreto incondicional. Havia acabado. A decisão havia sido tomada. Aquilo ia acontecer. E, além disso, qualquer um que se opusesse à revelação quando esta fosse feita, seria ou quebrado ou reduzido a pó.

Ai!

Então, aqui está uma passagem que profetiza a transferência de “o reino de Deus” dos israelitas a um “povo que produza frutos dignos do Reino”. Não apenas uma nação fiel, mas que se tornaria “a pedra angular”. Exatamente a quem esta passagem se refere é o tema do implacável debate. No entanto, o que desafia o debate é o fato de que esses versículos predizem a transferência de profecia para fora da

linha dos israelitas. Então, quem são aqueles que as “pedras que os construtores rejeitaram”? Quem está programado a receber revelação? Pergunte a uma centena de cristãos. Pergunte a mil judeus. Pergunte a Paulo de Tarso. A resposta é sempre a mesma: os “rejeitados” são os ismaelitas.

No primeiro livro desta série, o “Paracleto” no qual Jesus Cristo previu a continuação de seu ministério, foi analisado, por isso a repetição aqui é desnecessária. Basta dizer que Jesus Cristo foi descrito como um “Paracleto” na Primeira Epístola de João 2:1, e quatro passagens do Evangelho segundo João (14:16, 14:26, 15:26 e 16:7) predisseram a vinda de *outro* Paracleto. Este profeta anunciado é esperado como sendo “o Espírito da verdade” e estando “para sempre convosco” (João 14:16-17), transmitindo uma revelação abrangente, reverenciando Jesus Cristo (João 14:26 e 15:26), e, ainda assim, ser rejeitado pela maioria da humanidade (João 14:17). Um renomado estudioso, depois de enumerar as evidências, concluiu: “Por isso, o Paracleto é uma figura paralela ao próprio Jesus; e esta conclusão é confirmada pelo fato de que o título é adequado para ambos. É evidente a partir de 14:16 que a fonte ensinou que seriam enviados dois paracletos, Jesus e seu sucessor, um seguindo o outro”.<sup>152</sup>

O conceito de uma profecia não cumprida deixa cristãos com um cheque escritural em branco. Os muçulmanos, por outro lado,

afirmam que o profeta final *já* chegou. Considerado por seus seguidores como “o Espírito da verdade”, a honestidade de Muhammad era incontestável até mesmo por parte de seus inimigos<sup>153(NE)</sup> e ele recebeu a reputação elevada de ter dito a verdade, mesmo quando brincava. Os detalhes de sua vida são preservados em extensos registros de *ahadith*, que “permanecem” com a humanidade até os dias atuais. Além disso, o Alcorão Sagrado reverencia Jesus Cristo e esclarece seus ensinamentos. Ao mesmo tempo, o Alcorão é uma revelação compreensiva e aceita por mais de um bilhão de muçulmanos, mas rejeitada pela maioria da humanidade.

Por quê? O que é tão atraente para alguns e tão desagradável para os outros sobre Muhammad e a revelação que ele transmitiu? E aqueles que julgam Muhammad sequer conhecem o homem?

Aqueles que rejeitam Muhammad comumente o fazem com base na antipatia pessoal contra o homem, a sua mensagem, ou ambos. A propaganda ocidental impeciente, que é extremamente negativa, muitas vezes desempenha este papel. As opiniões e conclusões de não muçulmanos com base em estudos objetivos são raras, mas com esse objetivo em mente, entramos no próximo capítulo.

#### ***4: Muhammad***

*Em questões de estilo, nade com a corrente;  
Em questões de princípio, mantenha-se  
como uma rocha.*

-Thomas Jefferson

Então, quem era Muhammad?

Várias boas biografias foram escritas, a mais aclamada no idioma inglês é: *Muhammad, His Life Based on the Earliest Sources*, por Martin Lings, e *When the Moon Split*, por Safi-ur-Rahman al-Mubarakpuri.<sup>154(NE)</sup> Uma biografia completa não está dentro dos limites deste livro, mas alguns pontos importantes podem ser introduzidos.

Muhammad ibn Abdullah<sup>155(NE)</sup> nasceu em Makkah dentro da poderosa tribo de Quraish em ou cerca de 570 EC. A época, lugar e

cultura de seu nascimento eram dominados pela adoração de ídolos e práticas pagãs. O pai de Muhammad morreu antes de seu nascimento, e sua mãe faleceu quando ele tinha seis anos de idade. O órfão Muhammad foi criado por uma família beduína que lhe ensinou o comércio de caravanas e o pastoreio. Com o tempo ele se tornou conhecido por um grau elevado de ética e honestidade, bondade, justiça, sobriedade e uma profunda espiritualidade contemplativa. Ele alcançou uma alta posição social e econômica quando se casou com uma das viúvas mais cobiçadas dos Quraish, Khadijah, aos vinte e cinco anos de idade. Ela era quinze anos mais velha, mas ele se manteve fiel durante todo seu amoroso casamento, até sua morte.

Com a idade de quarenta anos ele havia garantido uma vida bem-sucedida, estava muito bem casado, com filhos, riqueza e uma elevada posição social. No entanto, foi neste momento que ele começou a receber a revelação, causando uma virada terrível em sua paz e tranquilidade costumeiras, e ele sacrificou quase tudo deste mundo pelo bem da transmissão da mensagem que lhe foi revelada. Foi na conclusão deste propósito que ele deixou esta vida mundana em 632 EC.

O monoteísmo da revelação gerou inimigos em sua tribo, cuja religião requeria muitos ídolos, e entre os judeus, cristãos e pagãos que rejeitaram a sua mensagem. Forçado a fugir primeiro para, mais tarde, lutar, o pequeno grupo dos primeiros muçulmanos cresceu

notavelmente contra todas as probabilidades. Com o tempo, o Islam revolucionou a vida em toda a Península Arábica, abolindo a adoração de ídolos e outras práticas pagãs, libertando as mulheres da opressão do costume tribal, e constituindo um nobre código de conduta, moral e justiça social. Mais profunda do que qualquer outra realização, a revelação estabeleceu uma religião em que o culto é dirigido ao Deus Único: uma fé que, desde então, tem crescido e fornecido orientação e inspiração a um quinto da população do mundo.

O escritor escocês do século XVII, Alexander Ross, embora não fosse amigo da religião islâmica, descreve perfeitamente o propósito de Muhammad como segue:

Ele não pretendia oferecer qualquer nova religião, mas sim reavivar a antiga, a que Deus havia entregue primeiro a Adão; e que, quando perdida na corrupção do velho mundo, foi novamente restituída pela revelação a Abraão, que ensinou a seu filho Ismael, antepassado dele e, então, quando ele se estabeleceu na Arábia, instruiu os homens na mesma; mas sua posteridade tendo degenerado em idolatria, Deus o enviou agora para destruí-la, e restaurar a

religião de Ismael. Ele reconheceu tanto o Antigo quanto o Novo Testamentos, e que Moisés e Cristo foram profetas enviados por Deus; mas que os judeus e cristãos haviam corrompido estas Escrituras Sagradas, e que ele foi enviado para eliminar delas essas corrupções, e restaurar a Lei de Deus àquela pureza na qual foi enviada originalmente.<sup>156</sup>

Durante sua vida, Muhammad veio a ser respeitado em seus papéis de pai, amigo, marido, vizinho, comerciante, professor, pregador, juiz, legislador, comandante geral, estadista, governante e reformador social e religioso. Foi um dos homens mais influentes da história, entretanto era iletrado e viveu uma vida de pobreza auto-imposta.

A pessoa e vida de Muhammad são bem documentadas, desde sua aparência física até suas características, hábitos, ensinamentos e aprovações. No final do século XIX, em um tempo e lugar onde tais elogios ao Profeta eram verdadeiramente escassos, se não francamente condenados por uma Igreja Anglicana opressiva, lemos:

Mohammad era de estatura mediana, bastante magro, mas largo de ombros e de

tórax, forte de ossos e músculos. Sua cabeça grande, fortemente desenvolvida. Cabelo escuro, um pouco ondulado, que fluía em uma massa densa quase até os ombros; mesmo em idade avançada foi salpicado com apenas cerca de vinte cabelos brancos, produzidos pelas agonias de suas “revelações”. Seu rosto era de forma ovalada, ligeiramente moreno. Belas longas e arqueadas sobranceiras eram divididas por uma veia, que pulsava visivelmente em momentos de paixão. Grandes olhos pretos e inquietos que brilhavam debaixo de pesados e longos cílios. Seu nariz era grande, ligeiramente adunco. Seus dentes, sobre os quais ele reservou grande cuidado, eram bem definidos, brancos reluzentes. A barba cheia emoldurava um rosto másculo. Sua pele era clara e macia, e sua tez “vermelha e branca”, suas mãos eram como “seda e cetim”, até mesmo como as de uma mulher. Seu passo era rápido e elástico, mas firme como os passos de quem vai “de um lugar mais alto para um mais baixo”. Ao virar seu

rosto, também girava todo o seu corpo. Toda a sua marcha e presença era digna e imponente. Seu semblante era suave e pensativo. Seu riso era raramente mais do que um sorriso. Em seus hábitos era extremamente simples, embora reservasse grande cuidado com sua pessoa. Manteve sempre sua forma de comer e beber, de vestir e seu mobiliário, mesmo quando havia alcançado a plenitude do poder, sua natureza sempre foi quase primitiva. Os únicos luxos que se permitiu eram, além de armas, que ele valorizada altamente, um par de botas amarelas, um presente do Negus da Abissínia. Perfumes, no entanto, ele amava apaixonadamente, sendo muito sensível aos odores. Abominava bebidas fortes. Era dotado de fortes poderes de imaginação, elevação da mente, delicadeza e refinamento de sentimento. “Ele é mais modesto do que uma virgem atrás da cortina”, dizia-se dele. Ele era o mais indulgente para com seus inferiores, e nunca permitiu que seu pequeno e desajeitado pagem fosse

reprendido, sem importar com o que houvesse feito. “Dez anos”, disse Anas, seu servo: “Eu estive com o Profeta, e ele nunca me disse nada como ‘uff’”. Ele era muito afetuoso com sua família. Um de seus filhos morreu em seu peito na casa enfumaçada da enfermeira, a mulher de um ferreiro. Ele gostava muito de crianças; parava-as nas ruas e tocava suas cabecinhas. Ele nunca golpeou ninguém em sua vida. A pior expressão da qual fez uso em uma conversa foi: “O que houve com ele? Que sua testa se escureça com lama!”. Quando lhe pediram para amaldiçoar alguém, ele respondeu: “Eu não fui enviado para amaldiçoar, mas como misericórdia para a humanidade”. “Ele visitava os doentes, acompanhava qualquer funeral de quem conhecesse, aceitava o convite de um escravo para jantar, remendava suas próprias roupas, ordenhava as cabras, e dependia de si mesmo”, relatado sumariamente em uma tradição. Ele nunca retirava primeiro sua mão da mão de um outro homem, e nunca se virava antes que o

outro tivesse se virado. Ele era o mais fiel protetor daqueles a quem protegia, o mais doce e agradável nas conversas. Aqueles que o viam eram subitamente preenchidos pela reverência; aqueles que chegavam perto dele, amavam-no; aqueles que o descreviam, diziam: “Eu nunca vi alguém semelhante a ele, nem antes, nem depois”. Ele era deveras taciturno, mas quando falava era com ênfase e deliberação, e ninguém conseguia esquecer o que ele dizia.<sup>157</sup>

Mesmo os maiores inimigos de Muhammad, desde o período de sua vida até os tempos contemporâneos, admitiram suas virtudes. George Sale apresentou uma declaração que documentava seu ódio abjeto, abafado pela admiração das virtudes pessoais de Muhammad. Em seu prefácio “Ao Leitor” de sua tradução do Alcorão Sagrado de 1734, Sale declara,

Por mais criminoso que haja sido Mohammed ao impor uma religião falsa à humanidade, os louvores devidos às suas virtudes reais não devem ser negados; nem posso fazer outra coisa senão aplaudir a

franqueza do piedoso e educado Spanhemius, quem, apesar de considera-lo um impostor ímpio, reconheceu que ele foi ricamente condecorado com dotes naturais, bonito em sua pessoa, de uma sutil sagacidade, comportamento agradável, mostrava generosidade para com os pobres, cortesia a todos, firmeza contra os seus inimigos, e acima de tudo, uma grande reverência pelo nome de Deus. Severo contra os perjuros, adúlteros, assassinos, pródigos, avarentos, falsas teste-munhas, etc. Um grande pregador da paciência, caridade, misericórdia, beneficência, gratidão, honra aos pais e superiores, e um celebrante frequente dos louvores.<sup>158</sup>

A história islâmica regista um *hadith* no qual Hind ibn Abi Hala, o filho (do casamento anterior) da esposa de Muhammad, Khadijah, oferece suas próprias e perspicazes observações:

O Mensageiro de Allah sentia mágoas consecutivas, tinha pensamentos con-tínuos, nunca encontrando descanso, longamente

em silêncio. Ele não falava sem justa causa. Ele não falava com a boca cheia (não era arrogante), e falava de maneira concisa. Seu discurso era justo, nem com excesso nem deficiência. Ele não era pomposo, nem desprestigiante. Exaltava todas as bênçãos não importa quão pequenas e nunca menosprezava uma única. Ele nunca elogiava sua comida nem a criticava. Ele nunca se irritava com assuntos desta vida, nem o que fosse associado a ela. No entanto, se a justiça fosse transgredida, não podia deter sua ira até que a justiça fosse restabelecida. Ele nunca ficava com raiva por coisas pessoais nem buscava a retribuição para si mesmo. Se ele fazia um gesto, ele o fazia com toda a palma da mão. Se ele estivesse surpreso, escondia o sentimento. Se ele falava, batia com a palma da mão direita na parte inferior de seu polegar esquerdo. Se ele ficava bravo, virava-se; e se ele estava feliz, baixava o olhar. A maioria de suas risadas eram (restritas a) um sorriso.<sup>159</sup>

Da mesma forma, Ali ibn Abi Talib, primo do profeta e um dos primeiros califas do Islam, observou:

Ele não era vulgar nem ele tolerava a vulgaridade, e não era um dos que gritava na rua do mercado. Ele não recompensava o mal com o mal, ao contrário, ele perdoava e esquecia. Nunca em sua vida machucou ninguém com sua mão, exceto quando ele estava lutando em nome de Allah. Ele nunca feriu um servo, nem uma mulher, e eu nunca o vi tomar vingança por uma injustiça cometida contra ele, exceto quando as proibições de Allah foram transgredidas. Pois, se as proibições de Allah fossem transgredidas ele era um dos mais firmes na raiva. Ele nunca escolheu, entre dois assuntos, senão o mais simples dos dois. Quando entrava em sua casa, era um homem como qualquer outro, limpava sua própria roupa, ordenhava sua própria cabra, e servia-se.

Ele estava constantemente sorrindo, gentil

nas maneiras, suave por natureza. Ele não era severo, duro de coração, forte, abusivo ou avarento. Não levava em conta o que não gostava, e ninguém nunca se desesperava por sua causa. Ele nunca respondeu ao menosprezo ou más palavras. Proibiu-se de três coisas: argumento, arrogância, e o que não lhe dizia respeito. E aliviou as pessoas em três: nunca degradou ou abusou de alguém, nunca procurou por sua honra ou por assuntos particulares, e não falava, exceto em assuntos pelos quais esperava ser recompensado. Quando ele falava, aqueles que o escutavam abaixavam suas cabeças como se pássaros houvessem pousado sobre elas. Uma vez que terminava, os outros falavam. Eles não competiam uns com os outros em sua presença para falar, senão que quando um falava em sua presença o resto ouvia até terminar. O discurso em sua presença era do primeiro dentre eles. Ele ria com os outros, e perguntava coisas. Ele tinha paciência com os estrangeiros quando eram rudes no discurso ou requisições, a um

grau que seus companheiros os levavam até ele. Ele dizia: “Se você vê alguém em necessidade, traga-o até mim”. Ele não aceitava elogios, com exceção daqueles que eram equilibrados e não excessivos. Ele não interrompia a fala de ninguém, a menos que a pessoa transgredisse, cujo caso ele a repreendia ou a deixava.<sup>160</sup>

Um dos comentários mais belos e sucintos registrados na literatura de *ahadith* é: “Ele era o mais generoso de coração, veraz na língua, suave na disposição, e nobre nas relações”.<sup>161</sup>

Estas citações fornecem uma espiada através de uma pequena janela para a vida e caráter de Muhammad. Em evidente contraste com o perfil distorcido do histórico de Abraão, Noé, Moisés e Jesus, o caráter de Muhammad é trazido em foco por muitos volumes de *ahadith* autênticos que catalogam as descrições mais íntimas da sua aparência e costumes, caráter e conduta. Como resultado, aqueles que optam por fazê-lo podem ver a vida de Muhammad em detalhe. A este respeito, o arqueólogo inglês e estudioso, D. G. Hogarth, escreveu:

Importante ou trivial, seu comportamento diário instituiu um cânone que milhões observam hoje em dia em imitação consciente. Ninguém que haja sido considerado por qualquer seção da raça humana como homem perfeito tem sido imitado tão minuciosamente. A conduta do fundador do Cristianismo não governou tanto a vida cotidiana de seus seguidores. Além disso, nenhum fundador de nenhuma religião foi mantido em lugar tão eminente como o apóstolo muçulmano.<sup>162</sup>

Paradoxalmente, os cristãos raramente imitam o pouco que sabemos de Jesus Cristo. De fato, como discutido em *Desviados?*, ficamos surpresos ao encontrar o exemplo de Jesus melhor preservado nas práticas dos muçulmanos do que dos cristãos. Escolha um assunto. O Jesus “rabino” aderiu à rigorosa lei “a vida pela vida” do Antigo Testamento. Ele deixou crescer a barba, usava túnicas (e, aliás, sua mãe usava o lenço na cabeça), evitava a carne de porco e a usura, e absteve-se não apenas da fornicação, mas também do menor contato físico extraconjugal com mulheres. Ele orava em prostração, falava com humildade, e ensinava a unicidade de Deus e sua própria

humanidade na missão profética. Raramente cristãos preservam estes valores. Na verdade, aqueles que o fazem são frequentemente menosprezados por seus próprios correligionários, que não raramente os rotulam de “fanáticos de Jesus”, como se houvesse algo de errado em imitar um profeta.

Como um modelo a ser seguido, o caráter de Muhammad está bem documentado:

Ele era sóbrio e comedido em sua dieta, e um observador rigoroso de jejuns. Ele não se dava a nenhuma magnificência no vestuário, ostentando como uma mente mesquinha; nada afetava sua simplicidade no vestir; que era o resultado de uma indiferença verdadeira à distinção de uma fonte tão trivial... Seus triunfos militares não despertavam nenhum orgulho, nem vanglória, como teriam despertado se tivessem sido praticados para fins egoístas. No momento de seu maior poder, manteve a mesma simplicidade de costumes e aparência como nos dias de adversidade. Assim, longe de se afetar pela sua régia posição, incomodava-

se, ao entrar em um recinto e qualquer testemunho incomum de respeito fosse demonstrado a ele. Se ele visava um domínio universal, era o domínio da fé, à medida que a regra temporal crescia em suas mãos, ele a usava sem ostentação, então, não tomou nenhuma medida para perpetuá-la em sua família.

A riqueza que lhe chegava pelos tributos e despojos de guerra era gasta na promoção das vitórias da fé e no alívio dos pobres dentre seus adeptos; de modo que seu tesouro foi, muitas vezes, drenado até a última moeda. Omar ibn Al Hareth declara que Muhammad, em sua morte, não deixou um dinar de ouro nem um dirhem de prata, nenhum escravo e nenhuma escrava, nem nada, além de sua mula cinzenta Duldul, suas armas e o terreno que concedeu às suas esposas, filhos e aos pobres. “Allah”, diz um escritor árabe, “ofereceu-lhe as chaves de todos os tesouros da Terra, mas ele se recusou a aceitá-las”.<sup>163</sup>

A questão relevante, no entanto, não é se nós gostamos, admiramos ou respeitamos Muhammad, mas se ele era o profeta que dizia ser. Para avaliar esta reivindicação, vários desafios surgem. Obviamente, devemos desconsiderar calúnias e abster-nos dos preconceitos, tanto positivos como negativos. Devemos começar nossa busca estabelecendo a realidade do caso de Muhammad com uma lousa, mental e emocional, em branco, pois as emoções frequentemente levam a humanidade a extraviar. Os fatos, e somente os fatos, devem ser o nosso guia.

Começemos, então, por meio da avaliação dos critérios comumente aceitos de missão profética. Os profetas bíblicos todos passaram por este teste, e assim deve fazê-lo o profeta final.

### ***PARTE III: As Provas da Profecia***

*A melhor maneira de supor o que poderá vir  
é relembrar o que passou.*

-George Savile,  
Marquês de Halifax

Muitos profetas bíblicos foram anunciados nas Escrituras anteriores. Estudiosos cristãos vinculam João Batista ao livro de Malaquias, e Jesus Cristo a várias previsões espalhadas por todo o Antigo Testamento. Profecias do Antigo e Novo Testamentos, como discutido em *Desviados?*,<sup>164</sup> e, neste livro, nos capítulos anteriores sobre Moisés e Jesus, podem ser facilmente ligadas a Muhammad com igual ou maior congruência. Não é de se admirar, então, as

observações da *Nova Enciclopédia Católica*: “Há razão para acreditar que muitos judeus, esperando a chegada iminente de um messias na Arábia, mostraram especial interesse por ele [isto é, Muhammad]”.<sup>165</sup>

## ***1: Sinais Milagrosos***

*Um milagre não é a quebra das leis do mundo caído.*

*É o restabelecimento das leis do reino.*

-André Borisovich Bloom,  
*Living Prayer*

Existem dois tipos de milagres – os que rodeiam uma pessoa e aqueles que são canalizados *através* de uma pessoa. O primeiro tipo de milagre, que chamarei de “sinais milagrosos”, é o tema deste capítulo, e o segundo, que chamarei de “milagres realizados”, é o tema do próximo.

Exemplos de sinais milagrosos incluem Deus salvando Daniel dos leões, Jonas da baleia, Abraão do fogo, e Moisés de Faraó e seu exército. Com certeza, o nascimento virginal de Jesus e o milagre da estrela no Oriente também se incluem. Menos conhecido para os ocidentais é o milagre da estrela que marcou o nascimento de outro profeta. Hassan ibn Thabit, o poeta muçulmano lendário e um membro dos *Sahaba* (companheiros de Muhammad), é uma das testemunhas. No dia do nascimento de Muhammad, em Makkah, Hassan ibn Thabit estava em Medina, mais de duzentas milhas de

distância, onde ouviu um judeu gritando alto: “Ó minha comunidade judaica, esta noite a estrela de Ahmad (ou seja, do profeta anunciado, Muhammad) na qual ele nasceria, surgiu”.<sup>166</sup> Em um *hadith* diferente, Zaid ibn Amr ibn Nufa'il relatou que no dia do nascimento de Muhammad ele estava na Síria, e um respeitado estudioso judeu lhe disse: “Um profeta apareceu em seu país, ou irá aparecer, porque a sua estrela despontou. Volte (para o seu país)! Acredite nele, e siga-o”.<sup>167</sup>

Havia outros sinais: a tradição popular entre os muçulmanos relata que quando Muhammad nasceu, a “chama eterna” dos zoroastristas adoradores do fogo, na Pérsia, foi milagrosamente extinta. Muitos outros incidentes sugerem que Muhammad gozava de proteção divina. Como mencionado anteriormente, Muhammad sobreviveu a várias tentativas contra sua vida através de intervenção divina. Em um caso, um incrédulo abordou Muhammad quando o Profeta estava despido para seu descanso à tarde. Ele tomou a espada que Muhammad havia pendurado em uma árvore e ameaçou-o, perguntando: “Quem vai salvar você agora?” Quando Muhammad respondeu: “Allah”, a mão do descrente ficou paralisada imediatamente e ele deixou a espada cair.<sup>168</sup>

Abu Jahl aproximou de Muhammad durante sua oração, com a intenção de esmagar sua cabeça com uma pedra, enquanto ele estava

em prostração. No entanto, a visão de um camelo arisco, que nenhum de seus companheiros podia ver, impediu-o.<sup>169</sup>

A esposa de Abu Lahab (cuja condenação ao inferno é contada na Parte I, Capítulo 7 deste livro), uma vez procurou Muhammad com o propósito de apedreja-lo. Quando ela encontrou seu companheiro, Abu Bakr, perguntou sobre o paradeiro de Muhammad, mesmo ele estando sentado junto a Abu Bakr. Seus olhos estavam aparentemente cegos quanto à sua presença.<sup>170</sup>

Em outras ocasiões, Muhammad alegou ter sido informado, seja por milagre ou através do anjo da revelação, de planos para assassiná-lo. Desta forma, ele evitou ser envenenado<sup>171</sup>, empurrado de um precipício<sup>172</sup> e esmagado por uma pedra lançada de uma altura<sup>173</sup>.

O que faz com que esta história seja convincente não é só que cada complô que Muhammad alegou ter recebido presciência era, de fato, verdade; mas que não se tratavam de alarmes falsos. Nem uma única vez, ao longo de sua vida, Muhammad reivindicou um enredo que *não* se mostrasse verdadeiro. Ele não tinha o hábito de recusar comida por suspeita de veneno, mudar sua rota de viagem para evitar ser empurrado de um penhasco, ou trocar de assento por suspeita de que ele poderia ser atingido por uma pedra. Ele tinha todas as razões para ser paranoico, e ainda assim, corajosamente continuou em frente

com seu propósito, sem tomar o que a maioria das pessoas consideraria precauções sensatas. Só ocasionalmente sua agenda era interrompida inopinadamente por uma premonição ou revelação sobre um atentado contra sua vida. E nessas poucas situações, ele nunca esteve errado.

Muhammad, como mencionado anteriormente, despachou seus guarda-costas quando recebeu a revelação de que “Allah te protegerá dos homens” (OSA 5:67). Ele não tinha um provador de alimentos, apesar de que envenenamento era uma ameaça frequente a governantes de sua época, e ainda assim ele não estava atormentado com suspeitas ou paranoia. Em vez disso, ele calmamente se aproximou a cada dia e a cada circunstância com a confiança de que “Deus estava com ele”. Seu comportamento, de fato, mostava uma certeza que provava sua profunda confiança na proteção divina. Confrontado com as mais perigosas das circunstâncias, ele cultivou uma calma quase sobre-humana.

Por exemplo, na noite planejada para sua emigração de Makkah a Medina, uma multidão de assassinos cercou a casa de Muhammad. Qual foi a resposta de Muhammad? Em vez de se esconder furtivamente, tentando passar rastejando sorrateiramente ou correndo loucamente para a liberdade, ele simplesmente confiou na proteção de seu Criador, suplicou a Allah e recitou o Alcorão Sagrado. Em seguida, saiu de sua residência e no meio de seus inimigos, e

descobriu que milagrosamente eles estavam sem sentido, e, assim, saiu de Makkah.

Mais tarde, quando fugia de seus perseguidores a caminho de Medina, ele e seu companheiro, Abu Bakr, se esconderam em uma pequena caverna no Monte Thawr. Quando seus perseguidores se aproximaram da boca da caverna, Muhammad acalmou os temores de Abu Bakr com o lembrete reconfortante que Allah era seu protetor. Embora eles estivessem sentados não mais do que alguns passos para dentro da caverna, os perseguidores foram embora sem entrar. Quando Muhammad e Abu Bakr investigaram, perceberam que na entrada da caverna, obstruída por uma árvore de acácia, havia uma grande teia de aranha, e uma pomba sobre um ninho recém-construído. Os perseguidores tinham se retirado, confiantes de que ninguém poderia ter entrado na caverna sem perturbar tais maravilhas. No entanto, a árvore, a teia, e o ninho não estavam lá quando Muhammad e Abu Bakr entraram na caverna.

Da mesma forma, quando Suraqah ibn Malik se encontrou com os dois em campo aberto, Abu Bakr reconheceu o grande guerreiro. No entanto, a confiança de Muhammad permaneceu inabalável e ele acalmou os temores de Abu Bakr, dizendo: “Não te desanimes, em verdade, Allah está conosco”<sup>174</sup>. Como veremos nas páginas seguintes, as tentativas de Suraqah em prender os dois foram frustradas por semelhantes eventos sobrenaturais, e Muhammad e

Abu Bakr foram capazes de continuar em direção a seu destino planejado.

Na batalha decisiva de Badr, o exército muçulmano de trezentos enfrentou mil e trezentos dos Quraish. Os muçulmanos tinham dois cavaleiros, os Quraish, cem. Os muçulmanos tinham poucas armas; seiscentos dos Quraish usavam malha de proteção. O que Muhammad fez? Ordenou a retirada? Organizou um ataque de guerrilha? Não. Em um gesto simbólico, jogou um punhado de areia e cascalho no inimigo distante e suplicou: “Confusão apodere-se de seus rostos!” Imediatamente, uma violenta tempestade de areia surgiu nos rostos dos inimigos, e Allah revelou: “quando a atiraste, mas foi Allah Quem a atirou...” (OSA 8:17). Ao final da batalha viu-se setenta dos Quraish mortos, e um número similar de capturados, enquanto escassos quatorze muçulmanos mortos, apesar do fato de que os muçulmanos estavam mal equipados e em menor número, cerca de quatro para um. Após a batalha, os dois lados testemunharam ter visto anjos que lutavam nas fileiras dos muçulmanos.<sup>175,176</sup>

Estes são apenas alguns dos incidentes nos quais as forças da natureza foram recrutadas para servir Muhammad. Em outra ocasião, os pagãos de Makkah redigiram um pacto para boicotar os muçulmanos até Muhammad renunciar a sua reivindicação à missão profética ou até que fosse condenado ao ostracismo por seu clã. Após

três anos de fome mortal, alguns dos pagãos procuraram pôr um fim ao sofrimento de seus parentes muçulmanos. Enquanto os pagãos dos Quraish debatiam, Muhammad teve uma revelação de que as formigas haviam comido o pergaminho em que o pacto profano tinha sido escrito, exceto as palavras que glorificavam Allah. O tio de Muhammad, Abu Talib, transmitiu esta revelação aos pagãos, e prometeu entregar Muhammad a eles se a revelação fosse provada falsa. Quando os pagãos recuperaram o pacto, perceberam que as formigas tinham comido tudo, exceto as palavras: “Em nome de Allah”. Eles reconheceram que a proclamação havia sido cancelada por Allah, usando formigas como Seus agentes, e cancelando o boicote.<sup>177</sup>

Além disso, o companheiro de caravana de Muhammad, Maisara, relatou que o Profeta foi acompanhado por nuvens no deserto, que lhe proporcionavam sombra. Bahira, o monge nestoriano da Síria, observou o mesmo fenômeno quando Muhammad era uma criança de doze anos, passando pelo mercado de Basra com a caravana de seu tio, Abu Talib. Depois de questionar Muhammad, Bahira se tornou cada vez mais certo de que ele era o último profeta anunciado e examinou-o fisicamente. Ele encontrou o que estava procurando: uma marca de nascença que ele alegou ser o selo da missão profética descrito nas antigas Escrituras como uma marca do último profeta.<sup>178</sup>

O exemplo mais dramático desta classe de milagre foi a viagem noturna mística descrita pelos muçulmanos como *Al-Isra' wal-Mi'raj* (ou seja, a viagem e a ascensão). A tradição relata que o anjo Gabriel transportou Muhammad através do céu, de Makkah a Jerusalém, de onde, então, ascenderam aos céus. Quando Muhammad relatou este milagre ao povo de Makkah na manhã de seu retorno, sua declaração causou uma compreensível consternação. Como Muhammad poderia ter viajado para Jerusalém – uma viagem de ida não inferior a 20 dias, ascendido aos sete céus, e voltado para Makkah – tudo isso em uma noite? E, no entanto, quando desafiado, Muhammad descreveu Jerusalém com requinte de detalhes para aqueles que conheciam bem a cidade, mesmo ele nunca tendo ido lá.<sup>179</sup>

Além disso, o historiador islâmico do segundo século dH<sup>180(NE)</sup>, Ibn Hisham, narrou que, durante esta jornada celeste, Muhammad relatou haver visto uma caravana de beduínos em busca de um camelo perdido, e o guiou a partir de seu privilegiado ponto de vista no céu até o camelo, visível graças à sua perspectiva elevada. Muhammad descreveu a caravana se aproximando cerca de dois dias de distância, e incluiu em sua descrição as marcas peculiares do camelo líder. Ele descreveu como um dos camelos tinha quebrado a pata, bem como as características de todos os outros cavaleiros e seus camelos.

Alegações bastante temerárias, uma pessoa poderia ter pensado.

Brown / Guiados?

E, no entanto, não só a caravana chegou em dois dias, com o distinto camelo líder e todos os outros cavaleiros equipados conforme descreveu, mas um dos beduínos confirmou que ele havia sido guiado até o seu camelo perdido por uma voz proveniente do céu noturno.<sup>181</sup>

## ***2: Milagres Realizados***

*Um milagre é um acontecimento que cria a fé.*

*Esse é o propósito e natureza dos milagres.*

-George Bernard Shaw, Santa Joana

Quando consideramos as qualidades que definem um profeta, uma das coisas na qual pensamos é o milagre. Os acontecimentos milagrosos distinguem os profetas dos outros mortais, enquanto os milagres realizados pelos próprios profetas denotam não só favor divino, mas também autoridade. Aqueles milagres associados a Moisés e Jesus são bem conhecidos, e aqueles associados a Muhammad são tão numerosos que justificariam um outro livro inteiro.

Este ponto não é um exagero. Muitos livros foram escritos, em inglês, bem como em árabe, a respeito apenas deste assunto.<sup>182</sup> Os milagres atribuídos a Muhammad incluem de tudo, desde previsões

até proezas físicas, mas, de longe, o maior milagre é o próprio Alcorão. A eloquência incomparável, a coerência com revelações anteriores (desconhecidas), a confirmação da história até então desconhecida, as declarações precoces de fatos científicos, as previsões, os desafios que permanecem invictos e muito mais, tudo foi discutido acima. Quando considerado no total, ficamos com uma revelação de inigualável perfeição. E se isso não é um milagre, então o que é?

No entanto, temos razão para questionar quantos milagres foram registrados como sendo realizados por Muhammad.

A resposta é: muitos.

Uma exaustiva lista não é prática dentro dos limites deste capítulo, mas aqueles que desejam maior detalhamento podem ler as biografias acima mencionadas, bem como *Ash-Shifa*, por Al-Qadi ‘Ayad (agora disponível na tradução em inglês e a de Mubarakpuri, em português), e as muitas coleções de *ahadith*. Dentro das capas desses livros, nos deparamos com uma riqueza de milagres longe de uma fácil catalogação. Também encontramos uma metodologia de autenticação histórica e de manutenção de registros que envergonham arquivos ocidentais de *qualquer* período.

Nós encontramos histórias de Muhammad, através da invocação das bênçãos de Allah, trazendo leite para as tetas secas de ovelhas

não produtivas, energizando camelos demasiado cansados para caminhar até fazê-los os mais rápidos do grupo, alimentando e dando de beber às massas a partir de quantidades minúsculas, e transformando uma vara de madeira em uma espada para um soldado, Ukashah ibn Mihsan Al-Asdi, cuja arma havia quebrado na batalha de Badr.

Dezenas de pobres com fome foram alimentados com uma tigela de leite que parecia suficiente para apenas um. Um numeroso exército de mais de mil foi alimentado a partir de uma medida de farinha e panela de carne tão pequenas que se pensaria suficiente para apenas dez pessoas na “Batalha da Trincheira”, após a qual a refeição parecia intacta. Outro exército de mil e quatrocentos, dirigindo-se para a batalha de Tabuk, foi alimentado a partir de um punhado de alimentos mistos, sobre o qual Muhammad evocou bênçãos, e o aumento foi suficiente para preencher não só os estômagos do exército, mas também os seus empobrecidos alforjes.

Uma expedição de oitenta homens em uma ocasião, e um exército de mil e quatrocentos (a caminho de resolver o Tratado de Hudaibiya) em outra, foram providos com água suficiente para beber e fazer ablução de meros punhados de água, suficientes para apenas um.

Espíritos malignos (*jinn*) foram exorcizados, a perna quebrada de Abdullah ibn ‘Atiq e a perna ferida durante a guerra de Salama ibn Aqua’a foram curadas logo, o olho inflamado de Ali ibn Abi Talib foi curado, a ferida que sangrava de Al-Harith ibn Aws foi cauterizada e curada, o ferrão venenoso no pé de Abu Bakr acalmouse, e a visão de um homem cego foi restaurada. Em outra ocasião, Qutadah ibn An-Nu'man foi ferido tão severamente, na batalha de Badr, que seu olho se deslocou da órbita até sua bochecha. Seus companheiros queriam cortar as ligações nervosas, mas Muhammad suplicou sobre o olho, acomodou-o, e, daquele dia em diante, Qutadah não poderia dizer qual havia sido o olho ferido e qual não.

Isto é, até a Batalha de Uhud.

Na Batalha de Uhud uma flecha atingiu Qutadah no glóbulo ocular enquanto defendia Muhammad, e quando tentaram remover a flecha, o olho veio com ela. Mas Muhammad suplicou, “Allah proteja seu olho como protegeu meu rosto, e faça deste olho o melhor olho que ele possui, e o olho mais forte com o qual ele poderá enxergar”. Muhammad recolocou o olho órfão em seu glóbulo ocular, e, posteriormente, tornou-se o mais forte dos dois olhos de Qutadah.<sup>183</sup>

Muhammad, uma vez, pediu por chuva a um céu sem nuvens, em uma época de seca e, em seguida, o céu se encheu de nuvens e a terra

foi pintada com chuva até que, uma semana depois, ele foi solicitado a pedir a Allah pelo fim do dilúvio. Em resposta, Muhammad orou para que a chuva estivesse “ao nosso redor, mas não em cima de nós”, e a cidade se viu cercada pela chuva, mas poupando os efeitos nocivos de uma chuva prolongada.

Muitas vezes Muhammad recebeu revelação que, embora não incluída no Alcorão Sagrado, mostrava-se profética. Todas essas informações provaram ser transmitidas por outros meios que não temporais. Em uma ocasião, Muhammad avisou a uns mensageiros da Pérsia, em sua chegada a Madina, que seu imperador havia sido assassinado durante a sua ausência. Quando os mensageiros voltaram para o Iêmen foram recebidos com uma carta, recém enviada pelo novo governante da Pérsia, que confirmou a notícia. Uma vez que não havia nenhuma maneira de Muhammad saber sobre o assassinato, que não fosse por meio de revelação, o governador persa do Iêmen e seus súditos aceitaram o Islam diante desta única evidência.<sup>184</sup>

Da mesma forma, Muhammad previu, “Yamama dará origem a um mentiroso que irá arrogar a missão profética para si mesmo, mas ele será morto posteriormente”.<sup>185</sup> A previsão se tornou realidade quando um homem chamado Musailimah falsamente reivindicou a missão profética em Yamama. Embora Muhammad o tenha advertido: “Estás condenado. Mesmo que te arrependesses e parasses

o que estás fazendo, Allah decretou que serás morto”<sup>186</sup>, Musailimah persistiu e, fiel à promessa, foi morto durante o califado de Abu Bakr.<sup>187</sup>

Outro falso profeta, Al-Aswad al-‘Ansi, foi assassinado no Iêmen, um dia antes de Muhammad morrer. No entanto, Muhammad informou aos delegados de Al-Aswad que a notícia de sua morte lhe havia chegado através de revelação divina. Após a morte de Muhammad, a veracidade de sua declaração foi confirmada a partir de fontes no Iêmen.<sup>188</sup>

O martírio de Amir na batalha de Khaibar foi previsto, assim como a condenação de um dos soldados muçulmanos, que mais tarde cometeu o pecado imperdoável do suicídio.<sup>189</sup> Em um das previsões mais ousadas jamais feitas, Muhammad relatou, “Quando Khusraw [ou seja, Cosroes – o imperador da Pérsia] for arruinado, não haverá Khusraw depois dele; e quando César for arruinado, não haverá César depois dele. Por Aquele em cujas mãos está minha vida, gastareis os seus tesouros pela causa de Allah”.<sup>190</sup>

De fato, os muçulmanos capturaram as terras de Cosroes, bem como as de Heráclio, o imperador romano do Oriente. As sucessões destes dois imperadores chegaram ao fim e a riqueza de seus tesouros foram gastas pela causa muçulmana.

Quando os pagãos dos Quraish pediram que fizesse um milagre, Muhammad dirigiu sua visão para o céu noturno e mostrou-lhes a divisão da lua em duas. A lua dividiu-se em duas? Bastante improvável, para a mente de muitos. Mas, outros reconhecem que toda a criação está sujeita ao Criador. Se Deus pôde dividir um mar para Moisés, assim também Ele poderia dividir a lua para Muhammad.

Quando foi chamado para lutar contra Rukanah, um campeão invicto, Muhammad ganhou milagrosamente. Apenas tocando Rukanah no ombro, o campeão caiu derrotado. Em uma revanche, o milagre se repetiu. Um terceiro desafio trouxe o mesmo resultado.

Quando solicitado a pedir por chuva, ele o fez, e a chuva caiu. Quando solicitado a alimentar as pessoas, suas súplicas trouxeram sustento; de onde, as pessoas não sabiam. Quando intercedeu como um curandeiro, ferimentos e lesões simplesmente desapareceram.

Em suma, as súplicas de Muhammad trouxeram alívio e bênçãos para os crentes. E, no entanto, enquanto era humilhado no meio de sua tribo e entes queridos, apedrejado em Taif, esfomeado em Makkah, golpeado ao lado da Kaabah, Muhammad enfrentou suas provações pessoais, as quais possuía em abundância, com paciência, persistência e indulgência.

Aprendemos algo interessante sobre Muhammad a este respeito. Considerando que prontamente implorava a Allah para aliviar o sofrimento dos crentes, raramente buscava intervenção divina para si mesmo. Considerando o tempo tumultuado em que viveu, esta qualidade de paciência e constância altruísta que nos impulsiona a aprender mais sobre o caráter deste grande homem.

### ***3: Caráter***

*Algumas pessoas fortalecem a sociedade  
apenas por serem o tipo de pessoas que são.*

-John W. Gardner

Feche os olhos e pense em Abraão, Ismael ou Isaque e o que você vê? Não muito, eu aposto. Agora feche os olhos e pense em Noé, Moisés, Jesus, o que você vê? Partes de filmes, talvez uma imagem que você viu em um vitral, um mural ou uma pintura, um desenho em uma revista ou até mesmo um livro infantil ilustrado. Você vê mais, mas, algo disso é correto?

Intuitivamente, sabemos que todos os profetas exibiram caracteres exemplares. No entanto, temos dificuldade em conciliar isso com as histórias bíblicas de Noé desnudo e caindo de bêbado, de Ló cometendo incesto (ainda que inconscientemente) em estado de

embriaguez, e de David contratando um assassinato. Nossa consternação aumenta quando lemos que Judá cometeu fornicção e que Jesus praguejou contra uma figueira, degradou os gentios e repreendeu sua mãe.

Essas histórias não combinam com as nossas expectativas.

Além disso, o nosso desejo por detalhes permanece frustrado. A escassez de informações sobre os profetas bíblicos, salpicadas com inconsistências indecorosas, como as mencionadas acima, misturam-se para formar uma colagem confusa, como obras de Picasso. A curva de um conceito contorna a sombra de outro, de design menos decente. Os detalhes necessários para enfocar este conflito são insuficientes. Como era Abraão? Bem, você sabe, ele era um profeta. Sim, mas quero mais detalhes. Oh, desculpe, não posso ajudá-lo.

Considerando que a situação com os profetas bíblicos parece sem solução, a boa notícia é que as mesmas dificuldades não existem no caso do profeta Muhammad. A imagem que obtemos a partir de livros de história e de *ahadith* é notavelmente clara, consistente e convincente.

Por um lado, Muhammad parece ter sido nada mais além de um exemplo de piedade. Procurando por opiniões do passado, encontramos comentários como:

A sinceridade essencial de sua natureza (de Muhammad) não pode ser questionada; e uma crítica histórica que não lampeja nenhum fato, não produz credulidade a nada, pondera cada testemunho, não tem nenhum interesse partidário, e busca apenas a verdade, deve reconhecer a sua pretensão de pertencer a essa ordem de profetas que, qualquer que seja a natureza da experiência física que possa ter tido, em diversas vezes e de diversas maneiras, hão admoestado, ensinado, proferido pensamentos austeros e sublimes, estabelecido princípios de conduta mais nobres do que aqueles que encontraram, e destemidamente dedicando-se à sua alta vocação, sendo irresistivelmente impelidos a seu ministério por um poder interior.<sup>191</sup>

E:

Sua prontidão a submeter-se à perseguição por suas crenças, o elevado caráter moral dos homens que acreditavam nele e o enxergaram como líder, e a grandeza de sua

última conquista, tudo defende a sua integridade fundamental. Supor que Muhammad era um impostor levanta mais problemas do que soluções. Além disso, nenhuma das grandes figuras da história é tão mal vista no Ocidente como Muhammad. Escritores ocidentais são, quase sempre, propensos a acreditar o pior de Muhammad, e, sempre que uma interpretação de um ato censurável parecia plausível, tenderam a aceitá-la como um fato. Portanto, não devemos apenas conceder crédito a Muhammad com honestidade essencial e integridade de propósito, se quisermos entendê-lo em tudo; se quisermos corrigir os erros que herdamos do passado, devemos, em cada caso particular, segurar com firmeza a crença na sua sinceridade até que o contrário seja provado conclusivamente.<sup>192</sup>

Muhammad viveu uma vida, reconhecido por ambos: muçulmanos e não muçulmanos, dedicada à entrega da mensagem

que ele alegou ser a revelação. Confortos mundanos eram de pouco ou nenhum interesse para ele. Pelo contrário, sua vida é registrada como tendo sido tão abstinência que, para as pessoas normais, teria sobrecarregado a tolerância e acionado o disjuntor do suportável.

A história relata que Muhammad viveu em quarto individual, um apartamento de tijolos de barro, comparável em tamanho a um pequeno quarto de dimensões modernas. Ele se vestiu com roupas comuns, dormia sobre uma esteira de couro áspera, recheada com fibras de tamareira, comia o que estivesse disponível durante tempos de dificuldades, e participava de refeições não refinadas, com moderação, durante tempos de abundância.

Em uma ocasião, Muhammad sobreviveu por meses com nada além de tâmaras e água, e uma dose ocasional de leite de camelo. Ele se absteve de luxos desde o primeiro dia da revelação até o dia de sua morte, a ponto de recusar pão feito de farinha refinadamente moída. Rotineiramente rezava dois terços da noite, jejuava em todas as estações do ano, e doava aos necessitados todos os presentes ou lucros que recebia. Foi descrito como sendo mais tímido que uma virgem em seu toucador, entretanto, o mais robusto dos combatentes no campo de batalha. ‘Ali, famoso por sua bravura em combate, relatou, “Sempre que a luta feroz crescia e os olhos dos combatentes ficavam vermelhos, costumávamos recorrer ao Profeta por socorro. Ele sempre estava o mais próximo do inimigo”.<sup>193</sup>

A generosidade de Muhammad foi lendária, suas maneiras exemplares, seu comportamento inspirador. Ele morreu como viveu, pobre, dando as suas armas para os muçulmanos e os últimos sete dinares, que estavam em sua posse, para a caridade. Deixou para trás, no auge de seu sucesso, uma mula de montaria, sua armadura (que estava hipotecada a um judeu rico), e um pedaço de terra designado à caridade. Para as nove esposas que sobreviveram, deixou-lhes a promessa de Allah enviada a Seus servos: uma promessa que a história revela ter sido generosamente cumprida. Para sua única filha sobrevivente, Fatimah, deixou as boas novas de que ela seria o primeiro membro de sua família a se juntar a ele na vida após a morte: notícia que a alegrou. Seis meses depois, e apesar da juventude de Fatimah comparada com a das esposas que sobreviveram a Muhammad, foi comprovada a sua palavra, mesmo após sua morte.

Longe de ser um membro mimado ou egocêntrico da realeza, Muhammad costumava ordenhar sua cabra, consertar suas próprias roupas, remendar seus próprios sapatos, servir à sua família em sua casa, e assistir aos pobres e doentes. Quando era necessário executar um trabalho braçal, ele transportava duas pedras quando todos os outros carregavam uma. Ao construir a mesquita em Quba, Medina, ele foi o primeiro a assentar tijolos e pedras. Na “Batalha da Trincheira”, cavou ao lado de seus seguidores, em um exemplo,

quebrou um pedregulho que seus companheiros, trabalhando juntos, tinham sido incapazes de fazer. Não pedia a ninguém que fizesse o que ele mesmo não faria, Muhammad recusou as ofertas de seus companheiros na batalha de Uhud para combater um desafiante (Ubai ibn Khalaf) em seu lugar, e a pé, de frente para o cavaleiro, deu-lhe um golpe mortal.

Aristóteles definiu a doutrina do meio-termo como a existência da virtude no ponto médio entre os extremos opostos da autoindulgência e auto renúncia. Da mesma forma, a religião islâmica sublinha a virtude de tomar o “caminho do meio” no que diz respeito às coisas permissíveis. Há um tempo para o trabalho e um tempo para a recreação, mas também há um tempo de oração e de contemplação – atos que exigem comprometimento físico e psicológico, mas que trazem a recompensa da paz interior. O Islam ensina, na maioria das circunstâncias, a usufruir da alimentação com moderação. No entanto, quando quebram o jejum, os muçulmanos podem se deleitar. Dinheiro não é para ser acumulado ao estilo de um avaro, nem desperdiçado ao estilo de um perdulário. E, embora as virtudes da caridade sejam extremamente enfatizadas, a única obrigação do muçulmano é pagar o *zakat*, ou caridade obrigatória.<sup>194(NE)</sup> Os prazeres mundanos são para ser apreciados, mas não a ponto da transgressão. No lado oposto da escala, a autonegação não é condenada, a menos que seja praticada ao extremo. O

muçulmano ideal, em outras palavras, não é nem epicurista, nem asceta. No entanto não há nada de errado, e realmente é algo digno de ser admirado, ser *zahid*.

A palavra *zahid* em árabe não tem equivalente em português, mas é provavelmente mais traduzido como “estoico”. Assim como os estoicos, que afirmam que a felicidade depende da paz interior em vez de circunstâncias externas, o *zahid* considera que o conforto material é agradável, mas não necessário, e encontra o seu prazer interiormente. Uma vez que essa paz tão primordial é descoberta, comodidades materiais são ofuscadas até a insignificância.

Ao contrário do desajustado, insatisfeito rico, o *zahid* toma o Criador, e não os elementos materiais da Sua criação, como seu foco. Se o dinheiro, conforto, e prazeres sexuais entram em suas vidas, então, isso é ótimo. Mas se não, bem, isso é bom também, pois a paciência e piedade são as verdadeiras chaves para a paz e satisfação.

Para abreviar uma longa história, Muhammad foi um *zahid*. Se sofria privações, espancamentos e abusos ou cercado pelas riquezas de um império em expansão, manteve-se constante em suas convicções, desapegado dos bens materiais, e paciente ante o sofrimento. Apesar de suas condições de vida serem exteriormente as de um asceta, ele não era um asceta em tudo, pois não praticava a abnegação. Preferencialmente era indiferente à riqueza, e livremente

dava tudo o que tinha para os outros. Preferia despojar-se de tudo o que o distraía da prática de sua religião, então nos deparamos com histórias de Muhammad dando uma roupa colorida em uma ocasião, e sua última moeda em outra.

Um líder religioso que evitava a glorificação, um imperador que evitava a elegância e distinção, um governante que trabalhou ao lado de seus seguidores, um general que lutou à frente de seu exército – Muhammad foi todas estas coisas. Ele foi um homem que reformou uma nação, estabeleceu um Estado, e transmitiu uma revelação destinada a orientar mais de um quinto da humanidade nos dias de hoje. E, no entanto, seu comportamento sóbrio e sua humildade admirável lançaram um manto de simplicidade sobre este homem completamente incomum, suficiente para inspirar o amor de seus seguidores.

“Eu já vi”, disse o embaixador enviado pelos triunfantes Quraish quanto ao desprezado exílio em Medina; “Eu já vi o Cosroes persa e o Heráclio grego sentados em cima de seus tronos, mas nunca vi um homem governando seus iguais como faz Muhammad”.

Chefe do Estado, bem como da Igreja, ele era César e Papa ao mesmo tempo; mas ele

era um Papa sem pretensões papais, e César sem as legiões de César. Sem um exército permanente, sem guarda-costas, sem um palácio, sem um salário fixo, se alguma vez houve alguém com direito de dizer que governava por um direito divino, seria Mohammad; pois ele tinha todo o poder sem seus instrumentos e sem apoio.<sup>195</sup>

Vimos como a honestidade de Muhammad era inquestionável, ao ponto que até mesmo os incrédulos confiavam em sua palavra. Quando ele conheceu Suraqah ibn Malik, durante sua emigração de Makkah à Madinah, seu companheiro, Abu Bakr, reconheceu o grande guerreiro. No entanto, a confiança de Muhammad permaneceu inabalável enquanto acalmava os temores de Abu Bakr, dizendo: “Não te desanimes, em verdade, Allah está conosco”<sup>196</sup>. Atraídos pela recompensa de cem camelos, oferecida pelos pagãos dos Quraish em troca de Muhammad, Suraqah foi o único guerreiro dos Quraish a interceptar os dois, sozinhos e desarmados. No entanto, ele se deparou com uma ligeira dificuldade.

Após se aproximar, o cavalo de Suraqah tropeçou e derrubou-o. Isto era suficientemente incomum para este notável cavaleiro, por isso ele parou para reconsiderar. Como era hábito dos árabes pagãos

em tais circunstâncias, ele lançou a sorte, a fim de adivinhar se deveria ou não continuar, e achou desfavorável a adivinhação. No entanto, ele permitiu que sua cautela fosse pisoteada por sua cobiça pelas cem corcovas peludas e mal-humoradas de recompensa, e por isso voltou à perseguição. Seu cavalo tropeçou novamente, e ele caiu. Suraqah remontou. Tropeçou e caiu. Remontou. A combinação da adivinhação desfavorável e os insultos repetidos a seu corpo e orgulho serviram para despertá-lo para a austera peculiaridade desta sequência de eventos. Com considerável prudência, ele se aproximou perto o suficiente de Muhammad para ouvir chamá-lo e prometer que se Suraqah abandonasse sua perseguição, um dia Suraqah usaria as pulseiras e coroa de Cosroes, o imperador da Pérsia.

Mesmo ele não sendo um muçulmano, ao ouvir tal promessa de um homem conhecido por ele como “As-Sadiq Al-Amin” (o verdadeiro, o digno de confiança), Suraqah desistiu da perseguição e voltou para Makkah, confiante de que um dia a promessa fosse cumprida.

Ora, Suraqah finalmente aceitou o Islam, sobreviveu a Muhammad por mais de uma década, sobreviveu a várias campanhas militares contra consideráveis (se não inacreditáveis) probabilidades, participou da derrota do Império Persa e viveu para usar a coroa e pulseiras de Cosroes.

Uau! Uma profecia incrível.

Sim, mas esse não é o ponto mais importante a ser considerado.

Na época em que Muhammad fez sua profecia para Suraqah, ele era o líder espiritual de um grupo pequeno, na casa das centenas, e correndo para salvar suas vidas dos pagãos dos Quraish. E ainda, o não muçulmano Suraqah aceitou a garantia de Muhammad de que um dia este exíguo grupo de párias, que não tinha sequer conseguido estabelecer a autoridade de Muhammad na pequena cidade do deserto de Makkah, cresceria para derrubar a grande potência mundial da Pérsia. E, além disso, ele, Suraqah, usaria a coroa e as pulseiras do monarca.

Não é difícil imaginar os pensamentos que teriam passado pela cabeça de um beduíno mediano ao ouvir uma profecia aparentemente tão extravagante:

*“Afasta esse inseto medroso daqui! Esperas que eu acredite...”*

*“Vem, experimenta estes para saber se são o teu tamanho.”*

*“O quê? Ah, bom, essa coroa aperta um pouco, mas as pulseiras cabem bem...”*

Para haver aceitado tal promessa exigiu convicção, se não no papel divino de mensageiro, então na honestidade de Muhammad. E há aqui uma incongruência surpreendente:

Muitos dos contemporâneos de Muhammad recusaram a mensagem do Islam, mas, mesmo assim, confiavam no conteúdo de suas palavras. Exemplos dramáticos disso falam por si, começando com o consenso unânime de toda a população da cidade natal de Muhammad, Makkah.

Muhammad primeiro declarou a sua nomeação à profecia, reunindo as pessoas de Makkah e anunciando o fato. No entanto, antes de fazer seu anúncio, ele testou a confiança, perguntando se eles acreditariam nele caso dissesse que um exército se aproximava do outro lado da montanha. Um em meio à população respondeu que nunca tinham descoberto uma mentira dele, e nenhuma única pessoa o contradisse. E eles o conheciam há quarenta anos.

Quando Muhammad seguiu este voto de confiança proclamando sua profecia, o povo recusou sua mensagem, mas não sua honestidade.<sup>197</sup>

Como podemos encontrar sentido nisto? Vamos perguntar a Abu Jahl.

Abu Jahl foi um dos maiores inimigos de Muhammad e da mensagem do Islam. Como você pode lembrar, uma vez ele jurou que esmagaria a cabeça de Muhammad com uma pedra, mas falhou na tentativa. Para não voltar para casa de mãos vazias, passou o resto de sua vida perseguindo os seguidores de Muhammad. Em um caso de brutalidade horrível, ele matou uma mulher muçulmana indefesa, Sumaya bint Khibat, cravando uma lança em seus órgãos genitais. Eventualmente, ele foi morto enquanto liderava o exército dos Quraish contra os muçulmanos na batalha de Badr.

Ele não era um crítico de fala mansa.

No entanto, está escrito que Abu Jahl repudiou a retidão de Muhammad, mas não sua honestidade, com as palavras: “Nós não te acusamos de seres um mentiroso, mas, na verdade, nós rejeitamos o que trouxestes contigo”.<sup>198</sup>

Após esta troca, o versículo foi revelado, “Com efeito, sabemos que o que eles dizem te entristece. E, por certo, não é a ti que desmentem, mas é aos sinais de Allah que os injustos negam”. (OSA 6:33)<sup>199</sup>

Curiosamente, embora este tivesse sido um dos versículos mais fáceis para os descrentes contestarem, nenhum deles o fez.

Então, quão profunda foi esta confusa convicção? Mais profunda do que a ferida de Ubai ibn Khalaf, isso é certo.

Aqui está a história: Ubai uma vez ameaçou assassinar Muhammad, que afirmou que não, que seria *ele* que mataria Ubai. Os dois lutaram na batalha de Uhud, e Muhammad infligiu uma ferida a Ubai que não parecia mais do que um pequeno arranhão no pescoço. No entanto, a confiança de Ubai na palavra de um homem de quem ele nunca tinha presenciado uma mentira ou uma promessa não cumprida era tal que ele disse a seus companheiros: “Ele [Muhammad] já me tinha dito, quando estávamos em Makkah: ‘te matarei’. Por Allah, se ele cuspiasse em mim, teria me matado.”

Talvez a ferida de Ubai fosse mais profunda do que o relatado, e ele morreu de um ferimento interno. Talvez ele tenha morrido de um acidente vascular cerebral ou ataque cardíaco induzido pelo pânico. De qualquer forma, Muhammad o matou, como prometido. Mais significativamente, os companheiros guerreiros de Ubai atribuíram a gravidade de sua aflição não à sua ferida, mas à profundidade de confiança na promessa de Muhammad, pois eles disseram a Ubai, “Por Allah tu estás morrendo de medo”.<sup>200</sup> E ele, de fato, morreu.

Um evento isolado?

Não, não de todo.

Em outra ocasião, um descrente chamado ‘Utaibah ibn Abi Lahab fez a má escolha de insultar o profeta, então Muhammad suplicou: “Ó Allah! Lança-lhe um dos Teus cães”.

Algum tempo depois, ao viajar na Síria, ‘Utaibah e seus companheiros avistaram um leão próximo.<sup>201</sup> Lembrando as palavras de Muhammad, ‘Utaibah disse: “Ai do meu irmão! Este leão certamente irá devorar-me exatamente como Muhammad suplicou. Em verdade, ele me matou na Síria, enquanto está em Makkah”. Apesar de ‘Utaibah ter sido avisado, o animal correu para o grupo e esmagou sua cabeça.<sup>202</sup>

Talvez a história mais impressionante seja encontrada em *Sahih al-Bukhari*, uma das duas coleções mais respeitadas e rigorosamente autenticadas de *hadith*.<sup>203(NE)</sup> Esta história relata o interrogatório de Heráclio a Abu Sufyan. Agora, devemos notar que Abu Sufyan não era, em absoluto, amigo de Muhammad. Antes da conquista muçulmana de Makkah, Abu Sufyan era um membro da aliança dos poderosos da elite dos Quraish, dedicados a difamar Muhammad e a destruir a mensagem islâmica. Estes eram homens que recorreram às táticas mais rasteiras e aos atos mais vis para minar o crescimento do Islam. No entanto, embora eles não se abstivessem de mentir sobre Muhammad sempre que podiam, eram reticentes a propagar mentiras que teriam sido condenadas por seu povo. Pois os árabes de Makkah

conheciam o caráter de Muhammad e teriam rejeitado calúnias sobre a sua pessoa.

Diferentemente daqueles que caluniam Muhammad hoje em dia (sabendo pouco ou nada sobre ele), os que viviam, andavam e falavam com ele, tinham assuntos em comum com ele e, em suma, conheciam-no através de relações íntimas, ao longo da vida, e recusaram-se a chamá-lo de mentiroso.

A tradição relata:

“O Mensageiro de Allah (que a paz esteja com ele) escreveu a César e convidou-o ao Islam. O Mensageiro de Allah (que a paz esteja com ele) enviou Dihyah al-Kalbi com sua carta e ordenou-lhe a entregá-la ao Governador de Busrah, que a encaminharia a César, quem, como um sinal de gratidão a Allah, tinha caminhado de Hims a Ilya (isto é, Jerusalém), quando Allah lhe havia concedido vitória sobre as forças persas.

Então, quando a carta do Mensageiro de Allah (que a paz esteja com ele) chegou a César, ele disse, após lê-la, “Trazei-me qualquer uma de suas pessoas, se alguma

estiver aqui presente, para lhe perguntar sobre Muhammad”. Naquele momento, Abu Sufyan ibn Harb estava no Sham com alguns homens dos Quraish que tinham vindo (ao Sham) como comerciantes durante a trégua que tinha sido celebrada entre o Mensageiro de Allah (que a paz esteja com ele) e os pagãos dos Quraish.

Abu Sufyan narrou, ‘O mensageiro de César nos encontrou em um lugar do Sham, a mim e a meus companheiros, e nos levou para Ilya (Jerusalém). Nós fomos recebidos no tribunal de César, e o encontramos sentado em sua corte real usando uma coroa e cercado pelos dignitários seniores dos bizantinos’.

Ele disse ao seu intérprete, ‘Pergunte a eles quem dentre eles tem uma estreita relação com o homem que afirma ser um profeta’. Abu Sufyan disse, ‘Eu respondi, ‘Eu sou o parente mais próximo a ele’’. Ele perguntou: ‘Qual o grau de parentesco que tens com ele?’ Eu respondi, ‘Ele é meu primo’. E não

havia ninguém dos Banu Abdul Manaf<sup>204(NE)</sup> na caravana, exceto eu. César disse: ‘Deixe-o vir mais perto’. Ele então ordenou que os meus companheiros ficassem atrás de mim, perto do meu ombro e disse a seu intérprete: ‘Diga a seus companheiros que vou perguntar a este homem sobre aquele que afirma ser um profeta. Se ele disser uma mentira, eles devem sinalizar’.

Abu Sufyan acrescentou: ‘Por Allah! Se não fosse vergonhoso meus companheiros me rotulando como um mentiroso, eu não teria falado a verdade sobre Muhammad quando César me perguntou. Mas me pareceu vergonhoso ser rotulado como um mentiroso pelos meus companheiros. Então eu disse a verdade’.

César disse, então, ao seu intérprete, ‘Pergunte-lhe a que tipo de família Muhammad pertence’. Eu respondi, ‘Ele pertence a uma família nobre dentre nós’. Ele disse, ‘Há mais alguém dentre vós que tenha reivindicado o mesmo antes dele?’ Eu

respondei, ‘Não’. Ele disse: ‘Tu já o tinhas visto mentir antes de alegar o que ele alegou?’ Eu respondi, ‘Não’. Ele disse: ‘Foi alguém, dentre seus antepassados, um rei?’ Eu respondi, ‘Não’. Ele disse: ‘São os nobres, ou os pobres, que o seguem?’ Eu respondi, ‘São os pobres que o seguem’. Ele disse: ‘Eles estão aumentando ou diminuindo?’ Eu respondi: ‘Eles estão aumentando’. Ele disse, ‘Alguém, dentre aqueles que abraçam a sua religião, torna-se descontente e, em seguida, renuncia à sua religião?’ Eu respondi, ‘Não’. Ele disse: ‘Ele quebra suas promessas?’ Eu respondi, ‘Não, mas temos agora uma trégua com ele e temos medo que ele possa nos trair’. Abu Sufyan acrescentou, ‘À exceção da última frase, eu não poderia pronunciar uma única palavra contra ele’. César, em seguida, perguntou: ‘Já travaste uma guerra com ele?’, eu respondi, ‘Sim’. Ele disse: ‘Qual foi o resultado de suas batalhas contra ele?’, eu respondi, ‘O resultado foi variado: às vezes ele foi vitorioso e, por vezes, nós

fomos’. Ele disse: ‘O que ele ordena que se faça?’ Eu disse, ‘Ele nos diz para adorar a Allah somente, não adorar outros com Ele, e para descartar tudo o que os nossos antepassados costumavam adorar. Ele nos ordena a orar, fazer caridade, ser casto, manter nossas promessas e devolver o que nos é confiado’.

Quando eu disse aquilo, César disse ao seu intérprete ‘Diz-lhe: eu te perguntei sobre sua linhagem e tua resposta foi que ele pertencia a uma família nobre. Na verdade, todos os mensageiros de Deus vieram da linhagem mais nobre de suas nações. Então, questioneei-te se ninguém dentre vós havia alegado tal coisa, e tua resposta foi negativa. Se a resposta fosse afirmativa, eu deveria pensar que este homem estava seguindo um pedido que havia sido feito antes dele. Quando te perguntei se ele era conhecido por contar mentiras, tua resposta foi negativa, então eu tive como certo que uma pessoa que não diz uma mentira sobre pessoas nunca poderia dizer uma mentira a

respeito de Deus. Então, eu te perguntei se algum de seus antepassados era um rei. Tua resposta foi negativa, e se tivesse sido afirmativa, eu deveria ter pensado que este homem procurou o retorno de seu reino ancestral.

Quando eu te perguntei se as pessoas que o seguiam eram ricas ou pobres, tu respondeste que eram as pobres que o seguiam. De fato, estes são os seguidores dos mensageiros de Deus. Então, perguntei-te se seus seguidores estavam aumentando ou diminuindo. Tu respondeste que eles estavam aumentando. Na verdade, este é o resultado da verdadeira fé até que esteja completa (em todos os aspectos). Perguntei-te se havia alguém que, após abraçar sua religião, se tornou descontente e renunciou à sua religião; tua resposta foi negativa. De fato, este é o sinal da verdadeira fé, pois quando a bem-aventurança entra e invade os corações completamente, ninguém ficará descontente.

Eu perguntei se ele já tinha quebrado a sua promessa. Você respondeu negativamente. E esses são os mensageiros de Deus; eles nunca quebram suas promessas. Quando eu te perguntei se lutaste com ele e ele lutou contigo, tu respondeste que sim, e que às vezes ele foi vitorioso e às vezes tu foste. Na verdade, esses são os mensageiros de Deus; eles são colocados em testes e a vitória final é sempre deles.

Então eu te perguntei o que ele vos ordenava. Tu respondeste que ele ordenava-vos adorar a Deus somente e a não adorar outros juntamente com Ele, deixar tudo o que seus antepassados costumavam adorar, oferecer orações, falar a verdade, ser casto, manter as promessas, e devolver o que vos fosse confiado. Estas são as qualidades de um profeta que eu sabia (pelas Escrituras anteriores) que apareceria, mas eu não sabia que ele viria dentre vós. Se o que dizes é verdade, muito em breve ele irá conquistar a terra sob meus pés, e se eu soubesse que o alcançaria, definitivamente, gostaria de

encontrá-lo imediatamente; e se estivesse com ele, então, certamente, lavaria os seus pés'. César, em seguida, reuniu seus nobres e líderes militares e perguntou-lhes qual a resposta deles se ele aceitasse o pedido de Muhammad. Toda a corte se voltou em um grande tumulto, os oficiais inquietaram-se extremamente, levantaram suas vozes em oposição, e seus olhos se tornaram selvagens. Quando viu isso, ele rapidamente interveio e afirmou que só havia perguntado a fim de testar a determinação e firmeza deles. Assim, ele renunciou à sua determinação anterior e recusou a mensagem de Muhammad.”<sup>205</sup>

A descrição acima é uma longa tradição, com um grande número de valores morais. No que diz respeito ao presente tópico, dois pontos se destacam, o primeiro é, mais uma vez, que os inimigos de Muhammad prestaram testemunho à sua honestidade. Não só Abu Sufyan afirmou a honestidade de Muhammad, mas nenhum de seus companheiros contradisse suas afirmações.

Agora, qual a probabilidade *disso*? Muhammad estava convidando Heráclio, o governante de uma das maiores potências mundiais, ao Islam. Se Heráclio tivesse se convertido, o Império Romano poderia ter atropelado os Quraish como um tanque de guerra sobre uma formiga. Abu Sufyan e seus companheiros deviam estar desesperados para depreciar Muhammad e a mensagem do Islam. Mas não o fizeram. E temos que nos perguntar o por quê, se não foi devido à sua sinceridade.

O segundo ponto é o paradoxo recorrente de reconhecer a honestidade de Muhammad, mas recusar sua mensagem. Por um lado, Heráclio disse: “eu tive como certo que uma pessoa que não diz uma mentira sobre pessoas nunca poderia dizer uma mentira a respeito de Deus” e, “assim são os mensageiros de Deus; eles nunca quebram suas promessas”. Por outro lado, quando viu as sementes da sedição em sua corte, ele “renunciou a sua determinação anterior...”

Aqui está um homem que não só reconheceu a reivindicação de Muhammad à missão profética, mas também explicou seu raciocínio. No entanto, quando forçado a escolher entre suas convicções religiosas e preocupações mundanas, ele desmoronou.

Esta incongruência é testemunhada em várias ocasiões, um caso notável é o dito por Safiyah, uma judia que mais tarde se casou com Muhammad. Seu pai, Huyayi, e seu tio, Abu Yasir, eram dois líderes

judeus que visitaram Muhammad quando ele foi para Quba. Safiyah descreveu que seu pai e seu tio,

...não retornaram até o pôr do sol, quando voltaram caminhando preguiçosamente e totalmente desanimados. Eu, como habitualmente, corri para encontrá-los sorrindo, mas eles não se voltavam para mim, pois o sofrimento os havia tomado. Eu ouvi o meu tio Abu Yasir dizer para Ubai e Huyayi, “É realmente ele (ou seja, o profeta predito)?” O primeiro disse, “É ele, eu juro por Allah!”. “Você realmente o reconheceu?”, perguntaram. Ele respondeu: “Sim, e meu coração está queimando de inimizade para com ele”.<sup>206</sup>

Sim, isso faz sentido. Ele é o profeta anunciado, vamos desprezá-lo.

Bem, não é a primeira vez que a verdade foi sacrificada por conveniência. O ponto é, no entanto, que mesmo aqueles que odiavam Muhammad reconheceram sua honestidade.

O próprio Alcorão menciona esse paradoxo, pois os incrédulos testemunharam a honestidade ao longo da vida de Muhammad, mas negaram a revelação da sua mensagem: “antes dele, permaneci durante uma vida entre vós. Então, não razoais?” (OSA 10:16) Além disso, Muhammad foi consolado com a revelação: “Com efeito, sabemos que o que eles dizem te entristece. E, por certo, não é a ti que desmentem, mas é aos sinais de Allah que os injustos negam.” (OSA 6:33).

Mais uma vez, devemos notar que ninguém que conhecia Muhammad negou este versículo. Para citar a *New Catholic Encyclopedia* (Nova Enciclopédia Católica), “seus adversários, dentre os quais havia muitos judeus e cristãos, procuraram ansiosamente por indícios de fraude; e Mohammed foi capaz de, com sucesso, assumir uma atitude notavelmente autoconfiante sobre qualquer acusação desse tipo”.<sup>207</sup>

#### ***4: Persistência e Firmeza***

*Deus, Todo-Poderoso, odeia o desistente.*

-Samuel Fessenden, 1896

Sejam ridicularizados por causa da construção de uma arca em um deserto sem água, perseguidos por um faraó vingativo ou açoitados e condenados à crucificação, os profetas sofreram mais do que qualquer impostor poderia, razoavelmente, esperar ter sofrido. É esta persistência extraordinária que lança um manto de credibilidade sobre as declarações de compromisso divino dos verdadeiros profetas.

A história sugere que Muhammad era um membro desta nobre companhia. Ao longo de um período de vinte e três anos, ele entregou uma revelação que enfureceu seus antagonistas, a ponto de banirem, de assaltarem, torturarem e até assassinarem os crentes. O próprio Muhammad foi ameaçado, humilhado, espancado, apedrejado e expulso de sua casa e cidade. Sua amada esposa,

Khadijah, morreu no exílio imposto pelos pagãos dos Quraish. Os atentados contra a sua vida foram inúmeros. No entanto, através de todos os períodos de estresse e sofrimento, Muhammad permanecia em oração durante a noite até seu corpo se rebelar.

Em uma ocasião, a revelação afirmou que Allah havia perdoado Muhammad por seus pecados, passados, presentes e futuros (OSA 48:2).

A resposta de Muhammad?

Sentar-se e acalmar-se?

Pelo contrário. Apesar da garantia do paraíso, Muhammad passava dois terços da noite em oração, até que seus pés inchassem e rachassem. Quando questionado, “Acaso Deus não te perdoou pelo que virá e o que passou?” – Muhammad respondeu: “Acaso não deveria eu ser um servo agradecido?”<sup>208</sup>

Bem, charlatães cuidam de si mesmos e, em seguida, afirmam dispensa divina como uma desculpa para escapar aos rigores da adoração. Muhammad não fez nenhuma das duas coisas. Em vez disso, como os profetas antes dele, sofreu para transmitir a mensagem da revelação. E, então, honrou essa mensagem mais do que qualquer um de seus seguidores, até o dia em que morreu.

Da mesma forma, nenhum profeta verdadeiro abusou de sua posição para fins egoístas. Por um lado, nenhum verdadeiro profeta alegou ser mais do que um homem. Como discutido em *Desviados?*, a apoteose de Jesus não foi *sua* ideia, mas a de seus seguidores equivocados. Atento a esse perigo, Muhammad tomou todas as precauções para evitar que tal desvio se desenvolvesse nas mentes dos muçulmanos. Ele desincentivou qualquer tratamento preferencial, e respondia a gestos de respeito com humildade admirável. Seu servo Anas relatou,

Ninguém era mais amado por nós do que o Mensageiro de Allah (que a paz esteja com ele), [no entanto] se o víamos não nos levantávamos para ele, pois sabíamos o quanto ele não gostava [que nós fizéssemos isso]. E em uma ocasião, alguém o chamou, dizendo: “Ó melhor da humanidade...” Ele respondeu: “Esse é Abraão, que a paz esteja sobre ele”.<sup>209</sup>

Em outra ocasião, um homem disse: “Deus e tu (Ó Muhammad) decretaram isso”, referindo-se a uma certa questão, e Muhammad, repreendeu-o, perguntando: “Tu me fizeste igual a Deus?”<sup>210</sup>

Muhammad enfatizou a distinção entre Deus e Seus profetas através do ensinamento, “Não me elogiem demasiadamente, como os cristãos elogiaram [Jesus] o filho de Maria. Pois sou apenas Seu servo [de Deus], então digam: ‘servo e mensageiro de Allah’”.<sup>211</sup>

Consistente até o fim, mesmo quando sofria de uma doença terminal, Muhammad alertou seus companheiros a não tornar seu túmulo em um foco de adoração.<sup>212</sup>

Muitos outros eventos ilustram a humildade de Muhammad. Em um exemplo dramático, o sol eclipsou no dia em que o filho de Muhammad, Ibrahim, faleceu. Por amor a seu profeta, os muçulmanos começaram a dizer: “O sol eclipsou pela morte de Ibrahim”.

A resposta de Muhammad?

Pare.

Pense sobre isto.

O que um charlatão teria dito? Mentirosos e artistas da fé aproveitam essas oportunidades e as distorcem para ganho pessoal.

Pelo contrário, Muhammad aconselhou seus seguidores: “Em verdade, o sol e a lua são dois sinais dos sinais de Allah; eles não eclipsam pela morte, nem pelo nascimento, de ninguém, por isso, se

virem (um eclipse), então supliquem a Deus, reverenciem Seu nome, orem e façam caridade”.<sup>213</sup>

Certo, mas espere. Onde está o “Isso mesmo, o sol eclipsou pela morte de meu filho, então, cavem fundo (nos bolsos) e doem”? Se alguma vez Muhammad teve uma oportunidade de se autoglorificar, teria sido essa. No entanto, ele não aproveitou a oportunidade para seu próprio benefício, mas sim, para glorificar a Deus.

Muhammad repetidamente diminuiu sua importância aos olhos de seus seguidores, ensinando-lhes, “Dize: ‘Não vos digo que tenho os cofres de Allah nem que conheço o Invisível, nem vos digo que sou anjo. Não sigo senão o que me é revelado’”. (OSA 6:50), e “Muhammad não é senão Mensageiro...” (OSA 3:144).

Nós encontramos muitas circunstâncias que Muhammad poderia ter manipulado com fins egoístas, se ele tivesse tal inclinação. Quando, após uma década de exílio, o exército muçulmano voltou a ocupar Makkah em uma ocupação pacífica e praticamente sem derramamento de sangue, a população pediu clemência.

Mais uma vez, coloque-se nesta situação.

Nos últimos vinte anos, os pagãos de Makkah bateram, torturaram e mataram seus seguidores. Durante os últimos dez anos, declararam guerra abertamente sobre você. Eles submeteram muitos

dos muçulmanos à fome, literalmente, até a morte, entre eles sua amada esposa. Eles mataram seu tio em batalha – bem, perdas são de se esperar em guerra – mas, em seguida, mutilaram seu corpo e morderam seu fígado. Quando você fez um tratado com eles, romperam-no assassinando seus seguidores. O que eles fizeram pessoalmente a você? Eles bateram, submeteram à fome, apedrejaram até você sangrar, despejaram vísceras de camelos em cima de você enquanto rezava, tentaram matá-lo em várias ocasiões e, finalmente, tiraram-no de sua casa, tribo e cidade. Para não mencionar os insultos, calúnias e humilhações que, para um beduíno, são piores do que qualquer ferida.

E eles têm feito isso com você durante *vinte anos*.

Portanto, agora que você tem o poder na mão, o que fará?

Está certo, talvez não *você*. Talvez você seja muito bom. Ou muito irrealista. Talvez você esteja sentado em uma cadeira almofadada com um Frappuchino gelado em sua mão, música suave ao fundo, e não importa o quão duro tente, *não é capaz* de se colocar nesta situação.

Mas as pessoas daquele período certamente podiam. Era um tempo de estupros e pilhagens, de conquistas tipo tudo-arrasado-a-o-chão e pendurem-as-cabeças-na-praça. Esse era o padrão daqueles tempos, mesmo quando *não* havia desejos de vingança envolvidos.

Uma atitude como “você matou a minha mulher, tio e seguidores, roubou nossas casas, propriedades e bens, e se atreve a me pedir clemência? Bem, o sapato está no outro pé agora” de modo algum violaria expectativas razoáveis. A vingança não seria apenas compreendida, mas esperada. Encorajada, até.

No entanto, Muhammad não era um homem inclinado à violência ou vingança. Ele se ajustava ao molde dos homens orientados por uma vocação maior do que as paixões. Apesar da lista de atrocidades que clamavam por uma vingança justificável, ele exibiu uma paciência e generosidade que revelava a sinceridade de sua missão profética. Medindo sua magnificência contra a de outros conquistadores de seu tempo, toda a população de Makkah abraçou o Islam, sem a menor compulsão.

A sinceridade desta conversão em massa é comprovada pelo fato de que os habitantes de Makkah não abandonaram a sua nova fé quando Muhammad morreu, pouco tempo depois.

Dois comentários clássicos resumem este evento, como se segue:

O dia do maior triunfo de Mohammad sobre seus inimigos foi também o dia de sua grandiosa vitória sobre si mesmo. Ele perdoou livremente os Koreysh por todos os anos de tristeza e desprezo cruel que o

tinham afligido, e anistiu toda a população de Mekka. Quatro criminosos, os quais a Justiça havia condenado, compuseram a lista de proscritos de Mohammad quando ele entrou como conquistador na cidade de seus piores inimigos. O exército seguiu seu exemplo, e entrou calma e pacificamente; nenhuma casa foi roubada, nenhuma mulher insultada. Somente uma coisa foi destruída. Indo para a Caaba, Mohammad parou diante de cada um dos trezentos e sessenta ídolos, e apontando para eles com seu bastão, disse: “A verdade chegou, e a falsidade é expulsa!” E, ao escutar estas palavras, seus assistentes jogaram-nos no chão, e todos os ídolos e deuses protetores de Mekka e arredores foram destruídos. Foi assim que Mohammad entrou novamente em sua cidade natal. Em todos os anais de conquistas, não há entrada triunfal comparável a esta. A retomada de Mekka foi logo seguida pela adesão de toda a Arábia.<sup>214</sup>

E este trecho de 1890, do clássico de Arthur Gilman, *Os Sarracenos*:

É muito digno de louvor que [Muhammad], nesta ocasião, quando seu ressentimento pelos maus tratos no passado poderiam, naturalmente, tê-lo incitado a vingança, ele conteve seu exército de qualquer derramamento de sangue, e mostrou todos os sinais de humildade e agradecimento a Allah por Sua bondade... O primeiro trabalho do profeta foi a destruição das imagens de ídolos na Kaaba, e depois que tinha sido feito, ele ordenou seu muezzin a soar a chamada para a oração no topo da Kaaba, e enviou um pregoeiro pelas ruas comandando todas as pessoas a quebrar em pedaços cada imagem que elas pudessem possuir. Dez ou doze homens que tinham, numa ocasião anterior, mostrado um espírito bárbaro, foram proscritos, e quatro deles foram condenados à morte, mas isto deve ser considerado excessivamente humano, em comparação com os atos de outros

conquistadores; em comparação, por exemplo, com a crueldade dos cruzados, que, em 1099, mataram setenta mil muçulmanos, homens, mulheres e crianças indefesas, quando Jerusalém caiu em suas mãos; ou com a do exército inglês, também lutando sob a cruz, que, no ano da graça de 1874, queimou uma capital africana inteira em sua guerra na Costa do Ouro. A vitória de Mohammed foi, na verdade, da religião e não da política; ele rejeitou cada símbolo de homenagem pessoal, e recusou qualquer autoridade régia; e quando os arrogantes chefes Koreishitas apareceram diante dele, perguntou:

“O que podem esperar de minhas mãos?”

“Misericórdia, ó generoso irmão”.

“Que assim seja; vós sois livres!”, ele exclamou.<sup>215</sup>

Talvez o maior exemplo de firmeza de Muhammad seja que, embora perdendo sua riqueza, poder e posição social elevada, e apesar da extrema violência e preconceito que enfrentou, ele se

recusou a abandonar a mensagem da revelação. Durante o período do ápice da perseguição de Muhammad, o tio de Muhammad recorreu a ele para que abandonasse sua pregação, ao que o Profeta respondeu: “Ó, meu tio! Por Allah, se eles colocassem o sol na minha mão direita e a Lua na minha mão esquerda com a condição de que eu abandonasse este caminho, até que Allah me fizesse vitorioso ou eu perecesse, eu não o abandonaria”.<sup>216</sup>

A prova do compromisso de Muhammad veio logo depois, quando os líderes pagãos dos Quraish lhe ofereceram algo como redenção:

Se tu (Ó Muhammad) estás fazendo tudo isso tendo em vista a obtenção de riqueza, vamos nos unir para te dar mais riquezas do que qualquer um dos Quraish já possuiu. Se a ambição te move, vamos fazer-te o nosso chefe. Se desejares realeza iremos, prontamente, oferecer-te isso. Se estiveres sob o poder de um espírito maligno que parece te assombrar e dominar, de modo que tu não podes te livrar de seu jugo, então vamos chamar médicos hábeis para te curar.<sup>217</sup>

A recusa de Muhammad testemunhou a sua sinceridade e dedicação desinteressada. Mas, então, por que sofreu ele as torturas e humilhações que acompanharam a sua pretensão da missão profética, se não por riqueza ou poder? A resposta, para os muçulmanos, é que ele não se esforçou pelos confortos deste mundo temporal, mas pelas recompensas do próximo.

Mais de uma década depois, os muçulmanos reocuparam Makkah e subjugaram a mesma população que tinha oferecido a Muhammad sua riqueza e realeza.

Hum, então, qual é o ponto? Que Muhammad não aceitara sua riqueza e trono, oferecidos sem cobrança material, mais de uma década antes, mas sentiu que tinha de passar o resto de sua vida na privação e guerra, a fim de ganhá-los?

Difícilmente.

O ponto é que Muhammad não lutou para *se* estabelecer em posição de autoridade, mas para estabelecer a religião. Tivesse ele desejado riqueza ou realeza, poderia ter aceitado a oferta dos líderes dos Quraish para o comprar com essas coisas, muito antes. Mas isso o teria obrigado a abandonar a revelação. Em vez disso, ele lutou para estabelecer a palavra de Allah, e, no final, conseguiu a vitória tanto para o Islam quanto para si mesmo.

Brown / Guiados?

Fim da historia?

Não. O que é verdadeiramente interessante é o que aconteceu em seguida.

Uma vez no poder, a maioria dos charlatães saca uma desejada lista de impostos “revelados”, e, em seguida, começa a preencher o pedido. Muhammad não fez nada do tipo. Na verdade, ele fez o contrário, transmitindo a revelação:

Hoje, eu inteirei vossa religião, para vós, e completei Minha graça para convosco e agradei-Me do Islam como religião para vós. (OSA 5:3)

Esta revelação sinalizou a conclusão. Conclusão, entre outras coisas, de “Minha graça para convosco”. Numa época em que qualquer charlatão no mundo se consideraria perfeitamente preparado para começar a “revelar” versículos inclinados a autogratificação, Muhammad transmitiu uma revelação que falava de um fim do favor de Allah sobre ele. Não apenas isso, mas ele transmitiu a revelação de que ordenava “glorifica, com louvor, a teu Senhor e implora-Lhe perdão...” (OSA 110:3)

O último versículo foi revelado nove noites antes de Muhammad falecer.<sup>218</sup> Claro, ele não poderia ter antecipado sua morte por meios terrenos. Em outras palavras, se ele não fosse um profeta, não poderia ter antecipado sua morte, mas se ele fosse um verdadeiro profeta e soubesse de sua morte iminente por meio da revelação, então, ele era... hum... aguento aqui comigo: um verdadeiro profeta.

Mas, o ponto é este: Os versículos finais veiculados através de Muhammad como revelação enfatizaram sua sinceridade. Em vez de “revelar” um legado para a família e entes queridos, injetando algumas palavras finais de sabedoria pessoal ou glorificando-se com a promessa de salvação, os versículos finais do Alcorão Sagrado concluíram não só a sua vida, mas também a revelação.

E qual foi o versículo final? O último versículo revelado aconselhou Muhammad:

E guardai-vos de um dia, em que sereis retornados a Allah. Em seguida, cada alma será compensada com o que logrou, e eles não sofrerão injustiça. (OSA 2: 281).

Enquanto outros conquistadores disfrutavam da auto-veneração e morriam pelos venenos de seus excessos, Muhammad transmitia uma série de versículos que o convidavam para glorificar o Criador e

buscar o Seu perdão. Ele morreu tal como viveu, empobrecido em termos mundanos, mas bem-sucedido em sua religião. Sua morte não foi manchada pelo capricho de autoglorificação, ou a saciedade de concupiscências longamente suprimidas ou a satisfação de uma sede de vingança. Em vez disso, Muhammad morreu rico apenas em sinceridade e piedade, como tinha sido, nos últimos vinte e três anos de sua missão profética.

Nós encerramos este capítulo com tributos oferecidos pelos três escritores de renome. Primeiro, H. M. Hyndman, socialista britânico:

Ainda hoje em dia, com todos os detalhes de sua infância e subsequente carreira desnudada por homens de nossa própria raça, que estudaram toda a extraordinária história do nobre árabe, isso não é uma questão de fácil compreensão do caráter, ou da explicação do maravilhoso sucesso de Mohammed na primeira parte do sétimo século. Nunca alegando poderes divinos, em qualquer período de sua missão... este profeta de Deus muito humano fez dos seus primeiros convertidos sua própria família; foi capaz, após fracasso quase sem esperança, de obter o controle em seus

próprios *genes* aristocráticos [clã], e teve influência pessoal notável sobre todos aqueles que estiveram em contato com ele, e nem sequer quando era um fugitivo, pobre e perseguido, nem no auge da sua prosperidade, jamais se queixou de haver sido traído por aqueles que uma vez haviam abraçado a fé. Sua confiança em si mesmo e na sua inspiração das alturas, era ainda maior quando ele estava sofrendo sob a decepção e a derrota do que quando era capaz de ditar seus próprios termos aos seus inimigos conquistados. Mohammed morreu tal como viveu, cercado por seus primeiros seguidores, amigos e devotos: sua morte foi tão desprovida de mistério quanto a sua vida de máscaras.<sup>219</sup>

Washington Irving, ensaísta, biógrafo e autor, teve isto a dizer em sua obra *Muhammad e seus Sucessores*:

Mesmo em seu leito de morte, quando poderia deixar de ser um motivo de engano para o mundo, ele ainda respirava a mesma

devoção religiosa, e a mesma crença em sua missão apostólica.<sup>220</sup>

E, finalmente, uma nova visita às impressões de Thomas Carlyle:

Suas últimas palavras são uma oração; exclamações quebradas de um coração lutador, em esperança tremenda, até seu Criador... Ele saiu pela última vez para a mesquita, dois dias antes de sua morte; perguntou, houvera ele ferido algum homem? Ofereceu suas próprias costas para suportarem o castigo. Deveria ele a qualquer homem? Uma voz respondeu: “Sim, eu, três drachms”, emprestados em certa ocasião. Mahomet lhes ordenou que fosse pago: “Melhor estar envergonhado agora”, disse ele, “do que no Dia do Juízo”... Traços desse tipo nos mostram o homem genuíno, o irmão de todos nós, o feito visível através de doze séculos...<sup>221</sup>

## ***5: Ausência de Desqualificações***

*Procuramos por diamantes no carvão, mas  
buscamos por defeitos nos diamantes.*

-L. Brown

Os verdadeiros profetas são mais raros que diamantes, e como os diamantes, não se espera que sejam perfeitos. Certamente, esperamos que profetas sejam seres humanos completos, com o pecado ocasional ou erro de julgamento. Nós não esperamos que eles sejam anjos, mas que sejam apenas... melhores que o resto de nós. O que não deve ser aceito, no entanto, são charlatães que aleguem divindade para eles mesmos, que manipulem a revelação para ganho pessoal, ou que apresentem sinais de falta de confiabilidade, como mentiras ou instabilidade mental. Intuitivamente, nós tendemos a desqualificar todos estes demandantes.

Como vimos, Muhammad não apresentou nenhum desses desqualificadores acima. Ele nunca reivindicou divindade ou

manipulou a revelação, e nunca foi conhecido por ter dito uma mentira. Então, como podemos desafiar a declaração de Muhammad à missão profética?

*Essa é uma pergunta difícil. A evidência nos obriga a abandonar as reivindicações de epilepsia, mentira ou delírio. Então, quais possibilidades permanecem?*

Além de que era verdadeira a missão profética, pouco ou nada. Isto é, ou nada de substancial. Uma vez que os encargos mais flagrantes são facilmente descartados, aqueles que atacam o caráter de Muhammad são forçados a focar questões puramente emocionais, que, na verdade, têm pouco ou nada a ver com a validação da sua alegação de missão profética. Algumas destas questões, tais como Muhammad ter pecados (embora poucos, e de menor importância), são verdadeiras, enquanto outras, como a calúnia de que Muhammad foi um voluptuoso, impulsionado pela fome de prazeres sensuais, não o são, como veremos em breve. Em ambos os casos o argumento emocional resume-se aos críticos de Muhammad dizendo que ele não poderia ter sido um profeta porque havia pecado, travado guerra, permitido a poligamia, exigido que as mulheres cobrissem o cabelo, proibido o álcool, ou o que seja.

Ah, que surpresa: as pessoas não gostam de suas ações ou da revelação que ele transmitiu. Mas espere, não é esta a forma esperada

que a maioria das pessoas reajam diante de um profeta verdadeiro? Não foram todos os verdadeiros profetas recebidos mais com rebelião do que com aceitação? O fato é que praticamente todos os verdadeiros profetas foram inicialmente rejeitados pela maioria da sua população. Não há surpresa, então – não é a marca de um profeta, mas de um charlatão, reunir seguidores, dizendo-lhes o que eles querem ouvir. E, de qualquer maneira, vamos nos perguntar, por que Deus enviou profetas? Para dar um tapinha nas costas de todos e dizer-lhes que estão fazendo tudo certo, ou para orientar a humanidade longe de nossos desejos caprichosos e de volta ao caminho do Seu projeto, seja do nosso gosto ou não?

Talvez não haja assunto mais emocional na revelação do que o mandamento de lutar, e curiosamente, o Alcorão Sagrado menciona apenas isso: “É-vos prescrito o combate, e ele vos é odioso. E, quiçá, odieis algo que vos seja melhor. E, quiçá, ameis algo que vos seja pior. E Allah sabe, e vós não sabeis” (OSA 2:216). Agora vamos pensar sobre isso: Há maior prova de amor do que lutar por isso? O amor se aprofunda quando alguém nos defende, seja nosso pai, filho, amigo, cônjuge ou colega. Lutar é o derradeiro teste de amor, e uma guerra de palavras pode ser suficiente na maioria das circunstâncias, nada mostra mais um verdadeiro compromisso quanto colocar a vida em risco.

Da mesma forma, por amor a Deus, os profetas do Antigo Testamento conduziram seu povo à guerra, repetidamente, para estabelecer a supremacia da lei de Deus na Terra. Os cruzados e colonialistas deram ao Cristianismo a sua quota de luta, aparentemente sob a bandeira de Deus, também. Jesus Cristo nunca travou uma guerra, mas, por outro lado, nunca esteve em condições de fazê-lo. No entanto, ele declarou seu propósito: “Não penseis que vim trazer paz à terra. Eu não vim trazer paz, mas espada” (Mateus 10:34), e “*Pensai* que Eu vim para trazer paz à terra? Não, Eu vo-lo asseguro. Ao contrário, vim trazer separação!” (Lucas 12:51). Não foi sem razão que Jesus teria dito a seus discípulos: “e quem não tem espada, venda a própria capa e compre uma”. (Lucas 22:36)

A guerra tem sido guiada e equivocada, usada para o bem e para o mal, com justiça e impiedade, mas a luta foi um teste para os fiéis da antiguidade e continua a ser um teste dos justos hoje. E, no entanto, há aqueles que indeferem a declaração de Muhammad quanto à missão profética por isto, a mais emocional das questões. Onde, então, fica a longa lista de profetas bíblicos que lideraram seu povo para a guerra em nome de Deus?

Uma emotiva polêmica comum é que Muhammad decapitou centenas<sup>222(NE)</sup> de seus inimigos na “Batalha da Trincheira”. Mas espere. Será que ele o fez? Vamos esclarecer as coisas. Antes da Batalha da Trincheira, os muçulmanos firmaram um tratado de

cooperação com três tribos judaicas vizinhas. No entanto, durante a batalha, a tribo de Bani Qurai'tha traiu seu tratado e ofereceu uma abertura nas defesas muçulmanas para os pagãos dos Quraish atacarem, através da qual os Quraish poderiam assaltar os muçulmanos por um lado indefeso. O plano falhou, no entanto, e os muçulmanos aprisionaram os Bani Qurai'tha por traição.

Ao contrário do que os cristãos polêmicos gostariam de nos fazer crer, não foi Muhammad quem condenou os prisioneiros. Em vez disso, os Bani Qurai'tha pediram para serem julgados por uma de suas tribos amigas. Muhammad concordou, e ofereceu-lhes o chefe da tribo Aws, um muçulmano chamado Saad ibn Mu'ath. Bani Qurai'tha concordou com o julgamento de Saad, pois as tribos de Aws e Bani Qurai'tha tinham sido aliadas próximas por gerações, e eles poderiam esperar clemência. No entanto, contrariamente às suas expectativas, Saad condenou os homens de Bani Qurai'tha à morte, e as mulheres e crianças à escravidão. Por quê? Porque amigos ou não, o justo é o justo, e a punição por traição naquela época e lugar era essa.<sup>223</sup>

Observe isso em contraste com a lei britânica mais recente. Por que os signatários da Declaração da Independência americana foram considerados excepcionalmente corajosos? Por que Benjamin Franklin gracejou que se não ficassem todos juntos, ficariam pendurados separadamente? Porque a punição britânica por traição

era enforcar os traidores até quase a morte, então cortá-los, estripá-los vivos, queimar suas entranhas na frente de seus olhos e, então, tirá-los e esquarteja-los. Neste contexto, a decapitação teria sido consideravelmente mais humana do que as torturas infligidas pelos britânicos “defensores da fé”, entendendo-se por “fé” a Igreja da Inglaterra.

Então, onde é que isso nos leva? Ao ponto onde as questões emocionais não são critérios válidos que permitam avaliar a reivindicação de qualquer homem à missão profética. Mesmo que Muhammad *houvesse* condenado os Bani Qurai'tha, ele teria agido dentro do padrão militar de sua época. Mais importante, se tivéssemos que indeferir a reivindicação de Muhammad à missão profética com esta base, o que diríamos sobre Moisés, que ordenou um massacre aos judeus (e me refiro, literalmente, a cortar suas gargantas), daqueles dentre eles que tinham feito um bezerro e o adorado como ídolo durante a comunhão dos quarenta dias de Moisés com Deus. E quantos foram esses hereges, a quem Moisés ordenou sacrificar? Eles foram contados aos milhares.

Um exemplo menos sangrento de manobras emocionais pode ser encontrado no Alcorão, onde Allah perdoou Muhammad por seus pecados (OSA 48:2). Muitos detratores cristãos pulam este versículo e apontam que o Islam ensina que Muhammad tinha pecados, enquanto Jesus Cristo estava livre deles. Da mesma forma, cristãos

polêmicos frequentemente afirmam que Abraão, Noé, Moisés e Muhammad morreram e foram enterrados, mas Jesus Cristo foi ressuscitado dentre os mortos.

Certo, maaaaas... E daí? Estes argumentos meu-profeta-é-melhor-que-o-seu não funcionam, por uma série de razões. Para começar, não há nenhuma competição entre Jesus Cristo e Muhammad na religião islâmica – ambos são reconhecidos como profetas, com o primeiro tendo previsto a vinda deste último, e com os ensinamentos puros de ambos os lados, sendo os mesmos ensinamentos do Islam (isto é, Deus é Um, eu sou Seu profeta, e aqui estão as Suas leis. Agora, *sigam-nas*). Em segundo lugar, a moral da parábola bíblica da ovelha perdida é,

Que opinião tendes? Se um homem tiver cem ovelhas, e uma delas se desgarrar, não deixará ele as noventa e nove nos montes, indo procurar a que se perdeu? E se conseguir encontrá-la, com toda a certeza vos afirmo que maior contentamento sentirá por causa desta do que pelas noventa e nove que não se extraviaram. (Mateus 18:12-13).

Ou Lucas 15:7: “Eu vos afirmo que, da mesma maneira, haverá muito mais alegria no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não carecem de arrependimento. A parábola da moeda perdida”.

A moral da parábola da moeda perdida é a mesma: “Eu vos asseguro que, de igual modo, há grande júbilo na presença dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende” (Lucas 15:10). E não esqueçamos a moral da parábola do filho pródigo – que há mais alegria sobre o arrependimento do filho pecador do que sobre aquele que nunca houvera se desviado (Lucas 15:11-32). Qual é o ponto? Que os detratores cristãos argumentam que o “Meu profeta é melhor que o seu” sobre o embasamento de Jesus não ter pecado. No entanto, de acordo com as parábolas bíblicas que acabamos de citar, esta prioridade deve ser revertida para “haverá mais alegria no céu por um pecador que se arrepende do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento”. Finalmente, em nenhum lugar na Bíblia um profeta é desqualificado por ter pecado, ou de ter morrido e sido enterrado. Agora, sem dúvida, Jesus Cristo foi um exemplo difícil de seguir, mas se haver pecado ou ter morrido e haver sido enterrada exclui uma pessoa da profecia, então temos de desqualificar todos os outros profetas bíblicos também. E visto que não vamos fazer isso, qual o ponto da argumentação?

Um ponto que *pode* ser estabelecido, no entanto, é que Muhammad persistiu em sua missão, apesar de suas deficiências humanas. Ele nunca tentou desculpar ou esconder seus pecados ou sua humanidade. Pelo contrário, ele transmitiu uma revelação que imortalizou estes fatos, e subseqüentemente continuou a perseverar, à maneira dos profetas anteriores a ele.

Assim como Muhammad não identificou qualquer profeta como melhor do que outro, ele não elevou o seu próprio estatuto acima dos profetas que o precederam.

Não é assim com as outras religiões.

Os Treze Princípios da Fé Judaica, de Maimônides, ensina que Moisés foi o maior dos profetas.<sup>224</sup> E vejamos onde essa atitude leva os judeus: estão tão encantados com Moisés que negam não só Muhammad, mas João Batista e Jesus Cristo também. Por outro lado, os cristãos elevam Jesus Cristo à divindade e consideram que a cadeia da missão profética acaba com ele, apesar de tanto o Antigo Testamento quanto o próprio Jesus Cristo preverem um profeta final a seguir. Esta não é uma questão de pessoas tendo uma fé cega, mas é a fé das pessoas que as cegam.

Ora, Muhammad poderia facilmente ter feito tais afirmações, e um grupo de seus seguidores teria acreditado. Eles já tinham crido que Muhammad era o profeta final predito, e tinham testemunhado a

longa lista de milagres que ocorreram tanto por meio quanto em torno dele, então, eles provavelmente teriam honrado uma reivindicação à divindade. Afinal, eles já haviam reverenciado as 360 estátuas na Kaabah, em Makkah, como deuses. Puxa! Os árabes desse período costumavam moldar suas estátuas com *tâmaras*, chamavam os confeitos de *deus*, e depois *comiam*-nas. Qual é a chance de eles não *terem* considerado Muhammad um deus, caso ele tivesse feito tal afirmação?

Mas ele não o fez.

Em vez disso, ele transmitiu uma revelação que proclamou que todos os profetas foram humanos, nenhum deles é considerado superior a qualquer outro:

Cremos em Allah e no que foi revelado para nós, e no que fora revelado para Abraão e Ismael e Isaque e Jacó e para as tribos; e no que fora concedido a Moisés e a Jesus, e no que fora concedido aos profetas, por seu Senhor. Não fazemos distinção entre nenhum deles. E, para Ele, nos submetemos (somos moslimes) (OSA 2:136).

Talvez a reclamação mais comum contra Muhammad seja sua voluptuosidade, que o impelia às suas paixões. Curiosamente, esta é uma declaração moderna. Os incrédulos da época de Muhammad, embora ansiosos para atacar seu caráter, nunca fizeram esta afirmação. Eles teriam sido ridicularizados se esta acusação tivesse sido feita.

Embora Muhammad não negasse a si mesmo os prazeres da vida, viveu uma existência mais que frugal. Ele distribuiu toda a riqueza que teve, recusou todos os presentes recebidos de outros, e até mesmo compartilhou sua comida. Ele rejeitou o prestígio e a elegância de sucesso, e sempre colocou as necessidades e desejos de seus seguidores à frente dos seus próprios. Ele amava perfumes e mel, mas disfrutava disso com moderação. De qualquer forma, ninguém jamais embarcou em uma busca religiosa pelo mel.

Então, e sobre o vinho, mulheres e música?

Antes da revelação, a sociedade árabe permitia a prostituição, contratos de casamento temporário, e poligamia ilimitada. Música e álcool eram onipresentes, e toda a sociedade era propensa ao jogo, festa, luta, maldição, embriaguez, mentira, licenciosidade e preguiça. Se essas eram as coisas que Muhammad desejava, ele poderia tê-las sem falar uma palavra da revelação. Em vez disso, é difícil encontrar

qualquer coisa que os árabes gostavam e que a revelação islâmica não tenha proibido ou restringido.

Pegue a questões acima, uma por uma. Relações extraconjugais? Proibido. Música? Cerceada. Álcool, jogos de azar, mentira, libertinagem? Esqueça. As festas foram substituídas pelo jejum, as lutas pelo perdão, as maldições pela súplica (ou seja, se você não gosta de algo não o amaldiçoe, pois não leva a nada, melhor, peça a Allah para mudá-lo para melhor), e preguiça pelos atos de adoração.

O que sobrou? Poligamia? Vejamos, as muitas esposas de Muhammad nunca foram um problema antes dos tempos modernos, e há uma razão muito boa quanto ao porquê.

Não, espere, isso é errado. Não há apenas *uma* boa razão, há *muitas*.

Para começar, se Muhammad houvesse sido um voluptuoso em relação às mulheres, esperaríamos que seus desejos estivessem evidentes em sua juventude, quando o desejo sexual de um homem está em seu ápice. No entanto, em toda a juventude de Muhammad ele só teve uma esposa, Khadijah. Eles foram casados por vinte e cinco anos, e durante todo esse período, ele foi inabalavelmente fiel, apesar do fato de que ela era quinze anos mais velha. No entanto, os difamadores de Muhammad propõem que, com a idade de cinquenta,

com a energia de sua juventude já perdida, ele estabeleceu como seu objetivo de vida um bando de mulheres?

Improvável.

E mesmo se essa premissa fosse verdadeira, nunca na história um homem sofreu tanto por algo que poderia ter tido de qualquer maneira. Porque, se isso era o que Muhammad queria, ele poderia ter tido qualquer quantidade de esposas, concubinas, escravas sexuais e prostitutas, mesmo em sua juventude. As leis da sociedade em que vivia eram... bem... nem sequer havia leis. Ele poderia ter fornicado livremente e deixado suas paixões correrem soltas no pasto da permissividade sexual. Mas não o fez. Apesar das liberdades sexuais que tentariam qualquer homem na juventude e em pleno vigor, Muhammad permaneceu casto até seu primeiro casamento, com a idade de vinte e cinco anos. Sua reputação era de alguém da temperança, não da licenciosidade.

Então, por que Muhammad finalmente se casou com tantas esposas?

Na maioria dos casos, por razões práticas. Através de seus casamentos ele consolidou laços intertribais, deu abrigo a órfãs, viúvas e divorciadas, e demonstrou os limites conjugais islâmicos. Longe de ser o governante poderoso que escolhia a dedo as donzelas para seu desfrute pessoal, as esposas de Muhammad não eram

conhecidas por sua juventude, beleza, riqueza ou posição social elevada.

Na verdade, exatamente o oposto.

Apenas uma de suas esposas, A'ishah, era virgem.<sup>225</sup> O resto era ou velha, divorciada, viúva ou uma combinação das opções anteriores. Muhammad casou com Mai'muna quando ela tinha cinquenta e um anos de idade. Outra de suas esposas poderia ter sido mãe de Mai'muna (ou, considerando-se a idade com que as mulheres se casavam na época, sua avó), pois Muhammad se casou com Um Salama, quando ela tinha oitenta e dois anos. Sua primeira esposa, Khadija, era uma viúva. Outra mulher, Zainab bint Jahsh, trazia o estigma social de ter sido divorciada de um escravo liberto. Por estas razões apenas, podemos descartar a luxúria como um fator na maioria dos casamentos de Muhammad.

Assim, a acusação de que Muhammad morreu pobre, mas com um estábulo de esposas como um dos objetivos da sua vida é um insulto, não só ao homem, mas à razão. Líder espiritual, comandante dos fiéis, rei do reino – nenhuma lei estava além de seu projeto, de haver atuado além dos limites divinos. Outros instituíram leis senhoriais que vão desde a prostituição legalizada ao infame *droit du seigneur* (direito da primeira noite), em que os senhores feudais medievais assumiam o direito à noite de núpcias com a noiva de seus

vassallos. E, no entanto, em nenhum lugar Muhammad exibiu ambições de lascívia.

Sem mais, o exemplo de Muhammad encaixa bem nos limites bíblicos. Com menos mulheres do que Salomão (aham... muito, *muito* menos), menos transgressão do que David (que, segundo a Bíblia, cobiçou tanto Bate-Seba que ordenou a morte de seu marido), e mais moderação do que Judá (que é registrado como tendo tido relações com Tamar, acreditando que ela fosse uma prostituta), a reivindicação de Muhammad à missão profética não pode ser contestada sob a acusação de volúpia, a menos que os outros profetas bíblicos aceitos sejam cobrados também.

Então, quais ensinamentos Muhammad transmitiu em relação às mulheres e ao casamento? A permissibilidade da poligamia, certamente. No entanto, devemos lembrar que a poligamia foi permitida no Antigo Testamento também.<sup>226</sup> Além disso, embora não explicitamente tolerada, a poligamia não foi proibida no Novo Testamento.

Por outro lado, a revelação que Muhammad transmitiu, pela primeira vez na história, ordenou que as mulheres fossem respeitadas e se casassem com a formalidade necessária. Treze séculos antes do Ocidente desenvolvido ter concedido às mulheres seus direitos à herança, propriedade, escolha conjugal e igualdade na educação e

religião, o Alcorão Sagrado ordenou esses direitos. O conceito mais revolucionário, talvez, tenha sido o reconhecimento de que as mulheres possuíam almas e prospectos iguais aos homens na vida após a morte, dois conceitos abertamente debatidos nos círculos cristãos até a virada do século XX, após a qual o debate foi movido para trás das portas fechadas da Igreja sob o nome de politicamente correto.

Mas o ponto é que, no Islam, esta questão... nunca *foi* um problema.

Foi, talvez, os incrédulos a quem Thomas Carlyle endereçou o seguinte:

O próprio Mohamet, depois de tudo que pode ser dito sobre ele, não era um homem sensual. Estaremos errando muito se considerarmos este homem como um lascivo comum, principalmente na intenção de prazeres básicos – ou aos desfrutes de qualquer tipo. Sua habitação e família eram das mais frugais; sua dieta comum era pão de cevada e água: às vezes, por meses não havia fogo aceso em seu lar. Está registrado que, com orgulho, ele consertava seus

próprios sapatos, remendava sua própria capa. Um homem pobre, trabalhador e mal provido; despreocupado daquilo pelo qual os homens vulgares trabalham. Não era um homem mau, diria eu; havia nele algo melhor do que *fome* de qualquer tipo – ou estes árabes selvagens, lutando e se empurrando vinte e três anos ao seu lado, sempre em estreito contato com ele, não o teriam reverenciado tanto! Eram homens selvagens, que rompiam, de vez em quando, em discussão e em todo tipo de sinceridade feroz; sem valores de direito e masculinidade, nenhum homem poderia tê-los comandado.<sup>227</sup>

Mas, comandá-los foi o que ele fez. E é a natureza do que Muhammad ordenou que é de maior interesse.

## ***6: Manutenção da Mensagem***

*Se desejas preservar teu segredo, envolve-o em franqueza.*

-Alexander Smith, Dreamthorp

De acordo com o Islam, a mensagem central da revelação nunca mudou. O monoteísmo islâmico de Adão foi o mesmo monoteísmo islâmico transmitido por todos os profetas: Moisés, Jesus e Muhammad inclusive. Logicamente, não pode ser de outra maneira, pois mudar o credo transmitido através da revelação é mudar o próprio Criador. Dizer que “Deus é Um” deu lugar a “Deus é três em um e um em três” é afirmar que a essência de Deus mudou. E isso é exatamente o que o Cristianismo trinitário propõe.

Mas, sejamos claros sobre este ponto: é isso que o Cristianismo *trinitário* propõe, mas não o que *Cristo* propôs. No primeiro livro desta série, *Desviados?*, não se expõe nenhuma outra verdade, senão: Jesus Cristo ensinou o monoteísmo e as leis do Antigo Testamento.

O Cristianismo trinitário não foi tanto um produto dos ensinamentos de Jesus Cristo como foi daqueles que seguiram em seu nome: homens como Paulo e os teólogos paulinos subsequentes.

Novamente, isto não pode ser enfatizado o suficiente: os seguidores de Jesus Cristo e aqueles que seguiram em nome de Jesus *não* são o mesmo grupo de pessoas. O primeiro grupo aderiu aos seus ensinamentos e, como resultado, tornou-se monoteísta estrito, aderente à lei do Antigo Testamento: um subconjunto relativamente pequeno de cristãos unitários.<sup>228(NE)</sup> No entanto, entre aqueles que seguiram em nome de Jesus foram os trinitários, que propuseram uma construção de Deus que Jesus nunca ensinou.

Voltemos ao ponto.

O ponto é que Jesus Cristo ensinou a unicidade de Deus, a humanidade dos profetas de Deus (incluído ele próprio), e a exigência de Deus para aderir às leis estabelecidas na revelação. E isso é o que todos os profetas ensinaram, até, e incluindo, Muhammad.

Então, essa é a mensagem, e é aí que reside o teste. Um verdadeiro profeta manteria essa mensagem, de acordo com os ensinamentos dos profetas que o precederam. Charlatães, por outro lado, corromperiam essa mensagem para ganho pessoal, de uma forma ou outra.

Brown / Guiados?

Agora, o que nós encontramos no caso de Muhammad?

Para começar, como discutido no capítulo anterior, nós não encontramos nenhuma evidência de que Muhammad tenha feito *o que quer que seja* para ganho pessoal, muito menos corromper a mensagem da revelação. Ele viveu e morreu paupérrimo, então nós não encontramos nenhuma evidência de ganho pessoal, ponto final.

Em seguida, o Alcorão Sagrado não só preserva a mensagem de unicidade divina dos profetas anteriores, mas, com exceção do *Sabbath*, o Islam mantém os Dez Mandamentos. A crença essencial, em outras palavras, é mantida inalterada. Assim também com as leis ministradas por Moisés e Jesus, com pouca variação.

Mas o que dizer sobre a “pequena variação”? Não é isso significativo?

Depende da sua perspectiva. Podemos facilmente compreender por que o verdadeiro credo do Deus Eterno não pode mudar, mas e sobre as leis de Deus? São também fixas?

A resposta é que, com a revelação final, sim, as leis de Deus tornaram-se fixas. No entanto, antes disso, há exemplos de Deus ter mudado algumas leis de uma revelação à próxima.

No Antigo Testamento, Deus permitiu que os filhos e filhas de Adão se casassem. Só mais tarde é que Ele não permitiu mais isso. No tempo de Noé, as pessoas podiam comer todos os tipos de carne e de animais. Só mais tarde é que Deus revelou as restrições da Lei Mosaica. Um homem podia se casar, ao mesmo tempo, com duas irmãs; mais tarde esta prática foi proibida. A mais rápida reversão dos mandamentos de Deus é encontrada na história de Abraão. Primeiro, Deus ordenou Abraão a sacrificar seu filho, mas Ele anulou o comando quando Abraão estava prestes a fazê-lo.

Os cristãos não afirmam que um ou dois dos Dez Mandamentos foram abolidos, mas que toda a lei foi revogada. Não só a lei do Antigo Testamento foi substituída pela doutrina da justificação pela fé, mas os cristãos trinitários reivindicam o próprio Deus transformado a partir do Deus irado e áspero do Antigo Testamento para o Deus totalmente perdoador do Novo Testamento. E, no entanto, os cristãos efetivamente argumentam: “Nós dizemos que o próprio Deus se transformou e todas Suas leis anteriores foram revogadas. Mas, o Islam diz que o álcool é proibido agora? Isso é ridículo!”

Hmm. O Islam ensina que Deus adiou certas restrições e mandamentos até que a humanidade se tornasse capaz de as cumprir. Restrições anteriores teriam imposto um fardo sobre os seres humanos, maior do que poderiam suportar. A humanidade, em outras

palavras, não estava pronta; ela precisava amadurecer. Assim como instruímos as crianças de acordo com seu nível de maturidade, Deus teve que afastar a raça humana gradualmente, até que estivesse pronta para aceitar as restrições da revelação.

Portanto, se as restrições do *Sabbath* fossem recordadas aqui, e a permissibilidade do álcool anulada lá, não haveria nenhuma surpresa.

Em resumo, o que encontramos na religião islâmica? A unicidade e primazia de Deus Todo-Poderoso, como ensinado por todos os profetas anteriores<sup>229</sup>, e um livro completo de leis.

E o que nós *não* encontramos? Não encontramos que Muhammad tenha modificado as convenções religiosas para benefício pessoal, ou que tenha manifestado qualquer um dos muitos sintomas de uma falsa missão profética. Em particular, ele nunca afirmou ter sido um santo ou Cristo retornado, como muitos farsantes alegaram. Além disso, ele transmitiu uma revelação que corrigiu, ao invés de reforçar, os populares equívocos judaicos e cristãos. Esta, definitivamente, teria sido uma maneira estranha de reunir seguidores: ter dito aos judeus e cristãos que as opiniões que mantinham (e mantêm, até hoje) estão erradas, e, em seguida, ensinar-lhes a sua própria Escritura. É estranho enfrentar uma batalha tão difícil, com nenhum incentivo mundano aparente. Estranho para qualquer um, exceto para um verdadeiro profeta.

Então, foi Muhammad o profeta final, como previsto em ambos, Antigo e Novo Testamentos? Se assim for, uma coisa é certa, essa revelação que ele transmitiu perturba um monte de gente. Surpreendente? Talvez não. Não há maior ódio do que a do ímpio por um bom exemplo de retidão. Além disso, a missão profética nunca foi um concurso de popularidade, mas sim, um teste de sinceridade e resistência, compromisso e retidão. E, bem alinhada com a parábola do banquete de casamento, que termina com a lição: “Porque muitos são convidados, mas poucos escolhidos” (Mateus 22:14), sempre estive a minoria que os seguiu (aos verdadeiros profetas).

Para fechar este capítulo, veremos os ensinamentos de Muhammad através do testemunho de outros. Ja'far (o filho de Abu Talib, tio e protetor do Profeta) prestou testemunho a Najashi (Negus), o rei cristão da Abissínia como segue:

Ó Rei da Abissínia, costumávamos ser um povo da ignorância, que adorava ídolos, comia animais mortos, praticava indecências, rompia com os laços familiares, fazia mal aos vizinhos e o mais forte dentre nós poderia comer os mais fracos. Isto se manteve como nosso traço comum até que

Deus nos enviou um mensageiro. Conhecíamos sua ancestralidade, sua veracidade, sua confiabilidade, e sua castidade. Ele nos chamou para Allah para que pudéssemos adorá-Lo sozinho e abandonar tudo aquilo que tinha sido adorado em vez d'Ele dentre estas pedras e ídolos. Ele nos ordenou a sermos sinceros no discurso, a manter nossa palavra, a fortalecer nossos laços familiares, a sermos bons para os nossos vizinhos, a evitar as proibições e o sangue, assim como todas as indecências, a mentira, o roubo do dinheiro do órfão, e a difamação às mulheres castas. Ele ainda nos ordenou a adorar a Deus somente, não associar qualquer coisa na adoração com Ele. Ele nos ordenou a orar, pagar caridade, e jejuar (e assim, listou para o rei os requisitos do Islam). Por isso, cremos nele, aceitamos sua mensagem, e o seguimos naquilo que ele recebeu de Allah, adorando Allah somente, não associando quaisquer parceiros com Ele, abstando-nos de todas as proibições, e aceitando tudo o

que nos foi permitido.<sup>230</sup>

Alguns, como o rei cristão da Abissínia, ficaram impressionados com esta declaração, e o seguiram. Outros viram o portador de tais ensinamentos com tanta aversão que pretenderam matar o mensageiro, a mensagem, ou ambos – assim como os ingratos convidados da festa de casamento do rei da parábola de Jesus (Mateus 22:1-14). E veja o que aconteceu a eles.

Ao longo da história, muitos estudiosos encontraram vários motivos para atribuir grandeza a Muhammad. O grande poeta e estadista francês, Alphonse de Lamartine, escreveu eloquentemente sobre a influência e a grandeza do Profeta:

Se a grandeza de propósitos, pequenez de meios e resultados surpreendentes são os três critérios do gênio humano, quem poderia se atrever a comparar qualquer grande homem da história moderna com Muhammad? Os homens mais famosos só criaram exércitos, leis e impérios. Eles fundaram, se acaso fundaram algo, não mais do que poderes materiais que, muitas vezes, desmoronaram diante de seus olhos. Este

homem moveu não só exércitos, legislações, impérios, povos e dinastias, mas milhões de homens, cerca de um terço do mundo, então, habitado; e mais do que isso, ele moveu os altares, os deuses, as religiões, as ideias, as crenças e as almas. Com base em um livro, do qual cada letra se tornou lei, ele criou uma nacionalidade espiritual que misturou povos de todas as línguas e de todas as raças. Ele nos deixou, como a característica indelével de sua nacionalidade muçulmana, o ódio aos deuses falsos e a paixão pelo Deus Único e Imaterial. Este patriotismo vingativo contra a profanação do Céu formou a virtude dos seguidores de Muhammad; a conquista de um terço da terra ao seu dogma foi seu milagre; ou melhor, não foi o milagre de um homem, mas sim, da razão. A ideia da Unicidade de Deus, proclamada em meio ao esgotamento das fabulosas teogonias, foi, por si só, um milagre que, após a pronúncia por seus lábios, destruiu todos os antigos templos de ídolos e incendiou um terço do mundo. Sua

vida, suas meditações, suas injúrias heroicas contra as superstições de seu país e sua ousadia em desafiar as fúrias da idolatria, sua firmeza em suportá-las por quinze anos em Makkah, sua aceitação por representar o papel de escárnio público e quase de ser uma vítima de seus conterrâneos; tudo isso e, finalmente, sua ascensão, sua incessante pregação, suas guerras contra as probabilidades, sua fé em seu sucesso e sua segurança sobre-humana em meio à desgraça, sua paciência com a vitória; sua ambição, que foi inteiramente dedicada a uma ideia e, de nenhuma maneira, se esforçando para obter um império; suas orações intermináveis, suas conversas místicas com Deus, sua morte e seu triunfo após a morte; tudo isso não atesta um impostor, mas sim, uma convicção de que lhe foi dado o poder de restaurar um dogma. Esse dogma era duplo, a unicidade de Deus e a imaterialidade de Deus; o primeiro conta o que Deus é, e o segundo diz o que Deus não é; o primeiro derruba falsos deuses com

a espada, o segundo começa uma ideia com as palavras. Filósofo, orador, apóstolo, legislador, guerreiro, conquistador de ideias, restaurador de dogmas racionais, de um culto sem imagens; o fundador de vinte impérios terrestres e de um império espiritual, esse é Muhammad. No que diz respeito aos padrões pelos quais a grandeza humana pode ser medida, bem podemos perguntar, há alguém maior do que ele?<sup>231</sup>

## ***PARTE IV: O Oculto***

*Não há nenhum benefício em discutir com o inevitável.*

-James Russell Lowell, 1884

Os capítulos anteriores discutiram a realidade material dos profetas e os livros da revelação. Agora, vamos focar no invisível: as entidades intangíveis e conceitos que têm sido parte da religião comparada clássica. Enquanto capítulos anteriores expuseram e corroboraram evidências, sugerindo uma continuidade da revelação do Judaísmo ao Cristianismo e ao Islam, esta presente seção demonstra a uniformização de conceitos etéreos. As diferenças existem, é claro, mas estas diferenças são principalmente o resultado de capricho humano. Valores fundamentais centrais, ou seja, aqueles que encontramos na revelação, são notavelmente harmoniosos.

## ***1: Anjos***

*O homem, homem orgulhoso,  
Investido em breve e frágil autoridade,  
Mais ignorante do que crê estar mais  
certo,  
Sua essência vítrea, como um símio  
enfurecido,  
Realiza esses truques fantásticos ante  
os céus  
Que faz com que os anjos chorem.*

-Shakespeare, *Medida por Medida*

Os anjos: ali estão. Alguma pergunta?

Pelo menos, essa é a visão de todas as três religiões abraâmicas.  
Gostamos de acreditar em coisas que podemos ver e tocar e, por isso,

nos frustramos porque os anjos não estão disponíveis para análise individual, investigação científica, e programas de auditório. Eles são uma das criações invisíveis de Deus, assim como os demônios, céu, inferno e outras entidades etéreas.

O Judaísmo e o Islam veem os anjos de uma maneira prática. A humanidade pode se considerar como o ser supremo, mas nenhum ser humano é mais do que um pequeno ponto de protoplasma, precariamente empoleirado na beira de uma frágil mortalidade. Cada um de nós ocupa um imóvel emprestado em uma bola do tamanho da cabeça de um alfinete, chamada Terra, que gira em uma órbita a 150 milhões de quilômetros da estrela anã, amarela, mais próxima de espectro classe G2 solar, em grande parte ignorante de nossos vizinhos nesta galáxia Via Láctea. Esses vizinhos abrangem escassos oitenta mil anos-luz de diâmetro, e estão enterrados no que é conhecido como um Grupo Local de mais de trinta galáxias que ocupam um cilindro de espaço de cinco milhões de anos-luz de diâmetro. Este grupo local é *por si mesmo* apenas um pontinho insignificante enclausurado dentro do Local Superaglomerado de dezenas de aglomerados chamados de “nuvens galácticas”, alguns contendo perto de duzentas galáxias, e este Superaglomerado é ainda um outro insignificamente pequeno cilindro de espaço de 150 milhões de anos-luz de diâmetro. Tudo isso está bem escondido no coração do universo conhecido – assustadores quarenta bilhões de

anos-luz de diâmetro (cada ano-luz sendo cerca de seis trilhões de milhas).<sup>232</sup> Concluindo, trata-se de uma longa viagem, e o Planeta Terra é a última parada para descanso.

O entendimento islâmico é que não estamos sozinhos. Certamente, a humanidade não é o ser supremo. A única qualidade humana que se aproxima a 240 sextilhões (que é 240 seguido de 21 zeros) de milhas de diâmetro, contendo 140 bilhões de galáxias conhecidas e expandindo a mais de noventa por cento da velocidade da luz é o ego de algumas pessoas. Como Rudyard Kipling escreveu: “Tu tens demasiado Ego em teus Cosmos”.<sup>233</sup> Deus criou a humanidade, mas Ele também criou os anjos e gênios (isto é, espíritos), e cada um desses elementos da criação têm diferentes propriedades e poderes, muitos deles muito superiores aos nossos. A humanidade e os jinn (gênios) possuem livre arbítrio. Alguns são do mal, alguns meramente travessos, alguns justos e piedosos. Anjos, por outro lado, não têm livre arbítrio. Eles são funcionários de Deus e são absolutamente obedientes. Eles adoram a Deus, transmitem a revelação para os profetas, registram as ações de cada pessoa, apoiam os justos quando Allah assim decreta, recolhem as almas dos moribundos, dirigem o clima, protegem os céus e o inferno, e executam outras funções. O anjo mais conhecido é Gabriel, o anjo da revelação (também conhecido na religião islâmica como o “espírito santo”).

A questão surge periodicamente: Por que Deus não fez toda a humanidade fiel e boa, e concedeu a cada pessoa o paraíso? Uma resposta é que Ele, certamente, poderia tê-lo feito, se assim o desejasse. No entanto, Allah já tinha os anjos, que são perfeitamente obedientes. Por que Allah criaria a humanidade no mesmo molde? Ao contrário dos anjos, Deus deu aos seres humanos uma escolha. Podemos ser *melhores* do que os anjos, sendo obedientes por nosso próprio livre arbítrio, ou podemos ser piores do que demônios. Os anjos não têm nenhuma escolha neste assunto. Mas, novamente, é a raça humana, e não os anjos, que enfrentará o julgamento na próxima vida, e receberá as bênçãos do Paraíso ou o castigo do fogo do Inferno.

Em contraste com a compreensão judaica e muçulmana, os cristãos acreditam em um exército de anjos imaginários, cuja existência não é fundamentada pela Escritura. Além disso, os cristãos têm feito o que judeus e muçulmanos se recusam a fazer, que é a representação da aparência dos anjos. Isto pode parecer inofensivo, mas os puristas religiosos são rápidos na recordação do mandamento: “Não farás para ti nenhum ídolo, nenhuma imagem esculpida, nada que se assemelhe ao que existe lá em cima, nos céus, ou embaixo na terra, ou mesmo nas águas que estão debaixo da terra” (Êxodo 20:4). Pergunte às pessoas como que elas acham que são os anjos, e

noventa e nove por cento das vezes elas se lembrarão de alguma semelhança criada por aqueles que violaram este mandamento.

Claro, este problema pode parecer sem importância, à primeira vista, a menos que se tome pelo contexto dos mandamentos de Deus. Mas aderir aos mandamentos de Deus, obviamente, é tudo o que a religião encerra.

## ***2: Dia do Juízo***

*Nunca terás uma segunda chance para  
causar uma boa primeira impressão.*

-Provérbio Antigo

A verdadeira crença ganha uma recompensa na vida futura. A incredulidade também, maaaaas... você não a deseja. Esta tem sido a mensagem de todos os profetas: todos e cada um deles.

Como podemos justificar uma vida após a morte? Bem, onde mais as injustiças desta vida poderiam ser corrigidas, se não na vida após a morte? Se Deus não compensasse as injustiças da vida mundana com recompensas e punições adequadas na próxima, seria uma reflexão pobre de Seu senso de justiça. Alguns dos *piores-dos-piores* desfrutam das vidas mais luxuosas e despreocupadas. Enquanto isso, alguns dos *melhores-dos-melhores* sofrem terrivelmente. Por exemplo, qual profeta teve uma vida fácil? Quais profetas viveram vidas mimadas de esplendor, ao estilo de um chefe

da máfia, traficante ou governante tirano, tanto do nosso tempo ou do deles? Se confiamos na misericórdia e justiça de nosso Criador, não podemos crer que Ele restrinja as recompensas da piedade e as punições da transgressão nesta vida mundana, pois as desigualdades da vida são evidentes.

Portanto, haverá um Dia do Juízo, todos nós estaremos lá, e será um péssimo momento para começar a pensar em mudar nossas vidas para melhor. Porque... preste atenção aqui... porque nossa vida terá, em uma palavra, *acabado*. Será tarde demais. O registro de nossas ações estará completo. E não haverá como voltar atrás.

A humanidade será classificada de acordo com crenças e ações. Os crentes serão vindicados, os descrentes condenados e os transgressores (se não forem perdoados) punidos de acordo com a gravidade de seus pecados.

Os judeus declaram o Paraíso como um direito inato do “povo escolhido”, os cristãos afirmam “não serem perfeitos, apenas perdoados”, e os muçulmanos acreditam que todos os que morrerem em submissão ao Criador serão elegíveis à redenção. Aqueles que seguiram a revelação e o profeta de seu tempo serão bem-sucedidos, enquanto que aqueles que abandonaram a revelação e o profeta de seu tempo, fizeram-no comprometendo suas almas.

De acordo com o Islam, os judeus crentes estavam com a verdade até que rejeitaram os profetas que se seguiram (ou seja, João Batista e Jesus Cristo) e os seus ensinamentos, para não mencionar a revelação transmitida por Jesus. Desta forma, os judeus viveram em submissão a Deus não em *Seus* termos, mas nos termos *deles*. Quando Deus enviou profetas ou revelação de que não gostavam, optaram por permanecer com a religião de seus antepassados, em vez da de Deus. Desta forma, eles caíram em desobediência e descrença.

Da mesma forma, os seguidores de Jesus seguiram a verdade, até que rejeitaram o último profeta, Muhammad. Mais uma vez, os seguidores de Jesus se submeteram a Deus, mas apenas nos termos deles. E isso não é bom o suficiente. Quando foram chamados a reconhecer o profeta Muhammad e a revelação final do Alcorão Sagrado, rejeitaram e caíram na mesma desobediência e descrença de seus primos judeus.

De acordo com os muçulmanos, a religião da verdade sempre foi o Islam, uma vez que a mensagem central do Islam de submissão à vontade de Allah é o que todos os profetas ensinaram. Contudo, submissão à vontade de Allah exige adesão à revelação final e aos ensinamentos do profeta final. Assim, o único grupo que se submete à religião de Deus nos dias de hoje é o dos muçulmanos. Aqueles que conhecem o Islam e o rejeitam serão condenados. Aqueles que sabem do Islam e voluntariamente evadem a responsabilidade de estudar a

religião serão igualmente condenados. No entanto, aqueles que morrem sem saber do Islam e sem, deliberadamente, evitar a investigação do mesmo, serão testados no Dia do Juízo, para que provem o que teriam feito, caso tivessem conhecido. E com base nisso, Allah irá julgá-los.

Desta forma, pode-se imaginar que há judeus que morreram sem ter conhecido os profetas que se seguiram, e há cristãos que morreram ignorantes em relação a Muhammad e o Alcorão, eles não serão condenados por isso. Em vez disso, Allah irá julgá-los de acordo com sua submissão à revelação à qual haviam sido expostos durante suas vidas, e testará sua fé e obediência. Assim, também, com aqueles que morrem ignorantes da revelação como um todo; se morrerem buscando sinceramente a religião da verdade, eles terão a esperança da salvação. O mesmo, porém, não pode ser dito sobre aqueles que, deliberadamente, ignoraram a verdade.

### ***3: Decreto Divino***

*O homem propõe, Deus dispõe.*

-Thomas à Kempis

A predestinação, ou o destino, não podem ser provados. Nós todos sabemos isso. O que *pode* ser provado, no entanto, é a uniformização do conceito. Por mais que seja desconhecida para a maioria dos judeus e cristãos, a predestinação é um artigo de fé comum a todas as três religiões abraâmicas.

Nós já discutimos o conceito judaico de ser o “povo escolhido” de Deus. No entanto, além deste pensamento extremamente otimista, muito pouco está escrito no Antigo Testamento sobre a predestinação. O *Dicionário Bíblico de Holman* comenta,

De vez em quando os filhos de Israel foram tentados a abusar dos graciosos favores de Deus, a assumir, por exemplo, que, como o

Senhor tinha *colocado* Seu templo em Jerusalém, estariam isentos de julgamento. Uma e outra vez, os profetas tentaram dissuadi-los desta falsa noção de segurança ao apontar o verdadeiro significado da aliança e sua missão entre as nações (Jeremias 7:1-14; Amós 3:2; Jonas).<sup>234</sup>

Até mesmo Jesus foi registrado como tendo lamentado,

“Ó Jerusalém, Jerusalém, que assassinas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes Eu quis reunir os teus filhos, como a galinha acolhe os seus pintinhos debaixo das suas asas, mas vós não o aceitastes! (Mateus 23:37)

O que levanta a questão: “Escolhidos para quê? Para matar os profetas e apedrejar os mensageiros?” Dificilmente seria uma fórmula sensata para a salvação, poderia se pensar. Mas, também, com que frequência pode um argumento racional penetrar a armadura de presunção elitista?

Certamente, os israelitas foram o “povo escolhido” durante o tempo em que honraram o seu profeta e a revelação que lhes foi transmitida. No entanto, eles quebraram o pacto com Deus, quando rejeitaram os profetas anunciados por sua própria Escritura. Através de seu obstinado desafio, eles anularam a promessa da salvação de Deus. A *Enciclopédia Judaica* comenta:

A relação da aliança definida desta maneira leva consigo responsabilidades, da mesma forma que os indivíduos escolhidos são responsáveis por certas tarefas e são obrigados a assumir papéis específicos... Israel é obrigado por esta escolha a “manter os Seus estatutos e a observar as Suas leis” (Salmos 105:45).<sup>235</sup>

Em outras palavras, contrato quebrado, contrato rescindido. Continuemos.

O Novo Testamento sugere presciência e predestinação em Romanos 8:29 – “Para quem Deus conheceu de antemão, também os predestinou...” Efésios 1:3-14 descreve explícita ou implicitamente a predestinação por dez vezes, e Atos 4:27-28 diz: “De fato, Herodes e Pôncio Pilatos reuniram-se com as nações pagãs e os povos de Israel

nesta cidade, para conspirar contra o seu Santo Servo Jesus, a quem ungiste. Realizaram tudo o que, em teu poder e sabedoria, já havia predeterminado que aconteceria.” 1 Pedro 1:1-2 contribui “peregrinos dispersos nas regiões do Ponto, Galácia, Capadócia, província da Ásia e na Bitínia, escolhidos em conformidade com a presciência de Deus Pai...” Com o quarto versículo, acrescentando: “para uma aliança que jamais se extinguirá, nem tampouco será desonrada ou perderá seu valor. Herança preservada nos céus para vós...”.

Jesus Cristo parece ter ensinado a predestinação, quando disse: “Vinde, abençoados de meu Pai! Recebei como herança o Reino, o qual vos foi preparado desde a fundação do mundo” (Mateus 25:34), e, “regozijai-vos, não apenas porque os espíritos vos obedecem, mas sim porque os vossos nomes estão inscritos nos céus” (Lucas 10:20).<sup>236</sup>

A partir deste fundamento bíblico, uma infinidade de teorias tem se desenvolvido.

A teologia católica propõe um infalível conhecimento de Deus sobre quem será salvo, quem não será, e o porquê. De acordo com *A Enciclopédia Católica*, “a predestinação é, de alguma forma, explicada pela presciência de Deus sobre a conduta do homem”.<sup>237</sup>

Além disso, Deus salvará o bem-aventurado exatamente da maneira que Ele predestinou.<sup>238</sup>

A Reforma Protestante inaugurou as teorias de Martinho Lutero e João Calvino, que foram igualmente intransigentes. Ambos Lutero<sup>239</sup> e Calvino<sup>240</sup> afirmaram que Deus predestinou cada um de nós quer para a salvação eterna ou para a perdição eterna. Enquanto que Lutero propôs a crença em Cristo como a marca dos eleitos, Calvino propôs que, como o homem foi salvo ou condenado desde o momento da criação, os “eleitos” eram fisicamente incapazes de anular a sua salvação e os “condenados” incapazes de alcançar a redenção.

Dentro desta contenda andou o cativamente chamado Jacó Armínio. Nascido em 1560 EC, catorze anos após a morte de Martinho Lutero e quatro anos antes de Calvino, Armínio cresceu para contestar a proposta de Calvino da eleição incondicional e graça irrevogável. Argumentando a incompatibilidade da injustiça da condenação irrevogável com a justiça absoluta do Criador, Armínio propôs que o amplo conhecimento de Deus engloba a vontade do homem. Assim, ainda que Deus não exija das pessoas ações específicas nem as predestine a um destino particular, Ele conhece a concepção espiritual e moral da essência das pessoas antes delas nascerem. Por meio de Seu conhecimento infinito, Deus sabe o que

cada um e todos os seres humanos vão pensar e fazer, como ele ou ela vai se sair, e que fim eles ganharão na outra vida.

A teoria de Armínio é interessante, porque ele harmoniza o livre arbítrio humano com a onisciência divina e o destino do homem. No entanto, a Igreja Reformada condenou suas teorias no Sínodo de Dort em 1618-19. Diferentes denominações protestantes, posteriormente, ajustaram suas velas de navegação para a opinião prevalecente e avançaram ou recuaram entre as teorias de Lutero, Calvino e variações sobre as dos católicos. Nos tempos modernos, a maioria das seitas protestantes estiveram à deriva até o século XX fundindo predestinação e Cristologia.

Nenhuma destas teorias alcançou aceitação unânime, de modo que o assunto continua muito vivo nos círculos cristãos.

A predestinação é talvez menos debatida dentro da religião islâmica, pela simples razão de que todas as religiões têm mistérios da fé, e o Islam considera este um deles. Além disso, os ensinamentos islâmicos desencorajam muçulmanos a debater o que é reconhecidamente um tema problemático, dado os limites do intelecto humano.

Tal como a teoria de Armínio (ou talvez devêssemos dizer as teorias de Armínio, como as do Islam, uma vez que os princípios islâmicos antecederam o nascimento de Armínio por cerca de mil

anos), o Islam reconhece tanto a predestinação divina quanto o livre arbítrio humano, e harmoniza estes elementos através de onisciência de Allah.

No entanto, o Islam ensina que Allah predeterminou tudo o que fazemos. Em um *hadith* relevante, um beduíno perguntou a Muhammad se tudo o que fazemos foi predestinado, ou se fazemos de nossa própria vontade. Muhammad respondeu: “Pelo contrário, foi predestinado”. O beduíno, em seguida, perguntou: “Nesse caso, por que não desistimos de fazer quaisquer atos, e confiamos no que nos foi predestinado?”, Muhammad respondeu, “Não, em vez disso, aje (ou seja, faz o que desejares), pois cada pessoa achará fácil aquilo para que foi criado”.<sup>241</sup>

Outra tradição que esclarece o entendimento islâmico é o *hadith* em que Muhammad ensinou,

Não há um só dentre vós a quem um lugar no Paraíso ou inferno não tenha sido atribuído, nem sobre quem não tenha sido escrito se seria uma pessoa infeliz ou feliz. Um homem disse: “Ó Apóstolo de Allah, não deveríamos, então, depender de nosso destino e abandonar nossos atos?” Então, o Mensageiro de Allah disse: “Quem quer que

pertença à companhia da felicidade, terá boas obras facilitadas, e todo aquele que pertença à companhia da miséria, terá atos malignos facilitados”. Então, ele recitou: “Então, quanto a quem dá e teme a Allah. E confirma a mais bela Verdade, a esse, facilitar-lhe-emos o acesso ao caminho fácil. E, quanto a quem é avaro e prescinde da ajuda de Allah, E desmente a mais bela Verdade, A esse, facilitar-lhe-emos o acesso ao caminho difícil” (OSA 92:5-10)<sup>242</sup>

A tentativa de corrigir o livre arbítrio humano com a predestinação leva a um sem fim de controvérsias. No entanto, ao contrário da especulação sobre outros segredos do desconhecido, como a natureza dos anjos, espíritos, Dia do Juízo, céu, inferno, etc, a discussão sobre a predestinação pode levar à incredulidade. Talvez por esta razão, o Islam desencoraje os muçulmanos a debaterem esta questão.

Para ilustrar o ponto, Muhammad certa vez pegou um grupo de seus companheiros em debate sobre a predestinação. Alguns citaram versículos do Alcorão nos quais Allah informa que controla tudo; outros citaram versículos que comprovam o livre arbítrio humano.

Quando Muhammad tomou conhecimento sobre o tema da discussão, ficou irritado e disse:

Isso é o que vos foi ordenado fazer? É por isso que fui enviado a vós? Em verdade, os povos antes de vós foram destruídos quando discutiam entre eles sobre este assunto. Eu vos advirto a não diferir sobre isso.<sup>243</sup>

Os que acatam o aviso de Muhammad continuam com o seu esforço na vida e religião, ao mesmo tempo aceitando que “As penas foram levantadas e as páginas secas”<sup>244</sup> – uma filosofia muito alinhada com o antigo provérbio: “Ore a Deus, mas continue persistindo”.

## ***PARTE V: Conclusões***

*A sabedoria está em saber o que fazer em seguida. A virtude está em fazê-lo.*

-David Starr Jordan

As maiores deduções na vida geralmente resultam de uma sequência de etapas cognitivas menores. Os três capítulos seguintes desta seção representam as etapas que este autor considera necessárias para chegar à conclusão mais equilibrada e correta, concernente ao tema deste livro.

## ***1: A Religião “Desviante”***

*O que é a verdade? Disse Pilatos brincando; e não esperou a resposta.*

-Francis Bacon, *Essays (Ensaaios)*

Há muitos anos atrás, um cristão fanático me descreveu o Islam como “uma religião desviante”. Esse desafio foi o que me impulsionou a fazer estes livros. A oratória opinativa pode ter apelo emocional passageiro, mas a evidência argumenta uma verdade duradoura.

Este cristão em particular repetiu uma calúnia ocidental comum. Mas para aqueles que exercitam o seu intelecto, a propaganda religiosa falha ao substituir o que as pessoas deduzem por si mesmas. Cada vez mais, as pessoas reconhecem que, uma vez que se levanta o véu das calúnias da face de uma instituição difamada, frequentemente se deparam com uma realidade tão requintadamente apelativa que esta dissipa todos os falsos preconceitos.

Estes dois livros, *Desviados?* e *Guiados?*, foram escritos para levantar esse véu de calúnias e expor a verdade subjacente. Agora vamos examinar a acusação de desvio.

Para começar, a análise de desvio nos obriga a estabelecer um marco estável de referência. Até que estabeleçamos esta referência, não seremos capazes de responder à pergunta “Desvio de quê?”. No que diz respeito à religião, simplesmente não há argumento. A medida da retidão religiosa não pode ser outra, senão o cumprimento das diretivas de Deus, Todo-Poderoso.

Se, presumidamente, queremos encontrar retidão em um cânone religioso feito pelo homem, corremos o risco de medir sob a referência de um padrão errado. Cada grupo de soldados que está fora da classificação e da fila considerará todos os outros desviados de seu padrão desalinhado, se estiverem cegos à possibilidade de estarem, eles mesmos, desalinhados. Infelizmente, a maioria das seitas religiosas fomenta exatamente essa paralisia cognitiva, incutindo uma atitude intransigente de elitismo espiritual: “nós contra eles”.

Romper a barreira da ignorância comprometida, muitas vezes, não é possível. No entanto, este é o segundo ingrediente necessário para a determinação do desvio. Devemos analisar objetivamente e abraçar a verdade, ainda que se confirmem opiniões que

consideramos de mau gosto ou conflitos de conceitos que nos sejam caros.

Alguns podem medir o desvio em relação às normas aceitas, mas esta metodologia também está propensa a erros. Se opinião majoritária é o padrão pelo qual a verdade deve ser medida, então, os conceitos dos planetas orbitando em torno do Sol, da Terra sendo redonda e da teoria dos germes das doenças estão incorretos no momento em que foram concebidos. Da mesma forma, foi sempre a minoria que aceitou os profetas de sua época. Se a maioria normatizasse, os profetas estariam errados.

E esse é o ponto.

As normas sociais e verdade absoluta não necessariamente pulam de mão em mão. Então, vamos medir pelo único padrão confiável, o que, no caso da religião, é a vontade de nosso Criador.

Os muçulmanos afirmam que se curvam à vontade de Allah no Islam, como transmitido através de Muhammad e do Alcorão Sagrado. Aqueles que afirmam se curvar à vontade de Allah no Judaísmo ou Cristianismo devem enfrentar as provas apresentadas neste livro. De acordo com as evidências, qual religião está no caminho reto do planejamento de nosso Criador, e quais as que estão desviadas? Qual grupo se curva ante a palavra de Deus, e qual ante

um credo fundado no erro, construído por homens falíveis e manipuladores da Escritura?

A informação apresentada nestes dois livros deve permitir que a maioria das pessoas respondam a estas perguntas por si mesmas. No entanto, em certo sentido, a resposta não importa, e eu vou lhe dizer o porquê. Se você é judeu, a Bíblia judaica (ou seja, o Antigo Testamento) convida você a aceitar os profetas anunciados. E onde isso leva? Primeiro a Jesus e depois a Muhammad. Por outro lado, se você é cristão, Jesus Cristo ordenou a seus seguidores buscarem o profeta final predito. E isso também leva a Muhammad.

Todos os caminhos, ao que parece, direcionam ao Islam.

Talvez seja melhor dizer que *um* caminho conduz ao Islam ou, pelo menos, o caminho que estamos discutindo nestes livros – o caminho da revelação.

Que as pessoas ajam nesta perspectiva ou não, depende da vontade de cada um a se render à evidência indiscutível.

## 2: *A Submissão*

*A gratidão imediata é a mais doce.*

-Provérbio Antigo

Submeter-se a Deus, em face disso, não deve ser difícil, mas a maioria das pessoas se “submete” apenas em termos condicionais. A primeira condição comum é a existência de Deus, como encontrado no mal concebido prefácio à oração: “Ó Deus, se estás aí...”. Outra condição popular é a de pedir para ser guiado para ser um melhor... qualquer que seja a fé que uma pessoa siga na época: “Ó Deus, faça de mim um melhor \_\_\_\_\_ (preencha o espaço em branco)”.

Mas, será isso rendição? E se a fé escolhida de uma pessoa for errada? E se a *nossa* religião escolhida não for a religião escolhida de *Deus*? A modéstia nos obriga a reconhecer o capricho humano e a sensibilidade de entreter todas as possibilidades, incluindo a de estar errado.

Desta forma, a submissão a Deus só é completa quando altruísta.

Rendição, na verdade, é uma palavra fácil, um conceito difícil e um ato desafiador, pois a maioria de nós associa rendição com a submissão a um adversário. No entanto, enquanto se render a um

adversário é uma derrota desmoralizante, a rendição ao Criador é uma vitória de fé. Um adversário ameaça com abuso, humilhação, prisão, tortura, até mesmo morte. O Criador promete misericórdia e benevolência, paz e salvação.

Semelhante a uma rendição a um adversário, a rendição religiosa nos exige deixar de lado nossas ferramentas de autodefesa, abandonar quaisquer laços sociais ou familiares que ameacem nos escravizar, rejeitar a desaprovação dos amigos e autoridades que procurem nos obstruir, e abandonar aqueles que ameacem a nossa fé. No entanto, ao *contrário* de uma rendição a um adversário, não nos desarmamos até o ponto de chegar a uma posição indefesa, mas a uma posição de força. Pois qual força maior podemos ter afora o amor e o apoio de Deus Todo-Poderoso?

Aqueles que se submetem a um inimigo em tempo de guerra procuram escapar do massacre. Aqueles que se rendem a Deus fogem de um mundo de mentiras e ilusões, de se enredar no hedonismo e nas seduções magnéticas, para Aquele cuja misericórdia é garantida, cujo amor é garantido, e cuja segurança é absoluta.

Ele é o Único em Quem podemos confiar para nos receber com amorosa graça e incomparável hospitalidade.

Ele é o único que criou a humanidade,

Aquele que sustenta a humanidade,

Brown / Guiados?

Aquele que espera a humanidade.

E, no entanto, Ele é Aquele que é negado pela maioria da humanidade.

E Ele merece melhor de nós.

Os devotos se humilharão ao Criador, buscando a salvação através do reconhecimento e obedecendo-O. E para fazer isto, buscarão sinceramente por Sua orientação.

Sem compromisso, sem reservas, sem resistência.

Uma rendição total, incondicional. Qualquer coisa menos que isso é apenas negociação.

Ao contrário de uma rendição ao adversário, a submissão religiosa demanda trabalho. Devemos analisar as religiões a que estamos expostos e peneirar a propaganda. Aqueles que desconsideram o Judaísmo por preconceito contra a avareza estereotipada, ou o Cristianismo por repulsa aos padres pedófilos, julgam de acordo com as falhas humanas em vez dos dogmas de fé. Da mesma forma, aqueles que rejeitam o Islam com base em calúnias popularizadas julgam a religião não pelo que Deus diz, mas pelo que as pessoas dizem.

Também não devemos permitir que os costumes e as tradições de um povo obstruam nossa análise. Como afirmou Suzanne LaFollette, com tanta precisão, “Não há nada mais intrinsecamente humano do que a tendência para transmutar o que se tornou habitual no que foi

divinamente ordenado”.<sup>245</sup> Assim, embora os cristãos possam uniformemente endossar as árvores de Natal e os crucifixos, estas práticas são produto de tradições, em vez de ensinamentos das Escrituras. De fato, muitos argumentam que essas tradições são condenadas pela Escritura bíblica, bem como pelos exemplos piedosos dos padres apostólicos.<sup>246</sup>

Da mesma forma, muitos costumes das comunidades judaica e muçulmana são religiosamente perturbadores. Em casos extremos, os fanáticos equivocados cometem atrocidades que contradizem os próprios dogmas de suas respectivas religiões.

Por exemplo, compulsão religiosa, terrorismo e opressão das mulheres não são elementos da religião islâmica. Estas são calúnias anti-islâmicas construídas sobre o exemplo desviado de alguns ímpios, que se auto intitulam de líderes muçulmanos, mas não são parte da ideologia islâmica. E se julgarmos as religiões pelos piores representantes de suas crenças, os quais são muitos, jogaremos fora não apenas o Islam, mas todas as religiões.

O problema é que os eventos atuais, a experiência pessoal e os efeitos da mídia podem criar um viés injusto que frequentemente induz as pessoas a conceberem elementos marginais como normativos. Não são os milhões de judeus corretos que fazem a notícia, mas sim Baruch Goldsteins. Não são os bilhões de cristãos

amáveis e caridosos que atingem as manchetes, mas sim Jeffrey Dahmers e os que bombardeiam clínicas de aborto. E não são os bilhões de bons muçulmanos, mas os extremistas e os fanáticos militantes. Nem todos os judeus disparam com metralhadora enquanto os muçulmanos estão prostrados em oração, nem todos os cristãos são canibais psicopatas ou bombardeiros de clínicas de aborto, e nem todos os muçulmanos são terroristas ou intolerantes com crenças de outros povos. E se nós nos permitirmos acreditar no contrário, então acabaremos julgando as instituições não por seus verdadeiros valores, mas pelos poucos desviados que nos dão motivo para odiar. E isso destrói não só a realidade mais ampla, senão nossa humanidade.

Por isso, vamos nos abster de julgar qualquer religião baseada em propaganda ou nos atos radicais de seus seguidores equivocados, os quais existem em demasia.

Uma vez que olharmos para além destes elementos de dis-torção religiosa, podemos complementar a nossa missão, rezando por orientação. A Oração do Pai Nosso pode ser um bom ponto de partida para os cristãos, ou para qualquer outra pessoa sobre este assunto. Esta oração não é confessional, e uma pessoa razoável não poderia se opor a pedir “livrai-nos do mal”. Acaso exista alguma objeção, deveria ser que a orientação não é especificamente

solicitada ou que as duas formas registradas desta oração diferem (compare Mateus 6:9-13 com Lucas 11:2-4).

Qual destas orações, se uma ou ambas, foi pronunciada por Jesus, permanece incerto – mais ainda, considerando que o Seminário Jesus (*Jesus Seminar*), um corpo de proeminentes eruditos bíblicos, anunciou que a única palavra do Pai Nosso que pode ser diretamente atribuída a Jesus é “Pai”.<sup>247</sup> Esta conclusão é surpreendente, pois não só sacode uma das árvores mais aceitas na floresta da fé cristã, mas questiona muito a legitimidade de tal árvore.

Algumas traduções modernas tentam esconder o desacordo entre as duas versões do Pai Nosso, mas praticamente toda a Bíblia publicada antes de 1970 registra a discrepância de dois mil anos de idade.

Tendo em vista esta surpreendente incerteza, os muçulmanos oferecem a seguinte oração como uma alternativa aceitável:

Em nome de Allah, O Misericordioso,  
O Misericordador.  
Louvor a Allah, O Senhor dos mundos.  
O Misericordioso, O Misericordador.  
O Soberano do Dia do Juízo!  
Só a Ti adoramos e só de Ti  
imploramos ajuda.

Guia-nos à senda reta,  
À senda dos que agraciaste; não à dos  
incurtos em Tua ira nem à dos  
descaminhados. (OSA 1:1-7)

Simples, não confessional e direta ao ponto, os muçulmanos recitam esta primeira *surah* do Alcorão Sagrado um mínimo de dezessete vezes por dia em todo o mundo. Curiosamente, esta oração glorifica a Deus e pede a Sua orientação, mas em nenhum lugar menciona o Islam pelo nome. Como é o caso com o Pai Nosso, é difícil se opor a uma oração tão pura de sentimento e desprovida de preconceito.

### ***3: As Consequências da Lógica***

*As consequências lógicas são os  
espantalhos dos tolos e os faróis dos sábios.*

-Thomas Henry Huxley, *Animal Automatism*

Os judeus e cristãos têm apontado que a *ayah* 2:136 do Alcorão Sagrado ensina os muçulmanos a reconhecer “o que fora concedido a Moisés e a Jesus, e no que fora concedido aos profetas, por seu Senhor. Não fazemos distinção entre nenhum deles...”.

O argumento que esses judeus e cristãos propõem é: Se o Alcorão Sagrado diz que os muçulmanos devem reconhecer as revelações dadas a Moisés e Jesus, e a não fazer distinções entre os profetas, então o Alcorão Sagrado valida o Antigo e o Novo Testamentos.

Não é verdade.

“O que fora concedido a Moisés e a Jesus, e no que fora concedido aos profetas, por seu Senhor” era a revelação. No entanto,

como todos os estudiosos religiosos sabem, a Torá de Moisés e o Evangelho de Jesus Cristo estão perdidos, e têm estado por milênios. O que temos nos dias de hoje – e, na verdade, o que temos tido durante os últimos dois mil anos – é significativamente corrompido dos textos originais.<sup>248</sup> Assim, embora o Alcorão reconheça a revelação *original* dada aos profetas, de forma alguma isso valida o Antigo e o Novo Testamentos nas suas formas atuais e impuras.

Em segundo lugar, ainda que tivéssemos as Bíblias judaica e cristã como elas são, o Antigo Testamento, Novo Testamento e Alcorão Sagrado estabelecem uma continuidade da cadeia de profecia, revelação e credo monoteísta. O que nós *não* encontramos no Antigo e Novo Testamentos são as crenças egoístas em que muitos têm se baseado para a salvação – crenças tais como a que os judeus continuam sendo o “povo escolhido”, apesar de terem quebrado o pacto com Deus, e que os cristãos estão “justificados pela fé”, mesmo que Jesus Cristo nunca tenha ensinado tal coisa. Ademais, em nenhum lugar Jesus ensinou alguma das partes integrais da teologia trinitária.<sup>249</sup>

Consequentemente, os muçulmanos propõem que aqueles que seguem os ensinamentos dos profetas descobrirão a religião do Islam em seus próprios livros. Em outras palavras, todos os profetas ensinaram o mesmo credo monoteísta, a mesma continuidade na cadeia de missão profética e, com algumas alterações, a mesma lei

divina. No entanto, assim como encontramos coerência nos ensinamentos dos profetas, descobrimos coerência entre aqueles que procuram distorcer a revelação. Os profetas nos levam à verdade, seus antagonistas (como Paulo) tentam nos desviar do caminho; a ferramenta dos profetas é revelação, e a de seus antagonistas: misticismo.

O ponto de vista islâmico, então, é que cada estágio da revelação prepara os verdadeiros crentes para o seguinte. A crença foi constante e a cadeia de missão profética intacta. Aqueles que seguem esta cadeia de missão profética e de revelação passarão de um nível ao próximo, levando à conclusão lógica de aceitação do último profeta, Muhammad, e da revelação do Alcorão Sagrado.

Consequentemente, a súplica é oferecida:

Dize: “Ó seguidores do Livro! Vinde a uma palavra igual entre nós e vós: não adoremos senão a Allah, e nada Lhe associemos e não tomemos uns aos outros por senhores, além de Allah”. E, se voltarem as costas, dizei: “Testemunhai que somos moslimes (submissos)”. (OSA 3:64).

Brown / Guiados?

Será que a humanidade chegará a estes termos comuns? Será que todos nos uniremos na adoração a Allah e somente a Allah? Não associando parceiros ou coparticipes na Sua divindade? Bem, isso ainda não aconteceu.

Mas cada um de nós não é responsável por toda a humanidade. Somos responsáveis apenas por nós mesmos:

“Ó vós que credes! Cuidai de vós mesmos; não vos prejudicará quem se descaminha, quando sois guiados. A Allah será vosso retorno, de todos vós. E Ele vos informará do que fazíeis” (OSA 5:105).

O Islam pode, portanto, legitimar-se através de Abraão como a religião mais antiga e autêntica, ensinada por todos os profetas (o mesmo foi revelado a todos eles) e, finalmente, proclamada em uma maneira nova e definitiva por Muhammad, o confirmado “selo” de todos os profetas, depois que o Profeta a recebeu diretamente de um anjo do Único e Verdadeiro Deus, sem os erros e distorções dos judeus e cristãos. Pelo Alcorão, é evidente que os muçulmanos estão mais próximos de Abraão; eles não são os únicos adoradores de Deus na descendência de Abraão, mas são seus únicos e verdadeiros adoradores.

-Hans Küng. 2007. *Islam, Passado, Presente e Futuro*. One World Publications. p. 51

## *Apêndice 1 – A idolatria*

*É uma estranha ironia que aqueles que reverenciam pedras vivam em ideologias de vidro.*

-L. Brown

Idolatria – todo monoteísta abomina a ideia, e, no entanto, muitos cometem este crime. Poucos, hoje em dia, compreendem completamente as complexidades desta questão, pois a definição de *idolatria* foi enterrada sob quase 1.700 anos de tradição da Igreja.

O segundo mandamento afirma: “Não farás para ti nenhum ídolo, nenhuma imagem esculpida, nada que se assemelhe ao que existe lá em cima, nos céus, ou embaixo na terra, ou mesmo nas águas que estão debaixo da terra. Não te prostrarás diante desses deuses e não os servirás” (Êxodo 20:4-5). Traduções alternativas utilizam uma

redação um pouco diferente, embora significativa, como, por exemplo: “não debes te curvar a elas nem as adorarás” (NRSV, NIV).

O mandamento de não esculpir imagens fala por si, assim como o decreto posterior de não fazer nada semelhante.

Estas diretivas não podiam ser mais claras.

É da natureza do homem, no entanto, procurar brechas nas leis, impostos e Escritura. Consequentemente, há quem considere que a ordem inicial de não fazer “imagens esculpidas” ou “nada que se assemelhe” esteja condicionada ao decreto seguinte de não servir ou adorar as imagens – com o argumento de que, se ninguém adora exatamente a imagem, então é permitido fazê-la. Mas *não* é isso que o mandamento diz. E em qualquer caso, a prudência aconselha evitar o que Deus proibiu, porque quem ultrapassa pode esperar ser responsabilizado.

Mas vamos dar um passo para trás. O que as palavras *servir* e *adorar* realmente significam?

O verbo *servir*, de acordo com o dicionário *Merriam-Webster's*, significa “prestar serviço e respeito a (um superior)”.<sup>250</sup> Então, se colocar imagens em posições elevadas (estátuas de santos literalmente colocadas sobre pedestais, ícones religiosos

enquadrados, etc.), dedicar tempo, energia e dinheiro a retirar o pó, limpar, embelezar, e preservá-las, não são atos de serviço e respeito, então, o que são?

A resposta cristã típica? Que estes atos de *serviço* não são atos de *adoração*. Ora, espere um minuto. A palavra *adoração* não era utilizada há cerca de dois mil anos atrás. Na verdade, não era utilizada até cerca de mil anos atrás. Não existia nem no idioma português durante o período da revelação, mesmo que o Novo Testamento tivesse sido escrito em português, o que não foi. Então, quais palavras estavam disponíveis nos tempos bíblicos? Qual o significado de onde a palavra *adoração* se derivou?

Não é de se surpreender que rastreamos a palavra *adoração* de volta a um sentido de valor, um sentido de dignidade:

A palavra *adoração* (*workship* em inglês) começou a sua vida como um substantivo composto que significava literalmente “dignidade”. Ela foi formada a partir do adjetivo *worth* (valor) e do substantivo sufixo *ship* “estado, condição”, e no princípio foi utilizada para “distinção, crédito, dignidade”. Isto logo passou a significar “respeito, reverência”, mas não foi

utilizado em contextos especificamente religiosos até o século XIII. O verbo data do século XII.<sup>251</sup>

E isto da *New Catholic Encyclopedia*:

*Worship*: Em anglo-saxão “weorð-scipe” significava “worth-ship”, em que “worth” deve ser entendido no sentido de valor ou honra. *Worship*, portanto, originalmente significava o estado de valor, a qualidade de ser valioso ou digno.<sup>252</sup>

Então, o que o segundo mandamento realmente diz? Não só que não se deve curvar ou rezar para imagens feitas pelos homens (à maneira de muitos católicos), mas não se deve, de modo algum, valorizar estas imagens.

“Mas nós não as valorizamos!”, responde o cristão comum.

Sério? Bem, nesse caso, você não se importará se nós as jogarmos no lixo ou as mergulharmos no vaso sanitário. Quer dizer, elas não valem nada, certo? Sem valor, certo? E o que fazemos com coisas sem valor? Nós as jogamos fora, não é?

Brown / Guiados?

O ponto é que, sim, os cristãos valorizam suas imagens, e desta forma eles violam o segundo mandamento.

Será que a idolatria se manifesta de outras maneiras?

Certamente. Você já se perguntou por que as pessoas costumavam (e em alguns casos, ainda fazem) cumprimentar o clero de nível superior, a realeza e membros da elite social como “Vossa Mercê”? Com essa frase, homens comuns veneram homens e mulheres de alto valor, posição e estatuto social. Então, é isso adoração? De acordo com a definição da palavra, sim. “Vossa Mercê” significava “Sua dignidade”, e transmite a distinção de valor elevado.

Então, isso significa que os homens comuns usaram esta frase adorando aqueles a quem se dirigiam de tal maneira? Ah, sim. De fato, é disso que se trata. Não só os adoravam, como os *idolatravam*, e vemos essa dinâmica aplicada também à música, esportes e estrelas de cinema nos dias de hoje, como fazemos ao clero, realeza e elite social.

“Ah, vamos lá”, você pode dizer, “Não seja ridículo”.

Não, eu estou sendo preciso.

Não estou dizendo que Deus nos proibiu de honrar tais pessoas; só estou dizendo que, sim, abordar indivíduos em tais termos, como “Sua Santidade” é uma forma de adoração. No entanto, quando isto cruza a linha para a zona proibida é quando as pessoas reverenciam os outros *como deuses*, ou lhes concede a honra e o respeito reservados para nosso Criador. Caso eles prefiram a orientação destes indivíduos às leis e orientação da revelação, usurpam a autoridade de Deus. Da mesma forma, quando reverenciam um indivíduo dizendo, ou digamos, alegando que ele é infalível ou curvando-se a ele (mesmo que apenas para beijar seu anel), concedem-lhe os direitos e honrarias especiais reservadas para Deus, Todo-Poderoso.

Desta forma, a idolatria não exige uma estátua, embora estas estátuas certamente aumentem o delito. Afinal, “a idolatria refere-se à adoração de outros deuses que não o Único e Verdadeiro Deus, e o uso de imagens é característico da vida dos pagãos”.<sup>253</sup>

É interessante ter uma enciclopédia católica fornecendo tal definição, não é mesmo? Ora, nós não precisamos nem de ler as entrelinhas para perceber que é autocondenação!

Infelizmente, muitas denominações cristãs modernas justificam suas práticas mais baseadas na tradição que na Escritura. Raramente a Escritura tem prioridade sobre a tradição. Existem exemplos, no entanto. Tão recentemente quanto o período de 1500, os cristãos

nestorianos da Costa do Malabar, na Índia, foram apresentados a uma imagem da Virgem Maria pela primeira vez. Bastante protegidos da influência europeia, estes cristãos da costa de Malabar tinham permanecido ignorantes quanto às mudanças instituídas pelos diversos concílios e sínodos das Igrejas Europeias. Só com o estabelecimento de rotas marítimas no século XVI, começaram a interagir. Como Edward Gibbon observou,

Sua separação do mundo ocidental os deixara na ignorância quanto às melhorias ou corrupções de mil anos; e a sua conformidade com a fé e a prática do quinto século, seria igualmente decepcionante para os preconceitos de um papista ou um protestante.<sup>254</sup>

Então, como eles reagiram quando foram apresentados a uma imagem da Virgem Maria?

O título de Mãe de Deus era ofensivo para os seus ouvidos, e eles mediram com escrupulosa avareza as honras da Virgem Maria, a quem a superstição dos latinos havia exaltado quase ao nível de uma deusa.

Quando a imagem foi apresentada pela primeira vez aos discípulos de São Tomás, indignados, exclamaram: “Somos cristãos, não idólatras!”<sup>255</sup>

É importante notar que estes cristãos da costa de Malabar não estavam errados e nem eram os únicos com este ponto de vista:

Os cristãos primitivos estavam possuídos de uma repugnância invencível ao uso e abuso de imagens, e esta aversão pode ser atribuída à sua descendência dos judeus, e sua inimizade para com os gregos. A Lei Mosaica tinha severamente proibido todas as representações da Divindade; e este preceito foi firmemente estabelecido nos princípios e práticas do povo escolhido. A sagacidade dos apo-logistas cristãos foi apontada contra os idólatras tolos, que se curvavam diante da obra das suas próprias mãos, imagens de bronze e mármore, que, se *elas* fossem dotadas de sentido e movimento, haveriam abandonado seu pedestal para adorar os poderes criativos do

artista.<sup>256</sup>

Ou, para colocar em português mais moderno e simples,

Os cristãos primitivos tinham atacado a adoração de imagens como o trabalho do demônio e houve uma destruição em massa de todo o tipo de ídolo quando o Cristianismo finalmente triunfou. Mas, ao longo dos séculos seguintes, as imagens rastejaram de volta, aparecendo sob novos nomes, entretanto, ao olhar crítico, com um papel idêntico. Foram os cristãos do Oriente que primeiro começaram a sentir que grande parte da religião pagã que os seus antepassados tinham destruído, a muito custo com o sangue dos mártires, estava insensivelmente sendo restaurada.<sup>257</sup>

No entanto, a arte religiosa foi aprovada no Concílio de Nicéia, em 325 EC, e a adoração de ídolos invadiu os serviços católicos daquele momento em diante. Gibbon comenta:

No início, o experimento foi feito com

cautela e escrúpulo; e as veneráveis imagens foram discretamente permitidas para instruir os ignorantes, para despertar a frieza e para satisfazer os preconceitos dos proselitistas pagãos. Em uma progressão lenta, embora inevitável, as honras do original foram transferidas para a cópia; o cristão devoto orou diante da imagem de um santo; e os ritos pagãos da genuflexão, luminárias e incensos, mais uma vez assaltaram a Igreja Católica.<sup>258</sup>

Com o tempo (continua Gibbon),

A adoração de imagens havia assaltado a Igreja imperceptível e gradualmente, e cada pequeno passo foi agradável à mente supersticiosa, como produto de conforto e inocência do pecado. Mas, no começo do século VIII, em toda a magnitude do abuso, os gregos mais medrosos foram acordados por uma apreensão, que, sob a máscara do Cristianismo, haviam restaurado a religião de seus pais. Eles ouviram, com tristeza e

impaciência, o nome “idólatras”; a carga incessante dos judeus e maometanos, que derivaram da lei e do Corão um ódio imortal às imagens esculpidas e todo culto relacionado.<sup>259</sup>

Todos aqueles cristãos que haviam se baseado na Escritura, no exemplo dos apóstolos, e nos ensinamentos dos profetas se opuseram à introdução da adoração de ídolos. Assim, quando a irmã do Imperador Constantino, congruentemente chamada Constantina, solicitou uma representação de Jesus Cristo, em 326 EC, Eusébio de Nicomédia respondeu com altivez: “Que, e qual tipo de, semelhança com Cristo existe? Tais imagens são proibidas pelo segundo mandamento”.<sup>260</sup>

Há mais de dois séculos atrás, Joseph Priestley escreveu um resumo que não só explicou a história, mas também a razão para esta corrupção da ortodoxia cristã:

Os templos são agora construídos em honra de santos particulares, e especialmente os mártires, assim era natural enfeitá-los com pinturas e esculturas que representam as grandes façanhas desses santos e mártires; e

esta foi uma circunstância que fez as igrejas cristãs ainda mais parecidas com os templos pagãos, que também haviam sido decorados com estátuas e imagens; e isso também tenderia a incitar a multidão ignorante ao novo culto, fazendo a transição mais facilmente.

Paulinus, um convertido do paganismo, uma pessoa de classe senatorial, celebrado por seus talentos e conhecimento, e que morreu depois do bispo de Nola na Itália, distinguiu-se desta forma. Ele reconstruiu, de uma forma esplêndida, sua própria igreja episcopal, dedicada a Felix, o mártir, e nos pórticos da mesma, ele havia pintado os milagres de Moisés e de Cristo, juntamente com os atos de Felix e de outros mártires, cujas relíquias foram depositadas ali. Isto, dizia ele, foi feito com o propósito de guiar a multidão rude, habituada aos rituais profanos do paganismo, a um conhecimento e uma boa opinião da doutrina cristã, aprendendo com as pinturas o que não eram capazes de aprender com os livros, das vidas

e obras de santos cristãos. O costume de ter pinturas em igrejas, uma vez iniciado (que ocorreu ao final do quarto ou do início do quinto século, e geralmente por convertidos do paganismo) se fez mais suntuoso dentre os cristãos que, ao que parece, competiam entre si para ver quem construiria e ornamentaria suas igrejas da maneira mais cara, e talvez nada tenha contribuído mais para isso do que o exemplo deste Paulinus. Depreende-se de Crisóstomo, que as imagens e as pinturas eram vistas nas principais igrejas de seu tempo, mas isso se deu no Oriente. Na Itália, havia, mas eram raras no início do século cinco e o bispo daquele país, que tinha a sua igreja pintada, supôs adequado um pedido de desculpas por aquilo, dizendo que as pessoas que se entretinham com as imagens teriam menos tempo para se divertirem com si mesmas. A origem deste costume, provavelmente, teve lugar na Capadócia, onde Gregório de Nissa era bispo, o mesmo que elogiou Gregório Taumaturgo por engendrar que as

festas cristãs se assemelhassem às pagãs. Embora muitas igrejas desta época fossem adornadas com imagens de santos e mártires, não parece que tivessem muitas de Cristo. É dito que estas foram introduzidas pelos capadócius; e as primeiras delas eram unicamente simbólicas, sendo feitas sob a forma de um cordeiro. Uma deste tipo foi encontrada no ano 389 por Epifânio, que foi tão provocado por ela, que a quebrou. Até o Concílio de Constantinopla, chamado *In Trullo*, realizado ao final do ano 707 EC, as imagens de Cristo não haviam sido ordenadas a serem elaboradas sob a forma humana.<sup>261</sup>

Em 726 EC, escassos dezenove anos após o Concílio de Constantinopla, o imperador de Constantinopla, Leão III (também conhecido como Leão Isáurio, mas mais como Leão, o Iconoclasta) começou a destruir imagens dentro do círculo em expansão sob sua influência. Thomas Hodgkin observou,

Foi o contato com Mohammedanismo que abriu os olhos de Leão e dos homens que

estavam ao redor de seu trono, eclesiásticos, bem como leigos, para as superstições degradantes e idólatras que tinham invadido a Igreja e vinham sobrepondo a vida de uma religião que, em sua mais pura e espiritual proclamação, estava se tornando rapidamente uma das mais supersticiosas e materialistas que o mundo já tinha visto. Restringindo inicialmente a representação de qualquer objeto visível, em seguida, permitindo a utilização de belos e patéticos emblemas (como o do Bom Pastor), no século IV a Igreja Cristã procurou instruir os convertidos, que sua vitória sob Constantino estava trazendo a ela em miríades, com representações nas paredes das igrejas dos eventos principais da história da Escritura. Desde então, a transição para imagens especialmente reverenciadas de Cristo, da Virgem e dos Santos, foi natural e fácil. O absurdo e blasfêmia culminantes, a representação do Todo-Poderoso Criador do Universo como um velho barbudo, flutuando no céu, ainda não havia sido perpetrada, nem

haveria tal atrevimento até a raça humana descer vários degraus para a escuridão da Idade Média. Mas, o suficiente já tinha sido feito para mostrar para onde a Igreja se dirigia, e para dar o ponto de sarcasmo aos seguidores do Profeta quando lançavam o epíteto de “idólatras” nas populações covardes e servis do Egito e Síria.<sup>262</sup>

A ironia da transição do imperador Leão, vencedor sobre os sarracenos na Europa Oriental, para Leão, o Iconoclasta, é inevitável. Depois que derrotou os muçulmanos, adotou sua campanha para abolir a idolatria. Em qualquer caso, o Papa Gregório II tentou diminuir o entusiasmo de Leão com o seguinte conselho:

Ignoras que os papas são o elo de união, os mediadores de paz entre o Oriente e o Ocidente? Os olhos das nações estão fixos em nossa humildade; e eles reverenciam, como um Deus sobre a terra, o apóstolo São Pedro, cuja imagem tu ameaças destruir... Abandona tua imprudente e fatal iniciativa; reflete, teme e arrepende-te. Se persistires, seremos inocentes do sangue que será

derramado na contenda; que ele caia em tua  
própria cabeça.<sup>263</sup>

Como George Bernard Shaw afirmou no prefácio de sua obra, *Santa Joana*, “As Igrejas devem aprender a humildade, bem como ensinam”.<sup>264</sup> Sem dúvida, a pessoa que grita: “Olhe como sou humilde! Digam-me, não sou a pessoa mais humilde que já viram?”. É imediatamente desclassificada. Mais ao ponto, o papa que sancionou imagens e, ao mesmo tempo afirmou: “Mas pela estátua do próprio São Pedro, que todos os reinos do Ocidente estimam como um deus na terra, o Ocidente tomará uma terrível vingança”<sup>265</sup>, deve perceber uma inconsistência teológica de tamanho astronômico. Exatamente quem deve “refletir, temer e arrepender-se” é bem óbvio.

O fato do Papa Gregório II e seus seguidores estarem dispostos a travar uma guerra em defesa das suas imagens comprova o valor extraordinariamente elevado (ou seja, o valor, a dignidade – quer dizer, a *adoração*) que colocaram sobre estas imagens. E o derramamento de sangue chegou a tal ponto que a derrota do exército de Leão em Ravenna tingiu de vermelho as águas do rio Po. O rio ficou tão poluído que “durante seis anos, o preconceito público absteve-se dos peixes do rio...”.<sup>266</sup>

No Sínodo de Constantinopla, em 754 EC, a Igreja Católica Romana organizou um boicote devido à não conformidade da Igreja grega com a doutrina católica. Ou, pelo menos, essa foi a desculpa que ofereceram. Um cenário mais provável, talvez, era que os católicos reconheceram sua incapacidade para defender uma prática que foi bíblicamente condenada por Deus Todo-Poderoso que eles alegavam adorar.

No entanto, o Sínodo de Constantinopla foi convocado sem eles e,

Após uma deliberação profunda, durante seis meses, os trezentos e trinta e oito bispos pronunciaram-se e subscreveram um decreto unânime de que todos os símbolos visíveis de Cristo, exceto na Eucaristia, são blasfemos ou heréticos; que a adoração de imagens é uma corrupção do Cristianismo e uma renovação do paganismo; que todos aqueles monumentos da idolatria devem ser quebrados ou apagados; e que aqueles que se recusam a entregar os objetos privados de sua superstição, são culpados de desobediência à autoridade da Igreja e do imperador.<sup>267</sup>

O fato de que o Sínodo excluía a Eucaristia da associação com o paganismo é particularmente curioso para aqueles que conhecem os antigos ritos e rituais persas e egípcios. Os persas utilizavam água e pão consagrado no antigo culto de Mitra.<sup>268</sup> Como T. W. Doane em seu estudo de 1971, *Os Mitos Bíblicos e seus Paralelos em Outras Religiões*, observa:

É na antiga religião da Pérsia – a religião de Mitra, o Mediador, Redentor e Salvador – que encontramos a seme-lhança mais próxima ao sacramento dos cristãos, e da qual ele foi, evidentemente, emprestado. Aqueles que foram iniciados nos mistérios de Mitra, ou tornaram-se *membros*, tomaram o sacramento do pão e do vinho... Este alimento que chamaram de Eucaristia, da qual ninguém era autorizado a participar, exceto as pessoas que acreditavam que aquelas coisas ensinadas eram verdadeiras, e que tivessem sido lavadas com o banho para a remissão dos pecados. Tertuliano, que floresceu de 193 a 220 AD, também falou dos devotos de Mitra celebrando a

Eucaristia. A Eucaristia do Senhor e Salvador, que os magos chamavam de Mitra, a segunda pessoa em sua Trindade, ou o seu sacrifício eucarístico, sempre foi feita exatamente, e em todos os aspectos, como a dos cristãos ortodoxos, tanto para água, por vezes utilizada em vez de vinho, quanto para uma mistura dos dois.<sup>269</sup>

O culto de Osíris (o antigo deus egípcio da vida, morte e fertilidade) ofereceu o mesmo fascínio de uma salvação fácil, como fez o conceito de Paulo quanto à salvação por meio do sacrifício expiatório de Jesus. “O segredo dessa popularidade era que ele [Osíris] tinha vivido na terra como benfeitor, morrido pelo bem do homem, e vivido novamente como amigo e juiz”.<sup>270</sup> Os antigos egípcios comemoravam o nascimento de Osíris com um berço e luzes, e anualmente celebravam sua suposta ressurreição. Também comemoravam sua morte comendo pão sagrado que havia sido consagrado por seus sacerdotes. Eles acreditavam que esta consagração transmutava o pão para a verdadeira carne de Osíris.<sup>271</sup> Se tudo isso soa familiar, de fato, deveria, como comenta James Bonwick: “Assim como é reconhecido que o pão após ritos sacerdotais torna-se misticamente o corpo de Cristo, os homens do

Nilo declaravam que seu pão, após ritos sacerdotais se tornava misticamente o corpo de Isis ou Osíris: de tal maneira que eles comiam o seu deus”.<sup>272</sup>

Além disso, como Bonwick escreve:

As hóstias de Isis eram, como as de Osíris, de formato redondo. Elas eram colocadas sobre o altar. Gliddon escreve que elas eram “idênticas em sua forma, como as hóstias consagrada das Igrejas romana e oriental”. Melville nos assegura: “Os egípcios marcavam este pão santo com a cruz de Santo André”. O pão da *Presença* era repartido antes de ser distribuído pelos sacerdotes para o povo, e deveria tornar-se a carne e sangue da Deidade. O milagre era operado pela mão do sacerdote oficiante, que abençoava a comida.<sup>273</sup>

De forma similar, os budistas antigos ofereciam um sacramento do pão e do vinho; os Hindus, uma Eucaristia de suco de soma (um extrato de uma planta inebriante), e os antigos gregos, um sacramento de pão e vinho em homenagem a Demeter (também

conhecida como Ceres, sua deusa do milho) e Dionísio (também conhecido como Baco, o deus do vinho). Desta forma, eles comiam a carne e bebiam o sangue de seus deuses.<sup>274</sup>

Os paralelos religiosos são demasiado óbvios para exigir explicação. Podemos razoavelmente questionar como os cultos de Isis e Osíris colocavam a marca da cruz de Santo André em seu pão consagrado dois mil anos antes de Santo André nascer. Clarividência por parte dos egípcios, ou plágio religioso por parte de Santo André? Além disso, há semelhanças marcantes entre os mistérios do Cristianismo paulino e os cultos de Isis e Osíris – mistérios que incluem o nascimento virginal (Isis a mãe virgem, Horus a criança) e o sacrifício expiatório de Osíris, seguido por sua ressurreição e assunção do papel de redentor. Justino Mártir, o famoso apologista cristão, rejeitou estas semelhanças, alegando que Satanás copiou as cerimônias cristãs, a fim de induzir em erro o restante da humanidade.<sup>275</sup> No entanto, tomando nota da ordem cronológica, estas práticas eucarísticas anteriores e mistérios da fé precederam aquelas do Catolicismo por mais de dois mil anos.

Considerando este fato, T. W. Doane razoavelmente concluiu,

Estes fatos mostram que a *Eucaristia* é outra peça do paganismo adotada pelos cristãos. A história de Jesus e seus discípulos, na santa

ceia, onde o Mestre repartiu o pão, pode ser verdade, mas a afirmação de que ele disse, “Fazei isto em minha memória” – “este é o meu corpo” e “este é meu sangue”, foi, sem dúvida, inventado para dar autoridade à cerimônia *mística*, que tinha sido emprestada do paganismo.<sup>276</sup>

Declarações inventadas, na Bíblia? Como pode isso, quando todos os Evangelhos registram as palavras de Jesus na ceia pascal? Bem, todos, exceto um, na realidade. De acordo com João 13:1, Jesus foi preso *antes* da festa da Páscoa. Então, é João contra os Sinópticos. Ou, para estabelecer a contestação, é João contra Q (abreviatura da palavra alemã *Quelle*, que significa “fonte”) – o documento hipotético de origem comum dos evangelhos sinópticos.

Para evitar mal-entendidos, os católicos não toleram uma interpretação simbólica de seus ritos sacramentais. O Concílio de Trento (1545-1563 EC) estabeleceu leis relativas à suposta transubstanciação da Eucaristia, e estas leis permanecem até hoje. Nem mesmo o mais liberal Concílio Vaticano II (1962-1965) efetuou uma alteração. Em suma, o Conselho de julgamento de Trento disse:

Cânone 1: Se alguém nega que no

sacramento da mais Santa Eucaristia estão contidos verdadeira, real e substancialmente o corpo e o sangue juntamente com a alma e a divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo e, conseqüentemente, todo o Cristo; mas diz que Ele está apenas como um sinal, ou figura ou força, que ele seja anátema.<sup>277</sup>

Em outras palavras, qualquer um que considere o pão e o vinho da Eucaristia como meramente simbólicos será anátema (ou seja, amaldiçoado e excomungado). Este julgamento é reforçado pelo seguinte:

Cânone 6: Se alguém disser que no santo sacramento da Eucaristia, Cristo, o Filho unigênito de Deus, não deve ser adorado com o culto de *latria*,<sup>278 (NE)</sup> também manifestada exteriormente; e, por conseguinte, não deve ser venerado com uma solenidade festiva especial, nem deve ser levado solenemente em procissão, segundo o louvável e universal rito e costume da santa Igreja, ou que não deve ser definido publicamente, perante o povo, que

seja adorado e que os adoradores dos mesmos são idólatras, que ele seja anátema.<sup>279</sup>

Em outras palavras, aqueles que se recusem a adorar, venerar, ou glorificar sofrerão o mesmo destino daqueles que considerarem a Eucaristia simbólica. Estas leis católicas permanecem nos livros até os dias atuais, o que explica por que tantas denominações protestantes têm se esquivado de seus primos católicos e suprimido ou reduzido sua veneração pela Eucaristia. Esta reação é particularmente fácil de entender, pois muitas culturas pagãs ensinaram a assimilação das qualidades do totem ancestral através de comer o “pão transmutado em carne”. Qual grupo tem o verdadeiro sal sagrado, permanece o objeto de debate contínuo.

Voltando ao assunto principal, a Igreja Católica respondeu ao Sínodo de Constantinopla de 754 EC, chamando um segundo Concílio de Nicéia, em 787 EC. Este conselho restabeleceu o culto das imagens com o embasamento de que “a adoração de imagens é compatível às Escrituras e à razão, aos padres e concílios da Igreja...”<sup>280</sup>

De repente, a teoria de que alguns do clero no século VIII consumiam cogumelos alucinógenos, começa a soar muito bem. Nós

devemos questionar quais padres apostólicos e qual Escritura este conselho consultou. Ademais, exatamente como esta decisão é “compatível às Escritura e à razão”?

Em qualquer caso, essas comunidades religiosas que se opuseram à adoração de ídolos cristãos foram “purificadas” pelos exércitos católicos. Começando com a matança de cristãos unitários em meados do século IX, a imperatriz Teodora ganhou a dúbia distinção de ser a única “que restaurou as imagens da igreja Oriental [ou seja, ortodoxa]”.<sup>281</sup> Todos os esforços subseqüentes para erradicar as imagens na Igreja foram anulados, resultando nas práticas idólatras que testemunhamos hoje em dia.

Mais preocupante ainda é a adoção de ídolos *humanos*. A adoração aos sacerdotes veio à tona no início do século XIII, sob a forma de padres que agiam como intermediários para a confissão e a absolvição dos pecados. A adoração ao papa tornou-se manifesta sob a forma do beijo ritual no pé ou anel do papa. A criativa doutrina da infalibilidade papal, como definida pelo papa Pio IX no Concílio Vaticano I, em 1869-1870, define o papa como rival com Deus. A adoração a Maria e o título de “Mãe de Deus” foram canonizados consideravelmente mais cedo, no Concílio de Éfeso, em 431 EC. Dirigir as orações aos santos, anjos e à Virgem Maria foi oficialmente sancionado no início do século VII. A famosa oração à Virgem Maria, *Ave Maria*, defasada em mil anos, recebeu

formulação oficial no breviário reformado do papa Pio V, em 1568. No entanto, entre todos os seres humanos adorados, Jesus Cristo é, de longe, o mais adorado mortal que pisou sobre a terra.

Um poderoso desafio ao pensamento trinitário, inicialmente atribuído a Theophilus Lindsey (1723-1804 EC) e, posteriormente, argumentado pelos cristãos unitários em todo o mundo, questionava como aqueles que adoram Jesus responderiam, se ele voltasse e colocasse as seguintes perguntas:

a) Por que vocês dirigiram suas devoções a mim? Eu havia orientado a fazer isso, ou me propus como um objeto de adoração?

b) Acaso não estabeleci, de maneira uniforme e definitiva, um exemplo de oração ao Pai, para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus? (João 20:17)

c) Quando meus discípulos me pediram para ensiná-los a orar (Lucas 11:1-2), alguma vez os ensinei a orar para mim mesmo? Acaso não os ensinei a orar a ninguém mais além do Pai?

d) Alguma vez me chamei de Deus, ou lhes disse que eu era o criador do mundo e devia ser adorado?

e) Salomão, após a construção do templo, disse: “Mas será que Deus pode habitar, de fato, na terra com os seres humanos? Os céus,

mesmo os mais longínquos, não podem circunscrever-te. Incomparavelmente menos esta Casa que construí!” (I Reis 8:27). Então, como poderia Deus habitar na terra?

Estas questões são ainda mais relevantes, pois os cristãos esperam que quando Jesus voltar, denunciará muitos “cristãos” como incrédulos. Como dito em Mateus 7:21-23,

Nem todo aquele que diz a mim: ‘Senhor, Senhor!’ entrará no Reino dos céus, mas somente o que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos dirão a mim naquele dia: ‘Senhor, Senhor! Não temos nós profetizado em teu nome? Em teu nome não expulsamos demônios? E, em teu nome, não realizamos muitos milagres?’ Então lhes declararei: ‘Nunca os conheci. Afastai-vos da minha presença, vós que praticais o mal’.

Então, Jesus renegará alguns cristãos que profetizaram, expulsaram demônios, e realizaram maravilhas em seu nome (ou seja, aqueles que dizem “Senhor, Senhor”), quem serão esses descrentes?

Resposta: aqueles que “praticam o mal” (palavras de Jesus, não minhas). E esse é o ponto, não é? Pois qual foi a lei que Jesus ensinou? Durante o período de sua missão, “a vontade de meu Pai que está nos céus” era lei do Antigo Testamento. *Isso* é o que Jesus ensinou, e isso é o que Jesus viveu.

Então, onde nos seus ensinamentos ou exemplos Jesus comandou a adoração a ele mesmo? Em nenhum lugar. Exatamente o oposto, na verdade, pois a Bíblia registra que ele ensinou, “Ao Senhor teu Deus adorarás e só a Ele darás culto” (Lucas 4:8). Além disso, Jesus teria ensinado: “Por que me perguntas a respeito do que é bom? Há somente um que é bom” (Mateus 19:17, Marcos 10-18 e Lucas 18:19), e, “pois o Pai é maior do que eu” (João 14:28).

Talvez por estas razões, os cristãos focaram, nos primeiros dezoito séculos, sua adoração no Pai, e no Pai sozinho. Como José Priestly nos diz, orar a Jesus é uma inovação moderna, distante dos ensinamentos de Jesus e do tempo:

Por conseguinte, a prática de orar ao Pai somente, foi universal por muito tempo na Igreja cristã: as orações curtas para Cristo, como aquelas na Ladainha, “*Senhor tende piedade de nós, Cristo tende piedade de nós*”, são recentes, comparativamente. Na

liturgia clementina, a mais antiga conservada, contida nas *Constituições Apostólicas*, que provavelmente foram compostas por volta do século IV, não há qualquer vestígio de tal coisa. Orígenes, em um extenso tratado sobre o assunto da oração, exorta muito forçosamente a conveniência de orar ao Pai somente, e não a Cristo; e como ele não dá nenhuma dica de que as formas públicas de oração nada tinham de repreensível, a este respeito, somos naturalmente levados a concluir que, naquele tempo, essas petições a Cristo eram desconhecidas nas assembleias públicas de cristãos. E esta influência teve costumes anteriormente estabelecidos nas mentes dos homens que, excetuando-se apenas os morávios, cujas orações são sempre dirigidas a Cristo, possuíam a prática geral dos trinitários, que era orar somente ao Pai. Agora sobre qual princípio esta prática precoce e universal poderia ter sido fundada? Onde está na doutrina da Trindade, consistente em três pessoas iguais,

o direito do Pai com tal distinção, em preferência ao do Filho ou do Espírito?<sup>282</sup>

Onde está, de fato? Priestley registra um aspecto pouco conhecido da história cristã: a saber, que até sua época (final do século XVIII), a “prática geral dos trinitários era orar somente ao Pai”. Aqueles que tiram partido da sua experiência cristã moderna poderiam, equivocadamente, acreditar que a prática do século vinte e um de rezar a Jesus Cristo remonta ao Cristianismo primitivo.

Nada está mais longe da verdade.

Por quase 1800 anos após o nascimento do Cristianismo, as orações foram dirigidas somente a Deus. Não foi até 1787, em que a Igreja Morávia, uma seita protestante fundada no século XV, na Boémia (a atual República Tcheca), passou por uma profunda transformação Pentecostal e começou a dirigir orações a Jesus Cristo.

Então, por que, se as três pessoas da Santíssima Trindade proposta são consideradas iguais, tem prevalecido tal preferência pelo Pai? E não apenas por uma década ou duas, mas durante os primeiros dezoito séculos do Cristianismo? A menos, é claro, que haja uma lição maior a ser aprendida com a uniformidade das devoções dos primeiros cristãos do que com as inconsistências da teologia trinitária.

Priestley foi apenas um dos muitos que tentaram impedir a derrapagem das devoções cristãs do Criador para a Sua criação – Jesus, Maria, Espírito Santo, e a multidão de santos. No entanto, nenhuma análise histórica deste assunto estaria completa sem notar que o Islam sempre manteve uma fé estritamente monoteísta e iconoclasta, como descrito por Gibbon:

Os mahometanos têm uniformemente resistido à tentação de reduzir o objeto de sua fé e devoção a um nível dos sentidos e imaginação do homem. “Creio em um só Deus e Mahomet é o apóstolo de Deus”, é a profissão simples e invariável do Islam. A imagem intelectual da Deidade nunca foi degradada por qualquer ídolo visível; as honras do profeta nunca transgrediram a medida da virtude humana; e seus preceitos de vida detiveram a gratidão de seus discípulos dentro dos limites da razão e da religião.<sup>283</sup>

## ***Apêndice 2 – Literatura Recomendada***

Traduções do Significado do Alcorão Sagrado:

1) *The Holy Qur'an* (King Fahd Holy Qur-an Printing Complex, Al-Madinah Al-Munawarah, Saudi Arabia) e *The Qur'an* (Tahrike Tarsile Qur'an Inc., Elmhurst, New York) ambos com a tradução inglesa de Abdullah Yusuf Ali – uma excelente tradução, ressaltada pela beleza do inglês mais clássico que se pode achar nas traduções modernas. Uma lacuna importante, porém, é que o comentário do tradutor contém vários erros, e é melhor evitar a favor dos mais clássicos, e respeitados, *tafsir* (explicações sobre os significados do Alcorão).

2) *The Noble Qur'an* (King Fahd Holy Qur-an Printing Complex, Al-Madinah Al-Munawarah, Saudi Arabia) traduzido por Dr. Muhammad al-Hilali e Dr. Muhammad Muhsin Khan. Uma tradução mais moderna e literal que a de Abdullah Yusuf Ali, exaustivamente pesquisada e complementada por explicações dos *tafsir* de Ibn Kathir, Al-Qurtubi, e At-Tabari, bem como citações de *ahadith*

autênticos, principalmente provenientes da coleção de Al-Bukhari. Esta é sem dúvida a mais livre de erros das traduções para o inglês, mas esta tradução sofre, no entanto, de uma certa falta de fluência no idioma inglês. Apesar de um livro de referência excepcional, uma dedicação à leitura pode se tornar cansativa devido ao formato e limitações da língua.

3) *The Qur'an* (revisado e editado por Saheeh International, Abul-Qasim Publishing House, Jeddah, Saudi Arabia). Uma tradução moderna excelente, de fácil leitura, e altamente respeitada, considerada por muitos em geral como a melhor disponível no idioma inglês. Altamente recomendada como o primeiro livro para aqueles que procuram uma tradução fácil, precisa e agradável do significado do Alcorão.

#### Ciências do Alcorão:

1) *An Introduction to the Sciences of the Qur'aan* (Uma Introdução às Ciências do Alcorão - Al-Hidaayah Publishing, Birmingham, England), por Abu Ammaar Yasir Qadhi.

2) *Approaching the Qur'an* (Abordando o Alcorão - White Cloud Press), por Michael Sells.

#### História do Islam:

1) *Muhammad, His Life Based on the Earliest Sources* (Muhammad, Sua Vida Baseada nas Primeiras Fontes - The Islamic Texts Society, Cambridge, England) por Martin Lings. Uma história excelente e abrangente da vida de Muhammad, apenas um pouco afetada por alguns erros acima mencionados.

2) *When the Moon Split* (Quando a Lua Dividiu) por Safi-ur-Rahman al-Mubarakpuri. Publicado por Maktaba Dar-us-Salam, Arábia Saudita. Uma premiada e excelente história do Profeta, esta tradução para o inglês é um pouco decepcionante, mas ainda legível e altamente informativa.

#### História dos Árabes:

1) *A History of the Arab Peoples* (Uma História dos Povos Árabes - Warner Books) por Albert Hourani. Erudita e abrangente.

#### Religião Comparada:

1) *Desviados?*, por Laurence B. Brown – o primeiro livro desta série.

2) *Misquoting Jesus* (Citando Jesus Erradamente – Harper San Francisco), por Bart D. Ehrman. Talvez o livro mais lido sobre a crítica textual bíblica jamais escrito, apoiado pelos maiores eruditos.

3) *Lost Christianities* (Cristianismos Perdidos – Oxford University Press), por Bart D. Ehrman. Outro que “deve ser lido”.

4) *A Muslim Study of the Origins of the Christian Church* (Um Estudo Muçulmano das Origens da Igreja Cristã – Oxford University Press), por Ruqaiyyah Waris Maqsood. Um tesouro, tristemente negligenciado, da teologia escrito por uma notável estudiosa muçulmana.

5) *The Mysteries of Jesus* (Os Mistérios de Jesus – Sakina Books, Oxford), por Ruqaiyyah Waris Maqsood. O mesmo livro, mas publicado sob um título diferente.

#### Informações Básicas sobre o Islam:

1) *What Everyone Should Know About Islam and Muslims* (O que Todos Devem Saber Sobre o Islam e os Muçulmanos – Kazi Publications, Chicago, IL), por Suzanne Hanif. Uma cartilha abrangente, muito bem escrita.

2) *What Every Christian Should Know About Islam* (O que Todo Cristão Deve Saber sobre o Islam – The Islamic Foundation, Markfield, England), por Ruqaiyyah Waris Maqsood. Mais curto do que o livro de Suzanne Hanif, mas tão agradável e informativo quanto, com maior ênfase na teologia, equilibrado em relação à narrativa pessoal.

Brown / Guiados?

Orientação aos Novos Muçulmanos:

1) *Bearing True Witness* (ou, *Now That I've Found Islam, What Do I Do With It?* – Agora que encontrei o Islam, o que eu faço?) - Veja o site do autor, [www.leveltruth.com](http://www.leveltruth.com).

E apenas por prazer:

1) *The Eighth Scroll*, por Laurence B. Brown. Um suspense histórico.

2) *The Road to Mecca* (O Caminho para Meca – Islamic Book Trust, Kuala Lumpur), por Muhammad Asad. Uma história notável e comovente da jornada de um homem, primeiro ao Islam, e depois através do mundo dos árabes.

3) *Desert Encounter* (Encontro no Deserto), por Knud Holmboe. Memórias de um viajante muçulmano dinamarquês através da África “italiana”.

## ***Bibliografia***

Abu Nu'aem. *Dala'el An-Noobowah*.

*Al-Bukhari* – o famoso erudito de *ahadith* do século IX, Muhammed ibn Ismail ibn Ibrahim; traduzido por Dr. Muhammad Muhsin Khan. 1997. *Sahih Al-Bukhari*. Riyadh: Darussalam.

*Al-Haakim*.

Al-Hilali, Muhammad, Ph.D. e Dr. Muhammad Muhsin Khan, M.D. *Interpretation of the Meanings of The Noble Qur'an in the English Language; A Summarized Version of At-Tabari, Al-Qurtubi and Ibn Kathir with comments from Sahih Al-Bukhari*.

Al-Mubarakpuri, Safi-ur-Rahman. 1995. *Ar-Raheeq Al-Makhtum* (O Néctar Selado). Riyadh: Maktaba Dar-us-Salam.

*An-Nasa'i*.

Anthes, Richard A., John J. Cahir, Alistair B. Fraser, e Hans A. Panofsky. 1981. *The Atmosphere*. 3ª edição. Columbus: Charles E. Merrill Publishing Co.

Arberry, A. J. 1953. *The Holy Koran: An Introduction with Selections*. London: George Allen & Unwin Ltd.

Brown / Guiados?

Arberry, A. J. 1964. *The Koran Interpreted*. London: Oxford University Press.

Arberry, A. J. 1996. *The Koran Interpreted*. A Touchstone Book: Simon & Schuster.

Arbuthnot, F. F. 1885. *The Construction of the Bible and the Korân*. London: Watts & Co.

*Ash-Shifa*.

At-Tabarani, *Al-Mu'jam Al-Kabeer*.

Ayto, John. 1991. *Bloomsbury Dictionary of Word Origins*. London: Bloomsbury Publishing Limited.

*Azzirikly, Al-Aa'lam*.

Baigent, Michael e Richard Leigh. 1991. *The Dead Sea Scrolls Deception*. New York: Summit Books/Simon & Schuster Inc.

Bermant, Chaim e Michael Weitzman. 1979. *Ebla: A Revelation in Archaeology*. Times Books.

*The Bible, Revised Standard Version*. 1977. New York: American Bible Society.

Brown / Guiados?

Bonwick, James, F.R.G.S. 1956. *Egyptian Belief and Modern Thought*. Colorado: Falcon's Wing Press.

Bucaille, Maurice, M.D. 1977. *The Bible, the Qur'an and Science* (A Bíblia o Quran e a Ciência). Lahore: Kazi Publications.

Bultmann, Rudolf. 1971. *The Gospel of John, a Commentary*. Traduzido por G. R. Beasley-Murray. Oxford: Basil Blackwell.

Butler, Trent C. (Editor Geral). *Holman Bible Dictionary*. Nashville: Holman Bible Publishers.

Cailleux, Andre. 1968. *Anatomy of the Earth*. New York: McGraw-Hill Book Company. Traduzido por J. Moody Stuart.

Carlyle, Thomas. 1841. *On Heros, Hero-Worship and the Heroic in History*. London: James Fraser, Regent Street.

Chamberlin, E. R. 1993. *The Bad Popes*. Barnes & Noble, Inc.

Cohen, M.J. e J.M. 1996. *The Penguin Dictionary of Twentieth-Century Quotations*. Penguin Books.

Davis, Richard A., Jr. 1972. *Principles of Oceanography*. Reading, Massachusetts: Addison-Wesley Publishing Co.

De Lamartine, A. 1854. *Histoire de la Turquie*. Paris.

Brown / Guiados?

Denzinger, Henricus & Schonmetzer, Adolfus. 1973. *Enchiridion Symbolorum, Definitionum et Declarationum de Rebus Fidei et Morum*. Barcinone: Herder.

Diamond, Jared. 1999. *Guns, Germs, and Steel*. W. W. Norton and Company, Inc.

Doane, Thomas W. 1971. *Bible Myths and Their Parallels in Other Religions*. New York: University Books.

Ehrman, Bart D. 2005. *Misquoting Jesus*. HarperCollins.

Ehrman, Bart D. 2005. *Lost Christianities*. Oxford University Press.

Elder, Danny; and John Pernetta. 1991. *Oceans*. London: Mitchell Beazley Publishers.

*The Encyclopedia Americana International Edition*. 1998. Grolier Inc.

*Encyclopaedia Britannica*. 1994–1998. CD-ROM.

*Encyclopaedia Judaica*. 1971. Jerusalem: Keter Publishing House Ltd.

*Encyclopaedia Judaica*, Edição de CD-ROM. 1997. Judaica Multimedia (Israel) Limited.

*Fath Al Bari Sharh Sahih Al Bukhari*. Ibn Hajar Al Asqalani, Bab Alqadar. Cairo: Al Maktaba Assalafiyah.

Fossier, Robert (editor). 1986. *The Cambridge Illustrated History of The Middle Ages*. Cambridge: Cambridge University Press.

Fox, Robin Lane. 1991. *The Unauthorized Version: Truth and Fiction in the Bible*. Viking Press.

Gibbon, Edward, Esq. 1854. *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire*. London: Henry G. Bohn.

Gilman, Arthur, M.A. 1908. *The Saracens*. New York: G. P. Putnam's Sons.

Gross, M. Grant. 1993. *Oceanography, a View of Earth*. 4th edition. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, Inc.

Guillaume, Alfred. 1990. *Islam*. Penguin Books.

Hammad, Ahmad Zaki. 1997. *Father of Flame, Commentary & Vocabulary Reference of Surat al-Masad*. Bridgeview, Illinois: Quranic Literacy Institute.

Hastings, James (Editor). 1913. *The Encyclopedia of Religion and Ethics*. Charles Scribner's Sons.

Hastings, James (editor); Edição revisada por Frederick C. Grant e H. H. Rowley. 1963. *Dictionary of The Bible*. 2ª edição. Charles Scribner's Sons.

Hirschfeld, Hartwig, Ph.D. 1902. *New Researches into the Composition and Exegesis of the Qoran*. London: Royal Asiatic Society.

Hodgkin, Thomas. 1967. *Italy and Her Invaders*. New York: Russell & Russell.

Hogarth, D.G. 1922. *Arabia*. Oxford: Clarendon Press.

*The Holy Bible, New King James Version*. 1982. Thomas Nelson Publishers.

*The Holy Bible, New Revised Standard Version*. Grand Rapids, MI: Zondervan Publishing House.

Hyndman, H. M. 1919. *The Awakening of Asia*. New York: Boni and Liveright.

Ibn Hisham. *As-Seerah An-Nabawiyyah*.

Imam At-Tirmithi. *Mukhtasar Ash-Shama'el Al Muhammadiyyah*.

Irving, Washington. 1973. *Mahomet and His Successors*. New York: G. P. Putnam's Sons.

Kähler, Martin. 1953. *Der sogenannte historische Jesus und der geschichtliche, biblische Christus*. Munich: Nova edição por Ernst Wolf.

Kipling, Rudyard. *Life's Handicap*. 1891. "Bertran and Bimi."

Kraeling, Emil G. Ph. D. 1952. *Rand McNally Bible Atlas*. Rand McNally & Co.

Kuenen, Philip H. 1960. *Marine Geology*. New York: John Wiley & Sons, Inc.

Küng, Hans. 2007. *Islam, Past, Present and Future*. One World Publications. Labbe, P. Venice, 1728–1733. Sacrosancta Concilia.

LaFollette, Suzanne. 1926. *Concerning Women*. "The Beginnings of Emancipation."

Lane, Edward William. 1980. *An Arabic-English Lexicon Derived From the Best and the Most Copious Eastern Sources*. Beirut, Lebanon: Librairie Du Liban.

Lane-Poole, Stanley. 1882. *The Speeches and Table-Talk of the Prophet Mohammad*. London: MacMillan and Co.

Lings, Martin. 1995. *Muhammad, His Life Based on the Earliest Sources*. The Islamic Texts Society.

*Manaahil Al-Irfaan fi Uluum Al-Qur'an (Wells of Knowledge of the Sciences of the Qur'an)*. 1988. Muhammad Abdul-At-Theem Az-Ziqani. Dar Al-Kutub Al-Ilmee'a.

McBrien, Richard P. (Editor Geral). 1995. *HarperCollins Encyclopedia of Catholicism*. New York: HarperCollins Publishers.

Meagher, Paul Kevin OP, S.T.M., Thomas C. O'Brien, Sister Consuelo Maria Aherne, SSJ (editores). 1979. *Encyclopedic Dictionary of Religion*. Philadelphia: Corpus Publications.

*Merriam-Webster's Collegiate Dictionary*. 1997. 10ª edição. Merriam-Webster, Inc.

Michener, James A. May, 1955. "Islam: The Misunderstood Religion", in Reader's Digest (Edição americana).

Miller, Albert e Jack C. Thompson. 1975. *Elements of Meteorology*. 2ª edição. Columbus: Charles E. Merrill Publishing Co.

Montet, Edward. 1929. *Traduction Francaise du Couran*. Paris.

Brown / Guiados?

Moore, Keith L. 1983. *The Developing Human, Clinically Oriented Embryology, With Islamic Additions*. 3<sup>a</sup> edição. Jeddah: Dar Al-Qiblah with permission of W.B. Saunders Co.

*Muata'h Imam Malik.*

Muhammad ibn Ishaq ibn Yasar. 1963. *Seerat An-Nabi*. Maydan Al Azhar (Cairo): Muhammad Ali Sabi'eh & Children.

Muir, Sir William. 1923. *The Life of Mohammad*. Edinburgh: John Grant.

*Muslim*— o famoso estudioso de *ahadith* do séc. IX, Muslim ibn Al-Hajjaj.

*Musnad Abu Ya'ala.*

*Musnad Ahmad.*

Naish, John, M.A. 1937. *The Wisdom of the Qur'an*. Oxford.

*National Geographic Society*. "The Universe, Nature's Grandest Design." Cartographic division. 1995.

*National Geographic*. December, 1978.

*New Catholic Encyclopedia*. 1967. Washington, D.C.: The Catholic University of America.

Brown / Guiados?

*The New International Encyclopaedia*. 1917. 2<sup>a</sup> edição. New York: Dodd, Mead and Company.

*Newsweek*. October 31, 1988.

Nydell, Margaret K. 2006. *Understanding Arabs*. Intercultural Press.

Ostrogorsky, George. 1969. *History of the Byzantine State*. (Traduzido do alemão por Joan Hussey). New Brunswick: Rutgers University Press.

Press, Frank e Raymond Siever. 1982. *Earth*. 3<sup>a</sup> edição. San Francisco: W. H. Freeman and Co.

Priestley, Joseph, LL.D. F.R.S. 1782. *An History of the Corruptions of Christianity*. Birmingham: Piercy and Jones.

Priestley, Joseph. 1786. *The Theological and Miscellaneous Works of Joseph Priestley*. Editado por John Towill Rutt. Hackney: George Smallfield.

Qadhi, Abu Ammaar Yasir. 1999. *An Introduction to the Sciences of the Qur'an*. Birmingham: Al-Hidaayah Publishing.

Ranke, Hermann. *Die Ägyptischen Personennamen (Dictionary of Personal Names of the New Kingdom)*. Verzeichnis der Namen,

Verlag Von J J Augustin in Glückstadt, Band I (1935); Band II (1952).

Rippin, Andrew (editor). 1988. *Approaches to the History of the Interpretation of the Qur'an*. Chapter: "Value of Hafs and Warsh Transmissions," por Adrian Brockett. Oxford: Clarendon Press.

Robinson, Victor, M.D. 1943. *The Story of Medicine*. New York: The New Home Library.

Ross, Alexander. 1718. *The Life of Mahomet: Together with The Alcoran at Large*. London.

Sa'eid Hawwa. 1990. *Ar-Rasool, Salallahu Alayhi Wa Salam*. 2<sup>a</sup> edição. Cairo: Dar As-Salaam Publishing.

*Sahih Al-Bukhari*.

*Saheeh International Version of The Holy Qur'an*. 1997. Abul-Qasim Publishing House. Jeddah, Saudi Arabia.

Said Qutub, *Fi Thilal Al-Qur'an*.

Sale, George. 1734. *The Koran*. London: C. Ackers.

Schroeder, Rev. Henry J., O.P. 1941. *Canons and Decrees of the Council of Trent* (Texto original com tradução em inglês). London: B. Herder Book Co.

Brown / Guiados?

Seeley, Rod R., Trent D. Stephens e Philip Tate. 1996. *Essentials of Anatomy and Physiology*. 2<sup>a</sup> edição. St. Louis: Mosby-Year Book, Inc.

Shaw, George Bernard. 1944. *Everybody's Political What's What?*

Shaw, George Bernard. 1924. *Saint Joan*.

Smith, R. Bosworth, M.A. 1986. *Mohammad and Mohammanism*. London: Darf Publishers Ltd.

Stubbe, Dr. Henry, M.A. 1975. *An Account of the Rise and Progress of Mohomedanism, with the Life of Mahomet*. Lahore: Oxford and Cambridge Press.

*Sunan Tirmithee*.

Sykes, Sir Percy Molesworth. 1951. *A History of Persia*. 3<sup>a</sup> edição. London: Macmillan & Co., Ltd.

*Tafheem-ul-Qur'an*.

*Tafseer ibn Kathir*.

Tarback, Edward J. and Frederick K. Lutgens. 1982. *Earth Science*. 3<sup>a</sup> edição. Columbus: Charles E. Merrill Publishing Company.

Thompson, Della (editor). *The Oxford Dictionary of Current English*. 1993. 2<sup>a</sup> edição. Oxford University Press.

Vaglieri, Dr. Laura Veccia. Traduzido do italiano por Dr. Aldo Caselli, Haverford College, Pennsylvania. Originalmente publicado em italiano sob o título: *Apologia dell' Islam* (Rome, A. F. Formiggini, 1925). 1980. *An Interpretation of Islam*. Zurich: Islamic Foundation.

Watt, W. Montgomery. 1953. *Muhammad at Mecca*. Oxford: Clarendon Press.

Wegner, Paul D. *The Journey from Texts to Translations*. 1999. Grand Rapids: Baker Books.

Wehr, Hans. *A Dictionary of Modern Written Arabic*. 3<sup>a</sup> impressão. Beirut: Librairie Du Liban; London: MacDonald & Evans Ltd. 1980.

Weinberg, Steven. 1988. *The First Three Minutes, A Modern View of the Origin of the Universe*. Basic Books; Harper Collins Publishers.

Wells, H. G. 1922. *The Outline of History*. 4<sup>a</sup> edição. Volume 2. Seção XXXI, “*Muhammad and Islam*”. New York: The Review of Reviews Company.

Brown / Guiados?

Whiston, William, A.M. 1998. *Josephus, The Complete Works*. Nashville: Thomas Nelson Publishers.

*Zad Al-Ma'ad*.

Zahrnt, Heinz. 1817. *The Historical Jesus*. (Traduzido do alemão por J. S. Bowden). New York: Harper and Row.

## *Glossário de Termos*

- dH: “Depois da Hijra”. O ponto zero do calendário islâmico corresponde à hijra (migração) muçulmana de Makkah a Medina em julho do ano 622 EC. Datas subseqüentes foram calculadas de acordo com o calendário lunar, que difere do calendário juliano por mais ou menos 10 dias a cada ano.
- Ayat: Plural de *ayah*: versículo do Sagrado Alcorão.
- aH: “Antes da Hijra”. Ver *dH* para explicação.
- Bint: “Filha de”.
- EC: “Era Comum” ou “Era Cristã”.
- Fitrah: A natureza inata inculcada por Allah como um direito humano. *Fitrah* inclui o reconhecimento e entendimento de Allah como Senhor e Criador, e a habilidade interna de discernir entre o bem e o mal.
- Hadith: Uma tradição de registro das palavras, ações, aparência, ou consentimento implícitos de Muhammad ibn Abdullah.
- Hafith: Um memorizador do Alcorão Sagrado.
- Haj: A peregrinação anual muçulmana a Makkah.
- Hijra: A migração muçulmana de Makkah para Medina em

julho do ano de 622 EC.

Ibn: “Filho de.”

Imam: Líder da oração, aquele que fica à frente da congregação.

Makkah: Também conhecida como Meca, Bakka, Beca, Baca. A cidade sagrada para a qual os muçulmanos fazem a peregrinação. A Kaaba, para a qual os muçulmanos direcionam as orações, e o poço de Zam-Zam situam-se na mesquita sagrada central.

Mecca: Ver *Makkah*.

Mushaf: “Livro.”

Muslim: Um estudioso de *ahadith* do séc. IX, Muslim ibn Al-Hajjaj. Não deve ser confundido com *muslim*, um seguidor do Islam.

Sahaba: Os companheiros do profeta Muhammad.

Sunni: Islam ortodoxo, abrangendo noventa e cinco por cento de todos os muçulmanos.

Surah: Capítulo do Sagrado Alcorão.

Tawheed: Monoteísmo islâmico.

Zakat: O direito dos pobres, obrigatório aos muçulmanos, semelhante ao dízimo ou esmola.

## Notas Finais:

---

<sup>1</sup> Guillaume, Alfred. 1990. *Islam*. Penguin Livros. pp. 73–74.

<sup>2</sup> Cohen, M.J. e J.M. 1996. *The Penguin Dictionary of Twentieth-Century Quotations*. Penguin Books.

<sup>3</sup> Nydell, Margaret K. 2006. *Understanding Arabs* (Compreendendo os Árabes). Intercultural Press. p. 34.

<sup>4</sup> De acordo com a *Enciclopédia Britânica*: “A história da utilização do termo *apócrifo* indica que se refere a um corpo de escritos esotéricos que foram apreciados em primeiro lugar, em seguida, tolerados, e, finalmente, excluídos”. Curiosamente, os apócrifos, embora inicialmente “valorizados”, possivelmente se enquadravam na categoria de simplesmente tolerados, e finalmente foram rejeitados. A alegação de que a mesma sequência de evolução religiosa resultou, em última análise, na modificação ou rejeição dos ensinamentos de Jesus, não é remota. Como poderia sê-lo, se a mesma história do começo da “Cristandade” é duvidosa? Para citar novamente a *Enciclopédia Britânica*:

Os escritores dos quatro Evangelhos incluídos no Novo Testamento deram testemunho sobre as verdades que os crentes deveriam saber, e *não é possível uma reconstrução convincente de fatos históricos* a partir destes livros do Novo Testamento. O único livro declaradamente histórico nele (ou seja, no Novo Testamento) é “Atos dos Apóstolos”. O Novo Testamento em seu conjunto só reflete uma seleção de escritos do Cristianismo primitivo. Este inclui *apenas* o que se ajustava à doutrina da Igreja, quando, mais tarde, tal doutrina foi estabelecida em uma só forma. Entre os “Atos dos Apóstolos”, que provavelmente datam do final do primeiro século e os escritos de Eusébio de Cesárea (falecido acerca de 340) e seus contemporâneos no primeiro quarto do século IV, há uma brecha quase completa na historiografia cristã. (Os *itálicos* acima são meus).

E assim, devemos perguntar, “o que sabiam os cristãos dos séculos I, I e II que nós não sabemos?”

<sup>5</sup> Ehrman, Bart D. 2005. *Misquoting Jesus* [Citando Jesus Erradamente]. Harper Collins. p. 89

<sup>6</sup> *Ibid.*, p. 90.

<sup>7</sup> Watt, W. Montgomery. 1953. *Muhammad at Mecca* [Muhammad em Meca]. Oxford: Clarendon Press. p. 57

<sup>8</sup> Hirschfeld, Hartwig, Ph.D. 1902. *New Researches into the Composition and Exegesis of the Quran* [Novos Estudos Sobre a Composição e Exegese do Alcorão]. Londres: Real Sociedade Asiática. Prefácio, ii.

<sup>9</sup> *Ibid*, p. 32.

<sup>10</sup> *New Catholic Encyclopedia* [Nova Enciclopédia Católica]. 1967. Washington, D.C.: Universidade Católica da América. Vol. 9, p. 1001.

<sup>11</sup> Carlyle, Thomas. 1841. *On Heros, Hero-Worship and the Heroic in History* [De Heróis, Culto ao Herói e o Heróico na História]. Londres: James Fraser, Regent Street. pp. 86-87, 89.

<sup>12</sup> O Islam não possui um clero ou um equivalente ao papa, mas possui funcionários (quer dizer, juízes, governadores, etc.) que servem para governar a nação islâmica. O Califa é o mais alto destes oficiais, mas isso não lhe confere poder sobre a religião. Pelo contrário, seus decretos estão sujeitos à aprovação dos eruditos religiosos.

<sup>13</sup> Vaglieri, Dra. Laura Veccia. Traduzido do italiano por Dr. Aldo Caselli, Haverford College, Pennsylvania. Publicado originalmente em italiano sob o título *Apologia dell' Islam* (Rome, A. F. Formiggini, 1925). 1980. *An Interpretation of Islam* [Uma Interpretação do Islam]. Zurich: Islamic Foundation. pp. 41-42.

<sup>14</sup> Arberry, Arthur J. 1964. *The Koran Interpreted* [O Alcorão Interpretado]. Londres: 328 Oxford University Press. Introdução, p. ix.

<sup>15</sup> Muir, Sir William. 1923. *The Life of Mohammad* [A Vida de Muhammad]. Edinburgh: John Grant. Introdução, pp. xxi-xxii.

<sup>16</sup> Rippin, Andrew (editor). 1988. *Approaches to the History of the Interpretation of the Qur'an*. Capítulo: "Value of Hafs and Warsh Transmissions" [Aproximações da História da Interpretação do Alcorão, Capítulo: "O Valor das Transmissões Hafs e Warsh"], por Adrian Brickett. Oxford: Clarendon Press. pp. 44-45.

<sup>17</sup> Veja a Parte 1, Capítulo 4 para mais sobre este tema.

<sup>18</sup> Ehrman, Bart D. 2003. *Lost Christianities* [Cristianismos Perdidos]. Oxford University Press. p. 102.

<sup>19</sup> Fossier, Robert (editor). 1986. *The Cambridge Illustrated History of The Middle Ages* [História da Idade Média Cambridge Ilustrada]. Cambridge: Cambridge University Press. Vol. 3, p. 495.

<sup>20</sup> Denzinger, Henricus & Schonmetzer, Adolfus. 1973. *Enchiridion Symbolorum, Definitionum et Declarationum de Rebus Fidei et Morum*. Barcinone: Herder. p. 246.

<sup>21</sup> Arbuthnot, F. F. 1885. *The Construction of the Bible and the Korân* [A Construção da Bíblia e do Alcorão]. Londres: Watts & Co. pp. 5-6.

- <sup>22</sup> The Bible, Revised Standard Version [A Bíblia, Versão Padrão Revisada]. 1977. New York: Sociedade Bíblica Americana. Prefacio, p. v.
- <sup>23</sup> *Ibid.*, Prefácio, p. ii.
- <sup>24</sup> Este último livro está disponível através de Al Hidaayah Publishing, P.O. Box 3332, Birmingham, U.K. B10 9AW.
- <sup>25</sup> Bucaille, Maurice, M.D. 1977. *The Bible, the Qur'an and Science* [A Bíblia, o Alcorão e a Ciência]. Lahore: Kazi Publications. pp. 110-111.
- <sup>26</sup> Wells, H. G. 1922. *The Outline of History* [O Esboço da História]. 4ª Edição. Vol. 2, pp. 686-688.
- <sup>27</sup> Os escribas judeus, dos séculos sétimo ao décimo primeiro, idealizaram os símbolos diacríticos que padronizam a pronúncia, a divisão em versículos e a anotação de vogais no Antigo Testamento.
- <sup>28</sup> *Enciclopédia Britânica*. CD-ROM.
- <sup>29</sup> The Bible, Revised Standard Version [A Bíblia, Versão Padrão Revisada]. Prefácio, p. iv.
- <sup>30</sup> Arbuthnot, F. F. p. 10.
- <sup>31</sup> The Bible, Revised Standard Version [A Bíblia, Versão Padrão Revisada]. Prefacio, pp. iv-v.
- <sup>32</sup> *Ibid.*, Prefácio, p. iv.
- <sup>33</sup> Gibbon, Edward, Esq. 1854. *The History of the Decline and Fall of the Roman Empire* [História da Decadência e Declínio do Império Romano]. Londres: Henry G. Bohn. Vol.5, Capítulo L, p. 452.
- <sup>34</sup> *Ibid.*, Capítulo L, p. 453.
- <sup>35</sup> Smith, R. Bosworth, M.A. 1986. *Mohammad and Mohammadanism*. Londres: Darf Publishers Ltd. pp. 64-65.
- <sup>36</sup> Michener, James A. May, 1955. "Islam: The Misunderstood Religion" [Islam: A Religião Mal Compreendida] no *Reader's Digest* (Edição Norte Americana). p. 70.
- <sup>37</sup> Muhammad Ibn Ishaq ibn Yasar. 1963. *Sirat An-Nabi* (História do Profeta). Maydan Al Azhar (Cairo): Muhammad Ali Sabi'eh e Filhos. Vol. 1. p. 207
- <sup>38</sup> Narrado por *Muslim* (o famoso erudito de *ahadith* do século IX, Muslim ibn Al Hajjaj).
- <sup>39</sup> *Manahil Al-Irfan fi Ulum Al-Qur'an* (Wells of Knowledge of the Sciences of the Qur'an). [Fontes do Conhecimento nas Ciências do Quran] 1988. Muhammad Abdul-At-Thim Az-Zarqani. Dar Al Kutub Al Ilmi'a. Vol. 1. p. 216.

<sup>40</sup> Arberry, A. J. 1953. *The Holy Koran: An Introduction with Selections* [O Sagrado Alcorão: Uma Introdução com Seleções]. Londres: George Allen & Unwin Ltd. p. 28.

<sup>41</sup> Vaglieri, Dra. Laura Veccia. pp. 40-41.

<sup>42</sup> Guillaume, Alfred. pp. 73-74.

<sup>43</sup> Narrado por Muslim.

<sup>44</sup> Vaglieri, Dra. Laura Veccia. pp. 40-41.

<sup>45</sup> Arberry, A. J. *The Holy Koran: An Introduction with Selections* [O Alcorão Sagrado: Uma Introdução com Seleções]. pp. 31-32.

<sup>46</sup> Na mesma página da citação anterior (quer dizer, p. 31), o Professor Arberry escreveu: “Quanto aos fiéis, não vou ocultar deles, o que em qualquer caso não imaginariam, que não sou muçulmano e nunca poderei sê-lo”.

<sup>47</sup> Said Qutub, *Fi Thilal Al-Qur'an*.

<sup>48</sup> Os árabes consideravam a poesia tão potente que, em algumas ocasiões, iniciaram, lutaram e concluíram guerras sobre esta base. Nestes casos, as guerras literárias escalavam de línguas afiadas a espadas afiadas. Tais feudos do verso e da violência terminavam tipicamente como haviam começado, com um poeta sábio recordando ambas as tribos, em versos desoladores, as suas perdas e futuro sombrio de hostilidade contínua, em comparação com os benefícios para reconciliar suas diferenças.

<sup>49</sup> Arberry, A. J. 1996. *The Koran Interpreted* [O Alcorão Interpretado]. A Touchstone Book: Simon & Schuster. Prefácio, p. 25.

<sup>50</sup> Hastings, James. 1913. *The Encyclopedia of Religion and Ethics* [Enciclopédia de Religião e Ética]. Filhos de Charles Scribner. Vol. X, p. 540.

<sup>51</sup> Hastings, James (editor); edição revisada por Frederick C. Grant y H. H. Rowley. 1963. *Dictionary of The Bible* [Dicionário da Bíblia]. 2º Edição. Filhos de Charles Scribner. p. 105.

<sup>52</sup> *Encyclopaedia Judaica* [Enciclopédia Judaica]. 1971. Jerusalém: Keter Publishing House Ltd. Vol. 4, p. 863.

<sup>53</sup> *New Catholic Encyclopedia* [Nova Enciclopédia Católica]. Vol. 9, p. 1001.

<sup>54</sup> Wegner, Paul D. *The Journey from Texts to Translations* [A Viagem dos Textos às Traduções]. 1999. Grand Rapids: Baker Books. p. 250.

<sup>55</sup> Fox, Robin Lane. 1991. *The Unauthorized Version: Truth and Fiction in the Bible* [A Versão Não Autorizada: Verdade e Ficção na Bíblia]. Viking Press. pp. 28-34.

<sup>56</sup> Whiston, William, A.M. 1998. *Josephus, The Complete Works* [Josefo, Obras Completas]. Nashville: Thomas Nelson Publishers. 18.4.6., p. 580.

<sup>57</sup> Wehr, Hans. *A Dictionary of Modern Written Arabic* [Um Dicionário da Escrita Moderna do Árabe]. 3ª Impressão. Beirut: Librairie Du Liban; Londres: MacDonald & Evans Ltda. 1980.

<sup>58</sup> *Encyclopaedia Britannica* [Enciclopédia Britânica]. CD-ROM.

<sup>59</sup> *The Encyclopedia Americana International Edition* [Enciclopédia Americana Edição Internacional]. 1998. Grolier Inc. Vol. 21. p. 848

<sup>60</sup> *Ibid.*, Vol. 26. p. 714.

<sup>61</sup> Thompson, Della (editor). *The Oxford Dictionary of Current English*. 1993. 2ª Edição. Oxford University Press. p. 26.

<sup>62</sup> Ranke, Hermann. *Die Ägyptischen Personennamen* (Dicionários de Nomes Próprios do Novo Reino). Verzeichnis der Namen, Verlag Von J. J. Augustin in Glückstadt, Band I (1935); Band I (1952).

<sup>63</sup> Meagher, Paul Kevin OP, S.T.M., Thomas C. O'Brien, Irmã Consuelo Maria Aherne, SSJ (editores). 1979. *Encyclopedic Dictionary of Religion* [Dicionário Enciclopédico da Religião]. Filadélfia: Corpus Publications. Vol. 1, p. 741.

<sup>64</sup> Aqueles com profundo interesse podem consultar *Atlantis of the Sands* [A Atlântida das Areias], por Ranulph Frennes; *Ebla: A Revelation in Archeology* [Ebla: Uma Revelação Arqueológica], por Chaim Bermant y Michael Weitzman; y *Lost Civilizations* [Civilizações Perdidas], por Bill Harris.

<sup>65</sup> *National Geographic*. Dezembro, 1978. pp. 731-5.

<sup>66</sup> *Ibid.* p. 735.

<sup>67</sup> *Ibid.*

<sup>68</sup> *Ibid.*, p. 731.

<sup>69</sup> *Ibid.*, p. 748.

<sup>70</sup> *Ibid.*, p. 736.

<sup>71</sup> Bermant, Chaim y Michael Weitzman. 1979. *Ebla: A Revelation in Archaeology* [Ebla: Uma Revelação em Arqueologia]. Times Books. p. 191.

<sup>72</sup> Kraeling, Emil G. Ph.D. 1952. *Rand McNally Bible Atlas* [Atlas Bíblico de Rand McNally]. Rand McNally & Co. p. 358.

<sup>73</sup> *Encyclopaedia Judaica* [Enciclopédia Judaica], edição em CD-ROM. 1997. Judaica Multimedia (Israel) Limitada. Item: "Nazaré".

<sup>74</sup> Baigent, Michael e Richard Leigh. 1991. *The Dead Sea Scrolls Deception* [A Fraude dos Pergaminhos do Mar Morto]. New York: Summit Books/Simon & Schuster Inc. p. 174.

<sup>75</sup> *Ibid.*

<sup>76</sup> *Musnad Ahmad*.

<sup>77</sup> Narrado por *Al-Bukhari*.

<sup>78</sup> Quando o amado tio de Muhammad, Hamzah, foi assassinado e horrivelmente mutilado em batalha, ele prometeu fazer o mesmo a 70 de seus inimigos. Na *Surah Nahl*, 16:126-128, Muhammad foi corrigido e ordenado a castigar com equilíbrio e sem excesso e a ser paciente e moderado. Anos depois, os muçulmanos conquistaram *Makkah* e a mulher se encarregou da morte de Hamzah se apresentou ante Muhammad. Ela não só havia ordenado que assassinassem Hamzah, como também havia retirado e comido o fígado de seu cadáver. Ainda assim, Muhammad a perdoou.

<sup>79</sup> Numa ocasião que Muhammad havia sugerido o resgate de um grupo de cativos – homens que eram inimigos agressivos de Allah, e que foram capturados enquanto combatiam com os muçulmanos por sua fé. (OSA 8:67)

<sup>80</sup> A este respeito deve-se assinalar um ponto. Os muçulmanos ortodoxos (sunni) são sensíveis ao fato de que Muhammad é reconhecido por ter sofrido raramente do erro humano de julgamento, certos “muçulmanos” interpretam mal este fato, e têm desacreditado qualquer de seus ditos ou ações por sua aversão pessoal. Esta gente tem considerado o que lhes convém na *sunnah* do Profeta e negado de forma seletiva o que vai contra seus interesses, inventando a desculpa de que, talvez, o julgamento de Muhammad a respeito de assuntos específicos tenha sido defeituoso. O elemento essencial da fé islâmica comprometido por tais sugestões é que a religião islâmica ensina que qualquer erro do Profeta foi corrigido durante sua vida, pois Allah não permitiria que palavras ou ações de Seu Mensageiro transmitissem um erro. Portanto, enquanto a rara falha de julgamento era consistente com a condição humana do Mensageiro, a rápida correção de tais erros é consistente com a perfeição do Criador e com a perfeição da Mensagem que Ele decidiu transmitir, tanto na revelação quanto no exemplo de vida do Profeta.

<sup>81</sup> Uma sobremesa árabe tradicional composta por camadas de massa de trigo, nozes picadas, e creme ou queijo derretido e temperado com cardamomo e encharcado com xarope de açúcar com canela e cravo.

<sup>82</sup> Sa'eid Hawwa. 1990. *Ar-Rasul, Salallahu Alayhi Wa Salam*. Segunda Edição. Cairo: Dar As-Salaam Publishing. pp. 282-3.

<sup>83</sup> Lings, Martin. 1995. *Muhammad, His Life Based on the Earliest Sources* [Muhammad, Sua Vida Baseada nas Fontes mais Antigas]. Sociedade de Textos Islâmicos. p. 148.

<sup>84</sup> Al Mubarakpuri, Safi-ur-Rahman. 1995. *Ar-Rahiq Al Makhtum (O Néctar Selado)*. Riyadh: Maktaba Dar-us-Salam. pp. 210-226.

<sup>85</sup> dH – “depois da hégira” – A hégira marca o início do calendário islâmico, refere-se à migração do Profeta de Makkah a Medina, em julho de 622 EC.

<sup>86</sup> Tradução de Helmi Nasr.

<sup>87</sup> Ibid

<sup>88</sup> Hammad, Ahmad Zaki. 1997. *Father of Flame, Commentary & Vocabulary Reference of Surat al-Masad* [Pai da Chama, Comentário e Referência de Vocabulário da Surat al-Masad]. Bridgeview, Illinois: Quranic Literacy Institute. p. 42.

<sup>89</sup> Ibid.

<sup>90</sup> Al-Hilali, Muhammad, Ph.D. e Dr. Muhammad Muhsin Khan, M.D. *A Interpretação dos Significados do Nobre Alcorão no Idioma Inglês; Uma versão resumida de At-Tabari, Al-Qurtubi e Ibn Kathir com comentários de Sahih Al-Bukhari. Surah 74, Ayah 11.*

<sup>91</sup> Tafsir Ibn Kathir.

<sup>92</sup> Ibn Hisham, As-Sirah An-Nabawiyah (A História Profética), e Azzirikly, Al-Aa'lam.

<sup>93</sup> Ostrogorsky, George. 1969. *History of the Byzantine State* (História do Estado Bizantino). (Traduzido do alemão por Joan Hussey). New Brunswick: Rutgers University Press. p. 95.

<sup>94</sup> Sykes, Sir Percy Molesworth. 1951. *A History of Persia* (História da Pérsia). 3ª Edição. Vol 1. London: Macmillan & Co., Ltd. p. 483.

<sup>95</sup> Ostrogorsky, George. p. 95

<sup>96</sup> Ibid., pp. 100-101.

<sup>97</sup> Sykes, Sir Percy Molesworth. Vol 1. pp. 483-484.

<sup>98</sup> Tradução de Helmi Nasr.

<sup>99</sup> *Tafsir Ibn Kathir, Musnad Ahmad, Sunan Tirmidhi e An-Nasa'i.*

<sup>100</sup> Narrado por *At-Tirmidhi e Al-Hakim.*

<sup>101</sup> Bucaille, Maurice. p. 239.

<sup>102</sup> Diamond, Jared. 1999. *Guns, Germs, and Steel* (Armas, Germes e Aço). W. W. Norton and Company, Inc. p. 253.

<sup>103</sup> Autoria de Shabir Ahmed, Anas Abdul Muntaqim, e Abdul-Sattar Siddiq, e publicado pela *Islamic Cultural Workshop*, PO Box 1932, Walnut, CA 91789; (909) 399-4708.

<sup>104</sup> Robinson, Victor, MD 1943. *The Story of Medicine*. Nova Iorque: *The New Home Library*. p. 164.

<sup>105</sup> Wells, H. G. Volume 2, pp. 708-710.

<sup>106</sup> Michener, James A. p. 74.

<sup>107</sup> Hirschfeld, Hartwig. p. 9.

<sup>108</sup> Os autores (Thatcher e Schwill, como citado por H. G. Wells) devem ser desculpados de qualquer acusação de imprecisão quanto a este ponto. O fato desta

questão é que, a partir do momento da revelação até o presente, tem havido sempre muçulmanos que voluntariamente persistiram sobre o proibido. A maioria agiu como indivíduos, mas as práticas desviantes cresceram e envolveram sociedades inteiras com muito mais frequência do que a maioria dos muçulmanos gostaria de admitir. O exemplo comum de muçulmanos proprietários/operadores de empresas baseadas em bebidas alcoólicas, tais como lojas de conveniência, restaurantes, e lojas sem licença, ilustram que a prática hipócrita persiste até os dias de hoje, abertamente em terras não muçulmanas, e escondidas em poucos países onde a lei islâmica é cumprida.

<sup>109</sup> Wells, H. G. Volume 2, pp. 710-712.

<sup>110</sup> Relatado por Ibn Abbas.

<sup>111</sup> Disponível na Internet em <http://www.islam-brief-guide.org>, e através da Fundação Islâmica da América, PO Box 3415, Merrifield, VA 22116, EUA, Tel: (703) 914-4982, e-mail: ifam@erols.com.

<sup>112</sup> Tarbuck, Edward J. e Frederick K. Lutgens. 1982. *Earth Science*. 3ª ed. Columbus: Charles E. Merrill Publishing Company. p. 157.

<sup>113</sup> Press, Frank e Raymond Siever. 1982. *Earth*. 3ª ed. San Francisco: W. H. Freeman and Co. p. 435; Cailleux, Andre. 1968. *Anatomy of the Earth*. New York: McGraw-Hill. Traduzido por J. Moody Stuart. pp 218-222.; Tarbuck, Edward J. e Frederick K. Lutgens. 1982. p. 158.

<sup>114</sup> Cailleux, Andre. p. 222.

<sup>115</sup> Weinberg, Steven. 1988. *The First Three Minutes, A Modern View of the Origin of the Universe*. Basic Books; Harper-Collins Publishers. pp. 101-121.

<sup>116</sup> Para além da evidência citada acima, o registro paleontológico mostra os primeiros depósitos marinhos na costa atlântica da África e América do Sul até a data do período Jurássico de 208-144 milhões de anos atrás, sugerindo a falta de um oceano que separa estes continentes antes desse momento.

<sup>117</sup> Magnetismo Remanescente: materiais ferromagnéticos cristalizam com orientação ao longo do campo magnético da Terra. Libertação subsequente de cristais, reorientação e re-deposição em depósitos sedimentares por camadas fornecem um registro de orientação mudando a cada continente ao longo do tempo.

<sup>118</sup> Lane, Edward William. 1980. *An Arabic-English Lexicon Derived From the Best and the Most Copious Eastern Sources* (Árabe-Inglês Lexicon derivado da melhor e mais copiada das fontes orientais). Beirute, Líbano: Librairie Du Liban. Livro I, Parte 8, p. 2865, coluna 3.

<sup>119</sup> Seeley, Rod R., Trent D. Stephens e Philip Tate. 1996. *Essentials of Anatomy and Physiology* (Fundamentos de Anatomia e Fisiologia). 2ª edição. St. Louis: Mosby-Year Book, Inc. p. 211.

<sup>120</sup> Wehr, Hans.

<sup>121</sup> Davis, Richard A., Jr. 1972. *Principles of Oceanography* (Princípios de Oceanografia). Reading, Massachusetts: Addison-Wesley Publishing Co. pp 92-93.

<sup>122</sup> Kuenen, Philip H. 1960. *Geologia Marinha*. Nova Iorque: John Wiley & Sons, Inc., p. 43.

<sup>123</sup> Gross, M. Grant. 1993. *Oceanografia, uma vista da Terra*. 4ª ed. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, Inc. p. 223.

<sup>124</sup> Ibid., P. 224.

<sup>125</sup> Tradução de Helmi Nasr.

<sup>126</sup> Elder, Danny; e John Pernetta. 1991. *Oceanos*. Londres: Mitchell Beazley Publishers. p. 27.

<sup>127</sup> *Encyclopaedia Britannica*. CD ROM. Entrada: "Altitude Sickness".

<sup>128</sup> Anthes, Richard A., John J. Cahir, Alistair B. Fraser, e Hans A. Panofsky. 1981. A atmosfera. 3ª ed. Columbus: Charles E. Merrill Publishing Co. pp 268-269.

<sup>129</sup> Miller, Albert e Jack C. Thompson. 1975. *Elementos de Meteorologia*. 2ª ed. Columbus: Charles E. Merrill Publishing Co. p. 141.

<sup>130</sup> Ibid., p. 141.

<sup>131</sup> *Encyclopaedia Britannica*. CD ROM.

<sup>132</sup> *Fath Al Bari Sharh Sahih Al Bukhari*. Ibn Hajar Al Asqalani, Bab Alqadar. Cairo: Al Maktaba Assalafiyah. Vol II, p. 480.

<sup>133</sup> *Musnad Ahmad*.

<sup>134</sup> Narrado por *Muslim*.

<sup>135</sup> Lane, Edward William. Livro I, Parte 5, p. 2134, coluna 3.

<sup>136</sup> Moore, Keith L. 1983. *O Desenvolvimento Humano, Embriologia Clinicamente Orientada, com adições islâmicas*. 3ª ed. Jeddah: Dar Al-Qibla com permissão de W.B. Saunders Co. Prefácio.

<sup>137</sup> Dr. Keith L. Moore é um homem que muitos gostariam de desacreditar por seu trabalho no campo do desenvolvimento humano. No entanto, a seguinte lista de suas credenciais e prêmios mostra que desacreditar de um dos anatomistas e embriologistas mais importantes do mundo não é particularmente fácil: Professor Emérito de Anatomia e Biologia Celular da Universidade de Toronto; Associado do Dean de Ciências Básicas da Faculdade de Medicina e presidente do Departamento de Anatomia por oito anos; 1984 destinatário do J.C.B. Grant Award, da Associação Canadense de Anatomistas (o prêmio mais importante no ramo de anatomia no Canadá); e ex-diretor das associações internacionais conhecidas como Associação Canadense e Americana de Anatomistas e Conselho

de União de Ciências Biológicas. *O Desenvolvimento Humano* foi traduzido em oito línguas, a terceira edição (1983) completa com acréscimos islâmicos.

<sup>138</sup> Outra excelente referência é de *O Desenvolvimento Humano, como revelado no Quran e Hadith*, do Dr. Mohammed Ali Albar, disponível através de muitas livrarias islâmicas.

<sup>139</sup> *Al-Bukhari*, Muhammed Ibn Ismaiel; traduzido pelo Dr. Muhammad Muhsin Khan. 1997. *Sahih Al-Bukhari*. Riade: Darussalam. Volume 7, hadith # 5678, p. 326.

<sup>140</sup> Bucaille, Maurice. p. 162.

<sup>141</sup> *Ibid.*, p. 148.

<sup>142</sup> Montet, Edward. 1929. *Traduction Francaise du Couran*. Paris. Introdução, p. 53.

<sup>143</sup> Stubbe, Dr. Henry, MA 1975. *An Account of the Rise and Progress of Mohomedanism, with the Life of Mahomet*. Lahore: Oxford e Cambridge Press. p. 158.

<sup>144</sup> Naish, John, M.A. 1937. *The Wisdom of the Qur'an* (A sabedoria do Alcorão). Oxford. Prefácio, p. viii.

<sup>145</sup> Lembremo-nos que não foi Jesus, mas, sim, Paulo, que aboliu a lei do Antigo Testamento. Jesus ensinou: “Não penseis que vim destruir a lei ou os profetas. Eu não vim para anular, mas para cumprir” (Mateus 5:17). Para discussão completa, ver *Desviados?*.

<sup>146</sup> A questão de Isaque/Ismael, bem como outros erros relevantes do AT, é discutida com pormenores em *Desviados?*, Parte IV, Capítulo 1.

<sup>147</sup> Zahrnt, Heinz. 1817. *The Historical Jesus*. (Traduzido do alemão por J. S. Bowden). New York: Harper and Row. p. 43.

<sup>148</sup> *Ibid.*, Pp. 47-48.

<sup>149</sup> Kähler, Martin. 1953. *Der sogemnante historische Jesus geschichtliche und der, Biblische Christus*. Munique: Nova edição por Ernst Wolf. p. 16, como citado por H. Zahrnt.

<sup>150</sup> Zahrnt, Heinz. p. 61.

<sup>151</sup> Gibbon, Edward. Vol. 5, Capítulo XLVII, p. 206.

<sup>152</sup> Bultmann, Rudolf. 1971. *The Gospel of John, a Commentary* (O Evangelho de João, um comentário). Traduzido por G. R. Beasley-Murray. Oxford: Basil Blackwell. p. 567.

<sup>153</sup> Até os dias de hoje, os teólogos cristãos reconhecem esta faceta notável do caráter de Muhammad: “a honestidade subjetiva do Profeta não pode ser posta em dúvida. Em princípio, pode-se concordar ou discordar do conteúdo de suas revelações, mas não se deve vender barato o desacordo por depreciar Muhammad

como pessoa.”- Küng, Hans. 2007. *Islam, Past, Present and Future* (Islam, Passado, Presente e Futuro). One World Publications. p. 118.

<sup>154</sup> Poucos trabalhos, incluindo os de excelência, são sem erros, e a biografia escrita por Martin Lings prova este ponto. Os dois erros significativos o suficiente para justificar menção são: a afirmação de que Muhammad preservava ícones de Jesus e Maria, bem como um quadro de Abraão, quando ele destruiu os ídolos da Kaaba; e que Muhammad pediu Zainab em casamento devido à atração física. Nenhuma destas afirmações é apoiada pelas evidências textuais (ou seja, os *ahadith*), e ambas são condenadas pelos estudiosos da ortodoxia sunita. A biografia é, por outro lado, compreensiva, bem pesquisada, lindamente escrita, inspirada, e altamente considerada igualmente entre muçulmanos e orientalistas. Consequentemente, a opinião comum entre os membros da comunidade islâmica educada é que, apesar dos poucos erros nela encontrados, provavelmente não há melhor biografia de Muhammad no idioma inglês na atualidade do que a de Martin Lings.

<sup>155</sup> *Ibn* traduz-se como “filho de”. O nome completo do pai de Muhammad é Abdullah ibn ‘Abdul-Mutalib ibn Hashim.

<sup>156</sup> Ross, Alexander. 1718. *The Life of Mahomet: Together with The Alcoran at Large*. Londres. p. 7.

<sup>157</sup> Lane-Poole, Stanley. 1882. *The Speeches and Table-Talk of the Prophet Mohammad*. Londres: MacMillan e Co. Introdução, pp xxvii-xxix.

<sup>158</sup> Sale, George. 1734. *The Koran*. Londres: C. Ackers. “Ao Leitor”. Página v.

<sup>159</sup> Narrado por At-Tabarani em *Al-Mu'jam Al-Kabir*.

<sup>160</sup> Mukhtasar Ash-Shama'el Al Muhammadiyyah pelo Imam At-Tirmidhi, pg. 18, *hadith* n° 6. Segundo parágrafo também narrado por At-Tabarani em *Al-Mu'jam Al-Kabir*.

<sup>161</sup> Narrado por *Al-Bukhari e Muslim*.

<sup>162</sup> Hogarth, D.G. 1922. *Arabia*. Oxford: Clarendon Press. p. 52.

<sup>163</sup> Irving, Washington. 1973. *Mahomet and His Successors*. Vol 1. New York: de G. P. Putnam's Sons. pp. 342-4.

<sup>164</sup> Ver Parte I, Capítulo 4 e Parte III, Capítulo 11.

<sup>165</sup> *New Catholic Encyclopedia*. Vol 7, p. 677.

<sup>166</sup> Ibn Hisham. *As-Sirah An-Nabawiyyah*.

<sup>167</sup> Abu Nu'aem. *Dala'el An-Nubowah*.

<sup>168</sup> *Al-Bukhari e Muslim*.

<sup>169</sup> Ibn Hisham. *As-Sirah An-Nabawiyyah*.

<sup>170</sup> *Ibid*.

<sup>171</sup> Musnad Ahmad e *As-Sirah An-Nabawiyyah*, por Ibn Hisham.

<sup>172</sup> *Musnad Ahmad*.

<sup>173</sup> Ibn Hisham. *As-Sirah An-Nabawiyyah*.

<sup>174</sup> *Sahih Al-Bukhari*.

<sup>175</sup> Al-Mubarakpuri, Safi-ur-Rahman. pp. 210-226.

<sup>176</sup> Lings, Martin. p. 148.

<sup>177</sup> Al-Mubarakpuri, Safi-ur-Rahman. pp. 117-119.

<sup>178</sup> Ibn Hisham. *As-Sirah An-Nabawiyyah*.

<sup>179</sup> *Musnad Ahmad*.

<sup>180</sup> O segundo século no calendário muçulmano (Depois da Hijra, ou dH) corresponde a 719-816 EC no calendário gregoriano.

<sup>181</sup> Ibn Hisham. *As-Sirah An-Nabawiyyah*.

<sup>182</sup> Veja al-Waada'i, Muqbil ibn Haadi, *Sahih al-Musnad min Dalaa'il an-Nubuwwah*, Kuwait: Dar al-Arqam, 1987, para uma das melhores referências nesta categoria.

<sup>183</sup> Sa'eid Hawwa. p. 322.

<sup>184</sup> *Fath Al-Bari*.

<sup>185</sup> *Zad Al-Ma'ad*.

<sup>186</sup> *Sahih Al-Bukhari*.

<sup>187</sup> Al-Mubarakpuri, Safi-ur-Rahman. p. 454.

<sup>188</sup> *Ibid.*, p. 454.

<sup>189</sup> *Sahih Muslim e Sahih Al-Bukhari*.

<sup>190</sup> *Sahih Al-Bukhari*, narrado por Jabir ibn Samurah.

<sup>191</sup> *The New International Encyclopaedia*. 1917. 2ª Ed. Vol XVI. New York: Dodd, Mead and Company. p. 72.

<sup>192</sup> Watt, W. Montgomery. p. 52.

<sup>193</sup> *Ash-Shifa*.

<sup>194</sup> A caridade obrigatória anual, ou *zakat*, é um dos cinco pilares do Islam, junto com a declaração de fé islâmica (*shahadah*), a oração, o jejum do mês do Ramadan, e a peregrinação a Makkah – cada um de acordo com as regras da religião. Os muçulmanos acreditam que, assim como praticar os outros pilares do Islam purifica a pessoa e sua vida, pagar o *zakat* (tipicamente 2.5% do que uma pessoa possui por um ano inteiro acima e além de suas necessidades, ou seja, lucro líquido) purifica a riqueza de uma pessoa.

<sup>195</sup> Smith, R. Bosworth. pp. 288-289.

<sup>196</sup> *Sahih Al-Bukhari*.

<sup>197</sup> Narrado por *Muslim e Al-Bukhari*.

<sup>198</sup> Narrado por *At-Tirmidhi*.

<sup>199</sup> Saheeh International version. Abul-Qasim 1997. Publishing House. Jeddah, Arábia Saudita.

<sup>200</sup> Ibn Hisham. *As-Sirah An-Nabawiyyah*.

<sup>201</sup> Já não são encontrados leões, mas ambos – leões e tigres – costumavam existir na Península Arábica.

<sup>202</sup> *Tafhim-ul-Quran*.

<sup>203</sup> O outro é *Muslim*, ou seja, o compêndio de *ahadith* recolhidos pelo famoso estudioso do Islam, Muslim ibn Al-Hajjaj.

<sup>204</sup> Banu Abdul-Manaf (ou seja, os filhos de Abdul Manaf) era a tribo de Muhammad.

<sup>205</sup> *Sahih Al-Bukhari*.

<sup>206</sup> Ibn Hisham. *As-Sirah An-Nabawiyyah*.

<sup>207</sup> *Nova Enciclopédia Católica*. Vol 7, p. 677.

<sup>208</sup> Narrado por *Al Bukhari*.

<sup>209</sup> Narrado por *Muslim*.

<sup>210</sup> Narrado por *Al Bukhari* e *Muslim*.

<sup>211</sup> *Ibid*.

<sup>212</sup> *Sahih Al-Bukhari* e *Muata'h Imam Malik*.

<sup>213</sup> Narrado por *Al Bukhari* e *Muslim*.

<sup>214</sup> Lane-Poole, Stanley. Introdução, pp. XLVI-XLVII.

<sup>215</sup> Gilman, Arthur, M. A. 1908. *The Saracens*. New York: G. P. Putnam's Sons. pp. 184-5.

<sup>216</sup> Ibn Hisham. *As-Sirah An-Nabawiyyah*.

<sup>217</sup> *As-Sirah An-Nabawiyyah* por Ibn Hisham, e *Musnad Abu Ya'ala*.

<sup>218</sup> Qadhi, Abu Ammaar Yasir. 1999. *An Introduction to the Sciences of the Qur'an*. Birmingham: Al-Hidaayah Publishing. p. 94.

<sup>219</sup> Hyndman, H M 1919. *The Awakening of Asia*. New York: Boni and Liveright. p. 9.

<sup>220</sup> Irving, Washington. Vol 1, p. 345.

<sup>221</sup> Carlyle, Thomas. pp. 115-116.

<sup>222</sup> Alguns historiadores acreditam que foi cerca de seiscentos; outros cerca de novecentos.

<sup>223</sup> Ibn Hisham. *As-Sirah An-Nabawiyyah*.

<sup>224</sup> Veja *Desviados?*, Parte I, Capítulo 1.

<sup>225</sup> Al-Mubarakpuri, Safi-ur-Rahman. pp. 483-485.

<sup>226</sup> Veja *Desviados?*, Parte III, Capítulo 6.

<sup>227</sup> Carlyle, Thomas. pp. 114-115.

<sup>228</sup> Desde meados do século XIX, alguns consideraram o Unitarismo como sinônimo de Universalismo, apesar de serem teologias separadas e distintas. A união da Igreja Universalista da América com a Associação Americana Unitária, em 1961, para formar a Associação Unitária Universalista, fez pouco para aliviar esse mal-entendido. No entanto, enquanto a maioria dos universalistas pode ser unitária, o oposto não é exatamente o caso, pois o conceito universalista da salvação de todas as almas é contrário ao credo do Cristianismo unitário, que ensina a salvação condicionada à crença e prática correta, de acordo com os ensinamentos de Jesus. Talvez por essa razão, em combinação com a diversidade de crenças universalistas, a Igreja Universalista não foi capaz de formular uma declaração de credo aceito por todos os afiliados. Além disso, a teologia universalista é mais fortemente baseada na filosofia que na Escritura, o que explica a desunião. Para os efeitos deste trabalho, “Cristianismo Unitário” refere-se à teologia unitária clássica fundada sobre a escritura e unida em afirmar a unidade divina. Universalismo não é, de forma alguma, a ser inferido na menção de Unitarismo aqui, e não será discutido adiante neste trabalho.

<sup>229</sup> Ver *Desviados?*, Parte III, Capítulo 8.

<sup>230</sup> *Musnad Ahmad*.

<sup>231</sup> De Lamartine, A. 1854. *Histoire de la Turquie*. Paris. Vol. II, pp. 276-277.

<sup>232</sup> *National Geographic Society*. “The Universe, Nature’s Grandest Design.”

Divisão Cartográfica. 1995.

<sup>233</sup> Kipling, Rudyard. *Life’s Handicap*. 1891. “Bertran e Bimi”.

<sup>234</sup> Butler, Trent C. (Editor Geral). *Holman Bible Dictionary*. Nashville: Holman Bible Publishers. Em “João, o Evangelho de” (subseção: “Eleição”).

<sup>235</sup> *Encyclopaedia Judaica*. Vol 5, p. 499 (sob “Povo Escolhido”).

<sup>236</sup> *Nova Enciclopédia Católica*. Vol 11, p. 713.

<sup>237</sup> *Ibid.*, Vol 11, p. 719.

<sup>238</sup> *Ibid.*, Vol 11, p. 714.

<sup>239</sup> Veja de Lutero: *De Servo Arbitrio - A vontade escravizada*.

<sup>240</sup> Veja de Calvino: *Institutos da Religião Cristã*.

<sup>241</sup> Narrado por *Al-Bukhari*.

<sup>242</sup> Narrado por *Muslim*.

<sup>243</sup> Narrado por *At-Tirmidhi*.

<sup>244</sup> *Ibid.*

<sup>245</sup> LaFollette, Suzanne. 1926. *Concerning Women* (Sobre as Mulheres. “O Começo da Emancipação”).

<sup>246</sup> Veja Jeremias 10:2-4 sobre árvores de Natal, Apêndice 1 deste livro, a respeito de estátuas.

- <sup>247</sup> *Newsweek*. 31 de outubro de 1988, p. 80.
- <sup>248</sup> Para provas e discussão, ver *Desviados?*, Parte IV.
- <sup>249</sup> Veja *Desviados?*, Parte III: Diferenças Doutrinárias.
- <sup>250</sup> *Merriam-Webster's Collegiate Dictionary*. 1997. Décima edição. Merriam-Webster, Inc.
- <sup>251</sup> Ayto, John. 1991. *Bloomsbury* Dicionário das Origens das Palavras. Londres: Bloomsbury Publishing Limited.
- <sup>252</sup> *Nova Enciclopédia Católica*. Vol 14, p. 1030.
- <sup>253</sup> *Ibid.*, Vol 7, p. 348.
- <sup>254</sup> Gibbon, Edward, Esq. Vol. 5, Capítulo XLVII, p. 263.
- <sup>255</sup> *Ibid.*
- <sup>256</sup> *Ibid.*, Capítulo XLIX, p. 359.
- <sup>257</sup> Chamberlin, E. R. 1993. *The Bad Popes (Os Maus Papas)*. Barnes & Noble, Inc. p. 11.
- <sup>258</sup> Gibbon, Edward, Esq. Vol. 5, Capítulo XLIX, p. 361.
- <sup>259</sup> *Ibid.*, P. 365.
- <sup>260</sup> Hodgkin, Thomas. 1967. *Itália e Seus Invasores*. Vol. VI, Livro VII. New York: Russell & Russell. p. 431.
- <sup>261</sup> Priestley, Joseph, LL.D. F.R.S. 1782. *An History of the Corruptions of Christianity (Uma História das Corrupções do Cristianismo)*. Birmingham: Piercy e Jones. Vol. 1; “A História dos pareceres relativos aos Santos e Anjos”, Seção 1, Parte 2 – “Sobre fotos e imagens nas igrejas”. Pp. 337-339.
- <sup>262</sup> Hodgkin, Thomas. Vol. VI, Livro VII, p. 431.
- <sup>263</sup> Gibbon, Edward, Esq. Vol. 5, Capítulo XLIX, pp. 376-7.
- <sup>264</sup> Shaw, George Bernard. 1924. *Saint Joan*. Prefácio.
- <sup>265</sup> Labbe, P. Veneza, 1728-1733. *Sacrosancta Concilia*. Vol. VII, p. 7.
- <sup>266</sup> Gibbon, Edward, Esq. Vol. 5, Capítulo XLIX, p. 379.
- <sup>267</sup> *Ibid.*, P. 369.
- <sup>268</sup> Bonwick, James, F.R.G.S. 1956. *Egyptian Belief and Modern Thought (A Crença Egípcia e o Pensamento Moderno)*. Colorado: Falcon's Wing Press. p. 417.
- <sup>269</sup> Doane, Thomas W. 1971. *Os Mitos Bíblicos e seus Paralelos em outras Religiões*. New York: University Books. pp. 307-308.
- <sup>270</sup> Bonwick, James. p. 162.
- <sup>271</sup> *Ibid.*, P. 163.
- <sup>272</sup> *Ibid.*, P. 417.
- <sup>273</sup> *Ibid.*, Pp. 417-418.
- <sup>274</sup> Doane, Thomas W. pp. 305-309.
- <sup>275</sup> *Ibid.*, P. 307.

<sup>276</sup> Ibid., P. 312

<sup>277</sup> Schroeder, Rev. Henry J., OP 1941. *Cânones e Decretos do Concílio de Trento* (Texto Original Inglês com Tradução). Londres: B. Herder Book Co. p. 79.

<sup>278</sup> *latría*, o culto ou adoração devida somente a Deus, ao contrário de *dulia* (a honra dada aos santos) e *hiperdulia* (a honra dada a Virgem Maria) - McBrien, Richard P. (Editor Geral). 1995. *HarperCollins Enciclopédia do Catolicismo*. New York: HarperCollins Publishers.

<sup>279</sup> Schroeder, Rev. Henry J. p. 80.

<sup>280</sup> Gibbon, Edward, Esq. Vol. 5, Capítulo XLIX, p. 397.

<sup>281</sup> Ibid., Vol. 6, Capítulo LIV, p. 242.

<sup>282</sup> Priestley, Joseph. 1786. *The Theological and Miscellaneous Works of Joseph Priestley*. Editado por John Towill Rutt. Hackney: George Smallfield. Vol VI, p. 29.

<sup>283</sup> Gibbon, Edward, Esq. Vol. 5, Capítulo 1, p. 533.